



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
LINGUAGEM**

ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE

**CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS:
A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO**

CATALÃO (GO)

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCA)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCA) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCA), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCA é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Nome completo do autor:

Ester Geovana de Sousa Albuquerque

3. Título do trabalho

**CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO
PATERNO**

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: SIM NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs.: Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **BRUNO FRANCESCHINI, Orientador(a)**, em 30/08/2024, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ester Geovana de Sousa Albuquerque, Usuário Externo**, em 02/09/2024, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0102716** e o código CRC **686DD6D1**.

ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE

**CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS:
A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem Cultura e Identidade

Linha de Pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Bruno Franceschini

Apoio financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES

CATALÃO (GO)

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Albuquerque, Ester Geovana de Sousa
CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM
DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO / Ester Geovana de Sousa
Albuquerque . - 2024.
224, CCXXIV f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Franceschini.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem, Catalão, 2024.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Estudos Discursivos Foucaultianos . 2. Arqueogenealogia. 3.
Dispositivo. 4. Práticas de Confissão. 5. Abandono Paterno. . I.
Franceschini, Bruno, orient. II. Título.

CDU 8+7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
 Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
 Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 27/2024 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado, que confere o título de Mestra em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro, a partir das quatorze e trinta horas, via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO", de autoria da mestrandia Ester Geovana de Sousa Albuquerque, matrícula 2022100104. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Bruno Franceschini (PPGEL/UFCAT), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior (PPGEL/UFCAT), membro titular interno, e Profa. Dra. Denise Gabriel Witzel (PPGL/UNICENTRO), membra titular externa. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata (X) Aprovada () Reprovada por seus membros. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Bruno Franceschini, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata, que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA:



Documento assinado eletronicamente por **BRUNO FRANCESCHINI, Orientador(a)**, em 29/08/2024, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Gabriel Witzel, Usuário Externo**, em 29/08/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANTONIO FERNANDES JUNIOR, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/08/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0102705** e o código CRC **D9A177D9**.

DEDICATÓRIA

*À Ester adolescente, que sempre sonhou em ser pesquisadora e
rompeu muitos paradigmas para que este estudo saísse do papel!*

Valeu a pena o esforço!

*À minha mãe e minha tia Jô, que me ensinaram que uma mulher pode
chegar onde quiser.*

*Às mães solo e filhos abandonados, este trabalho é a minha forma de
dar voz às vivências de vocês.*

AGRADECIMENTOS

A seção de agradecimentos foi a parte mais aguardada para ser escrita durante este percurso, embora a escrita da dissertação seja um processo solitário, eu tive ao meu lado pessoas que tornaram este caminho mais leve, por isso teço estes agradecimentos com muita gratidão e alegria em meu coração.

A Deus, o autor e consumidor da minha fé, a quem eu darei glória para todo o sempre. Hoje a minha alma não se aguenta em gratidão, pois independente do que passou ou do que virá, o teu amor tem me sustentado e mostrado diariamente que os momentos de dores não definem quem eu sou e que se não fosse a sua mão me sustentando, eu teria sucumbido ao longo caminho. Pai, só nós sabemos como foi o caminho até chegar aqui, obrigada!

À minha mãe, Risalda, a minha maior inspiração, quem me ensinou que, com garra e muita dedicação, eu poderia chegar a qualquer lugar. Obrigada pelo cuidado, pela compreensão e pelo afeto em momentos ímpares, se cheguei até aqui é porque a tive ao meu lado.

Ao meu pai, Raimundo, o melhor pai que Deus poderia ter me dado. Gratidão pelo cuidado, pelo apoio e investimento ao longo dos anos, laços de sangue não definem aquilo que construímos ao longo do caminho.

À minha tia, Josélia, a minha maior incentivadora em todos os processos delineados ao longo do caminho. Aquela leitura de *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, abriram portas inimagináveis.

Ao meu orientador, Bruno Franceschini, sua presença foi imprescindível para que esta pesquisa tomasse forma. Agradeço a Deus pelo dia que você disse que eu “*precisaria de muita sorte*” pois seria sua aluna em fonologia, pois hoje eu compreendo que muito além de sorte, eu fui presenteada por sua orientação e amizade. Gratidão pelo acolhimento e pelos ensinamentos na vida e na ciência, é uma honra poder ser sua “*meritocracinha 2*”. Você é o “*turning point*” da minha carreira.

À Prof. Dra. Denise Gabriel Witzel, por aceitar fazer parte da banca avaliadora deste trabalho e pelas contribuições imprescindíveis para a continuidade desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, o querido Tony, por aceitar fazer parte da banca avaliadora deste trabalho, pelas contribuições que já são presentes desde o meu ingresso nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Gratidão pelo acolhimento e pelo cuidado ao longo desse caminho, seu olhar atento e sua alma grandiosa marcaram a minha trajetória!

À Tainá Camila, a “*meritogracinha 1*”, minha grande inspiração e amiga, sua presença foi essencial nesta jornada, seu apoio e carinho desde o primeiro dia no grupo de orientação me deram forças para chegar até aqui! Obrigada por ser meu abrigo na hora do caos. Amizades como a sua são raras!

À Cíntia, minha pessoa, gratidão pelo cuidado e pelo acolhimento ao longo deste percurso. Obrigada por atender as minhas ligações aleatórias e me atualizar sobre a vida enquanto eu escrevia.

À Mayara, minha grande amiga, obrigada pelo companheirismo e pelas orações, sua vida me inspira!

Aos meus amigos Ana Vitória e Fábio, as amizades mais incríveis que a pós graduação poderia me dar. Poder contar com vocês durante a produção do meu "bolinho com café" foi imprescindível!

Ao Weliton, a calma em forma de pessoa, o dono do abraço mais sincero e acolhedor que existe! É uma dádiva poder compartilhar a pós graduação com você!

À Gabriela, minha grande amiga, por sempre estar presente mesmo a mais de 700 km de distância.

Ao Marcos, meu amigo de infância, que sonhou ao meu lado e acreditou tanto quanto eu que os meus objetivos seriam alcançados..

Aos meus amigos Gustavo, Lucas, Sabrina e Anna Clara, pela cumplicidade em grande parte desse caminho.

Aos professores e servidores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL- UFCAT), em especial aos servidores do PPGEL, que com tanto apreço me auxiliaram nesse caminho.

Aos meus professores da educação básica que, de modo direto ou indireto, marcaram a minha trajetória, cada um de vocês foram extremamente importantes para que essa dissertação tomasse forma.

Às professoras Grenissa Stafuzza e Luciana Borges, gratidão pelo incentivo, pelos abraços e por me mostrarem que a vida docente é transformadora.

Às minhas amigas do “*Forte e Corajosa*” e do “*A boa parte*”, em especial a Sara, a Cati e a Letícia, que me ensinaram que eu não preciso caminhar só. O acolhimento de vocês nas terças-feiras, deixaram este caminho mais leve.

Às crianças da IDB Kids-Catalão, que me ensinaram nos últimos anos a cuidar da minha criança interior. Em especial as minhas amigas Aline e Priscila, que me acolheram em Catalão como uma membra de suas famílias.

Aos meus alunos, colegas de trabalho e amigos do Colégio Futura, é uma dádiva compartilhar as minhas manhãs com vocês. E externalizo meu agradecimento à minha coordenadora, Claudineia Reis, pelo cuidado e compreensão ao longo deste tempo.

Ao Rafael Martins, meu psicólogo, que ao longo deste processo me mostrou caminhos para ressignificar.

Aos colegas do PPGEL que, de forma direta ou indireta, contribuíram para as discussões realizadas aqui.

Aos participantes das entrevistas, meu agradecimento especial, sem vocês nada disso teria sentido.

À CAPES pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

*DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO
a filho não ter o filiação da pai
no certidão de nascimento
é hábito antiga
agora o mãe exigir direito à aborto
é uma crime de vida*

*em alguns casos
não só a gramática
sofre concordância de gênero*

Luiza Romão
Sangria (2017, p. 27)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo cartografar o dispositivo de abandono paterno a partir do método de entrevistas desenvolvido à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Desta maneira, compreendemos, nesta discussão, que o abandono paterno se configura, não somente, como a falta do nome do pai nos respectivos documentos de identificação, mas estende-se ao longo do desenvolvimento de seu filho, gerando assim relações que produzem a subjetividade daquele que nomeamos como sujeito abandonado. Para realizarmos a cartografia do dispositivo de abandono paterno nos amparamos nos escritos de Michel Foucault, com ênfase em sua arqueogenealogia. Como elementos constituintes do *corpus* de pesquisa, analisamos os principais documentos que abordam o reconhecimento da paternidade no Brasil, como o Código Civil de 1916, a Constituição Federal de 1988, a Lei 8.560 de 1992 e o Programa Pai Presente do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Analisamos, também, enunciados retirados de oito entrevistas realizadas com mães solo e filhos abandonados, que foram desenvolvidas no segundo semestre de 2023. Os enunciados recortados das entrevistas e dos documentos oficiais serão organizados em séries enunciativas de modo a nortear as análises. Neste estudo, primeiramente discute-se acerca da constituição do dispositivo de abandono paterno, capítulo no qual problematizamos acerca dos elementos constituintes deste mecanismo e as relações tecidas com outros dispositivos. Posteriormente, analisamos o funcionamento do dispositivo em estudo mediante estratégias criadas pelo dispositivo jurídico por meio das leis supracitadas. E, por fim, apresentaremos o processo de elaboração, desenvolvimento e análise das entrevistas realizadas, a fim de fundamentar a prática cartográfica do discurso. Desta forma, com o desenvolvimento desta pesquisa observa-se que o abandono paterno é compreendido como um dispositivo em pleno funcionamento, que estabelece relação com outros dispositivos como o patriarcado e a maternidade, agindo na produção da subjetividade dos sujeitos abandonados.

Palavras- chave: Estudos Discursivos Foucaultianos; Arqueogenealogia; Dispositivo; Práticas de Confissão; Abandono Paterno.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to map the apparatus of paternal abandonment using the interview method developed in the light of Foucauldian Discursive Studies. As such, in this discussion we understand that paternal abandonment is not only configured as the lack of the father's name on the respective identification documents, but extends throughout the development of the child, thus generating relationships that produce the subjectivity of what we call the abandoned subject. In order to map the apparatus of paternal abandonment, we relied on the writings of Michel Foucault, with an emphasis on his archeogenealogy. As constitutive elements of the research corpus, we analyzed the main documents which deal with the recognition of paternity in Brazil, such as the Código Civil from 1916, the Constituição Federal from 1988, Law 8.560 from 1992 and the Programa Pai Presente from the Conselho Nacional de Justiça (CNJ). We also analyzed utterances taken from eight interviews conducted with solo mothers and abandoned children in the second semester of 2023. The utterances taken from the interviews and official documents will be organized into enunciative series to guide the analysis. In this study, we firstly discuss the constitution of the paternal abandonment apparatus, a chapter in which we problematize the constitutive elements of this apparatus and the relationships woven with other apparatuses. Subsequently, we analyze the functioning of the apparatus under study through the strategies created by the legal apparatus through the aforementioned laws. Finally, we will present the process of preparing, developing and analyzing the interviews, in order to provide a basis for the cartographic practice of discourse. As a result of this research, it can be seen that paternal abandonment is understood as an apparatus in full operation, which establishes a relationship with other apparatuses such as patriarchy and maternity, acting in the production of the subjectivity of abandoned subjects.

Keywords: Foucauldian Discursive Studies; Archaeogenealogy; Apparatus; Confession Practices; Paternal Abandonment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Diagrama de Pesquisa.....	28
Figura 2: Analogia a paternidade.....	43
Figura 3: O dispositivo de abandono paterno.....	53
Figura 4: Capa da Cartilha Pai Presente.....	70
Figura 5: Recorte de depoimento da Cartilha Pai Presente.....	70
Figura 6: Recorte de depoimento da Cartilha Pai Presente.....	71
Figura 7:Folder da campanha de divulgação- Ceará.....	74
Figura 8: Folder da campanha de divulgação- Minas Gerais.....	74
Figura 9: Folder da campanha de divulgação- São Paulo.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perguntas Norteadoras.....	83
Tabela 2: Mães Solo.....	89
Tabela 3: Filhos Abandonados.....	89

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	18
1. O DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO E SUAS RAÍZES: PATRIARCADO, MATERNIDADE, PATERNIDADE E OS PAPÉIS DE GÊNERO.....	29
1.1 A mulher, o homem e as relações patriarcais.....	30
1.2 A Paternidade, a maternidade e o Abandono.....	40
1.3 O dispositivo de Abandono Paterno.....	48
2. O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO.....	55
2.1 O dispositivo de abandono paterno e suas engrenagens: considerações teóricas.....	57
2.2 Constituição Federal de 1988, Lei 8.560/1992: a garantia do reconhecimento a paternidade.....	62
2.3 Censo Escolar de 2011 e o Programa Pai Presente: 5,5 milhões de filhos sem o nome do pai e as estratégias desenvolvidas pelo dispositivo de segurança.....	67
3. LUGARES DE PODER E RESISTÊNCIA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	78
3.1 Das entrevistas: considerações acerca da construção do processo metodológico.....	79
3.2 O sujeito e o abandono paterno.....	86
3.2.1 A mãe solo e sua perspectiva sobre o abandono.....	91
3.2.2 O filho abandonado e a sua perspectiva sobre o abandono.....	104
3.3 Os efeitos discursivos de verdade e a produção da subjetividade do sujeito abandonado.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	125
ANEXOS.....	212

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O reconhecimento da paternidade é assegurado pelo artigo 226, § 7º, da Constituição Federal de 1988, no entanto, ainda que apresentado como um direito humano no documento em questão, este direito não é garantido a todos da mesma maneira. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aponta que, no ano de 2013, mais de 5,5 milhões de crianças em idade escolar não possuíam o nome do genitor masculino em suas certidões de nascimento. Dados mais recentes, da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-BRASIL)¹, apontam que no ano de 2023, mais de 172 mil crianças registradas em cartórios de todo o país possuíam apenas o nome da mãe em sua certidão de nascimento, um índice preocupante, pois refere-se apenas a um único ano.

Diante de todas estas estatísticas, podemos observar que o abandono paterno faz parte da realidade da sociedade brasileira não se limitando, exclusivamente, à ausência do nome do genitor em documentos, mas estendendo-se à sua ausência durante o desenvolvimento do indivíduo, acarretando traumas que podem perdurar por toda uma vida, afetando não somente os filhos e as mães, visto que atingem toda a família (Eizirik; Bergmann, 2004).

O abandono paterno é caracterizado como a ausência do genitor na vida de seu filho, e não somente a falta do nome na certidão de nascimento, sendo que esta prática pode ser constituída de três formas: o abandono material, o abandono intelectual e o abandono afetivo. Em primeira instância, o abandono material acontece no momento em que o pai deixa de prover elementos básicos para a sobrevivência do filho, impondo sobre a mãe toda a responsabilidade de arcar com os suprimentos e necessidades que surgem durante a vida. Por sua vez, o abandono intelectual ocorre quando o genitor se ausenta da formação educacional e intelectual de seu filho, enquanto o abandono afetivo ocorre quando o pai age com indiferença afetiva em relação ao seu filho, podendo provocar traumas emocionais que afetam diretamente o indivíduo (Brasil, 2015)².

Frente a todos estes dados e conceituações acerca do abandono paterno, observamos a relevância da temática, tão presente nos dias atuais e que, em perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, ainda é pouco discutida e pela qual justificamos a importância da

¹ Dados retirados do Portal de Transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-BRASIL). Acesse: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes>. Acesso em 23 jan.2024.

² Esta definição foi retirada no site do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), para maiores informações acesse: <https://cnj.jusbrasil.com.br/noticias/222926205/entenda-a-diferenca-entre-abandono-intelectual-material-e-afetivo>. Acesso em 31 maio. 2023

realização deste estudo, tendo em vista a problematização do sujeito abandonado na atualidade.

Diante disso, esta pesquisa propõe-se a dar continuidade à investigação acerca do discurso sobre o abandono paterno, cujos estudos iniciaram-se no âmbito da Iniciação Científica, do Programa Institucional de Iniciação à Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (PROIP-PROPESQ/ UFCAT), desenvolvida entre 2020-2021, intitulada: “As práticas de confissão e dispositivo de abandono na mídia”, que se pautou na investigação acerca da existência do dispositivo de abandono paterno, por meio das análises de séries enunciativas formuladas a partir do documentário, dirigido por Alexandre Mortágua, denominado: “Todos nós, 5 milhões” (2019), disponível no Youtube³. Como resultado, foi possível observar a existência de uma rede que interliga diversas instituições, no que tange à produção de discurso acerca da temática, o que trouxe à tona a existência do dispositivo de abandono paterno e nos mostrou a relevância de futuros estudos sobre a constituição e o funcionamento deste dispositivo.

Observando a relevância da temática, a pesquisa estendeu-se a um novo plano de trabalho, denominado: “Verdade e poder: a constituição do discurso sobre o abandono paterno na rede social *Instagram*” (2021-2022), na qual analisamos a formação discursiva do abandono paterno na rede social supracitada, considerando a rede discursiva e de memória que emergem das séries enunciativas que constituíram o *corpus*. A materialidade de análise foi constituída por recortes de postagens selecionadas a partir de *hashtags*(#) que englobam a temática, tais como #abandonopaterno e #paiausente. Durante o decorrer das análises observamos a construção da rede discursiva que emergiu diante dos enunciados, bem como os elementos que lhes são constituintes, tecendo assim uma relação com o dispositivo de abandono paterno.

Ainda no âmbito da graduação, desenvolvemos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: “Discurso, dispositivo e práticas de confissão: A constituição do sujeito abandonado em ‘Todos Nós, 5 Milhões’”, pautado nesta mesma vertente de estudo, desta vez retornando ao documentário “*Todos nós, 5 milhões*”, com o intuito de analisarmos a constituição do sujeito abandonado na materialidade supracitada. Os estudos nos levaram a percepção de que os sujeitos abandonados são objetivados e subjetivados a partir das relações

³ O documentário “Todos nós, 5 milhões” é um filme híbrido que conta com documentário e ficção, baseado nos dados publicados pelo Conselho Nacional de Justiça sobre o abandono paterno no Brasil. Para assistir a produção na íntegra acesse o link: https://www.youtube.com/watch?v=rmVJG9_7LQU&t=406s.

de poder que os atravessam, bem como a ação do dispositivo de abandono paterno dentro destas relações.

A partir dos resultados obtidos ao longo dos trabalhos desenvolvidos, observamos a relevância da temática, visto que o abandono paterno se constitui como um dispositivo, que responde a uma demanda histórica que foi determinada ao longo do tempo por meio de elementos de diversas esferas, tais como linguística, geográfica e social, que há séculos subjetiva e modifica a vida dos sujeitos abandonados, sendo que, por muito tempo, as discussões foram colocadas em segundo plano, o que nos faz indagar de que modo, hoje, podemos falar no abandono paterno como um problema, ao encontro dos estudos foucaultianos acerca da história da problematização (Foucault, 2010). Ademais, pensando as condições de possibilidade (Foucault, 2020) de tal discurso, chegamos à associação ao patriarcado, favorecendo homens e culpabilizando mulheres e responsabilizando-as com o discurso sobre a maternidade e o trabalho doméstico.

Esta pesquisa se justifica pelo fato de nos permitir realizar uma análise crítica da história do presente, visto que os debates acerca do abandono paterno, até pouco tempo, eram colocados em outros planos e com a expansão dos movimentos feministas e o crescimento das redes sociais abriram espaço para tal discussão em diversas instâncias, nos fazendo refletir acerca da máxima de Foucault (1995): “*quem somos nós hoje?*”, e em analogia, nos leva a pensar em quem é esse sujeito abandonado? Quais são esses discursos que objetivam e subjetivam esse sujeito? Como se constitui esse dispositivo de abandono paterno?

Assim, partimos da hipótese principal deste trabalho que se compõe das seguintes proposições: o abandono paterno constitui-se como um dispositivo que engloba diversas instituições (família, educação, religião e outras), discursos, proposições científicas e afins, fazendo com que surjam discursos provenientes de inúmeros campos temáticos, ou seja, torna-se um conjunto de elementos heterogêneos e que possui uma relação entre si, respondendo demandas históricas. Além disso, os discursos acerca do abandono paterno objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados, sejam eles filhos ou mães solas, fazendo com que eles se vejam frente às suas vivências em associação ao discurso tido como verdadeiro em relação ao abandono paterno, deste modo, observaremos a manifestação dos processos de subjetivação por meio do processo de entrevistas, que por meio da confissão os sujeitos trarão à luz a estes discursos.

Os pressupostos acima se manifestarão em nosso *corpus* de análise de modo que nossas entrevistas, presentes no terceiro capítulo, nos permitirão confirmar ou não as hipóteses elencadas, uma vez que as conjecturas apresentadas serão testadas no processo de

entrevistas . Por seguirem a metodologia de entrevistas semi-estruturadas surgirão, por meio dos discursos, novos enunciados ligados, evidenciando a produtividade do conceito de campo associado, com a mobilização de dispositivos que se interligam ao dispositivo de abandono paterno de forma macro ou micro. Ressaltamos ainda, a contribuição desta pesquisa para os estudos discursivos no que tange às metodologias de entrevistas, pois formulamos um instrumental teórico-metodológico, à luz do pensamento foucaultiano, em que mobilizamos conceitos como: confissão, subjetivação e verdade, a fim de nortear as entrevistas atuais e futuras.

Foram selecionados também, para a composição do *corpus* deste trabalho, enunciados de documentos oficiais, como a Constituição Federal de 1988, a Lei 8.560 de 1992, Censo Escolar de 2011, Provimento n. 12 de 2010 e o Programa Pai Presente do Conselho Nacional de Justiça. Além destes, também selecionamos enunciados provenientes de entrevistas, realizadas com oito participantes, sendo quatro mães e quatro filhos que conviveram com a realidade do abandono paterno, tendo como um dos fatores de inclusão para a participação a idade (a partir de 18 anos) e a localização, preferencialmente, de pessoas residentes do sudeste goiano, no entanto, reafirmamos que a seleção possui outros critérios complementares a serem descritos nos capítulos a seguir. Reiteramos que o processo de entrevistas foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (CEP/UFCAT)⁴. Salientamos que, nesse processo, as entrevistas seguem a modalidade “história de vida tópica” (Neto, 2001), abordando questões de vivência do sujeito.

Mediante ao descrito anteriormente, temos como objetivo geral para alcançarmos com a realização desta dissertação: cartografar por meio do método de entrevistas, com o propósito de uma discussão acerca da realização de uma história crítica do presente, a constituição do dispositivo de abandono paterno, possibilitando observar quais instituições produtoras de discursos lhes são constituintes, e como esses discursos objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados. E para tal ação nos atemos a quatro objetivos específicos que são:

1. Descrever a historicidade da formação do dispositivo de abandono paterno e a sua relação frente a outros dispositivos, como o de heterocisnormatividade, sexualidade e patriarcado, por exemplo, compreendendo o que Foucault (2020) denomina de domínios associados do objeto analisado;

⁴ O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo colegiado do Comitê de Ética da Universidade Federal de Catalão e pode ser consultado na Plataforma Brasil por meio do CAAE: 67177823.7.0000.0164 e do número de parecer: 6.064.656. Para consultar acesse: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>.

O “Parecer consubstanciado do CEP” , na íntegra, que contém os dados do protocolo de pesquisa, encontra-se nos anexos desta dissertação.

2. Analisar, por meio do dispositivo de confissão, como se constitui a subjetivação dos sujeitos mãe e filhos abandonados e como este dispositivo se associa ao dispositivo de abandono paterno;
3. Analisar os efeitos discursivos de verdade acerca dos discursos produzidos sobre o abandono paterno e a relação que o sujeito possui com essas verdades, compreendendo o que Foucault (2016) problematiza enquanto relações de “subjetividade e verdade”⁵;
4. Contribuir para os estudos da temática abordada e desenvolver um instrumental metodológico para entrevistas à luz do pensamento foucaultiano, com o objetivo de contribuir à área de estudo.

Visando a realização desta pesquisa, nos pautamos na *arqueogenealogia* como uma ferramenta para se analisar as relações de saber-poder que surgem por meio das práticas discursivas e, conforme Foucault (2021), em uma microfísica, isto é: nas relações cotidianas entre os sujeitos, aqui podemos tomar as relações entre pais, mães solas e filhos abandonados. Desta forma, podemos observar que as fases do pensamento teórico foucaultiano se interligam, envolvendo, nos estudos da subjetividade, o exercício de saber-poder, nos dando margem para a análise dos discursos acerca do abandono paterno. Faremos uso de conceitos primordiais tais como: arquivo, enunciado, discurso, sujeito, subjetividade, dispositivo e outros.

Mediante ao *corpus* descrito acima e a fundamentação teórica adotada, formulamos uma metodologia que se dirige ao encontro do que Navarro (2020) apresenta, pois a partir do método arqueogenealógico pretendemos seguir alguns passos. Primeiramente, iremos isolar os acontecimentos discursivos sobre o abandono paterno e relacioná-los aos possíveis enunciados a serem selecionados. Em seguida, selecionamos e organizamos em séries enunciativas os enunciados constituintes do *corpus* de forma a buscar entender como as séries se construirão e produzirão significados. E, por meio dessas séries, buscaremos compreender como esses discursos se constituem e agem na construção da subjetividade do sujeito abandonado. Em suma, *todo* o percurso metodológico apresentado aqui e por Navarro (2020), nos permitirá pensar como apareceu determinado discurso sobre o abandono e não outro em seu lugar, conforme a máxima de Foucault.

Além do método arqueogenealógico, utilizaremos também a cartografia discursiva, a fim de mapear, descrever e analisar o dispositivo de abandono paterno, compreendendo o que

⁵ A discussão mais aprofundada sobre o conceito de efeitos discursivos de verdade será abordada no terceiro capítulo desta dissertação.

Prado Filho (2013) afirma ao apresentar a cartografia como um método para análise de dispositivos. Além disso, o método cartográfico nos permitirá problematizar acerca de uma história do nosso presente (Prado Filho; Teti, 2013); aqui podemos pensar no que nos possibilitou falar sobre o abandono paterno em nossa sociedade, e também compreenderemos como este dispositivo se constitui e quais são as linhas que o permeiam, mostrando os jogos de poder, as lutas e os jogos de verdade que lhes estão inscritos.

Deste modo, esta dissertação será dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado *O dispositivo de abandono paterno e suas raízes: patriarcado, maternidade, paternidade e os papéis de gênero*, e trará a discussão acerca das condições de existência do dispositivo de abandono paterno, mostrando a sua emergência e os principais pontos que o constitui. Abordaremos neste capítulo como a posição de “pai” sempre foi super valorizada na sociedade, dando ao sujeito que ocupava essa posição mais direitos em relação à mãe e ao respectivo filho. Neste capítulo, discorreremos, ainda, acerca dos discursos sobre a imposição da maternidade enquanto a paternidade é tida como facultativa, trazendo à tona o debate sobre os papéis de gênero em nossa sociedade.

No capítulo dois, intitulado: *O funcionamento do dispositivo de abandono paterno*, abordaremos a discussão acerca do funcionamento deste dispositivo em nossa sociedade, como se estabelece a relação entre as suas partes constituintes e como ele responde a uma demanda histórica. Ainda neste capítulo, analisaremos enunciados provenientes de documentos oficiais, já citados acima, a fim de observar as estratégias do dispositivo de segurança para combater o dispositivo de abandono, nos mostrando que ele está em plena atividade na sociedade contemporânea.

Em *Lugares de poder e resistência: análise das entrevistas*, terceiro capítulo desta dissertação, o foco recairá sobre as entrevistas, nas quais explicitaremos o aparato teórico-metodológico desta dissertação para a seleção e organização dos enunciados provenientes dos resultados de todo o processo de entrevistas. Além disso, temos o intuito de analisar e problematizar acerca da subjetivação do sujeito que denominamos de abandonado. Para isso, partiremos de questões norteadoras constituídas de indagações acerca da forma que este sujeito se vê diante do abandono e quais as implicações que a ausência paterna trouxe a sua vida.

Ainda no terceiro capítulo, abordaremos de forma detalhada todos os trâmites necessários para a realização das entrevistas, desde a submissão do Comitê de Ética até a sua execução, discutiremos acerca das condições de possibilidade do processo de entrevistas e a discursividade que permeia o processo estabelecido em relação ao Comitê de Ética

(CEP/UFCAT). Traremos ainda, a discussão acerca do método de entrevistas baseado nos escritos foucaultianos, apresentaremos os resultados obtidos até a presente pesquisa e como estes resultados auxiliarão nas pesquisas que ainda estão sendo realizadas pelo grupo sob orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini.

Ao fim de cada capítulo, traremos as considerações finais e os resultados obtidos, apresentando as contribuições desta pesquisa no que tange ao conceito de dispositivo, relações de poder e a constituição da subjetividade do sujeito denominado como abandonado.

Com o propósito de explanar o que compreendemos de efeitos discursivos de verdade sobre o abandono paterno, neste trabalho, partimos da definição supracitada, na qual o genitor é aquele que deixa de cumprir o seu dever de reconhecer o seu filho, mas também aquele que procede com o ato de registrar, porém, não se faz presente durante o desenvolvimento da criança. Eizirik e Bergmann (2004) apontam em sua obra que a ausência paterna pode influenciar na formação do indivíduo, principalmente na infância, uma vez que este abandono pode impactar no desenvolvimento social, intelectual e psicológico deste infante.

Todavia, o abandono paterno não afeta somente ao filho, abrange a mãe e os familiares que formam a rede de apoio que o cerca, no entanto, há casos em que este suporte é inexistente, causando uma sobrecarga à mãe. Dados publicados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que nos últimos anos houve um crescimento do número de mães solo no Brasil, que passaram de cerca de 9 milhões para mais de 11 milhões de mães solo em todo o país⁶, e este número cresce concomitantemente ao número de registros de nascimento realizados sem o nome do genitor masculino.

Diante de todos os dados já apresentados, é notório o fato de que o ato do abandono paterno foi naturalizado ao longo dos últimos séculos, especialmente no Brasil, nota-se que esta naturalização não se sucedeu de maneira aleatória, há diversos pontos e discursos que perpassam este fato, e esta é a proposição que buscamos analisar ao longo desta pesquisa. Para que possamos compreender as condições de existência do dispositivo de abandono paterno é necessário retornarmos às suas raízes, é necessário observar os acontecimentos discursivos e escavar os enunciados, assim como apresenta Foucault (2020), deste modo, nos ateremos a conceitos advindos que constituem o pensamento foucaultiano, especialmente a sua *arqueogenealogia*.

⁶ Os dados em questão fazem parte do estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e abordam o crescimento e a atuação de mães solo no mercado de trabalho em todo o país, para ler mais acesse: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos>.

Ao longo das últimas décadas, muitos pesquisadores brasileiros aderiram aos escritos de Michel Foucault para nortear pesquisas em diferentes áreas do saber e uma delas é a que nos inserimos: os Estudos da Linguagem. Ao longo de anos, os estudiosos vinculavam-se a análise do discurso francesa, com o passar do tempo as pesquisas foram se tornando muito específicas e, conforme Navarro (2020), foi fundado grupo temático dos Estudos Discursivos Foucaultianos na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), grupo este em que esta pesquisa se vincula.

Pesquisadores dos Estudos Discursivos Foucaultianos, como Navarro (2020), apontam a *arqueogenealogia* como uma ferramenta, por meio da qual pode-se analisar as relações de saber-poder que emergem por meio das práticas discursivas, isto é, por meio das relações cotidianas entre os sujeitos, conforme Foucault (2021). Estas relações podem ser observadas como uma microfísica, pois o poder neste caso não advém somente do Estado, mas dos sujeitos tidos como semelhantes, uma exemplificação que se relaciona com esta discussão é a relação entre pais, mães solas e filhos abandonados, uma vez que o pai no ato de abandonar exerce poder sobre os demais sujeitos envolvidos, no caso, o filho e a mãe solo, uma vez que deixa de prover ao filho itens básicos de sua subsistência e provocando a sobrecarga à mãe, que assume a criação integral de sua prole.

Um outro ponto que se pode observar na arqueogenealogia é a forma como as fases do pensamento foucaultiano se interligam, aqui podemos observar a *arqueologia* (estudo das relações de saber) e a *genealogia* (estudo das relações de poder) agindo em concomitância e, desta forma, por meio dos conceitos advindos desta ferramenta poderemos adentrar nos estudos acerca da subjetividade, do exercício de saber-poder e outros, o que nos dará margem para a análise dos discursos acerca do abandono paterno e posteriormente a cartografia deste dispositivo.

Partimos então do conceito de arquivo, no qual observamos que ele age como “o sistema que rege o aparecimento de enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 2020, p. 158). Neste trabalho, o arquivo compõe-se a partir de enunciados que emergem através da discussão acerca da maternidade, da paternidade e do patriarcado, além dos enunciados provenientes das entrevistas desenvolvidas com mães solo e filhos abandonados. Estes enunciados que serão recortados e organizados em séries enunciativas para que, então, possamos analisar e observar como se relacionam diante da constituição do dispositivo de abandono paterno.

Ao longo da *Arqueologia do Saber* (2020), Foucault apresenta o conceito de enunciado, definido como indissociável do acontecimento, ultrapassando as barreiras da

língua e do sentido, a ponto de nunca se esgotar por completo. O enunciado também é dotado de uma materialidade para que possa tomar forma, seja ela linguística, imagética, verbal ou não verbal, podendo formar uma rede que está diretamente interligada ao discurso (Foucault, 2020).

A percepção foucaultiana acerca do discurso nos permite observar que ele é constituído como “um conjunto de enunciados efetivamente produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos” (Fernandes, 2008, p. 16-17), ou seja, o discurso se compõe em um conjunto de enunciados que possuem os mesmos parâmetros de condição e existência, dispersão e regularidade, agindo como “um nó em uma rede”, como exemplifica a máxima de Foucault. Desta maneira, os enunciados que constituirão esta pesquisa nos permitirão observar as redes enunciativas que se formam no discurso sobre o abandono paterno, envolvendo diversas instituições e instâncias de saber, como a psicologia, o campo jurídico, o âmbito escolar, o familiar e outros.

Ao examinarmos os desdobramentos do pensamento foucaultiano, observamos que em sua obra “O Sujeito e o Poder” (1995) o autor delimita o *sujeito* enquanto tema geral de sua pesquisa, uma vez que o “sujeito é umbilicalmente ligado às relações de poder que atuam em sua constituição” (Silva; Machado Júnior, 2016, p. 207). Deste modo, nota-se que o sujeito é constituído a partir das relações de poder em que ele está inserido, aqui, tomamos como centro o sujeito abandonado, que está inserido nas relações de poder que são exercidas sobre ele, uma vez que para Foucault o poder não é exercido apenas pelo Estado, mas “o pai, o marido, o patrão, o adulto, os professores representam um poder” (Foucault, 2014, p. 39).

E essas relações de poder que perpassam por este sujeito o objetivam e subjetivam, e estes processos de subjetivação tem como finalidade “compreender por que e como se estabelecem relações entre os sujeitos e os acontecimentos discursivos, e as respostas podem levar ao entendimento sobre a sociedade atual” (Navarro, 2020, p. 17). Assim, ao observarmos os domínios de poder que constituem os sujeitos abandonados é perceptível a forma como atuam em sua subjetivação e na forma como estes se relacionam com as verdades acerca de si, como problematiza Foucault (2016).

Para além dos conceitos de arquivo, enunciado, discurso, sujeito e subjetivação, este primeiro capítulo evoca outros conceitos primordiais para a análise, dentre eles o conceito, que pode ser de grande destaque, o dispositivo. Foucault o definiu brevemente no livro *Microfísica do Poder* (2021), como um conjunto decididamente heterogêneo que abrange diversos elementos que lhes são constituintes, tais como instituições, leis, discursos e outros,

de modo que a relação tecida entre estes componentes se compreende como o dispositivo. (Foucault, 2022, p. 364-365).

Por meio desta definição, é possível compreendermos como o dispositivo se constitui a partir de uma rede que interliga as mais diversas instituições, estabelecendo estratégias em consonância com as relações de poder, tendo como principal função “responder uma urgência” em um determinado momento da história. Portanto, o abandono paterno, ao se constituir como um dispositivo, age como uma rede interligando diversas instituições produtoras de discurso, como a família, a escola, a psicologia e o âmbito jurídico, configurando processos de subjetivação dos sujeitos que são interpelados por ele. Além de responderem a uma urgência sobre o abandono paterno e podemos vê-la nas crescentes estatísticas em nosso país.

Desse modo, para realizarmos a análise do dispositivo de abandono paterno, nos apropriamos do conceito de cartografia como um método de análise de dispositivos, conforme afirma Prado Filho e Teti (2013):

Assim, a cartografia aqui apresentada não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault – o eixo metodológico saber-poder-subjetividade – à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos (Prado Filho; Teti, 2013, p.48).

Assim, utilizaremos o método cartográfico como um instrumento que nos permitirá uma problematização acerca da história do presente, mais especificamente relacionada ao abandono paterno. Por meio da cartografia, buscamos “desemaranhar as linhas” (Prado Filho e Teti, 2013) constituintes do dispositivo supracitado, observando quais instituições, discursos ou organizações regulamentares o constitui, formando uma “rede” que atua na objetivação e na subjetivação dos sujeitos abandonados.

Conforme Prado Filho e Teti (2013), o processo cartográfico traça diagramas que nos permitem observar as relações de poder e as suas multiplicidades trazendo visibilidade a determinados objetos. Com o intuito de ilustrarmos o caminho metodológico a ser percorrido, já descrito acima, esboçamos o diagrama a seguir:

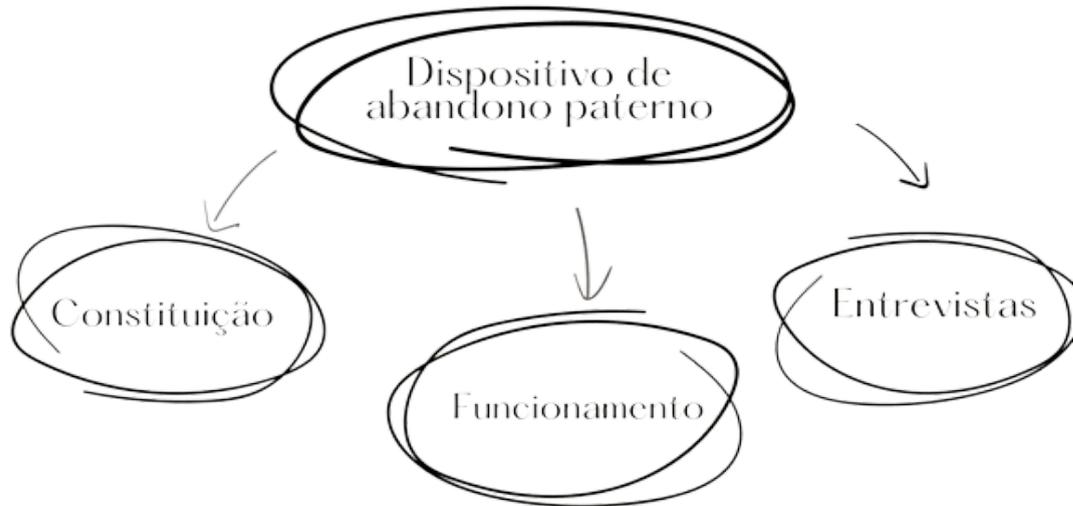


Figura 1: Diagrama de Pesquisa- Acervo pessoal

A imagem acima descreve o caminho percorrido durante a realização desta pesquisa, portanto, para observar como se constitui e funciona tal dispositivo, para compreender quais os fatores e urgências levaram a sua constituição, logo em seguida, abordaremos as questões relacionadas ao seu funcionamento e quais são as suas estratégias frente a outros dispositivos. Por fim, partiremos para o processo de entrevistas, uma vez que este nos permitirá observar como foram produzidas as subjetividades dos sujeitos aqui estudados.

Portanto, ressaltamos que a breve discussão realizada acima é imprescindível para nos fundamentarmos e darmos início a cartografia do dispositivo de abandono paterno, deste modo, nos itens subsequentes os conceitos supracitados estarão presentes, nos dando margem à problematização de todo o tema proposto.

Assim, a fim mapear, descrever e interpretar as linhas do dispositivo de abandono paterno, é necessário observarmos como a maternidade e a paternidade eram vistas anteriormente. Como esta divisão de papéis abre margem para o abandono paterno? No capítulo I, buscaremos encontrar as respostas a este questionamento, além de compreender que singular acontecimento é este que nos permite nortear tal discussão.

CAPÍTULO 1

O DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO E SUAS RAÍZES⁷: PATRIARCADO, MATERNIDADE, PATERNIDADE E OS PAPÉIS DE GÊNERO

Para iniciarmos a discussão acerca da constituição do dispositivo de abandono paterno e compreender as suas condições de possibilidade que permitiram o seu estabelecimento, subdividimos em três tópicos, sendo eles: *1.1 A mulher, o homem e as relações patriarcais*, onde discutiremos acerca dos respectivos papéis da mulher e do homem na sociedade, imposição da maternidade e como a mãe ocupa um lugar tridimensional em relação ao pai e ao seu respectivo filho.

Adiante, no item *1.2 A Paternidade, A maternidade e o Abandono*, abordaremos sobre a soberania do pai, a relação com a maternidade, e quais as condições de possibilidade que permitem que essa soberania permaneça até os dias atuais. Nesta perspectiva abordaremos a facultatividade do exercício da paternidade e a emergência do abandono paterno. Por fim, no tópico *1.3 O dispositivo de Abandono Paterno*, será apresentado a constituição do dispositivo de abandono paterno, observando as linhas que o atravessa, traremos à tona a noção de cartografia discursiva, a fim de delinear a sua constituição e as instituições e discursos que lhe são atribuídos.

A fim de nortear toda esta discussão, traremos Michel Foucault com sua *arqueogenealogia* e outros conceitos de seu pensamento, também faremos uso dos estudos de outros pensadores no que tange a discussão acerca do conceito de cartografia discursiva e abandono paterno. Sobre os estudos acerca da maternidade e dos papéis de gênero, faremos uso dos escritos de autoras como Elisabeth Badinter (1985), Gerda Lerner (2019) e outras pensadoras do pensamento feminista. Utilizaremos, também, os escritos de outros estudiosos do pensamento foucaultiano como Fernandes (2008;2019), Navarro (2020), Prado Filho e Teti (2013), e outros.

Adiante, iniciaremos as discussões acerca do que foi apresentado acima, posteriormente apresentaremos os resultados obtidos e sua relevância para o desenvolvimento desta pesquisa. Ressaltamos que no decorrer do capítulo será realizada a análise de enunciados que emergem e se relacionam com a discussão a ser realizada a seguir.

⁷ O termo raízes, apresentado no título deste capítulo, é utilizado como uma metáfora para pensarmos acerca do abandono paterno. É importante salientarmos que, neste trabalho, estamos ancorados com o método “arqueológico” proposto por Michel Foucault (2020) e que não estamos retornando a uma origem propriamente dita sobre o dispositivo de abandono paterno, mas a noção de escavação proposta por Foucault leva-nos a pensar acerca de um começo relativo e descontínuo deste dispositivo.

1.1 A mulher, o homem e as relações patriarcais.

“É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho”

(Badinter, 1985, p.26)

Ao assistirmos a uma peça teatral, observamos que cada ator desempenha um papel que lhe fora atribuído anteriormente. Seguindo esse pensamento, podemos observar como a sociedade é dividida em papéis a serem exercidos por homens, por mulheres e pelos respectivos filhos, no entanto, esta divisão quase nunca foi justa. Nesta pesquisa, buscamos compreender as respectivas posições dos sujeitos pais e mães de maneira singular, ou seja, os sujeitos abordados aqui não entram em um campo de universalização, uma vez que não são todos os genitores e filhos que entram na ordem do dispositivo de abandono paterno.

Conforme Gerda Lerner (2019, p.35), o cenário da sociedade em que vivemos é desenhado e pintado por homens, estes também recebem os melhores papéis, enquanto as mulheres eram, e ainda são, tidas como as coadjuvantes, que muitas das vezes substituíram os personagens principais ao longo do trajeto em busca da “igualdade”.

Há séculos, determinadas sociedades recebem configurações estruturais específicas, a fim de corresponder às expectativas criadas e suprirem as necessidades daqueles que as dominam, deste modo, os papéis ocupados por pais, mães e filhos são delimitados de acordo com suas atribuições, no entanto, a posição ocupada pode variar de acordo com as relações em que estes sujeitos estão inseridas.

A figura paterna sempre recebeu grande destaque porque, ao olharmos para as sociedades patriarcais, é nítida a supremacia masculina uma vez que desde o nascimento, a chegada de um homem é tida como uma dádiva à família que o recebe, diferentemente do que acontece com o gênero oposto. Elisabeth Badinter em sua obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), apresenta uma cronologia acerca destes papéis e pode-se observar que nos povos mais primitivos o homem recebia o papel de chefe da família, sendo detentor do direito absoluto de ordenar, punir e julgar a todos que estavam sob sua supervisão, inclusive a sua respectiva esposa.

A posição de esposa recorrentemente recaía à condição figurativa, uma vez que o casamento era tratado como um negócio e seguia alguns imperativos para torná-lo real, dentre eles os mais importantes eram o dote, o nível social, uma idade adequada e as virtudes que a mulher poderia oferecer ao seu futuro cônjuge. Deste modo, desde as mais antigas relações, a

esposa estava condicionada a satisfazer o homem, seja por meio de sua adequação social a do pretendente, ou por sua idade adequada para formar um casal considerado “virtuoso” à sociedade e acima de tudo, “trazendo riquezas” por meio do dote a qual as famílias se preparavam desde os nascimentos de suas respectivas filhas, para pagá-lo ao senhor que decidissem fazer o contrato de casamento (Badinter, 1985, p.49).

Esta estrutura familiar que regia a sociedade até poucos anos atrás mantinha-se tão sustentada graças ao *patriarcado*, que permeou e ainda permeia a dominação masculina no meio social. E para problematizar acerca do abandono paterno é necessário traçar relações da estrutura dominante da sociedade em que estamos inseridos, uma vez que é por meio de fatos históricos que poderemos observar como a paternidade e a maternidade eram vistas e tratadas diante da sociedade.

Lerner (2019) aponta em seus estudos que o patriarcado é um movimento histórico e que deste modo é necessário retornarmos à história para que compreendamos os seus efeitos ao longo do tempo. Segundo Lerner (2019, p.36) o “estabelecimento do patriarcado” caracterizou-se como um longo processo que se desenrolou ao longo de aproximadamente 2.500 anos, por volta de 3.100 a 600 a.C, iniciando-se no Antigo Oriente e foi se espalhando em diferentes ritmos para diferentes sociedades.

Observando a expansão e o estabelecimento do patriarcado em diferentes sociedades, torna-se notório a forma como os papéis de cada indivíduo era bem delimitada, ou seja, homens e mulheres independentes de posições sociais possuíam atribuições específicas, a fim de responder aos valores dominantes do local onde se estabeleciam. Esta divisão de papéis transcendem as atribuições dentro de um lar, um exemplo era a forma como a sexualidade feminina foi tratada ao longo dos anos, embora estes corpos possuíssem outras atribuições, o controle estava sempre sob o domínio masculino.

O controle da sexualidade e da vida feminina transcende as diferentes sociedades, tudo isso acontece mediante a dominação masculina, que é apresentada por Lerner (2019, p.49) como “universal e natural”, e um dos argumentos que a sustentam é o discurso religioso. Que coloca a mulher em posição de submissão, uma vez que este é o “mandamento divino”, resquícios disso podem ser encontrados ao longo da *Bíblia Sagrada* e de outras obras que permeiam as bases do cristianismo.

Lerner (2019) complementa afirmando que:

O argumento pode ser proposto em termos religiosos: a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus. Tradicionalistas aceitam o fenômeno da “assimetria sexual”, a atribuição de diferentes tarefas e papéis para homens e

mulheres, algo observado em todas as sociedades humanas conhecidas, sendo prova desse ponto de vista e evidência de seu caráter “natural”. Eles argumentam que, se a mulher foi atribuída, por planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais (Lerner, 2019,p.49).

Assim sendo, nota-se que o argumento acerca da dominação masculina sobre os corpos femininos no meio cristão possui raízes no judaísmo, que se inicia no livro de *Gênesis*⁸, com a criação do Adão mitológico como o primeiro homem e a partir de sua costela Eva, a primeira mulher, foi criada. Diante deste primeiro fato nasce um dos primeiros pontos que até os dias atuais reafirmam o poder patriarcal, o fato de que a mulher foi criada a partir do homem ou para o homem, no entanto, o discurso cristão estende-se ao desdobramento da história do primeiro casal.

No decorrer da narrativa judaico-cristã, segue o estigma acerca do papel feminino, no Gênesis, após a criação divina por meio da costela do homem, a mulher primeira mulher, Eva, foi considerada o símbolo do mal, pois ao comer o fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal”, considerado um ato proibido, o casal é expulso do paraíso, sendo obrigados a estabelecerem suas vidas fora do Jardim do Éden (Bíblia, Gênesis, 2.16-17). Após este fatídico acontecimento, a mulher foi colocada em uma posição de julgamento e inferioridade, pois de acordo com a narrativa foi por meio de seus atos que as “maldições” foram atribuídas para toda a humanidade, tais como as dores do parto e a obrigação do trabalho para o seu próprio sustento (Badinter, 1985, p.34).

Em observância a narrativa bíblica, pode-se observar que em muitas de suas metáforas há presença de definições daquilo que é gênero e padrões de moralidade, e tais definições moldaram o pensamento que perpetua até os dias atuais, trazendo na cultura o resquício do que estava em vigência nos tempos dos patriarcas, assim como afirma Lerner (2019). Ainda nesta perspectiva, pode se observar que há imperativos acerca da postura feminina em todo o texto, tais como deveria ser o casamento, as vestimentas e afins, até que nos deparamos com “*novo testamento*”⁹, onde encontra-se um ponto a pensar-se a ruptura desta visão e a busca da igualdade entre mulheres e homens apresentada por Jesus, o Messias.

Badinter (1985), afirma que o poder masculino sobre a mulher subsiste desde a antiguidade, como visto anteriormente e,

⁸ O livro de Gênesis é o primeiro livro do conjunto denominado “pentateuco”, que consiste nos cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada e para os judeus é denominado de Torá, e estes escritos compõem o “velho testamento” que é comum ao cristianismo e ao judaísmo. .

⁹ O Novo Testamento é considerada a segunda parte da Bíblia- Cristã e traz a narrativa de Jesus, esta parte é desconsiderada pelos judeus, pois criam que o Messias vindo naqueles tempos era um falso profeta.

foi preciso esperar a palavra de Cristo para que as coisas se modificassem, pelo menos em teoria. Guiado por esse princípio revolucionário que é o amor, Jesus proclamou que a autoridade paterna não se estabelecera no interesse do pai, mas no do filho, e que a esposa-mãe não era sua escrava, mas sua companheira (Badinter, 1985, p.30).

Ao expandir o seu pensamento baseado na igualdade e no amor ao seu semelhante, “o Cristo punha um freio à autoridade, de onde quer que viesse” (Badinter, 1985,p.30). Com essa atitude, a filosofia messiânica fortalecia a tese de que deveria existir igualdade entre os cônjuges de modo a delimitar o demasiado poder marital, deixando claro que dentro de uma família “marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmo direitos e deveres em relação aos filhos” (Badinter, 1985, p.30).

As palavras de Cristo transformaram a condição feminina ao longo do tempo, no entanto, a sua filosofia foi agregada aos pensamentos de seus seguidores, um exemplo claro e de suma importância são os ensinamentos de São Paulo¹⁰. O apóstolo retoma em seus escritos a igualdade anteriormente apresentada por seu mestre, no entanto, “trata-se de uma igualdade entre pessoas que não são idênticas, o que não exclui uma hierarquia” (Badinter, 1985, p.35).

No decorrer dos escritos paulinos encontra-se o imperativo de que o homem deva ocupar o lugar de líder do casal, uma vez que este foi criado primeiro e recai-lhe o dever de comandar as relações familiares. Badinter (1985, p. 35) afirma ainda que

as ordens do marido deverão ser temperadas pelo amor e o respeito que deve à sua mulher, embora reconheça nesta um poder de persuasão (simples poder da retórica), é ao marido que compete a decisão final. São Paulo resumiu as relações do casal numa fórmula famosa durante séculos: “Vós maridos, amais as vossas próprias mulheres, como também Cristo amou a Igreja... assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam sujeitas a seus maridos” (Badinter, 1985, p.35)

Observando a analogia apresentada por São Paulo ao longo do desenvolvimento de seu pensamento é notória a presença da contradição discursiva acerca desta igualdade, uma vez que estavam diante de uma hierarquia em que o pai/marido sempre estava em uma posição de superioridade e de acordo com Badinter (1985,p.36) havia a ideia forçada de “levar a eliminação de um dos termos”, neste caso, a posição feminina sempre era eliminada da relação, uma vez que “o pai, o marido, tinham portanto uma delegação dos poderes de Deus” (Badinter, 1985, p.36), nesta perspectiva, fazemos um adendo com o pensamento foucaultiano que vai ao encontro do que Badinter (1985) expressa, uma vez que para Michel

¹⁰ Autor de quatorze dos vinte e seis livros do novo testamento, Paulo foi um dos apóstolos de Cristo e um dos propagadores do cristianismo. Seu nome no original era Saulo, porém decide usar o nome Paulo após sua conversão à fé cristã.

Foucault, “o pai, o marido, o patrão, o adulto, os professores representam um poder” (Foucault, 2014, p. 39). Portanto, uma vez que este marido/ pai recebe essa autoridade comparada ao poder divino, ele exerce o poder não somente sobre o filho, mas estende-se a esposa, aos servos e até mesmo no âmbito social, e por este motivo diversas práticas obtiveram justificativas, podemos observar estes desdobramentos até chegarmos a realidade sobre o abandono paterno, sobre o qual discorreremos nas sessões subsequentes.

Desse modo, o imperativo acerca da submissão feminina, mediante ao texto paulino, perpetua-se até os dias atuais nos contextos religiosos, reafirmando o poder patriarcal sobre os corpos femininos nas mais diferentes instâncias, seja no casamento, nas finanças e até na forma como a maternidade é conduzida. E seguindo os mesmos pressupostos doutores da Igreja, por anos a fio, continuaram a colocar a mulher em papel de inferioridade e continuamente reforçaram que:

[...] a autoridade do marido, reforçando a teoria filosófica da desigualdade feminina. Segundo Aristóteles, a mulher carecia de consistência ontológica: os teólogos fizeram dela um “ser maligno”, na melhor das hipóteses uma “inválida” Até o século XX, os homens se lembrarão da lição (Badinter, 1985, p.37)

Nesta perspectiva, Badinter (1985, p. 38) discorre ainda que eram comum que no século XIII, auge da Idade Média, usualmente as mulheres eram tratadas como “diabos”, reforçando o que Aristóteles havia expressado anteriormente acerca da objetivação da mulher enquanto um ser “maléfico”, o que reafirma fortemente as raízes da cultura patriarcal que o ser feminino era responsável pela malevolência que existia, reiterando a responsabilidade atribuída a Eva pelo erro de Adão, ao comer do fruto proibido, como já supracitado.

Adiante, no percurso histórico nos deparamos com os desdobramentos advindos da difusão da cultura patriarcal das mais variadas sociedades nota-se isso ao abordarmos a Idade Média que por um certo período sustentou esse discurso acerca da demonização feminina, no entanto, com o tempo essa percepção recebeu mudanças, a ponto que as mulheres passaram a ser colocadas em posições de inferioridade e subordinação aos homens, sendo tratadas com negatividade.

Badinter (1985, p. 38) aponta ainda que a ideia de invalidez presentes nesse período de tempo recaí sobre a premissa de “duas conotações: a doença e a monstruosidade”, o que de acordo com a autora é justificado por meio das “condutas históricas” que os esposos estabeleciam em relação às suas respectivas esposas. Batinder ainda retoma textos de autores que reafirmam esta perspectiva por meio de provérbios, canções e até mesmo textos teóricos

que mostram a visão se que tinham sobre estas mulheres, colocando-as num lugar de ternura e fragilidade, e que outrora este local ocupado era de culpabilização e demonização.

Ainda em observância ao exposto por Badinter (1985), é possível compreender a forma como os corpos femininos foram objetivados e colocados à margem no decorrer dos séculos, desde a expansão do patriarcado, séculos antes de Cristo, a todo momento colocadas em subordinação aos homens, sejam enquanto filhas ou enquanto esposas, após o casamento. Para além disso, no decorrer dos séculos, é notório o imperativo de submissão, em que as mulheres seguissem como destinadas apenas ao serviço doméstico e à maternidade, e aspectos biológicos foram utilizados como argumentos, conforme aponta Lerner (2019, p.54):

Era por causa da constituição biológica e da função materna que mulheres eram consideradas inadequadas para a educação superior e muitas atividades vocacionais. Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fato inferiores (Lerner, 2019, p.54)

Ao decorrer dos séculos, a submissão feminina e a imposição do imperativo à maternidade foram vigentes nas mais diversas sociedades, haja vista que o patriarcado já estava estabelecido há séculos, no entanto, Badinter (1985) aborda em sua obra que começa a surgir em meados dos séculos XVIII, uma recusa das mulheres francesas ao posto de esposa e posteriormente ao de mãe, visto que predominavam com mais frequência “duas desculpas: a amamentação é fisicamente má para a mãe, e pouco conveniente” (Badinter, 1985, p.95).

Tais afirmações eram habitualmente apresentadas pelas mulheres a fim de comprovarem sua própria sobrevivência, e embora fossem completamente sem fundamentação médica, sempre impressionaram a sociedade. No entanto, o poder de questionar acerca disso sempre recaía as damas da alta sociedade, e que sempre delegaram as suas obrigações maternas às camponesas (Badinter, 1985, p.96).

Badinter (1985) afirma ainda que esta recusa a amamentação era reafirmada por intelectuais contemporâneos e por sua vez por seus respectivos maridos que se queixavam de tal ação como “um atentado à sua sexualidade e uma restrição ao seu prazer” (Badinter, 1985, p.97), colocando a prática de alimentação do filho como um “antídoto contra o amor”.

Concomitante a este período, surge na mulher o desejo de “definir-se como ser autônomo” e “experimentar uma vontade de emancipação e de poder” (Badinter, 1985, p.100), porém, conforme Badinter, os homens da sociedade conseguiram opor-se a isso e reenviar a mulher ao lugar que de acordo com sua percepção não deveriam ter deixado, o papel de mãe e outrora o de esposas. Em observância ao contexto em questão é notório que o

papel feminino era reduzido ao de mãe e esposa, que lhes eram atribuídas atividades sem prestígio para a sociedade como as atividades do lar e no que dizem respeito aos filhos, o que não lhes rendiam nenhum tipo de glória, apenas submissão ao poder marital e atribuições que não geraram-lhe gratidão de nenhum âmbito (Badinter, 1985, p.101).

Adiante, no decorrer da história é notória as mudanças que esta posição feminina em relação ao marido, a sociedade, aos filhos e a si mesma foram mudando, nos escritos de Badinter (1985) observamos tais transformações no que tange o papel da mulher francesa, o que se difere da realidade da mulher brasileira, sujeito em estudo neste trabalho, portanto, antes de adentrarmos as questões acerca do abandono paterno e os impactos no cotidiano feminino é necessário observarmos as condições em que o papel feminino no Brasil foram dispostos na sociedade.

Badinter (1985) aponta em sua obra que a figura feminina estava a todo momento colocada diante de um imperativo de submissão ao marido, seja no papel de esposa ou nos atributos em relação aos filhos, uma vez que o filho e a mulher deveriam obedecer a “autoridade marital”, que em meados do século XVII estavam justificadas no Código Civil restabelecido por Napoleão, uma vez que este fez sua esposa reconhecer no momento do casamento total obediência a ele, fazendo referência aos preceitos bíblicos que foram supracitados (Badinter, 1985, p. 39).

Em paralelo ao que Napoleão dispõe no Código Civil Francês, partiremos para a observância do Código Civil de 1916, documento que regia as leis brasileiras até a instituição da Constituição Federal de 1988, e que traz atribuições a mulher e que nos é de suma importância ao se pensar nas relações e atribuições de gênero em nosso país e posteriormente a sua ligação com o abandono paterno. Ressaltamos que embora sejam documentos emergidos em diferentes épocas, o Código Civil de 1916 relaciona-se com o Código Civil Francês, pois este é utilizado como uma inspiração para os escritos brasileiros.

Conforme a discussão supracitada acerca do papel da mulher na sociedade apresentada por Batinder (1985), podemos estabelecer associações com a realidade do Brasil nos séculos passados, especialmente no século XX, para comprovar tal afirmação resgatamos recortes do Código Civil de 1916¹¹, que regia a sociedade brasileira e delimitam os respectivos papéis da mulher e do homem à frente.

O Código Civil de 1916 entrou em vigor em 1917, no entanto, foi instituído pela Lei nº 3.071 de 1º de janeiro de 1916, conforme o projeto elaborado pelo jurista Clóvis Beviláqua

¹¹ Para conhecer e ler o texto que compõe o Código Civil de 1916 na íntegra acesse: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L3071impressao.htm. Acesso em 10.jul.2023

e foi sancionada no governo de Venceslau Brás, após longos debates ocorridos no Congresso Nacional Brasileiro (Brasil, 2024). Para alguns estudiosos há indícios de traços liberais para em tal documento o que se destaca, pois, o primeiro documento escrito após a proclamação da república no Brasil.

Na composição do Código Civil de 1916 há duas partes: parte geral e parte especial, além de conter 1.807 artigos, que dizem respeito aos bens, aos fatos jurídicos, às sucessões e especialmente ao ponto que nos é caro: “do direito da família”.

O item intitulado “direito da família” encontra-se na parte especial do Código Civil e aborda os direitos e deveres em relação ao casamento e os seus efeitos jurídicos, o regime de bens, a proteção dos filhos, os graus de parentesco e expressava fortemente um modelo familiar clássico, pautado nos ideais patriarcais de forma a manter a hierarquia que já imperava ao longo dos séculos, onde o homem assume o papel de domínio e a mulher permanece em posição secundária em relação ao marido, além de exercer papéis específicos em relação a seus filhos.

Após a leitura do documento em questão, formulamos uma série enunciativa a ser analisada a seguir, partimos do recorte metodológico pautado no trajeto temático, pois o documento supracitado aborda outras temáticas, assim sendo, os enunciados que compõem a série enunciativa a seguir foram recortados de diferentes itens da parte especial do Código Civil de 1916.

Série enunciativa 1- Código Civil de 1916

I- Art. 2. Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil (Brasil, 1916).

II- *Dos Direitos e Deveres do Marido*- Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos (Brasil, 1916).

III- *Dos Direitos e Deveres da Mulher*- Art. 240 - A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. (Brasil, 1916).

IV- *Dos Direitos e Deveres da Mulher*- Art. 247. Presume-se a mulher autorizada pelo marido:I. Para a compra, ainda a crédito, das coisas necessárias à economia doméstica.II. Para obter, por empréstimo, as quantias que a aquisição dessas coisas possa exigir.III. Para contrair as obrigações concernentes à indústria, ou profissão que exercer com autorização do marido, ou suprimento do juiz. (Brasil, 1916).

A série enunciativa 1 é composta por quatro enunciados recortados do documento já apresentado e cada um destes recortes foram retirados de seções diferentes, porém, há um trajeto temático que o atravessa, visto que ambos apresentam as respectivas funções entre o homem e a mulher. Porém, antes de adentrarmos as análises, é necessário atentar-se às

condições de emergência destes enunciados, como anteriormente citado, o Código Civil de 1916 é sancionado no início do século XX, onde até então impera-se na sociedade um discurso baseado no ideal liberal, patriarcal e com fortes influências europeias (Brasil, 2024).

O enunciado “I- Art. 2. *Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil*”(Brasil, 1916), é encontrado na parte inicial o Código Civil, em sua parte geral, ao olharmos as minúcias deste enunciado, é possível observar a colocação do substantivo “homem”, ao fazer referência a ambos os sexos, colocando-os em pé de igualdade no texto, uma vez que para o Estado, homens e mulheres são capazes de lidarem com direitos e “obrigações” frente a ordem civil vigente. A colocação do termo “obrigação”, vem do cunho jurídico, mas entende-se aqui um imperativo de que os sujeitos, sejam homens ou mulheres, possuem capacidade de exercerem seus respectivos papéis no âmbito social, no entanto, nos enunciados subsequentes pode-se perceber o que Badinter (1985) afirma ao dizer que “é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho” (Badinter, 1985, p.26).

Os enunciados II, III e IV, são a exemplificação do que é exposto por Badinter (1985), uma vez que fica evidente os respectivos papéis femininos e masculinos dentro da sociedade, a fim de responderem às necessidades vigentes, e que no momento em questão retoma um referencial patriarcal, especialmente no enunciado II, quando diz que “*o marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos* (Brasil, 1916), deste modo observa-se que retoma-se o discurso expresso ao longo dos anos que o homem possui a posição como chefe conjugal, colocando sua esposa como colaboradora frente aos desejos familiares, o que retoma enunciados antes proferidos em períodos temporais diversos salientando o que Foucault (2020) afirma ao dizer que “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (Foucault, 2020,p.119).

Adiante, nos enunciados III e IV, examina-se algumas das atribuições que o Estado, por meio de seu documento oficial, delega a mulher frente a sua postura mediante a relação matrimonial, uma vez que ela “*assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família*” (Brasil, 1916), conforme expresso no enunciado III, e para que esta exerça alguma função mediante a sociedade é necessário que possua a autorização expressa de seu cônjuge, como expresso no enunciado IV, reafirmando as práticas patriarcais vigentes e que neste contexto eram asseguradas por lei.

Ao analisarmos a série enunciativa que demonstrava uma parte da realidade brasileira, observa-se o imperativo da supremacia masculina frente aos corpos femininos e que

transcendem as relações e permeiam seus filhos, pois de acordo com Badinter, “além do peso dos valores dominantes e dos imperativos sociais, delineia-se um outro fato não menos importante na história do comportamento materno, esse fator é a luta dos sexos, que por tanto tempo se traduziu na dominação de um sobre o outro” (Badinter, 1985,p.26), e esta dominação é eminente no decorrer dos séculos e nas condições de emergências de enunciados que reafirmam tais fatos, uma vez que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados (Foucault, 2020, p.118).

Esta dominação masculina sobre os corpos femininos e que é ancorada nos preceitos patriarcais, é notória durante a discussão desenvolvida nesta seção, uma vez que mostra como as relações entre homens e mulheres transcendem gerações retomando discursos que outrora foram expressos só que em novas condições de possibilidade.

Para que possamos seguir com a discussão acerca da constituição do dispositivo de abandono paterno, é necessário que ainda façamos algumas outras reflexões, principalmente no que tange o papel da paternidade, a sua relação com a maternidade e quais são os parâmetros que estas relações criam para que possa se discutir, neste momento, sobre o abandono.

A discussão realizada até o presente momento nos guiará para a próxima sessão, onde retomaremos a visão acerca da paternidade e da maternidade ao longo dos séculos, porém, partiremos da reflexão de como tais práticas reincidiram no Brasil e como influenciaram nas relações familiares e na crescente problemática acerca do abandono paterno no Brasil. Ressaltamos ainda que o Código Civil analisado acima, continuará sendo analisado na seção subsequente.

1.2 A Paternidade, a maternidade e o Abandono

“ o pai é para seus filhos o que o rei é para seus súditos, o que Deus é para os homens, ou seja, o que o pastor é para o seu rebanho”

(Badinter, 1985, p.40)

Prosseguindo com os estudos sobre a constituição do dispositivo de abandono paterno, é necessário continuarmos as considerações acerca da maternidade, da paternidade e as suas respectivas relações com o abandono paterno. Todavia, como visto na seção anterior, as posições do homem e da mulher desde o estabelecimento das mais antigas sociedades já eram bem definidas, a fim de satisfazerem os valores vigentes de cada sociedade em que estavam inseridos, neste sentido a parentalidade entra neste imperativo, conforme apontado por Badinter (1985, p.26).

Em conformidade ao que foi discorrido anteriormente, com o estabelecimento do patriarcado em diversas sociedades do mundo, períodos antes de Cristo (Lerner, 2019), pode-se observar como o papel do homem e da mulher foi sendo construído de forma a colocar a figura masculina como superior em diversas instâncias, Lerner (2019) aponta ainda que

[...] os tradicionalistas esperam que as mulheres tenham os mesmos papéis e ocupações que eram funcionais e essenciais à espécie no Período Neolítico. Aceitam as mudanças culturais pelas quais os homens se libertaram da necessidade biológica. A substituição do trabalho físico pelo trabalho de máquinas é considerada progresso; apenas as mulheres, sob o ponto de vista deles, estão condenadas pela eternidade a servir à espécie por meio de sua biologia. Afirmar que, de todas as atividades humanas, apenas os cuidados fornecidos por mulheres são imutáveis e eternos é, de fato, destinar metade da raça humana a uma existência inferior, à natureza em detrimento da cultura (Lerner, 2019, p.55)

A proposição dada por Lerner (2019) acerca da mutabilidade da cultura de acordo com as necessidades biológicas mostra-nos como ao longo do tempo as atividades de trabalho, antes baseadas em ofícios braçais, foram substituídas por máquinas e novas tecnologias, no entanto, há-se a recorrência do discurso de que embora haja a transformação nas relações de trabalho, os cuidados oferecidos pelas mulheres, especialmente no que tange a maternidade, é tido como imutável e eterno, com o intuito de colocar mais da metade da raça humana, ou seja, as mulheres, como existências inferiores a fim de corresponder aos valores dominantes

da sociedade, e esta inferioridade pode ser observada por meio das relações de poder que permeiam estes corpos.

As relações de poder para Foucault (2014), podem ser observadas nas microrrelações, ou seja,

entre cada ponto de um corpo social, entre um homem e uma mulher, em uma família, entre um mestre e seu aluno, entre o que sabe e o que não sabe passam relações de poder que não são a projeção pura e simples do grande poder soberano sobre os indivíduos; elas são, antes o solo móvel e concreto sobre o qual ele vêm ancorar-se as condições de possibilidade para que possa funcionar. A família, mesmo ainda até nossos dias, não é o simples reflexo, o prolongamento do poder de Estado: ela não é representante do Estado junto aos filhos, assim como o macho não é o representante do Estado junto à mulher. Para que o Estado funcione como funciona é preciso que haja do homem à mulher ou do adulto à criança relações de dominação bem específicas, que têm sua configuração própria e sua relativa autonomia (Foucault, 2014, p.39).

Mediante a definição foucaultiana acerca das relações de poder, compreende-se que a instituição familiar não é tida, completamente, como uma das grandes representações do poder estatal, no que tange às relações entre pais e filhos e principalmente na relação entre cônjuges, uma vez que estes não podem ser representado por outros frente ao Estado. Mas, faz-se necessário todos estes sujeitos para que estabeleça-se relações com suas próprias configurações.

Como apresentado na discussão do item 1.1, a soberania masculina é observada em períodos de tempos diferentes, o que leva-nos à problematização acerca das dispersões deste fenômeno. Foucault (2020, p.25) afirma que a noção de tradição visa a “importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos”, além de “permitir repensar a dispersão da história na forma desse conjunto”, ou seja, é possível relacionar o patriarcado como uma tradição e que em momentos singulares da história colocou corpos femininos em posição de submissão e trouxe a tona a primazia masculina dentro das relações familiares, o que no decorrer da história dá visibilidade às regularidades ali presentes.

Para discorrermos a respeito das regularidades e dispersões das relações de poder presentes no contexto familiar e traçar relações com as discussões já delimitadas, é necessário ponderarmos sobre o papel masculino e a sua relação com a paternidade. Badinter (1985), aponta que os direitos paternos seguem uma evolução de dois modos ao longo de um determinado período de tempo, compreendido “do fim da Idade Média até a Revolução” (Badinter, 1985, p.42), em que as ações da Igreja e do Estado, intervém diretamente na administração do lar, uma vez que ambas as instituições propõem, até os dias atuais,

interesses que de certa forma agradam diversos grupos, independente de classes sociais ou sexualidade.

Badinter (1985), discorre ainda que:

Os direitos do pai foram limitados pela doutrina católica em nome de duas idéias novas: a dos deveres do pai para com os filhos que já mencionamos, e a ideia de que o filho é um “repositório divino”. Criatura de Deus, é preciso fazer dele, a todo preço, um bom cristão. Os pais não podem dispor dos filhos à sua vontade, nem desembaraçar-se deles. Presente de Deus ou cruz a carregar, não podem usar e abusar deles segundo a definição clássica da propriedade (Badinter, 1985, p.42)

Conforme a autora, a figura paterna recebeu como incumbência divina a perfeita criação de sua prole, uma vez que estes eram tidos como “repositórios divinos”, ou seja, locais onde os mais preciosos e sagrados elementos poderiam ser guardados. Era dever do genitor, de acordo com a Igreja, fazer de seu descendente um “bom cristão”, catequizando-o da melhor maneira e não efetuando os seus próprios desejos sobre os filhos, uma vez que estes não lhes cabiam enquanto propriedades, como outrora, pois são cruces a serem carregadas, ou melhor dizendo, lhes são incumbências divinas.

Tal proposição a respeito da criação dos filhos, faz referência às diversas atribuições bíblicas sobre a figura paterna que é comparada por vezes a figura divina, assim dizendo, refere-se ao próprio Deus, diversas são as passagens bíblicas em que este paralelo é expresso, colocando a paternidade como um ato divino a ser exercido com um modelo tido como perfeito a ser seguido.

As analogias acerca do poder paterno estendem-se à outras instâncias, onde por séculos reincidiram-se e podem ser associadas a diversas outras figuras, uma vez que “o pai é para seus filhos o que o rei é para seus súditos, o que Deus é para os homens, ou seja, o que o pastor é para o seu rebanho” (Badinter, 1985, p.40). Esta analogia apresentada pela autora pode ser compreendida pelo diagrama¹² abaixo:

¹² O diagrama 2, foi criado a fim de ilustrar as relações presentes nas comparações sobre a paternidade, seguindo o preceito expresso por Prado Filho e Teti (2013), que apresenta o processo cartográfico como uma possibilidade de traçar diagramas que nos permite observar as relações de poder e as suas multiplicidades, como já expresso anteriormente.

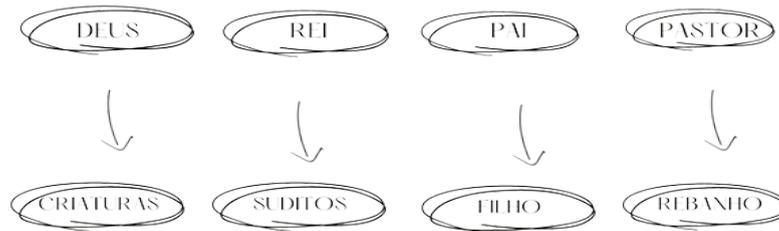


Figura 2- Analogia a paternidade - Acervo pessoal

A imagem acima, descreve o paralelo tecido por Badinter (1985) fazendo referência a Bossuet¹³ que outrora fundava-se na comparação entre Deus Pai e o Rei para “fundamentar a autoridade da monarquia sobre a autoridade do pai” fazendo dela um “direito natural” (Badinter, 1985, p.40). A autora aponta ainda que as proposições traçadas por Bossuet e por outros autores como Aristóteles trazem a tona a reafirmação acerca do “dogma natural” e que rememoram “a superioridade que vem da ordem da geração”, o que recai na “dependência e submissão dos filhos aos pais” (Badinter, 1985, p.39).

Os autores reiteram ainda a imagem do pai como a configuração divina na terra, porém apontam novas figuras a este paralelo, conforme ilustrado acima, o genitor é colocado como figura de autoridade a seus filhos, assim como um rei governa seus súditos, como um pastor cuida de seu rebanho, além de como Deus comanda suas criaturas. Ambos os paralelos expõem vínculos, que como discorrido anteriormente, são de ordem geracional e que figuram relações de dependência e poder.

Tais paralelos são construídos historicamente e confirmam a proeminência paternal, uma vez que reacendem as figurações de poder e para Foucault (2020):

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las (Foucault, 2020, p.101).

¹³ Jacques Bossuet (1627-1704), foi um bispo e teólogo francês que difundiu seus pensamentos acerca do direito divino e assuntos ligados ao campo religioso e político na França ao longo da segunda metade do século XVII.

O poder segundo a perspectiva foucaultiana é repetitivo e encontra-se em toda parte, não por abarcar tudo, mas pelo fato de se encontrar em todos os lugares, seja no aspecto governamental, religioso ou familiar, em todos estes âmbitos há presença de relações de poder que se encadeiam e apoiam-se umas nas outras, assim como nas relações tecidas no diagrama e nos paralelos com a posição paternal.

Eventualmente, estas relações de poder estendendo-se ao campo familiar abrange não somente aos filhos, mas as mulheres e mães entram nesta relação, não somente como submissas aos seus respectivos maridos, mas pelo fato de estabelecerem poder em relação a seus filhos também. Para que Deus, o pai, o rei e o pastor possam dirigir-se às suas respectivas criaturas é necessário que haja intermediários nessas relações, Badinter (1985, p.41), afirma que este intermediador seria um “terceiro termo oculto” e que em sua visão é silenciado. Nas relações acima os mediadores seriam respectivamente “a Igreja, a polícia, a mãe e o cão de guarda” , porém, em nossa discussão, o mediador que nos é de suma importância é a mãe.

Nesta relação tecida, a figura materna não assumiria o papel de Igreja que possui seus seguidores ou da polícia que vigia os súditos de um rei (Badinter, 1985, p. 41), uma vez que esta mãe possui autoridades sobre seu filho tal qual o seu pai, pelo fato de que todo o cuidado é a ela entregue. A autoridade para se cuidar de seus filhos e em consonância ao seu esposo tornar-lhe um “bom cristão” lhe é delegado por aquele que possui a supremacia no lar, ou seja, o pai.

No entanto, embora possua poder em relação a sua prole, a genitora ainda está em uma relação de submissão a seu cônjuge, assim como os demais participantes do elo estão em submissão aos seus respectivos senhores. Badinter (1985, p.42) aponta ainda que o poder que é concedido não é exclusivo, mas encontra-se sempre a serviço do “senhor”, o que claramente a coloca mais próxima a sua cria do que ao pai. Nesta relação mostra-se a diferença entre a mãe e o filho em relação ao pai, a genitora exerce poder sobre a prole, porém, é colocada em local de subordinação ao pai, tal qual o seu filho, o que retoma a colocação feminina enquanto ser relativo e tridimensional, pois além de lidar com os seus respectivos cônjuges e filhos, ela ainda necessita responder aos imperativos enquanto mulher.

Ao longo do século XIX, comumente vê-se a mãe colocando-se ao de seus filhos contra o pai, uma vez que nos séculos anteriores é evidenciado o seu respeito ao absolutismo paterno, a figura materna “adota tão bem os valores paternos, valores dominantes da sociedade, quem em caso do desaparecimento do pai, enviuvando-se, sabe-se identificar-se com ele e tomar o seu lugar” (Badinter, 1985, p.42), no entanto, essa ocupação de lugares

ocorria quando tratava-se de viuvez, porém, como esta mãe agiria ou, em tempos atuais, agiria em relação a falta do genitor ocasionada pelo abandono paterno?

As discussões abordadas até o presente momento, nos levam a reflexão a respeito das condições de possibilidade dos discursos que emergiram sobre a posição feminina, o imperativo a maternidade, a supremacia paterna e os desdobramentos históricos. Aqui, entendemos o conceito de condições de possibilidade a partir de Michel Foucault (2020), compreende-se às circunstâncias que tornaram possível a emergência do conhecimento e da formação de relações entre o sujeito e o objeto. Tais condições não são consideradas gerais, mas históricas e com especificidades do domínio de saber a qual pertencem. No geral, tais condições de possibilidade nos trazem à tona como são moldados a subjetividade e a objetividade dentro dessas relações, trazendo luz ao que chamamos de jogos de verdade.

Ou seja, os discursos que emergiram e forma supracitados leva-nos aos questionamentos sobre como o abandono paterno permeou e ainda permeia as relações humanas, uma vez que a paternidade respondia aos imperativos da Igreja de que a chegada de um filho reverbera na incumbência da criação de um “repositório divino”, então, por quais motivos tal prática ocorre? Quais são os seus fundamentos e raízes? Qual a relação do patriarcado neste elo e quais as práticas que reverberam aos dias contemporâneos?

Para que pudéssemos compreender a constituição do dispositivo de abandono paterno, foi necessário regressar às condições de emergência das relações tecidas entre homens e mulheres, e nas suas posições de pais e mães, uma vez que estas figuras são de suma importância para a compreensão deste elo.

A definição de abandono paterno, conforme apresentada nas seções anteriores, é de conhecimento geral, uma vez que a ausência paterna, especialmente em tempos contemporâneos, é uma prática costumeira, no entanto, de acordo com Badinter (1985, p.43) desde os séculos XII e XIII a Igreja condenava veementemente a prática de “abandono dos filhos, o aborto e o infanticídio”, dentre as três condutas citadas, traremos luz ao abandono dos filhos, porém não excluimos a interrelação dos demais tópicos a discussão.

A prática do abandono dos filhos, independente do contexto, era uma prática condenável pela Igreja e pelo Estado, a ponto de serem criados métodos coercitivos de combate a tais ações, todavia, Badinter (1985,p.43) aponta que em decorrência as mazelas vividas pela sociedade dos séculos XII e XIII, houve a necessidade de “tolerar” o abandono, a fim de “limitar” o infanticídio, neste contexto vivido foi que construíram, séculos depois, as primeiras casas de acolhimento a crianças abandonadas. O contexto histórico apresentado, diz

respeito à realidade de países europeus em meados dos séculos XII, entretanto, como estabelecer relações com o contexto brasileiro contemporâneo?

Assim como nos séculos passados, a prática do abandono é algo vigorosamente combatido pela Igreja e pelo Estado, mesmo com a separação entre ambos, uma vez que há métodos coercitivos de combate, porém, o abandono pode ocorrer de diversos âmbitos. Diferentemente de contextos citados anteriormente, o abandono paterno classifica-se como uma prática de rejeição por parte da figura paternal recaindo sobre a mãe as demandas provenientes de seu filho e incide a esta intermediária da relação “pai-filho” a função de assumir as rédeas da situação.

Conforme descrito anteriormente, o abandono paterno é classificado como o afastamento do pai em relação às demandas geradas por sua prole, recaindo à mãe o dever de arcar com as necessidades geradas por seu filho, de modo a relacionarmos ao descrito acima, pode-se observar que conforme o que Badinter (1985, p.42) explana, a mãe ao adotar os valores paternos dentro da relação de intermédio entre o pai e o filho, acaba identificando-se com a sua posição e assume o seu lugar na criação de seus descendentes, no entanto, as exigências geradas pelo ato de assumir esta posição acaba refletindo na constituição desta mãe e por vez estende-se a formação deste filho.

Ao observarmos a relação gerada no elo “pai- mãe- filho”, nota-se as a forma como os imperativos ditados pelo discurso patriarcal, acerca das relações familiares, reverbera e emerge em diferentes momentos da história e estabelecem relações “entre instituições, processos econômicos, sociais, formas de comportamento” , permitindo “justapor-se a outros objetos” de discurso, de modo a gerar uma ligação entre eles (Foucault, 2020, p.55). Dentre as instituições produtoras de discursos que ditam formas de comportamento e processos econômicos há o Estado e a Igreja, no entanto, encontram-se outras que se interligam diretamente às práticas relacionadas ao abandono paterno.

Mediante as discussões realizadas até o presente momento, procuramos evidenciar as relações estabelecidas entre o patriarcado, a maternidade e a paternidade, quais imperativos são ditados e quais implicações reverberam a realidade do abandono paterno. Neste tópico compreendemos que a soberania paterna era ancorada por preceitos religiosos e institucionais e que embora devesse realizar a tarefa de criar seu filho deixava essa tarefa, por conseguinte a mãe, no papel de mediadora acaba internalizando os valores vigentes e na ausência do pai assume as rédeas da criação familiar.

No entanto, quais mudanças ocorreram ao longo desta história que é descontínua (Foucault, 2020)? Quais as condições que possibilitaram a emergência e a naturalização da

prática do abandono paterno em diferentes períodos da história? No item 1.3, continuaremos a discorrer acerca das proposições feitas acima, além de abordarmos as minúcias que permeiam o dispositivo de abandono paterno.

1.3 O dispositivo de Abandono Paterno

“o dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações”

(Agamben, 2005, p. 15)

Diante do exposto nos tópicos anteriores, seguiremos com as discussões propostas para o capítulo inicial deste trabalho, portanto, nesta próxima etapa, nos aprofundaremos nos estudos acerca do que de fato venha a ser o dispositivo de abandono paterno e a forma como os conceitos apresentados nas considerações introduzidas anteriormente se relacionam nesta compreensão deste estudo.

A fim de responder a urgência de um determinado momento histórico, o dispositivo age estrategicamente dentro de relações de poder (Foucault, 2022, p. 365), esta definição proposta por Michel Foucault abre-nos precedentes para a realização do estudo de diversos dispositivos que estão em pleno funcionamento na sociedade.

Com o intuito de realizar-se o estudo acerca do dispositivo de abandono paterno, partiremos, inicialmente, do conceito de cartografia, que de acordo com Prado e Teti (2013, p.45) não compreende-se apenas como um conceito trabalhado por Michel Foucault, mas que a partir de seus estudos foi, de certa maneira, aprimorado por Gilles Deleuze ao longo de seus estudos. No entanto, quando ouve-se acerca do termo cartografia, principalmente em seu sentido dicionarizado, remete-se logo a ideia de “construção de cartas ou mapas geográficos”, de modo a delimitar áreas e particularidades de um determinado território, no entanto, a cartografia ao relacionar-se aos estudos das ciências humanas assumem uma nova atribuição.

Prado e Teti (2013) apontam que a cartografia, ao atribuir-se aos estudos sociais e humanos assumem mais que a função de construir ou demarcar as estruturas físicas e as características populacionais, mas “trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (Prado e Teti, 2013, p. 47).

Para Prado e Teti (2013, p.47), a cartografia não refere-se a um simples método com “proposição de regras” ou simplesmente um “procedimento de pesquisa”, mas torna-se uma estratégia para analisarmos de forma crítica e com ação política, fazendo uso de um olhar crítico, a fim de descrever as relações estabelecidas entre as diversas relações, incluindo o dispositivo, de modo a apontar-nos as suas “linhas de fuga, ruptura e resistência”.

Deste modo, o método cartográfico aqui apresentado, não concerne a territórios propriamente ditos, mas dizem respeito a movimentos que podem desenrolar-se ao longo do tempo e do espaço, e que podem “incorporar os métodos históricos de Foucault”, a saber o eixo metodológico “saber-poder-subjetividade”, à proporção que é a apontada como um “método de análise de dispositivos” (Prado Filho e Teti, 2013, p.48).

Para que se realize uma cartografia de um dado dispositivo, Albuquerque Júnior (2017) assinala a demanda de uma figura intelectual, não mais um estudioso dedicado a debruçar-se no ato da escavação, como um arqueólogo, ou da forma que o próprio autor compara como um castor. Porém, para Albuquerque Júnior,

Analisar um dispositivo requereria a figura de um intelectual aranha, aquele que percorreria a superfície dos fios que constituem uma dada trama, uma dada teia social, que buscaria percorrer as nervuras que constituem dadas formas de objeto, que cartografaria as linhas que constituem uma dada figura de sujeito. Assim como o aracnídeo, o intelectual cartógrafo seria aquele que, ao mesmo tempo que percorre e descreve linhas que constituem uma dada configuração histórica, uma dada região das práticas, um dado domínio de objeto, um dado lugar de sujeito, constrói, por seu turno, sua própria cartografia, vai desenhando novas linhas de significação, vai armando sua própria teia de sentidos e significados para aprisionar de um dado modo aquilo que recortou na empiria (Albuquerque Júnior, 2017, n.p.).

Portanto, seguindo o raciocínio exposto pelo autor, ao depararmos com a cartografia do denominado dispositivo de abandono paterno, assumimos a posição deste intelectual cartógrafo, com o intuito de descrever as linhas constituintes desta teia, partindo das configurações históricas, dos objetos e das práticas de determinados sujeitos. A partir desta descrição buscaremos compreender como vão se “desenhando” as “novas linhas de significação” a partir das construções realizadas.

Assim sendo, ainda fazendo referência ao pensamento de Albuquerque Júnior (2017, n.p.) acerca da cartografia, podemos observar como este estudo, a respeito do abandono paterno, pode constituir-se como uma “teia-de-aranhas”, pois é “composto de diferentes discursos” e que se “articulam em torno dos mais distintos temas”, além de relacionar-se diversas instituições produtoras de discursos e a outros dispositivos, como poderemos observar no decorrer do estudo.

Portanto, para que efetuarmos o emprego do conceito de cartografia, já explorado acima, devemos partir do mapeamento, da descrição e da análise das relações que permeiam o

dispositivo de abandono paterno, no entanto, nos é necessário observar como constitui-se este conceito apresentado desde o início deste estudo.

Na obra *Microfísica do Poder* (2022), Michel Foucault discorre acerca do dispositivo:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. [...] Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, 2022, p. 364- 365).

Ao ser questionado acerca do "sentido" e da "função metodológica" do dispositivo, Foucault (2022, p.364), demarca em três etapas o que, em seu estudo, venha a ser esse conceito. Inicialmente, o autor apresenta o dispositivo como uma rede multiforme que abarca um conjunto múltiplo, composto por diversas instâncias, tais como discursos e instituições, além compreendem elementos ditos e não ditos, tecendo assim uma rede que interliga todos os elementos que lhes são constituintes.

Como segunda consideração acerca do dispositivo, Foucault (2022, p.364) disserta sobre a "natureza da relação" que pode estabelecer-se por meio dos elementos diversos que o compõem, uma vez que um determinado discurso pode aparecer por meio de uma instituição, ou pode emergir como uma forma de justificar ou reinterpretar uma determinada prática, de modo a permitir, de certa forma, um "acesso a um novo campo de racionalidade" (Foucault, 2022, p.364). Ou seja, pode se observar que a partir das multiplicidades dos elementos que compõem esta rede, há um jogo, que pode ser compreendido como as diversas funções e posições assumidas por sujeitos, que podem ser modificadas e diferenciadas dentro deste jogo de relações.

Por sua vez, Foucault discorre ainda que o dispositivo pode ser compreendido como uma formação que, em um certo período de tempo teve como função primordial responder a uma dada urgência, assumindo assim uma função "estratégica e dominante" (Foucault, 2022.p.365). Desta forma, observa-se que há dentro de um dispositivo "um imperativo estratégico" que o autor apresenta como uma matriz que aos poucos tornou-se dispositivos

conhecidos por nós, como a doença mental, a neurose, e aqui, neste trabalho, podemos estender ao que compreendemos dispositivo de abandono paterno.

Para além de sua estrutura formada de elementos heterogêneos, Foucault (2022, p.365) aponta ainda que o dispositivo compreende um tipo de gênese que se compõe de dois momentos fundamentais. O autor apresenta, como primeiro momento, "a predominância de um objetivo estratégico" (Foucault, 2022, p.365) que vai ao encontro da característica do dispositivo já descrita anteriormente, que é o fato possuir uma colocação estratégica a fim de responder a urgência dentro do determinado período de tempo que o fez emergir.

O segundo momento essencial para a gênese do dispositivo, que o permite constituir-se e continuar sendo um dispositivo, é compreendido por Foucault em dois processos compreendidos como *sobredeterminação funcional* e *preenchimento estratégico* (Foucault, 2022, p.365).

O processo de "*sobredeterminação funcional*", permite que cada efeito gerado pelo dispositivo, seja de forma negativa ou positiva, possa estabelecer uma "relação de ressonância ou de contradição com os outros" (Foucault, 2022, p.365), de modo a gerar uma articulação com os elementos que o compõem, além de articular-se com outros elementos múltiplos que surgem de forma dispersa dentro da teia deste dispositivo.

Por sua vez, o processo de "*preenchimento estratégico*" permite-nos observar as práticas que um determinado dispositivo produziu, ou seja, os efeitos gerados por meio das estratégias deste dispositivo. Por meio deste processo observa-se, também, o que acontece através destas produções, além de quais as constituições foram produzidas e as estratégias que são transformadas em determinado momento.

Ao apresentar toda esta conceituação, Michel Foucault (2022, p.365) exemplificou todo o seu pensamento referindo-se ao dispositivo de aprisionamento, todavia, a partir de seus escritos, podemos, em dias atuais, debruçar-nos na constituição de diversos outros dispositivos presentes em tempos contemporâneos, que respondem a urgências e produzem ressonâncias, portanto, ao nos atentarmos ao abandono paterno podemos notar todos estes elementos apresentados pelo autor.

Conforme descrito anteriormente, o abandono paterno é caracterizado como a ausência do genitor nas documentações e no decorrer do desenvolvimento de seu filho, no entanto, surge-nos a indagação acerca de sua constituição como um dispositivo, seguindo os parâmetros expressões por Albuquerque Júnior (2017), pretendemos percorrer a "teia" que constitui essa rede, denominada de dispositivo de abandono paterno e compreender quais são

os ditos elementos heterogêneos que o compõem e o fazem tão latente em diversos períodos de tempo.

Primeiramente, ao propormos uma cartografia do dispositivo de abandono paterno temos como desejo descrever os movimentos, as relações de poder e os diversos elementos que o constituem, de forma a observar as práticas, estratégias e urgências as quais ele responde em determinado período de tempo.

Michel Foucault (2022,p.364) ao descrever o dispositivo, apresenta-o como um conjunto de natureza heterogênea que abarca diversos discursos, instituições, organizações, leis, regulamentos e outros diversos elementos que integram esta rede compreendida pelo como o dispositivo. Ao observamos o abandono paterno, consegue-se observar estas características em sua composição, uma vez que é composto por todos os demais itens citados pelo autor em sua obra.

Para exemplificação da afirmação discorrida acima, tomemos como exemplo o contexto apresentado e discutido ao longo dos itens 1.1 e 1.2, onde pode-se contemplar que desde os primórdios, mais especificamente desde o período patriarcal, a figura paterna era tida como célebre, além de ser vista como a representação da figura divina na terra, de modo a possuir como incumbência primordial a realização de uma boa criação de sua prole (Badinter, 1985), no entanto, ao longo da dispersão histórica, os valores mudaram e a paternidade passou-se a se tornar uma posição facultativa, porém, o imperativo a maternidade permaneceu latente até a contemporaneidade.

Os imperativos acerca da maternidade e da paternidade, podem ser considerados constituintes de seus respectivos dispositivos, além de interligarem-se diretamente ao dispositivo de patriarcado, de forma a gerar “ressonâncias” e “contradições”, como apresentada na sobredeterminação funcional do dispositivo, e que podem ser observadas através dos discursos, uma vez que ao receber a missão de criar um filho espera-se que o sujeito pai exerça de maneira efetiva os atributos que sua posição lhe confere, no entanto, nota-se que o abandono desta posição de pai, criando assim um ponto de contradição ao imperativo antes vigente.

Neste mesmo pensamento, é possível compreender que, para que o dispositivo de abandono paterno possui "uma função estratégica dominante" (Foucault, 2022, p.365), uma vez que surge como uma resposta a urgência acerca do exercício da paternidade, outrora visto como obrigatório e nobre aos homens (Badinter, 1985), abrindo assim precedentes para que pais possam escolher quando, e se, assumem, ou não, esta posição em relação a seus filhos, fazendo recair sobre a figura materna a total responsabilidade acerca de seus descendentes.

A fim de percorrer "a superfície dos fios que constituem a trama" do dispositivo de abandono paterno, faz-se necessário verificar os demais elementos que compõem esta teia, de modo a observar as "configurações históricas", "uma dada região" ou "um dado lugar de sujeito"(Albuquerque Júnior, 2017, n.p). Dentro dos elementos que englobam a construção do dispositivo de abandono paterno, pode elencar-se outras instituições, como a religião, que permeia o discurso acerca da maternidade e da paternidade, como apresentado anteriormente, uma vez que a sociedade, até pouco tempo, viveu sob as regulações e os imperativos religiosos (Badinter, 1985), principalmente nos assuntos que reverberam a instituição familiar.

A instituição familiar, por sua vez, compreendida como um dos principais grupos sociais e torna-se o local onde fica visível os jogos de poder envolvendo a maternidade e a paternidade, uma vez que o pai exerce o seu poderio sobre a mãe e seus herdeiros, explicitando a perspectiva foucaultiana de que o poder "está em toda parte" e que "provém de todos os lugares", especialmente do âmbito familiar (Foucault, 2020, p.101).

Para além, dos elementos elencados ao longo da discussão, pode-se enumerar tantos outros, que se relacionam ao longo da construção da trama deste dispositivo, o organograma abaixo exemplifica de forma clara os principais componentes que reverberam o dispositivo de abandono paterno:

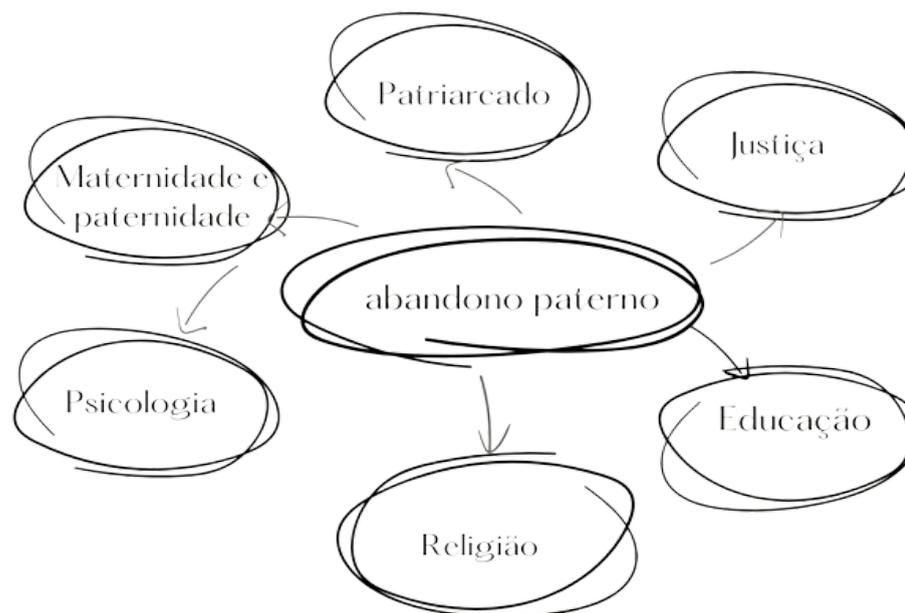


Figura 3: O dispositivo de Abandono paterno- Acervo pessoal

Ao analisar-se os elementos que compõem o organograma, que ilustra alguns dos principais componentes do dispositivo de abandono paterno, faz-se necessário ressaltar que há diversas outras partes integrantes deste mecanismo, elementos estes que podem interligar-se aos elencados no organograma. Dentro desta trama, já explicitada acima e exemplificada pelo esquema, observa-se a "formação estratégica" apresentada por Foucault (2022, p.365), que respondeu e ainda responde a uma urgência histórica, de modo a relacionar -se ao patriarcado que, em diferentes momentos históricos colocou em posição de inferioridade as mulheres e elevou a posição masculina, dando-lhes autonomia em questões primordiais, tal qual o ato de abandonar o próprio filho.

Desta mesma forma, ainda sobre essa construção do dispositivo, nota-se que há mudanças de posições dentre os próprios elementos desta rede, exemplo disto é a interligação dos dispositivos de maternidade, paternidade e patriarcado, que embora possuam suas próprias matrizes, geram ressonâncias e contradições ao serem colocados em comparação entre si (Foucault, 2022).

Estas relações tecidas sobre estas partes, leva-nos a compreender a multiplicidade de da rede formada pelo dispositivo de abandono paterno, além de fazer-nos lançar um olhar e questionar-nos acerca de qual é de fato o imperativo estratégico que funciona na matriz deste dispositivo, para além disto, quais as ações e interrelações traçadas com outros dispositivos que permitem que esse mecanismo permaneça enquanto dispositivo.

As proposições apresentadas e as relações tecidas com os demais elementos elencados no diagrama acima serão explanadas no decorrer no segundo capítulo deste estudo, de forma a tecer conexões aos conceitos até aqui explanados, visto que foram e ainda serão de grande importância para a compreensão do dispositivo de abandono paterno.

CAPÍTULO 2

O FUNCIONAMENTO DO DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO

Anteriormente, no capítulo 1, observamos como se constitui o dispositivo de abandono e como suas raízes foram se arraigando ao longo dos anos e mostrando de fato a existência deste dispositivo.

Neste capítulo, intitulado- “*O funcionamento do dispositivo de abandono paterno*”, abordaremos como este dispositivo está em plena atividade e quais são os mecanismos que outros dispositivos possuem para combatê-lo, em especial o dispositivo jurídico, que ao longo de anos propõe métodos de combate a ele.

A fim de compreender as estratégias estabelecidas pelo dispositivo jurídico em relação ao dispositivo de abandono paterno, analisaremos neste capítulo documentos oficiais do aparato jurídico brasileiro que tratam dos direitos, deveres e disposições relacionadas ao reconhecimento da paternidade. Como gesto metodológico para seleção e recorte das documentações, partimos do delineamento histórico e os desdobramentos ocorridos após o Código Civil de 1916, analisado no capítulo anterior.

Após o mapeamento e apuração dos referidos documentos, selecionamos três arquivos a serem analisados: a Constituição Federal de 1988, a Lei 8560 de 1992 e o Programa Pai Presente do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Mediante ao gesto de leitura e recorte do conteúdo presente, organizamos em séries enunciativas a serem analisadas ao longo do capítulo 2.

Para tanto, este capítulo se dividirá em 3 tópicos, sendo eles: *2.1 O dispositivo de abandono paterno e suas engrenagens: considerações teóricas*, onde iniciaremos o capítulo com a discussão acerca das linhas e especificidades que abrangem o dispositivo de abandono paterno, bem como a descrição dos diversos elementos que o compõem.

No item *2.2 Constituição Federal de 1988, Lei 8.560/1992: a garantia do reconhecimento a paternidade*, discutiremos e analisaremos discursivamente acerca das leis que regem o país e que garantem o acesso ao reconhecimento da paternidade a todo cidadão.

Por fim, no tópico *2.3 Censo Escolar de 2011 e o Programa Pai Presente: 5,5 milhões de filhos sem o nome do pai e as estratégias desenvolvidas pelo dispositivo de segurança*, discutiremos acerca dos acontecimentos discursivos que permearam a criação de estratégias de combate ao abandono paterno, visto que embora o direito a este reconhecimento fosse garantido por lei, os estudos desenvolvidos pelo aparato jurídico apontam crescimentos destes

dados. Abordaremos, também, as considerações teóricas que serão de grande importância para a realização das análises presentes no capítulo subsequente.

A fim de nortear toda esta discussão, continuaremos com os escritos de Michel Foucault, no que tange aos conceitos para análises e a cartografia, seguiremos também com apontamentos de outros autores relacionados.

A seguir, iniciaremos as discussões a respeito da temática apresentada acima, e, posteriormente apresentaremos os resultados obtidos ao longo da discussão.

2.1 O dispositivo de abandono paterno e suas engrenagens: considerações teóricas.

“Pertencemos a dispositivos e neles agimos”

(Deleuze, 1996, p.01)

Conforme caracterizado na seção anterior, o dispositivo é compreendido como (I) - uma rede que abrange um conjunto de elementos, (II)- os elementos que compõem esta rede são de natureza heterogênea e, (III)- o dispositivo tem como função primordial a resposta de uma urgência em um dado período histórico (Foucault, 2022,p.364-365). Dito isto, seguiremos nesta seção com mais considerações teóricas acerca deste mecanismo que nos é de suma importância.

Ainda no desejo de compreender a constituição do dispositivo de abandono paterno e, levando-se em consideração o discutido no capítulo anterior, seguimos com o trabalho de um "intelectual cartógrafo", descrito por Albuquerque Júnior (2017), a fim de seguir na descrição das linhas que configuram este dispositivo. Fazendo referência ao pensamento expresso por Prado e Teti (2013), compreendemos que a cartografia de um dispositivo diz sobre a análise dos movimentos que recaem sobre o eixo metodológico proposto por Foucault que diz acerca do saber, do poder e da subjetividade.

Gilles Deleuze (1996), autor que se desdobrou nos estudos sobre o dispositivo, definiu-o como:

um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras (Deleuze, 1996, p.01).

A descrição apontada por Deleuze (1996) ancora-se na definição apresentada por Foucault (2022), no que tange as multiplicidades dos elementos que constituem um dispositivo, de modo que estes componentes envolvem-se de maneira a aproximar-se ou afastar-se uns dos outros.

Por sua vez, as linhas do dispositivo, por serem de "natureza diferente", "podem ser quebradas", podem "estar sujeitas a variações de direção", podendo ainda estar "submetidas a derivação" (Deleuze, 1996, p.01). O autor ainda expressa que os objetos, sujeitos e forças presentes ao redor destas linhas podem agir como "vetores ou tensores", agindo em relação a

tríade - saber, poder, subjetividade- tecida por Foucault. Neste mesmo contexto, pode-se observar que estas linhas encadeiam-se e destacam-se umas das outras.

Acerca da compreensão das linhas de um dispositivo, Deleuze (1996) discorre:

Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de «trabalho de terreno». É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas; estas não se detêm apenas na composição de um dispositivo, mas atravessam-no, conduzem-no, do norte ao sul, de este a oeste, em diagonal (Deleuze, 1996, p.01).

Com o intuito desemaranhar as linhas e tecer uma cartografia do dispositivo de abandono paterno, reiteramos o trabalho do "intelectual cartógrafo" que além de tecer relações, descreve as minhas que constituem esse objeto. Todavia, para que este gesto metodológico seja desenvolvido, é necessário compreender quais são as grandes dimensões que englobam este mecanismo.

Deleuze apresenta como as duas primeiras dimensões de um dispositivo, aquilo que compreendemos como curvas de *visibilidade* e curvas de *enunciação*, diante destas dimensões é que o autor se refere ao dispositivo como “máquinas de Raymond Roussel, máquinas de fazer ver e de fazer falar” (Deleuze, 1996, p.01).

Dessa maneira, para que um dispositivo possua visibilidade, há "linhas de luz" que "formam figuras variáveis" de maneira que "cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe” (Deleuze, 1996, p.01). Observa-se ainda que para que haja uma historicidade de um dispositivo é necessário que haja o regime de visibilidade, que traz a vista e propaga as estratégias que existem dentro de dado dispositivo.

Para além dos regimes de visibilidade, o dispositivo inscreve-se na ordem dos regimes do enunciado, uma vez que estes remetem a linha de enunciação que, de acordo com Deleuze (1996, p.01) se movem de modo a distribuir diferentes configurações dos elementos que os compõem. As linhas do dispositivo são propriamente enunciadas e partilham variáveis que definem diversos elementos como a ciência, a literatura e afins e são por meio destes regimes de enunciação que estes componentes são originados, ou seja, “não são objetos, nem sujeitos” mas é através do “visível”, do “enunciável”, de suas “derivações e “transformações” que os regimes se estabelecem (Deleuze, 1996, p.01).

Para além das linhas de visibilidade e enunciação, um dispositivo comporta em si as linhas de força que, de acordo com Deleuze (1996), deslocam-se de um ponto a outro dentro das outras duas linhas supracitadas, de modo a cobrir os trajetos e retificarem estas linhas, uma vez que "não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha" (Deleuze, 1996, p.01). Ou seja, é por meio das linhas de força que sustentam-se os demais campos e perpassam sobre eles de maneira que estes estão totalmente enredados, isto é, estão unidos e presentes em todos os lugares, assim como o poder.

Para Deleuze (1996, p.02), "o poder é a terceira dimensão do espaço, interior ao dispositivo, variável com os dispositivos", tal afirmação faz referência a perspectiva foucaultiana acerca do poder, uma vez que "o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares" (Foucault, 2020, p.101), isto significa que as linhas de força inserem-se e deslocam-se dentro das demais linhas do dispositivo assim como o poder, tecendo ligações entre elementos de um ponto a outro de forma a responder às urgências as quais tal mecanismo responde.

Prosseguindo na conceitual sobre as linhas do dispositivo, deparamo-nos com as linhas de *subjetivação*, que dizem respeito a um processo de produção da subjetividade de um sujeito dentro de um determinado dispositivo. Desta maneira, as linhas de subjetivação estão, de acordo com Deleuze (1996.p.02), na "dimensão do si próprio", é um processo de "individuação" de um determinado grupo ou de pessoas e que por vezes podem se escapar das forças estabelecidas dentro de um dado dispositivo. Além disso, as produções de subjetividade se dão por meio das relações de poder e de saber, gerando formações subjetivas e que saem de um dispositivo a outro interligando-se (Deleuze, 1996, p.03).

Realizando um apanhado geral da conceitual disposta acima, observa-se que o dispositivo é composto por diversas linhas, como a de visibilidade, enunciação, força e subjetivação, que se interligam e geram conexões entre elas dentro de um dispositivo, tais linhas sustentam esta trama heterogênea.

Por sua vez, Deleuze (1996, p.04) afirma ainda que o dispositivo na perspectiva foucaultiana é definida por sua "criatividade" e "novidade", pelo fato de poder se transformar e modificar-se, estabelecendo estratégias de acordo com as medidas de suas respectivas linhas até romper-se e conectar-se a outro dispositivo, como observamos anteriormente com os casos dos dispositivos de maternidade, paternidade e patriarcado que, possuem suas linhas interiores, porém, estabelecem meios de se interligarem durante a dispersão histórica.

Deleuze (1996, p.04), complementa seu pensamento afirmando que "pertencemos a dispositivos e neles agimos", uma vez que este é sempre atual, ou seja, estamos a todo

momento inseridos nas conexões geradas por um dispositivo, e são através das linhas apresentadas acima que compreendemos o que é visível, dizível e quais as relações de poder que agem de modo a gerarem os processos de subjetivação de diferentes sujeitos que ocupam diversas posições.

Conforme o descrito acima, pode-se observar estes elementos presentes dentro do dispositivo de abandono paterno, uma vez que este além de ser composto por diversos elementos que funcionam como engrenagens dentro desta máquina, tais elementos podem ser compreendidos como as linhas acima apresentadas.

Ao referirmo-nos às linhas de visibilidade e enunciação, compreendemos que estas linhas trazem luz àquilo que é visto e enunciado acerca do dispositivo de abandono paterno, traz a clareza para os discursos e intuições que o reverberam, como exemplo, para que hoje pudéssemos discutir acerca deste tema, foi necessário que em determinado momento histórico as linhas de visibilidade trouxessem luz as altas taxas de desamparo paterno aos seus filhos, conforme veremos nas seções a seguir. E, a partir das luzes que recaíram sobre estas relações foi possível emergir os mais diversos discursos, leis, regulamentos e estratégias para combater ou agir em ressonância a este dispositivo.

Por meio das relações tecidas entre as duas primeiras linhas, é possível compreender as linhas de força que, de certa forma, as sustentam, pois a todo momento cruzam diversos elementos dentro destas relações. A compreensão das linhas de força no dispositivo de abandono paterno fica visível nas práticas relacionadas aos exercícios da maternidade e da paternidade, uma vez que os trajetos compreendidos nestas relações os conduzem a constantes batalhas, a cunho de exemplificação, observa-se os imperativos vigentes acerca da paternidade se tornar facultativa e recair sobre a mãe a constante abrangência das demandas geradas pelos filhos. Dentro desta relação tecida entre pai- mãe- filhos, é notória as relações de poder, que abrangem espaços e demarcam as posições destes sujeitos.

Por sua vez, consideramos as linhas de subjetivação à medida que dizem a respeito da produção de subjetividade de sujeitos por meio deste dispositivo. Ou seja, são por meio das relações de poder e saber que reverberam dentro do dispositivo de abandono paterno que as subjetividades de mães solo, filhos abandonados e dos próprios genitores são produzidas. Acerca da subjetividade dos sujeitos inseridos dentro deste dispositivo, analisaremos de maneira mais criteriosa no capítulo 3 deste estudo.

Ao discorrermos a respeito da conceituação do que se compreende sobre dispositivo, daremos continuidade a cartografia do dispositivo de abandono paterno, tais concepções aqui apresentadas serão de suma importância para as demais seções que serão dispostas a seguir.

Nos itens 2.2, 2.3 e no capítulo 3, abordaremos as especificidades aqui apresentadas, tecendo relações com o dispositivo aqui estudado, dessa forma, esta discussão teórica nos norteará nesta cartografia.

2.2 Constituição Federal de 1988, Lei 8.560/1992: a garantia do reconhecimento a paternidade.

“[...] Entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder uma urgência”

(Foucault, 2022, p.365)

Conforme expresso anteriormente, o dispositivo de abandono paterno, assim como outros, são compostos de diversos elementos heterogêneos que, ao interligarem-se constituem o que compreendemos como dispositivo. Partindo desta premissa, no item 2.2, buscaremos compreender as minúcias que reverberam em torno desta rede, especialmente, no que diz respeito ao reconhecimento da paternidade.

Para que possamos compreender quais as especificações das leis que propomo-nos a analisar nesta unidade, é necessário retornarmos a análise tecida no item 1.1, que refere-se ao Código Civil de 1916¹⁴, que era tido como o principal documento que orientava os cidadãos brasileiros em meados do século XX, o qual dizia respeito às condutas de homens, mulheres e principalmente, tecia considerações acerca dos direitos das famílias.

O Código Civil de 1916, além de traçar imperativos que permeavam o âmbito da maternidade e da paternidade, dizia respeito, também, às condições de reconhecimento de filhos, uma vez que os filhos, até então, somente eram reconhecidos como legítimos a medida que fossem concebidos dentro de um casamento considerado legítimo perante a sociedade. Tais práticas acerca do reconhecimento da legitimidade a filiação de um determinado sujeito surtiram efeitos na sociedade, o que poderemos observar a partir da implantação da Constituição Federal de 1988.

A Constituição Federal de 1988 é conhecida como a "Constituição Cidadã", pois surge no intuito de reconstruir a democracia brasileira após anos dentro de um período de ditadura militar. Um dos principais marcos deste documento são a garantia de deveres e direitos sociais aos cidadãos brasileiros, dentre eles a saúde, a educação, a garantia de liberdade política e a igualdade (Brasil, 2018).

¹⁴ Conforme especificado no capítulo 1, o Código Civil de 1916 foi instituído pela Lei nº 3.071 de 1º de janeiro de 1916, conforme o projeto elaborado pelo jurista Clóvis Beviláqua e foi sancionada no governo de Venceslau Brás, entrando em vigor em 1917 (Brasil, 2024). Em sua composição há duas partes: parte geral e parte especial, além de conter 1.807 artigos, que dizem respeito aos bens, aos fatos jurídicos, às sucessões, e ao direito da família.

Embora não possua uma seção ou artigos que especificamente o reconhecimento da paternidade, a Constituição Federal de 1988 traz consigo artigos que dizem sobre a natureza da família e suas respectivas atribuições, o que certamente interliga-se às demandas do dispositivo de abandono paterno, pois a instituição familiar pode ser um considerada um de seus elementos heterogêneos constituintes.

A seguir, observe a série enunciativa 2, composta por enunciados recortados da Constituição Federal de 1988.

Série Enunciativa 2- Constituição Federal de 1988

I- Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

II-§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

III- § 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por

IV- Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

V- Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

A série enunciativa disposta acima, foi recortada a partir das leituras realizadas acerca do documento em questão, onde gesto metodológico recaiu sobre as temáticas que envolvem as questões familiares, uma vez que esta é uma das instituições de suma importância dentro do dispositivo de abandono paterno.

Os artigos 226 , 227 e 229 da Constituição Federal de 1988, encontram-se no capítulo VIII, que compreende os domínios relacionados à família, à criança, ao adolescente e ao idoso, deste modo, engloba-se sujeitos que conseqüentemente inserem-se dentro do dispositivo de abandono paterno. Assim sendo, os enunciados que compõem a SE¹⁵-2 envolvem atribuição relacionada a estes sujeitos.

A fim de tecermos uma análise discursiva dos recortes selecionados, partiremos do acontecimento discursivo que permitiu a emergência destes enunciados (Foucault, 2020). Conforme a apresentação supracitada, o referido documento foi um marco para a sociedade brasileira, ascendendo-se em um momento de mudanças e conquistas de direitos aos cidadãos.

¹⁵ SE- a sigla refere-se ao termo “série enunciativa”

Por sua vez, este acontecimento fez com que emergisse enunciados diversos e, compreendemos este conceito como “um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar completamente” (Foucault, 2020, p. 34).

Ao realizarmos um apanhado geral dos enunciados presentes no recorte, observamos que ambos se referem a discursos que remontam às especificidades da instituição familiar, visto que, de acordo com o enunciado *I- Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado*, a sociedade tem por base a família, que recebe assim proteção estatal. E o que compreende-se como família a partir do documento é que esta é composta por qualquer um dos pais e seus respectivos descendentes, conforme expresso no enunciado *II-§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes*.

No decorrer do recorte, observamos que os princípios de dignidade e a seguridade dos principais direitos desse sujeito são de dever do Estado e da família proverem, conforme os enunciados III e IV. Analisando estes enunciados remetem-nos ao que foi expresso no capítulo 1, acerca da atribuição dos pais a boa criação de sua prole, trazendo a tona o discurso acerca do exercício da parentalidade, desde modo podemos dizer que conforme expresso por Foucault (2020, p.30) "todo discurso manifesto repousaria sobre um já -dito". Assim sendo, a Constituição Federal de 1988, retoma discursos, materializados por enunciados, que outrora emergiram na sociedade, retornando ao que Foucault (2020) afirma que o enunciado sempre supõe outros enunciados.

Por sua vez, o documento além de trazer as atribuições dos genitores em relação a seus descendentes, suscita também um dever dos filhos em relação aos pais, como pode ser observado no enunciado *V- Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade*. Todavia, este enunciado remete a uma contradição discursiva quando abordamos as linhas que interligam o dispositivo de abandono paterno, uma vez que embora esteja expresso como uma “dever” do pai exercer e prover a sua prole uma subsistência para, ele o deixa de cumprir, abrindo margem para que no futuro este filho deixe de cumprir com as suas respectivas atribuições referentes ao pai.

Por meio desses enunciados, podemos verificar as linhas de visibilidade, enunciação e força do dispositivo de abandono paterno, visto que por meio da luz que este objeto recebeu em determinado período de tempo foi possível emergir estes enunciados acerca da seguridade da qualidade de vida e do cuidado dos sujeitos dentro a instituição, no entanto, observa-se as

linhas de força relacionadas ao poder, em que o genitor deixa de cumprir seu papel, recaindo a mãe suas demandas ou simplesmente negligencia as necessidades de seus descendentes.

Todavia, mesmo que o maior documento legislativo brasileiro ressalta a importância da proteção da família e de seus respectivos membros, ainda não havia um documento propriamente dito que trata-se acerca do tema, foi então que no ano de 1992 foi sancionada a Lei 8.560, que dispõe acerca do reconhecimento a paternidade de filhos nascidos fora do casamento e os trâmites que os permeiam.

A SE 3, a ser analisada a seguir, foi retirada desta lei.

Série Enunciativa 3- LEI Nº 8.560, DE 29 DE DEZEMBRO DE 1992.

I-Regula a investigação de paternidade dos filhos havidos fora do casamento e dá outras providências.

II- Art. 1º O reconhecimento dos filhos havidos fora do casamento é irrevogável e será feito: I - no registro de nascimento; II - por escritura pública ou escrito particular, a ser arquivado em cartório; III - por testamento, ainda que incidentalmente manifestado; IV - por manifestação expressa e direta perante o juiz, ainda que o reconhecimento não haja sido o objeto único e principal do ato que o contém.

III- Art. 2º Em registro de nascimento de menor apenas com a maternidade estabelecida, o oficial remeterá ao juiz certidão integral do registro e o nome e prenome, profissão, identidade e residência do suposto pai, a fim de ser averiguada oficiosamente a procedência da alegação.

IV- § 1º O juiz, sempre que possível, ouvirá a mãe sobre a paternidade alegada e mandará, em qualquer caso, notificar o suposto pai, independente de seu estado civil, para que se manifeste sobre a paternidade que lhe é atribuída.

V § 2º O juiz, quando entender necessário, determinará que a diligência seja realizada em segredo de justiça.

VI-§ 3º No caso do suposto pai confirmar expressamente a paternidade, será lavrado termo de reconhecimento e remetida certidão ao oficial do registro, para a devida averbação.

VII- § 4º Se o suposto pai não atender no prazo de trinta dias, a notificação judicial, ou negar a alegada paternidade, o juiz remeterá os autos ao representante do Ministério Público para que intente, havendo elementos suficientes, a ação de investigação de paternidade.

VIII§ 5º A iniciativa conferida ao Ministério não impede a quem tenha legítimo interesse de intentar investigação, visando a obter o pretendido reconhecimento da paternidade.

Os enunciados presentes nesta série, foram recortados e organizados de maneira temática a adequar-se a discussão realizada até o presente momento, conforme exposto anteriormente a Lei 8.560/92 e conforme o enunciado 1 ela “*regula a investigação de paternidade dos filhos havidos fora do casamento e dá outras providências*”, visto que como disposto acerca do Código Civil de 1916, a legitimidade dos filhos era ditada a partir da legitimidade do casamento, o que outrora abria parâmetros para a prática de não

reconhecimento de paternidade nos documentos, promovendo assim o discurso sobre o abandono paterno.

O artigo 1º, expresso no enunciado II, aborda os procedimentos a serem realizados para que haja o reconhecimento de maneira acordada e espontânea entre os referidos genitores da criança. Já o artigo 2º e seus respectivos parágrafos, expressos pelos enunciados III, IV, V,VI,VII e VIII, abordam os processos quando se envolve o poder judicial para que se possa alcançar esse reconhecimento.

Tais elementos presentes nos enunciados, fazem referência a mais um elemento que constitui o dispositivo de abandono paterno, o aparato jurídico, ou seja, em um determinado período, o que podemos compreender aqui como o surgimento das leis que amparam o reconhecimento a paternidade, para que respondessem a urgência acerca das crescentes estatísticas sobre a falta de reconhecimento a paternidade.

Ainda em observância aos enunciados dispostos e a constituição do dispositivo, nota-se as ressonâncias geradas entre o dispositivo jurídico e o de abandono paterno, visto que estabelecem-se estratégias de “combate” entre ambos, entretanto, com todo este aparato, com os mecanismos, ainda nota-se os crescentes casos.

Mediante a prevalência das crescentes estatísticas, o dispositivo jurídico, dotado de seus elementos heterogêneos e a sua função de responder a uma urgência, pôde recriar-se e refazer novas estratégias de combate, conforme observamos no item 2.3.

2.3 Censo Escolar de 2011 e o Programa Pai Presente: 5,5 milhões de filhos sem o nome do pai e as estratégias desenvolvidas pelo dispositivo de segurança.

“O reconhecimento que todo filho espera”
(Brasil, 2015)

Conforme apresentado anteriormente, o dispositivo jurídico estabelece relações com o dispositivo de abandono paterno, de modo a gerar estratégias e a interrelação entre estes elementos. A seguir, seguiremos compreendendo acerca do funcionamento deste dispositivo.

Diante das crescentes estatísticas e dos prejuízos que o abandono paterno vem causando aos envolvidos, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) desenvolveu o Programa Pai Presente, que possibilita o reconhecimento da paternidade, a fim de regularizar os vínculos familiares, mesmo que tardiamente, visto que este é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 no artigo 226, § 7º, e que não vem sendo assegurado a todos da mesma maneira. Desta forma, a falta do nome do genitor masculino nos documentos pessoais gera prejuízos permanentes ao indivíduo durante a sua vida.

O Programa Pai Presente teve início a partir do Provimento nº 12¹⁶ que foi publicado em 06 de agosto de 2010 pela Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), e busca o cumprimento do direito constitucional supracitado e também a Lei n. 8.560/1992¹⁷. Tal documento registra as normas que garantem o reconhecimento da paternidade em parceria com os cartórios especializados de todo o país, além de prever também as normativas para que os juízes permitam os processos de investigação de paternidade.

Desde a publicação do provimento e o início da campanha, foram realizados mais de 170 mil reconhecimentos de paternidade em todo o Brasil em parceria com Cartórios de Registro Civil e Tribunais de Justiça, e ambos fornecem o apoio em todos os trâmites necessários, de forma gratuita, mediante a inscrição prévia tanto dos filhos quanto dos supostos pais, o que inclui o exame de DNA quando necessário.

Mediante as conceituações acima, esta seção tem o intuito de realizar um diagnóstico do presente, para tanto, partimos dos enunciados presentes na Campanha Pai Presente do Conselho Nacional de Justiça, e atrelando-se aos estudos foucaultianos, podemos os observar como o arquivo desta pesquisa, uma vez que o mesmo age como um sistema que permite o aparecimento de enunciados por meio de acontecimentos singular (Foucault, 2020, p. 158), ou

¹⁶ Para ler na íntegra o Provimento nº 12/ 2010 acesse: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1302> . Acesso em 21. Jan. 2023

¹⁷ Para ler o texto da Lei n. 8.560/1992 na íntegra acesse: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8560.htm Acesso em 21.Jan. 2023.

seja, por meio dos documentos que regem a campanha institucional se possibilitou a emergência de outros acontecimentos discursivos singulares e que possuem uma regularidade em meio a dispersão dos enunciados, conforme Foucault (2020).

Para nortearmos a presente análise, observamos o Censo Escolar de 2011 enquanto um acontecimento discursivo, em que por meio dele foi possível se observar a crescente porcentagem de crianças em idade escolar sem o nome do pai em suas certidões. No período em questão, o número aproximado era de 5,5 milhões. Em resposta a esse acontecimento, a Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça publicou o Provimento n. 12 de 2010 como forma de rever os casos onde a paternidade era omissa e promover as condições necessárias para que o reconhecimento fosse efetivado.

Observando este cenário, podemos notar a emergência de diversos enunciados de diferentes materialidades que englobam diferentes instituições produtoras de discursos e nos leva a indagação acerca da formação destes enunciados. Na Arqueologia do Saber (2020), Foucault apresenta o enunciado como um acontecimento que não é esgotado completamente (Foucault, 2020, p. 34). O enunciado também é dotado de uma materialidade para que de fato possa tomar forma, essa materialidade pode ser definida de forma linguística ou imagética, além de necessitar de um local e uma data para marcar a sua existência.

Mediante ao *corpus* de análise desta seção, podemos notar a multiplicidade dos enunciados, uma vez que possuem materialidades linguísticas, imagéticas ou até mesmo as duas modalidades, além de possuírem diversos suportes de divulgação. Aqui nos atemos ao suporte midiático, mais especificamente à internet, e estes enunciados são datados de diferentes momentos da história, mostrando assim a regularidade a qual é constitutiva do enunciado e que dele não se dissocia (Foucault, 2020).

Nos Estudos Discursivos Foucaultianos, ao se pensar em enunciado, automaticamente se remete ao conceito discurso e que pode ser definido como um conjunto de enunciados produzidos em meio a uma dispersão (Fernandes, 2008, p. 16-17), assim, o discurso é constituído por enunciados que possuem uma regularidade e interligam uma infinidade de outros discursos, exemplificando a máxima de Foucault que apresenta o discurso como “um nó em uma rede”. Portanto, ao nos remetemos ao conceito de discurso, pode-se perceber a rede discursiva que se forma ao nos referirmos à Campanha Pai Presente, interligando diversas instituições produtoras de discurso tais como a justiça, a escola e a família.

Todavia, para que possamos utilizar a arqueogenealogia foucaultiana como uma ferramenta de análise das relações de saber-poder que emergem por meio das práticas discursivas, nos apoiaremos nos pressupostos de Navarro (2020, p. 18), onde, primeiramente,

isolaremos os acontecimentos discursivos acerca do reconhecimento da paternidade e os relacionaremos à possíveis enunciados a serem selecionados. Mais adiante, selecionaremos e organizaremos em séries enunciativas estes enunciados que constituem o *corpus*, ou seja, os recortes da cartilha do pai presente e os *banners* de divulgação dos demais mutirões de reconhecimento, buscando compreender como tais séries se constituíram e produziram significados.

E, através das séries enunciativas, temos como objetivo compreender como os discursos que os permeiam se constituem e agem na objetivação e na subjetivação do sujeito filho abandonado que busca o reconhecimento de sua paternidade. Deste modo, a partir deste percurso metodológico apresentado, conseguiremos pensar a partir da premissa de Foucault ao se questionar como apareceu determinado discurso sobre o reconhecimento da paternidade e não outro em seu lugar?

A partir da descrição dos acontecimentos discursivos buscaremos, também, observar como o dispositivo jurídico age em relação ao dispositivo de abandono paterno, pois como afirma Foucault (2021) ele busca responder a uma urgência, aqui podemos tomar como “urgência” a crescente estatística apresentada pelo Censo Escolar de 2011.

O Programa Pai Presente possibilitou o reconhecimento à paternidade a mais de 170 mil filhos nos últimos anos, de acordo com estimativas presentes no site da ARPEN-BRASIL (2023). A partir da criação da campanha, a Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça se dedicou a alinhar os trâmites de forma a regular os cartórios aptos para realização do reconhecimento voluntário e indicar aos juízes os trâmites a serem realizados no meio do processo caso ele avance para o âmbito jurídico.

O Conselho Nacional de Justiça, após as aprovações das leis e provimentos permitindo a existência da campanha, se empenhou em divulgar e regulamentar as suas ações, dando às diversas comarcas presentes no país a autonomia para organização e aplicação do movimento de acordo com as necessidades da localidade. Para divulgar os primeiros resultados e estimular a participação da população, foi publicada a *Cartilha do Pai Presente e Certidões*¹⁸, documento este que se encontra disponível no site do CNJ para acesso ao público em geral.

A Cartilha do Pai Presente foi publicada em sua segunda edição no ano de 2015 e traz consigo os dados promissores da campanha e coloca em visibilidade a importância do reconhecimento da paternidade. Em sua composição, há explicações jurídicas, estatísticas, e

¹⁸ Para ter acesso a Cartilha Pai Presente na íntegra acesse <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf> Acesso em 20 Jan 2023.

como complemento ao conteúdo da cartilha, o CNJ dispõe uma sequência de recortes de depoimentos de filhos que foram atendidos pelo programa e de jogadores de futebol que estavam em ascensão na carreira no referido período, nomes como o de Tite, Fred, Romarinho, Obina e outros são dispostos na cartilha e também durante as campanhas de divulgação na rede de televisão e internet.

A série enunciativa a seguir é composta por três enunciados presentes no documento supracitado:

Série enunciativa 4- Cartilha Pai Presente

1)



Figura 4- Capa da Cartilha Pai Presente.

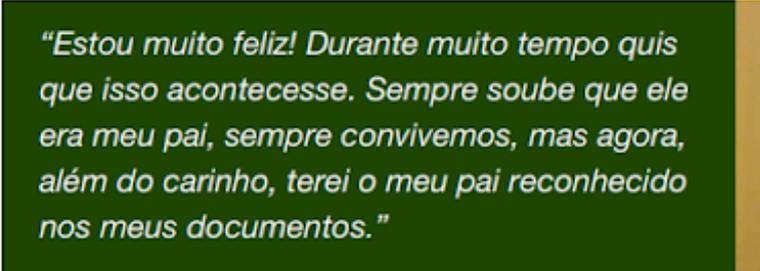
2)

“Nosso maior exemplo é nosso pai. O pai é importante no desempenho do filho em toda sua vida, é tudo para qualquer criança, para qualquer filho.”

Obina, atacante do Palmeiras

Figura 5- Recorte de depoimento da Cartilha Pai Presente.

3)



“Estou muito feliz! Durante muito tempo quis que isso acontecesse. Sempre soube que ele era meu pai, sempre convivemos, mas agora, além do carinho, terei o meu pai reconhecido nos meus documentos.”

Figura 6- Recorte de depoimento da Cartilha Pai Presente.

A primeira série enunciativa acima disposta, é composta de três enunciados proferidos por diferentes sujeitos que ocupam diferentes posições e para iniciar esta análise partiremos do enunciado 1, mais especificamente o trecho *“O reconhecimento que todo filho espera”*. Esta afirmação aparece com regularidade durante toda a campanha, não limitando apenas a cartilha, tornando-se o *slogan* empregado em todas as materialidades midiáticas que relacionam a divulgação.

Nessa perspectiva, tomamos este enunciado como algo que “circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (Foucault, 2020, p. 128), uma vez que é utilizado de diferentes maneiras e entra na ordem de contestações do Conselho Nacional de Justiça, pois afirma e reafirma que o reconhecimento da paternidade é o que o sujeito filho espera.

Ainda a respeito da materialidade desse enunciado, pode-se observá-lo enquanto “um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem” (Foucault, 2020, p. 128), pois ele não aparece somente na capa da cartilha acompanhado da foto de um pai e filho, mas é reutilizado em outras materialidades com outras disposições e elementos, afirmando o que é expresso por Foucault. Ao colocar o enunciado *“o reconhecimento que todo filho espera”*, o Conselho Nacional de Justiça tenta colocar na mesma medida o desejo de todos os sujeitos abandonados no país, o que nos leva ao questionamento se, de fato, isso é um desejo comum.

O enunciado 2 é um recorte de uma série de depoimentos de jogadores de futebol que participam da campanha com o intuito de fazerem uso de suas posições de sujeito em visibilidade e trazerem a atenção de espectadores para a campanha, de modo a agregar outros participantes e aumentar os índices de reconhecimento da paternidade. A partir deste

enunciado, podemos observar o que Foucault (2020) nos aponta acerca da regularidade dos enunciados, uma vez que em toda a cartilha os enunciados produzidos pelos sujeitos jogadores colocam o papel do pai como algo de suma importância para o desenvolvimento do filho, observa-se no trecho *“nosso maior exemplo é nosso pai”*.

Ao nos remetermos ao campo associado deste enunciado, podemos retomar outros enunciados que tomaram grandes visibilidades e se associam a este, um exemplo foi a declaração do General Hamilton Mourão (ex-vice presidente da república) quando afirmou que *“Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”*. Esta associação nos é permitida pelo fato de que *“um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”* (Foucault, 2020, p.118). Para além destes enunciados, é possível notar o fato da exaltação e da importância do nome do pai na certidão nascimento, como se fosse o único desejo do sujeito, no entanto, no decorrer da cartilha poucas são as ocorrências de enunciados proferidos por sujeitos filhos. No capítulo 3, apresentaremos uma discussão mais detalhada acerca deste enunciado detalhado, desta vez, na perspectiva dos sujeitos entrevistados.

Embora seja uma campanha voltada para o reconhecimento de paternidade, poucas são as ocorrências de relatos de filhos nos materiais de divulgação, o enunciado 3 é um recorte do depoimento de uma filha que participou do programa e obteve a sua paternidade reconhecida tardiamente e de forma voluntária, sem precisar entrar em processo de investigação judicial, uma vez que este sujeito que ocupa o lugar de filha afirma *“sempre soube que ele era meu pai, sempre convivemos”*.

Ainda no enunciado 3, nota-se que este é um desejo desse sujeito, pois é expresso no trecho: *“Estou muito feliz! Durante muito tempo quis que isso acontecesse [...] terei o meu pai reconhecido nos meus documentos.”* No que tange aos estudos acerca da constituição do sujeito e de sua subjetividade, pode-se perceber que este sujeito é subjetivado como alguém que se encontra em estado de alegria, pois conseguiu a garantia de seu direito de reconhecimento assegurado em lei e que a partir da ação teria o nome do pai nos documentos e não somente o convívio dia após dia.

No entanto, esta é uma realidade que não se aplica a outros milhares de sujeitos que, embora possuam o nome do genitor na certidão de nascimento, convivem com a sua ausência durante a vida, e isso se ancora no fato de que o abandono paterno não se restringe a sua falta nos documentos. E o Conselho Nacional de Justiça define este abandono em três instâncias: o abandono material, intelectual e o afetivo, que foram discutidos anteriormente no capítulo 1 (Brasil,2015).

Portanto, ao descrevermos esta série enunciativa compreende-se a infinidade de discursos que permeiam o discurso no âmbito jurídico ao promover uma campanha para que haja a seguridade dos direitos previstos em lei para a população brasileira. Pode-se perceber também o discurso midiático por meio dos enunciados proferidos pelos jogadores de futebol, a fim de trazer maior visibilidade à campanha. Além disso, constata-se o discurso familiar e religioso ao apontar que o pai exerce a figura de exemplo para os seus e a sua ausência pode levar a sua família ao status de “desajustada” e, por fim, percebe o discurso que permeia o campo dos afetos no que tange o sentimentos dos filhos mediante ao abandono e ao reconhecimento.

Ainda sobre esta perspectiva, Prado Filho (2013, p. 88) aponta que “mais que propriamente discursos, interessa a Foucault a emergência histórica de temas e problemas em nossa cultura”, desta maneira, por meio dos escritos foucaultianos podemos observar a emergência dos enunciados acerca da campanha, que respondem a uma demanda histórica e social e que reverbera a sociedade brasileira há séculos, que é o abandono paterno. Assim, ao nos atentarmos às crescentes estatísticas sobre o abandono paterno vemos como respostas a emergência de enunciados que incentivem o reconhecimento da paternidade. Para além disso, é necessário “compreender por que e como se estabelecem relações entre os sujeitos e os acontecimentos discursivos, e as respostas podem levar ao entendimento sobre a sociedade atual” (Navarro, 2020, p. 17).

Conforme apresentado anteriormente, a Campanha Pai Presente é realizada em todo o país pelo Conselho Nacional de Justiça em parceria com Cartórios de Registro Civil e Tribunais de Justiça, e seguindo toda a organização das campanhas da instituição, a Campanha Pai Presente conta com um conjunto de materiais para a divulgação contendo cartazes, vídeos e planos de mídia, de modo a garantir às comarcas uma padronização com o material central.

No entanto, ao realizarmos o levantamento bibliográfico para este estudo, percebemos a regularidade de outros enunciados a respeito da campanha, recebendo outras nomenclaturas e imagens, mas seguindo toda a ação proposta pelo programa original, que é a facilitação do reconhecimento da paternidade. Dentre estes enunciados há a divulgação de mutirões realizados pelos tribunais de justiça a fim de alocar em determinados dias um processo que pode ser iniciado a qualquer momento do ano e trazer mais visibilidade.

Mediante a essa breve conceituação, apresentaremos a segunda série enunciativa para análise, composta por três *banners* de divulgação de campanhas espalhadas pelo país, ambas foram retiradas do Google Imagens:

Série enunciativa 5- Mutirões e propagandas

1)



Figura 7- Folder de campanha de divulgação- Ceará. Google Imagens.

2)



Figura 8- Folder de campanha de divulgação- Minas Gerais. Google Imagens.

3)



Figura 9- Folder de campanha de divulgação- São Paulo. Google Imagens.

Ao examinarmos os três enunciados que constituem a série enunciativa, é notória a multiplicidade presente em suas composições, uma vez que ambos estão divulgando a campanha de reconhecimento a paternidade, porém em estados diferentes e com condições de possibilidades diferentes conforme Foucault (2020).

O enunciado 1 faz parte do projeto “Meu Pai tem nome”, desenvolvido pelos órgãos competentes no estado do Ceará, especialmente pela Defensoria Pública, e seguindo os padrões estabelecidos pela Campanha Pai Presente, facilita o reconhecimento da paternidade mediante inscrições prévias ou propriamente no “Dia D da Defensoria”.

Ao observamos a singularidade do enunciado, é notória a regularidade com as materialidades do Conselho Nacional de Justiça, onde se utiliza da imagem de um filho em plena harmonia com seu pai e uma possível frase de efeito conforme consta no trecho: “*É um homem sábio o que conhece a seu (sua) próprio (a) filho (a)*”. Este trecho é uma paráfrase da citação do escritor William Shakespeare e que em sua tradução original é “*Sábio é o pai que conhece o seu próprio filho*”. Deste modo, ao observarmos a composição deste trecho do enunciado, retornamos ao pressuposto de Foucault ao dizer que o enunciado é “um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem” (Foucault, 2020, p. 128).

O enunciado 2 se refere a um *banner* de divulgação do “Mutirão do Direito a ter Pai” realizado pela Defensoria Pública de Minas Gerais e, como citado anteriormente, realiza as mesmas atividades propostas pelo Conselho Nacional de Justiça. A partir deste enunciado, pode-se perceber a relação com o campo associado, uma vez que “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (Foucault, 2020, p.119), isto fica exposto no trecho “+ 5 milhões de filhos e filhas esperam momentos como esse.”

Este trecho nos remete aos dados divulgados após o Censo Escolar de 2011, onde mais de 5,5 milhões de crianças em idade escolar não possuíam o nome do genitor masculino em suas certidões de nascimento e que se tornou o acontecimento discursivo para que hoje pudéssemos realizar uma análise crítica acerca do reconhecimento a paternidade em nosso país. Ainda sobre o campo associado, retorna-se ao enunciado “*o reconhecimento que todo filho espera*”, ao ser colocado que milhões de filhos aguardam tal momento, mais uma vez uma colocação que foi descrita por sujeitos que não ocupam o lugar de um sujeito abandonado, mas a posição de um representante jurídico.

Ainda no segundo enunciado, chama-nos a atenção a imagem escolhida para acompanhar o folder, um pai ensinando o filho a barbear-se. Observando a discussão até aqui já realizada nota-se que um pai ensinar o seu descendente, homem, remete a imagem do

aprendiz, do pai que segue a premissa de educar o filho da melhor maneira e repassar a ele os melhores ensinamentos (Badinter,1985) , conforme a discussão apresentada no capítulo 1. Além do discurso do aprendiz, é notória a presença do discurso acerca da virilidade, que mostra que o pai é quem deve ensinar ao filho os passos acerca da posição masculina na sociedade.

Partindo para o enunciado 3, trata-se de um *banner* de divulgação da campanha, no entanto, está disposto em frente a um Poupa Tempo na cidade de São Paulo e descreve o passo a passo que deve ser realizado para que o sujeito interessado realize a busca por seu genitor. Nesse enunciado, pode-se encontrar o uso regular de verbos no imperativo, tais como “*Encontre*” e “*Preencha*”, a fim de indicar uma ordem acerca do que deve ser feito para que o suposto pai seja encontrado.

Ao pensarmos no campo associado deste enunciado, logo vem à tona a referência ao gênero textual receita, pois seguindo passo a passo chega-se a resultado final, neste caso, se o interessado seguir o que foi estabelecido no enunciado chegar-se-á ao reconhecimento de sua paternidade, uma vez que como descrito no enunciado: “*É seu direito*” e é assegurado pelo artigo 226, § 7º, da Constituição Federal de 1988 e pela Lei 8.560/1992.

Portanto, ao descrevermos esta segunda série enunciativa, da seção, foi possível perceber como funciona o campo associado, pois nota-se a presença de enunciados que retomam outros enunciados e nos aponta para a infinidade de discursos que os permeiam, como o jurídico em relação às ações jurídicas e estatísticas acerca do reconhecimento a paternidade. Retoma-se, uma vez mais, o discurso familiar e do campo dos afetos ao colocar por meio de frases e imagens a figura do pai sempre em harmonia com os filhos e como sinal de exemplo para a formação da subjetividade e caráter desse sujeito.

Mediante a toda a discussão acima acerca das ações do Conselho Nacional de Justiça podemos perceber a ação do dispositivo jurídico, tomamos como dispositivo o que já foi definido nas seções anteriores, ou seja, uma conjunto heterogêneo que engloba os mais diversos elementos, de modo a estabelecer uma rede entre eles (Foucault, 2022, p. 364-365).

Analisando as ações do CNJ, dos Cartórios de Registro Civil e Defensorias Públicas, nota-se o conjunto de instituições, de leis, medidas administrativas e regulamentares que se estabelece em relação ao Programa Pai Presente, mostrando a ação do dispositivo jurídico, de modo a responder a uma urgência: a necessidade do reconhecimento a paternidade e que faz eco com a urgência presente no dispositivo de abandono paterno. Conforme Foucault (2022), o dispositivo age dentro de uma relação estratégica e aqui podemos notar a relação estratégica diante dos crescentes casos de abandono paterno conforme consta no Censo Escolar de 2011.

Observa-se também associação do dispositivo jurídico ao dispositivo de abandono paterno, uma vez que por meio do primeiro se pode viabilizar a ação do segundo e isto nos abre campos para discussões a serem realizadas posteriormente, no capítulo 3, acerca da temática em questão.

A partir do acontecimento discursivo “Censo Escolar de 2011” foi possível a emergência de inúmeros enunciados que respondem a esta urgência. Notamos também a vastidão de discursos que se interligam nesta rede discursiva trazendo a tona o que Foucault define ao dizer que “o discurso é um nó em uma rede”, e nesta rede se pode notar a presença de discursos advindos do campo jurídico, familiar, escolar, religioso e do campo dos afetos.

Portanto, concluímos que o Programa Pai Presente surge como resposta a uma demanda histórica, que é o abandono paterno, que ao longo dos anos modifica a vida de sujeitos, agindo em suas subjetividades, além de interligar instituições, leis e medidas regulamentares, de modo a se inserirem dentro do dispositivo jurídico.

Por fim, encerramos este capítulo com a discussão acerca do funcionamento do dispositivo de abandono paterno e tecendo a sua relação no que tange o dispositivo jurídico, uma vez que observamos ao longo das seções anteriores os mecanismos tecidos por um dispositivo para que se combata o outro, deixando em evidência as linhas de força apresentadas por Deleuze (1996) em que podemos ver as linhas dos dispositivos em relação, tecendo assim, a teia que compreende todos os elementos heterogêneos que os compõem.

A seguir, no capítulo 3, partiremos para as análises das entrevistas com filhos abandonados e mães solo, de modo a propiciar-nos uma reflexão acerca das ações deste dispositivo diante dos sujeitos que se inserem neste grupo.

CAPÍTULO 3

LUGARES DE PODER E RESISTÊNCIA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O último capítulo desta dissertação consistirá na análise das entrevistas, visando dar continuidade a cartografia do dispositivo de abandono paterno, agora, observando a perspectiva do sujeito denominado como abandonado e as respectivas mães-solo que foram afetadas pelas ações geradas por esse abandono, por meio das práticas de confissão e da experiência de si.

Em *3.1: Das entrevistas: considerações acerca da construção do processo metodológico*, discorreremos acerca da formulação metodológica do processo de entrevistas, a avaliação ética, a seleção de participantes e os trâmites, o respectivo ato de entrevistas, as transcrições e as análises das séries provenientes dos relatos dos participantes. Abordaremos como cada uma das etapas supracitadas constituem uma proposta teórico-metodológica de entrevistas à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos, que está sendo desenvolvida no grupo de orientações do Prof. Dr. Bruno Franceschini, orientador desta dissertação.

Adiante, no item *3.2 O sujeito e o abandono paterno*, teceremos considerações teóricas sobre o que diz respeito ao sujeito e as práticas que o constituem, além disso, nos subtópicos *3.2.1 A mãe solo e sua perspectiva sobre o abandono* e *3.2.2 O filho abandonado e a sua perspectiva sobre o abandono*, apresentaremos as séries enunciativas construídas a partir dos relatos presentes nas entrevistas, as quais seguirão um padrão temático a ser descrito nos tópicos supracitados.

Em seguida, no item *3.3 Os efeitos discursivos de verdade e a produção da subjetividade do sujeito abandonado*, discutiremos a respeito dos efeitos discursivos de verdade sobre o abandono paterno e a subjetividade do participante do processo de entrevistas, desta forma, continuaremos a trabalhar com as séries enunciativas anteriormente mencionadas.

Como amparo teórico-metodológico deste capítulo, seguiremos com os escritos de Michel Foucault, traremos também, a fim de fundamentar o processo de entrevistas, os escritos de Manzini (2008), Neto (2001) e outros autores que serão apresentados ao decorrer do texto.

3.1 Das entrevistas: considerações acerca da construção do processo metodológico

“[...] confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos.”

(Foucault, 2020, p.66).

Ao se pesquisar o termo “entrevista” no dicionário de Língua Portuguesa, nos deparamos com diversas correspondências, dentre elas a que se refere ao termo como um “encontro combinado” ou “conferência entre duas ou mais pessoas em um lugar previamente combinado”. De fato, o processo de entrevistas realizado nesta pesquisa possuiu em uma de suas etapas o encontro com os participantes, no entanto, este processo envolveu uma série de fases até que se chegasse de fato à interlocução entre a pesquisadora e os entrevistados. Desta forma, esta seção descreverá e discutirá, em uma perspectiva discursiva, os processos para a constituição da pesquisa.

Durante a estruturação do projeto que norteou a realização deste estudo, encontramos alguns pesquisadores que há anos se debruçam na busca da consolidação do uso de entrevistas nas pesquisas de cunho social, muitos são provenientes do campo da educação ou de outros eixos das ciências humanas, no entanto, poucas foram as pesquisas que se relacionavam à temática aos Estudos Discursivos Foucaultianos, e algumas das encontradas foram realizadas pelo grupo de pesquisa a qual fazemos parte, portanto, pensando no estado da arte, decidimos dar continuidade aos avanços já atingidos.

Ao trabalharmos com entrevistas, devemos ter em vista alguns pontos e Otávio Cruz Neto (2001) aponta em sua obra que antes de iniciarmos o procedimento investigativo é necessário ter delimitado o grupo a ser pesquisado, tal ação é definida pelo projeto de pesquisa, que já foi explanado ao longo dos capítulos anteriores. Após uma delimitação clara desta comunidade a ser pesquisada é necessário criar relações com a realidade, ou seja, após delimitarmos que o foco da investigação científica iria abranger mães solo e filhos abandonados, partimos para a criação de perguntas e formas de entrevistar que levassem em consideração o bem estar do participante, visando também o êxito em todo o processo.

Mas surge o questionamento: porque há necessidade de tantos detalhes e fases neste processo? As entrevistas não seriam apenas um momento de perguntas e respostas? A resposta a tais questionamentos é simples, pois, assim como um experimento científico realizado em um laboratório carece de protocolos, o processo de entrevistas também necessita de procedimentos protocolares, uma vez que de acordo com Neto (2001):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa desprentensiva e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (Neto, 2001, p.57).

Desta forma, a entrevista é vista como uma das ferramentas de coleta de dados mais utilizadas em pesquisas de campo, pois permite que o pesquisador encontre dados importantes por meio das falas dos denominados “atores sociais” (Neto, 2001), não reduzindo o processo apenas a conversas desprentensivas, mas utilizando as vivências destes sujeitos como materialidade de análise. Em concomitância a esta pesquisa, os “informes contidos” nos relatos das mães solo e dos filhos abandonados nos permitirão observar como se estabelecem as relações discursivas que permeiam o abandono paterno, além de nos auxiliarem na cartografia do dispositivo, pois trazem consigo situações de cunho individual e coletivo.

Nota-se a importância das entrevistas no trabalho de campo, principalmente nas ciências humanas, no entanto, sua realização diferencia-se de sua definição do dicionário, não se trata apenas de “conversas” ou “encontros marcados” com os participantes, para cada processo investigativo é necessário uma abordagem para que as hipóteses dispostas pelo pesquisador possam ser respondidas ou não. Como gesto metodológico, delimitamos esta pesquisa como qualitativa, pois ela “responde a questões muito particulares” e “com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (Minayo, 2001, p.21), ou seja, trabalhamos com um objeto que abrange uma infinidade de significações, valores e significações, o que torna inviável à sua redução a operações variáveis.

Dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, devemos observar o ciclo da pesquisa, pois conforme Minayo (2001):

[...] diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos *ciclo da pesquisa*, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações (Minayo, 2001, p. 25-26)

Nesta pesquisa, conforme já expresse anteriormente, partimos da hipótese de que o abandono paterno se constitui como um dispositivo que engloba diversas instituições produtoras de discursos, e tais discursos objetivam e subjetivam os denominados sujeitos

abandonados. A fim de responder a esta hipótese e as perguntas que emergiram a partir dela, começamos a formular o “ciclo da pesquisa”, formulando metodologicamente cada etapa, levando sempre em conta a produção do referencial foucaultiano de entrevistas.

Inicialmente, para reiterarmos o que outrora foi apresentado, trabalhamos com a organização do projeto e a definição do público alvo da pesquisa, então, definimos que os participantes das entrevistas seriam previamente selecionados, e, como critério de seleção, teríamos a faixa etária (maiores de 18 anos) e um diferencial era ser membro da comunidade acadêmica. Em decorrência aos critérios estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFCAT), detalhamos os critérios de inclusão conforme as normativas vigentes, no entanto, recortes raciais não foram considerados nos recortes de entrevistas pelo fato de não conseguirmos ter controle acerca do grupo que viria a se candidatar a participação no processo.

Em relação à estrutura das entrevistas, trabalhamos com a modalidade semi-estruturada, isto é, contendo questões norteadoras e, a partir de suas respostas, fluindo, foi-se estruturando um diálogo entre entrevistador e entrevistado. Partimos, também, da modalidade “tópica” (Neto, 2001, p. 58-59), onde o entrevistado apresentou a sua experiência frente ao abandono.

Observando a organização para a realização das entrevistas, analisamos, também, como se constitui a discursividade dos trâmites realizados com o comitê de ética em pesquisa, uma vez que para entrevistarmos os candidatos tivemos que nos submeter a uma avaliação de conduta da pesquisa. Deste modo, pensamos, também, na ética e na ordem do discurso que permite tais ações, o que será descrito nas etapas subsequentes deste texto em concomitância ao processo de análise, visto que a atuação ética fez-se presente ao longo de todo o ciclo de pesquisa.

A fim de pensarmos acerca do “ciclo de pesquisa” descrevemos abaixo todo o trajeto metodológico percorrido durante a pesquisa, onde, inicialmente, para a execução do projeto de pesquisa, trabalhamos com o levantamento bibliográfico, com enfoque nas obras advindas do pensamento foucaultiano, referências sobre os estudos de gênero e as diversas metodologias que envolvem a prática de entrevistas.

Como gesto metodológico, foram realizadas as leituras pertinentes às obras, bem como fichamentos e discussões em reuniões do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO /CNPQ) e o Grupo de Orientandos do Prof. Dr. Bruno Franceschini, e a troca de informações possibilitou, e ainda possibilita, uma organização acerca dos avanços

que já obtivemos durante o processo, as falhas e os possíveis pontos que ainda podemos aprimorar.

A partir do que já havia sido discutido e produzido, organizamos o projeto e as documentações necessárias e protocolamos a proposta das entrevistas e todos os demais procedimentos junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Seguimos a orientação do CEP e formulamos os documentos conforme as normativas previstas e que continham dados relevantes que descreveremos a seguir.

Para que pudéssemos selecionar um grupo a ser entrevistado, era necessário definir critérios de seleção, portanto, para que fossem elegíveis, era necessário que fossem mães solo ou filhos abandonados, com idade mínima de 18 anos e que residam, preferencialmente, no sudeste goiano. Cada grupo possui critérios específicos, no caso das mães: ser mãe solo, chefe de família ou não, e ter criado seu filho com ou sem ajuda do respectivo genitor. E no caso dos filhos: possuir ou não o nome do genitor na certidão de nascimento, e possuir ou não um contato com esse genitor. Um diferencial na seleção dos participantes seria a participação na comunidade acadêmica e serem residentes do sudeste goiano.

Não se encaixavam no perfil da pesquisa pessoas com menos de dezoito anos; pessoas que não conviveram com a realidade do abandono paterno. Também foram excluídas pessoas com algum tipo de vínculo socioafetivo com a pesquisadora responsável, a fim de evitar conflitos de interesses e possíveis constrangimentos a ambas as partes. Para além da descrição dos critérios de inclusão e exclusão, foi necessário observarmos, conforme a normativa do CEP/CONEP, os possíveis riscos e benefícios gerados durante a realização da pesquisa, neste sentido, abaixo descreveremos os pontos elencados.

Mediante as possibilidades de riscos mínimos, como o constrangimento, o participante teve total direito, no momento da entrevista, a negar resposta ou, ainda, desistir de sua participação na pesquisa. Se por algum motivo, durante a entrevista, o participante fosse intimidado e ameaçado por alguma questão, ou apresentasse sintomas de angústia ou ansiedade, a pesquisadora teria a responsabilidade de encaminhá-lo à unidade de saúde mais próxima, imediatamente, arcando com os custos necessários, incluindo o deslocamento.

Os benefícios da participação nesta pesquisa incluíram a divulgação de resultados obtidos por meio de publicações e comunicações orais em eventos científicos. Propomo-nos, com as divulgações, ampliar a reflexão teórico-crítica, inclusive dos entrevistados, sobre os discursos e as ações do dispositivo de abandono paterno, possibilitando uma aproximação do participante com as teorias trabalhadas e a sua relação com as questões que abordam a realidade social. E após a finalização desta pesquisa, serão disponibilizadas, aos participantes,

cópias digitais de todos os trabalhos em que constarão as entrevistas, além de um exemplar desta Dissertação defendida.

Para além dos riscos e benefícios e em concordância aos regulamentos que englobam as pesquisas com seres humanos na área das Ciências Humanas, presentes no Comitê de Ética em Pesquisa da UFCAT, optamos pela elaboração de questões norteadoras que compuseram o roteiro de entrevistas. As entrevistas foram na modalidade semi-estruturada, ou seja, seguiram as questões abaixo como norte, abrindo a possibilidade para outras respostas, com foco na vivência “tópica” (Neto, 2001), e nas opiniões dos participantes frente ao abandono paterno.

Para a realização das entrevistas, elaboramos as seguintes questões norteadoras:

Grupo 1: Mães	Grupo 2: Filhos
<p>1- Como você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho (a)?</p> <p>2- Qual foi a sua sensação ao ter que lidar com o abandono e com a criação de seu filho?</p> <p>3- Em algum momento da sua vida, você sofreu algum tipo de preconceito por ser mãe solo? Se sim, como esse preconceito se manifestou?</p> <p>4- Você possuiu alguma rede de apoio durante o percurso de criação de seu filho (a)? Se sim, como foi poder contar com essa rede?</p> <p>5- Por parte do seu filho(a) houve muitos questionamentos em relação a ausência do pai? Se sim, como você lidou com esses questionamentos?</p> <p>6- Qual a sua opinião frente a afirmação: <i>“Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”</i>, proferida pelo General Hamilton Mourão (ex-vice-presidente da República)?</p> <p>7- Em relação à área financeira, você recebeu pensão alimentícia por parte do genitor de seu filho(a)?</p> <p>8- Por fim, fazendo um balanço sobre a sua trajetória enquanto mãe solo, como você a definiria? Como você se vê na posição de mãe?</p>	<p>1- Como você se vê ou se sente frente ao abandono paterno?</p> <p>2- Você possui o nome do seu pai na certidão de nascimento? Se sim, você possui algum tipo de vínculo afetivo?</p> <p>3- Em algum momento de sua vida você passou por algum constrangimento pelo fato de ter sido abandonado por seu pai?</p> <p>4- Durante o seu desenvolvimento havia uma rede de apoio próximo a você e sua mãe? Se sim, qual é/foi a importância dessas pessoas em sua vida?</p> <p>5- Você já se sentiu prejudicado (a) pela falta do nome do seu genitor em seus documentos?</p> <p>6- Qual a sua opinião frente a afirmação: <i>“Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”</i>, proferida pelo General Hamilton Mourão (ex-vice-presidente da República)?</p> <p>7- Em seu período escolar, a ausência de seu genitor lhe causou constrangimentos?</p> <p>8- Por fim, fazendo uma retrospectiva sobre a sua a vida, o abandono paterno afetou a sua formação enquanto sujeito?</p>

Tabela 1: Perguntas norteadoras- Acervo pessoal

Em ambos os grupos de perguntas havia questões direcionadas ao grupo específico e questões de um núcleo geral, a fim de observarmos como cada grupo pesquisado observa as práticas acerca do abandono paterno. Ressaltamos ainda que todas as perguntas seguiram as bases do pensamento foucaultiano e que durante as suas respectivas análises, presentes nas seções subsequentes, apresentaremos como foram produzidas e organizadas de acordo com a teoria.

Para a realização do ciclo de pesquisa, priorizamos o uso das tecnologias para a realização das entrevistas com o intuito de abarcar mais participantes e facilitar o momento de encontro, portanto, com o auxílio do *Google Meet* tivemos o espaço tecnológico para realizar as interlocuções. E, a partir da autorização dos participantes, gravamos os diálogos com o propósito posterior de transcrever e analisar o material.

Para tal ação, submetemos a proposta ao CEP, com fornecimento dos documentos necessários, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), desenvolvido em meio eletrônico, disponível em links, via *Google Forms*, separados tanto para os filhos, quanto para as mães, bem como o formulário para inscrição dos interessados no projeto¹⁹.

Estes formulários foram produzidos com o objetivo de serem divulgados em meios digitais para a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e a comunidade em geral, preferencialmente, moradores do sudeste goiano, a fim de esclarecer o projeto e selecionar possíveis participantes.

Nessa primeira etapa, foi divulgado o Formulário de Participação na Pesquisa aos participantes da comunidade, via mídias sociais (*Instagram, Facebook, WhatsApp e Twitter*). O formulário foi constituído por uma breve apresentação da pesquisa (com dados relevantes, como o número de autenticação no projeto no CEP) e, mais adiante, havia uma segunda etapa para que o participante interessado pudesse preencher os dados como nome, telefone (opcional), e-mail, posição ocupada (mãe solo ou filho abandonado) e idade, a fim de obedecer os critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos. Neste formulário também foi consultada a possível disponibilidade de horário do participante para que sejam realizadas as entrevistas via *Google Meet*.

Mediante o preenchimento dos formulários, foi realizado um levantamento de oito possíveis participantes (sendo quatro mães e quatro filhos, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão) e realizado um contato via e-mail e telefone, para consolidar a sua participação. Em seguida, foi disponibilizado o TCLE para leitura e consentimento dos trâmites a serem realizados e uma cópia foi redirecionada ao participante via *Google Forms*,

¹⁹ Os documentos citados encontram-se, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

seguindo as instruções da Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a realização das entrevistas, foi acordado previamente com cada participante uma data e horário, de modo a seguirmos na modalidade semi-estruturada com as questões norteadoras que abrangem a percepção tópica do participante em relação ao abandono paterno.

A ideia inicial era que após as entrevistas, cada gravação fosse transcrita, no entanto, fizemos uso de ferramentas digitais para que as transcrições fossem feitas. Utilizamos o *Tactiq*, uma extensão do *Chat GPT*, que entrega as reuniões via *Google Meet* já transcritas. A partir do material já recebido, fizemos as correções, porque, pelo fato de tratar-se de uma ferramenta de Inteligência Artificial (IA), ainda não se consegue captar a voz humana com toda clareza, portanto, colocamos as transcrições dentro de regras para padronizar e permitir uma melhor compreensão ao longo das análises.

Mediante a apresentação inicial do processo metodológico em torno do processo de entrevistas, daremos início às análises propriamente ditas e apresentaremos ao longo deste capítulo como cada etapa contribuiu para o resultado que obtivemos, portanto, ressaltamos que retomaremos, ao longo das seções subsequentes, a elementos já expressos acima.

3.2 O sujeito e o abandono paterno

“Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa.”

(Foucault, 1995, p.232).

A fim de compreendermos a relação do sujeito abandonado com o dispositivo de abandono paterno, teceremos, neste item, considerações teóricas pertinentes aos conceitos supracitados na vertente dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Discorreremos, ainda, sobre o processo de seleção dos sujeitos que compuseram os grupos entrevistados. Para tanto, antes de adentrarmos propriamente nas análises das entrevistas, faz-se necessário traçar um norte teórico para que possamos observar o que se compreende como sujeito na perspectiva deste estudo.

Ao longo do percurso acadêmico de Michel Foucault, o autor desdobrou-se, em diferentes períodos de tempo, na construção de estudos que nos são muito caros na construção deste estudo, em sua obra *O sujeito e o Poder* (1995), o autor explicita que o seu objetivo ao longo de sua produção acadêmica “foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (Foucault, 1995, p.231).

Foucault (1995, p. 231) expõe ao longo de sua produção que seu trabalho ocupou-se de “três modos de objetivação” que caracterizam estes seres em sujeitos, visto que o sujeito diferencia-se do indivíduo, uma vez que este assume posições históricas que o tornam sujeito, e os modos apresentados pelo autor agem neste processo.

O primeiro modo apresentado é o "modo da investigação", que consiste na objetivação do sujeito por meio de elementos que englobam a ciência, ou seja, por meio da Gramática, da Filologia ou da Linguística. Ou ainda, uma objetivação pela produtividade, ou pelo simples fato de estarem vivos durante a história natural (Foucault, 1995, p.231).

O segundo modo de objetivação é denominado por Foucault como "práticas divisoras", que consistem na divisão do sujeito em duas partes, ou seja, "seu interior e em relação aos outros", gerando assim a sua objetivação (Foucault, 1995, p.231). Aqui, podemos relacionar aos sujeitos que entram na ordem do abandono paterno, ou seja, o sujeito é objetivado por discursos que emergem pelo fato de ter sido abandonado pelo pai, o que não ocorreria com um sujeito que possuiu a presença paterna ao longo de sua vida.

Por fim, o terceiro modo apresentado por Foucault, refere-se “ao modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito”, o autor expõe que escolheu o domínio da sexualidade para

observar essas relações, levando assim ao fato de que o sujeito veio a se tornar o tema geral da sua pesquisa (Foucault, 1995, p.232).

Foucault (1995, p.232) afirma ainda que, ao debruçar-se sobre os estudos acerca da temática observou-se que o "sujeito humano" ao ser colocado em relações de "produção" e "significação" eram igualmente colocados em relações de poder que de certa maneira eram consideradas muito complexas, e ambas instâncias forneciam, para Foucault, instrumentos que lhe permitiam observar as significações produzidas, diferentemente das relações de poder, que já foram apresentadas outrora neste trabalho.

Para dar prosseguimento a investigação, Foucault (1995, p.232) apresenta os "modos de pensar o poder com base nos modelos legais", ou seja, pensar de acordo com os modelos institucionais e o que legitimaria este poder que estava e ainda está em vigência na sociedade, desta maneira, as indagações que surgiram, levaram o autor a uma urgência e a verificação do que ele denominou de "necessidades conceituais" e "o tipo de realidade com a qual estamos lidando" (Foucault, 1995, p.232).

Sobre as necessidades conceituais, Foucault (1995, p.232) discorre ainda que, este tema deveria ser fundamentado numa teoria acerca do objeto, no entanto, este objeto não é o único critério para uma boa conceituação, o que nos leva à necessidade de conhecer as chamadas "condições históricas" que motivaram tal definição. O autor afirma ainda que é necessário uma "consciência histórica da situação presente" (Foucault, 1995, p.232).

De fato, compreender a situação histórica com que estamos lidando abre-nos precedente para entender as condições de emergência de discursos e quais as posições assumidas por este sujeito, percebam que ao longo desta pesquisa buscamos compreender as condições históricas acerca do abandono paterno, mais precisamente no capítulo 1, a fim de chegarmos a uma consciência de que a realidade atual foi uma construção composta de regularidades e dispersões ao longo da história e que permite-nos interpretar "a realidade com a qual estamos lidando" (Foucault, 1995, p.232).

Ao observar a realidade a qual estamos lidando ao longo deste estudo, chegamos à reflexão acerca da singularidade histórica do dispositivo de abandono paterno, entretanto, os seus mecanismos não são completamente originais, uma vez que "utilizam e expandem mecanismos já presentes na maioria das sociedades" (Foucault, 1995, p.232), o que conseguimos observar ao longo dos capítulos anteriores, ou seja, apesar dos mecanismos que lhes são constituintes há presença de elementos heterogêneos já presentes na sociedade, tal qual as práticas dos dispositivos de maternidade e o patriarcado.

A compreensão acerca destes termos e relações abre-nos precedentes para a realização das análises das lutas presentes no interior deste dispositivo, para tal ação, tomemos o que Foucault (1995, p.234) apresenta como "série de oposições" que foram desenvolvidas ao longo do tempo e que podemos compreender ao longo de nosso estudo. As lutas traçadas pelo autor definem-se em diversas instâncias, que questionam a transversalidade, o imediatismo e as suas razões (Foucault, 1995, p.234).

Todavia, o autor continua sua conceituação e apresenta algumas lutas mais específicas, por exemplo, "as lutas que questionam o estudo do indivíduo" afirmam o direito de ser diferente que os indivíduos possuem, ou seja, a forma como estes são considerados individuais, porém, atacam tudo aquilo que separa um determinado indivíduo, forçando-o a voltar-se a si e ligando a sua identidade a um modo "coercitivo" (Foucault, 1995, p.235). Podemos observar esta luta no que tange aos sujeitos abandonados, uma vez que o aceitam, porém, utilizam-se da sua condição de sujeito abandonado para fragmentá-lo, de modo a fazê-lo retornar à sua identidade.

Estas lutas contemporâneas, de acordo com Foucault (1995, p.235), giram em torno da questão "quem somos nós". Portanto, ao pensarmos em nosso contexto de análise, quem é este sujeito abandonado que enfrenta estas lutas e que é objetivado e subjetivado de diferentes modos? A resposta para tais questionamentos e outros que foram estabelecendo-se ao longo desta dissertação poderão ser respondidas no decorrer das análises das entrevistas realizadas. Para tanto faz-se necessário, ainda, observar como estabeleceu-se a seleção desses participantes, levando-se em consideração as noções teóricas propostas ao longo desta seção.

A fim de completar a cartografia do dispositivo de abandono paterno por meio do método de entrevistas, fez-se necessário estabelecermos critérios e protocolos ao longo do ciclo de pesquisa, conforme apresentado na seção anterior e, para além dos processos e trâmites do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFCAT), o procedimento de seleção dos participantes foi de suma importância para o resultado obtido.

Pensando nas particularidades do "tipo de realidade com a qual estamos lidando" (Foucault, 1995, p.232), a escolha dos participantes obedeceu os critérios de inclusão e exclusão, apresentados ao longo do item 3.1, de modo a atender as especificidades de cada grupo, desta forma, após o parecer de aprovação, partimos para o processo de recrutamento e seleção de possíveis participantes da pesquisa. Para tal ação seguimos os protocolos apresentados pelo CEP e obtivemos um grande número de interessados de diversas localidades do país e, a partir dos critérios estabelecidos chegamos aos 8 participantes, que foram divididos em dois grupos, conforme as tabelas abaixo:

GRUPO 1- MÃES	
Nome fictício escolhido pela participante.	Idade
01-Preta	47 anos
02- Maria	41 anos
03-Ana	31 anos
04-Noemi	32 anos

Tabela 2: Mães solo- Acervo pessoal

GRUPO 2- FILHOS ABANDONADOS	
Nome fictício escolhido pelo participante.	Idade
05- Dayane	31 anos
06-Marli	31 anos
07-Percy	24 anos
08-Alice	40 anos

Tabela 3: Filhos abandonados- Acervo pessoal

Posteriormente à seleção, entramos em contato com os interessados que se encaixavam nos critérios e estabelecemos a confirmação de participação, em seguida os candidatos receberam as documentações previstas²⁰ e todos os direcionamentos necessários ao momento das entrevistas.

O momento da entrevista, propriamente dito, foi acordado previamente com cada participante, de modo a gerar-lhes um momento de conforto ao participar, visto que a temática a ser abordada lhes era extremamente cara. Durante as entrevistas seguimos as perguntas norteadoras como ponto de partida para o diálogo e a partir das respostas apresentadas prosseguimos com uma conversa, pois o intuito inicial era que os participantes não se sentissem em um interrogatório, mas que se sentissem literalmente em suas casas, por isso se justifica a utilização das plataformas digitais de reuniões.

²⁰ O Formulário de Participação e o Termo de Consentimento Esclarecido Livre (TCLE), na íntegra, encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Como já apresentado anteriormente, as entrevistas foram gravadas, com o consentimento de cada participante, no Google Meet, em um gravador analógico e transcritas inicialmente por meio da inteligência artificial, e posteriormente foram tratadas a fim de consertar os elementos que não foram captados corretamente pelo programa e retirar itens que possam identificar os participantes. As transcrições seguiram a sua forma original, onde alteramos minimamente a sua estrutura, mantendo na íntegra a oralidade do participante. Estes dados se tornam importantes pelo fato de termos feito uso de elementos tecnológicos, com o intuito de tornar a experiência da entrevista tranquila ao participante.

Por fim, após os procedimentos de entrevistas e transcrição, partiremos para a aplicação dos dados obtidos ao longo de todo o “ciclo de pesquisa”, onde de fato realizaremos as análises ancoradas no pensamento foucaultiano e de pesquisadores relacionados. Para isso, selecionamos os enunciados provenientes dos diálogos e os organizamos em trajetos temáticos, de modo a seguir o que foi proposto na hipótese do projeto em desenvolvimento.

Adiante, nas seções subsequentes realizaremos as análises das séries enunciativas estabelecidas, para tanto, os participantes serão identificados a partir de seus pseudônimos, visando resguardar seus registros civis, seguidos pelo indicativo de ordem de entrevista. A título de exemplificação: Preta foi a primeira mãe entrevistada, portanto os trechos que se referem a ela serão retratados como: “(Preta, n.01, 2023)”.

Ressaltamos ainda que, a partir das análises estabelecidas a seguir, daremos prosseguimento a cartografia do dispositivo de abandono paterno.

3.2.1 A mãe solo e sua perspectiva sobre o abandono

“Por incrível que pareça, é, não me parece estranho. Não me causou nenhuma estranheza e pareceu algo natural, essa é a palavra, me pareceu as responsabilidades e todo o quesito que é ser pai ou ser mãe me pareceu natural tomar a frente”.

(Ana, n. 03, 2023)

Mediante a conceituação teórica e a delimitação dos processos metodológicos realizados nos itens anteriores, daremos início as análises dos enunciados recortados a partir das entrevistas realizadas anteriormente. Nesta seção, apresentaremos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com o grupo de mães, de modo a observar e analisar as suas percepções em relação ao abandono paterno.

Conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação as posições assumidas por homens e mulheres mediante a paternidade e a maternidade eram, e ainda são, diferentes, basta observarmos os imperativos atribuídos aos sujeitos que assumem as respectivas posições de pais e mães. Constata-se também que para que o abandono paterno se constituísse enquanto dispositivo fez-se necessário a relação com outros dispositivos, tais como os citados anteriormente.

A fim de contemplar as formas como as linhas do dispositivo de abandono agem na constituição dos respectivos sujeitos abandonados e compreender o que Deleuze (1996, p.04) afirma ao dizer que “pertencemos a dispositivos e neles agimos”, estabelecemos as séries enunciativas a seguir, de modo a estabelecer relações entre os elementos diversos que compõe o dispositivo as os relatos que seguirão.

No entanto, antes de apresentarmos as séries propriamente ditas, faz-se necessário retomar um conceito apresentado nas considerações iniciais deste trabalho, a confissão, que Michel Foucault define como:

um ritual onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve que suprir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (Foucault, 2020, p. 69).

A confissão na perspectiva foucaultiana é apresentada como um "ritual" em que o sujeito expressa a um interlocutor, seja fisicamente ou virtualmente, acerca de proposições de diversas instâncias. Esta confissão abordada por Foucault (2020, p.69) é entendida, também, como um ritual discursivo onde o sujeito que enuncia acaba coincidindo com o sujeito sobre o qual está se falando. Relacionando esta definição ao processo de entrevistas em análise, compreendemos que se trata de um processo de confissão, uma vez que ao aceitar participar do ato de entrevista, a mãe solo e o filho abandonado aceitam confessar-se e revelar verdades acerca de si, neste caso, relacionados ao abandono paterno. Para além do momento de entrevistas propriamente dito, para que se pudesse realizar este processo se fez necessário a avaliação ética do projeto, como descrito nas seções anteriores, colocando em análise o que é considerado ético na pesquisa. Portanto, pensar nas entrevistas como realizamos aqui, se relaciona, de certo modo, com o que Foucault (2020) define enquanto confissão.

A série enunciativa disposta a seguir, é composta por enunciados recortados a partir da primeira pergunta do questionário norteador das entrevistas, a partir do qual as mães solo foram questionadas acerca de como elas se viam frente ao abandono do progenitor de seus filhos. A partir da análise que se seguirá, poderemos compreender como o conceito de confissão aplica-se e quais as relações discursivas que podem ser estabelecidas.

Série 6- Como você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho (a)?

1- Bom, primeiramente eu não me colocaria como uma mulher abandonada, né? Porque quando eu me vi numa situação na relação que aquilo não correspondia mais aos meus anseios. Quem tomou iniciativa do rompimento fui eu. Agora a partir daí ele passou a deixar de cumprir com aquilo que seriam as obrigações de um genitor, né? Mas eu não me vejo, eu não me considero uma mulher abandonada, né? E acho que também minha filha não, né? (Preta, n. 01, 2023)

2- [...] pra mim foi muito difícil, agora que tá ficando mais fácil, que ela já tão adultas, que estudam. Mas eu continuo sendo mãe solo, desde sempre, tem 25 anos, a gente não tem contato com ele, se você me perguntar o que ele faz, não sei te responder, as meninas também não tem contato, quando tem é bem superficial e é a mais velha que tem contato mais assim direto, e a mais nova nem procura, e as duas são do mesmo pai.

3- Por incrível que pareça, é, não me parece estranho. Não me causou nenhuma estranheza e pareceu algo natural, essa é a palavra, me pareceu as responsabilidades e todo o quesito que é ser pai ou ser mãe me pareceu natural tomar na frente. Então, assim a mim hoje me parece um pouco estranho, porque eu conheço pessoas que têm essa relação em que os pais

cuidam e se dividem entre si, mas a primeiro momento me pareceu uma coisa assim natural. (Ana, n. 03, 2023)

4- Acho que é um medo muito grande, assim, de enfrentar a vida sozinha, sabe? (Noemi, n.04, 2023)

A fim de observar as percepções das entrevistadas acerca do abandono paterno, iniciamos o processo de entrevistas com o questionamento: *Como você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho (a)?*- em que recebemos respostas de cunhos diferentes, uma vez que cada sujeito selecionado é tido com suas particularidades. No enunciado 1, observamos que Preta, a primeira mãe entrevistada, afirma que: *"bom, primeiramente, eu não me colocaria como uma mulher abandonada"*, uma vez que durante a sua resposta ela reafirma que a decisão de ter deixado a relação com o genitor de sua filha partiu dela mesmo, sendo assim, ela complementa ainda: *"e acho que também minha filha não, né?"*, ao finalizar a sua resposta sobre o abandono.

Ponderando o que anteriormente foi expresso a respeito da confissão (Foucault, 2020, p.69), nota-se que ao longo do recorte do enunciado 1, o sujeito confessante apresenta detalhes acerca de sua condição, mesmo que seja em negação a esta posição a qual lhe fora atribuída, resgatar uma vez que, ao ter assumido a criação de sua filha pelo seu desejo de rompimento da relação com o genitor, assumindo assim a total responsabilidade da criação de sua prole, conforme apresentado na discussão do capítulo 1, acerca da ausência do pai requerer que a mãe assuma funções que antes não lhes eram atribuídas.

No enunciado 2, há uma contraposição em relação ao enunciado 1, visto que na visão da segunda entrevistada, a ausência do genitor de suas filhas *"foi muito difícil"*, demonstrando que a ausência paterna estende-se aos dias atuais, uma vez que as filhas da entrevistada encontram-se na vida adulta e a presença paterna mostra-se cada vez mais distante, o que mostra-nos um campo associado (Foucault, 2020) remetendo- nos às estatísticas da ARPEN-BRASIL e o CNJ, onde demonstram os crescentes números sobre o não reconhecimento da paternidade e a ausência dos genitores.

Prosseguindo, a terceira entrevistada, apresenta em sua resposta a questão uma afirmação que pode soar estranha a muitos, uma vez que, para Ana o abandono como algo que *"[...] não me parece estranho"*. *Não me causou nenhuma estranheza"*. Ao longo do relato da entrevistada, demonstrada pelo enunciado 3, observa-se a presença do discurso que reafirma a naturalização do abandono, demonstrando por meio dos respectivos papéis de pai e mãe o motivo desta associação, uma vez que, como já expresso ao longo da discussão acerca dos

estudos de Badinter (1985), no primeiro capítulo deste estudo. O imperativo da maternidade permanece até a contemporaneidade, de modo a colocar a maternagem como algo essencial à mulher, enquanto a paternidade é vista como facultativa, de modo ao abandono ser visto como natural, sem causar estranheza aos sujeitos inseridos dentro desta ordem discursiva.

Partindo ao quarto enunciado, expresso pela entrevistada Noemi, quando questionada acerca de como ela se sentia frente ao abandono do genitor de seu filho, obtivemos uma resposta que vai ao encontro e, ao mesmo tempo, difere-se das respostas entrevistadas anteriores, uma vez que ela afirma: *"acho que é um medo muito grande, assim, de enfrentar a vida sozinha, sabe?"*

Assim como as entrevistadas Ana e Maria, Noemi apresenta esta relação frente ao genitor como algo difícil de ainda lidar, uma vez que ainda gera medos, anseios e dúvidas acerca da posição dupla e de sobrecarga que agora em diante terão de assumir frente aos seus filhos, não agindo mais como um intermediário na relação Pai- filho, mas agora assumindo os domínios que antes eram atribuídos ao pai, conforme expresso por Badinter (1985, p.42).

Ao analisarmos as multiplicidades de respostas apresentadas pelas participantes, podemos observar o que Foucault (2020, p.88) define ao discutir acerca das formações discursivas, uma vez que esta “não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas e séculos”, ou seja, estas formações determinam regularidades que são próprias de determinados processos temporais. Desta maneira, a formação discursiva que permeia a primeira série enunciativa desta seção, mostra-nos que o abandono paterno não é uma figura congelada por séculos, mas que, por meio das relações tecidas por este dispositivo podem-se observar novas formações em outras condições de emergência.

As respostas apresentadas ao questionamento inicial da entrevista nos mostram ainda que há “processos temporais” que colocam em “articulação uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos” (Foucault, 2020, p. 88-89), ou seja, para que elas pudessem apresentar as suas argumentações diante do processo de confissão foram estabelecidos diversos processos ao longo do tempo que reverberam nas respostas e em suas posições enquanto sujeitos, uma vez que os acontecimentos discursivos foram articulando-se aos diversos outros elementos que estabeleceram-se ao longo deste processo.

Ainda na discussão acerca dos domínios relacionados ao abandono e as atribuições relacionadas às mães, organizamos a série enunciativa 7, que compreende as respostas das entrevistadas frente aos questionamentos referentes à criação de seus respectivos filhos e a sensação gerada em ter que desenvolver a função materna sem o genitor maculino ao lado.

As respostas abaixo organizadas foram recortadas a partir da segunda pergunta do questionário norteador apresentado ao grupo de entrevistadas: *Qual foi a sua sensação ao ter que lidar com o abandono e com a criação de seu filho?*

Série 7- O abandono e a criação dos filhos

1- [...] em relação a ideia de abandono para mim, [...] ela soa mal sim, vou te dizer bastante sério, porque abandono para mim tem um outro lugar, sabe? E para mim foi mais difícil ter que lidar com essa de assumir os riscos de uma decisão que eu tomei. (Preta, n.01. 2023)

2- Então foi muito difícil foi assim.... Eu muitas vezes me peguei pensando que eu não daria conta. Pela idade que eu tinha porque assim com 16 anos com 18 anos, eu já tinha duas filhas aí, no entanto, que quando minhas meninas entraram nessa idade dessa adolescência. Eu fiquei com muito medo. Eu não deixava namorar eu ficava muito em cima porque eu tinha medo de repetir. (Maria, n.02. 2023)

3- [...] eu me sinto ganhadora, antes eu me senti assim: “será que que tá certo isso?” “Será que eu deveria tomar outro tipo de atitude ou não?” Mas eu já me senti ganhadora. Se você me permite explicar o porquê, é..., eu tava assistindo um podcast e eu entendi esse sentimento, é do Vênus que a Cris Paiva ela é mãe solo também e ela falou assim: “se ele acha que pela relação não ter dado certo, eu perdi por eu ter perdido alguns finais de semanas ele tá totalmente enganado.” Porque eu ganhei eu ganhei muito mais do que a justiça iria me propor. “Então em vez de 50%, eu ganhei 100% dela”. Então hoje eu me sinto assim, quem perdeu não fui eu. (Ana, n.03, 2023)

4- [...] tipo assim, a necessidade de sempre estar trabalhando, sabe? Assim, a ansiedade da gente aumenta, é..., às vezes eu nem tô passando por uma situação difícil financeiramente, mas eu já fico com aquilo na cabeça que tipo assim, eu não posso ficar sem renda, não posso, sabe, mesmo eu tendo outra base, né? (Noemi, n.04, 2023)

Ainda na perspectiva da confissão, observamos que esta prática foi difundida no Ocidente como um dos procedimentos mais efetivos de se "produzir verdades", visto que ao confessar-se o sujeito exprime verdades acerca de si, sejam relacionadas a infância, a sonhos, aos desejos, aos pensamentos, as misérias ou até mesmo ao passado (Foucault, 2020, p.66).

Mediante a série enunciativa 7, deparamos-nos com as confissões de mães solo no que dizem respeito à sensação de terem que lidar com o abandono e a criação de sua prole. No enunciado 1, Preta segue o fio norteador abordando que o abandono "*soa mal sim*" e que "*tem outro lugar*", com estes enunciados podemos recuperar as dispersões ao longo das

regularidades discursivas (Foucault, 2020) sobre o abandono, uma vez que ela aponta que ainda que se ocupa esta posição devido a sua escolha, conforme: *"uma decisão que eu tomei"*.

Em contraposição ao exposto anteriormente, Maria, a segunda entrevistada, afirma que lidar com o abandono foi difícil e que diversas vezes questionou-se sobre a sua capacidade de assumir tais funções, como exposto em *"Então foi muito difícil foi assim.... Eu muitas vezes me peguei pensando que eu não daria conta"*. Visto que ao longo de sua explanação, ela afirma que engravidou na adolescência, entre os 16 e os 18 anos de idade, desse modo, o exercício da maternidade e a criação de suas filhas assumiu um peso ainda maior a ponto de gerar-lhe medo, a ponto de imaginar que a situação vivida por ela pudesse se repetir com suas filhas, como exemplifica o enunciado: *"Eu não deixava namorar eu ficava muito em cima porque eu tinha medo de repetir"*.

Acerca do discurso sobre a repetição dos acontecimentos vivenciados por Maria, remontamos ao conceito de condições de emergência (Foucault, 2020) que nos permite compreender que acontecimentos como uma gravidez e um abandono paterno podem retornar a ordem deste discurso, porém, com condições de emergência diferentes. Exemplificações recorrentes acerca deste mesmo medo apresentado pela entrevistada são recorrentes no documentário *"Todos nós, 5 milhões"* (Mortágua, 2019) objeto de estudo que abriu precedentes para a escrita desta dissertação.

No documentário, assim como nas entrevistas, a repetição acerca do abandono paterno é recorrente, uma vez que mães que foram abandonadas por seus genitores na infância acabam retornando a esta ordem novamente, desta vez como as mães que foram desamparadas pelos pais de seus respectivos filhos, trazendo à tona o que observamos no efeito de acúmulo para Michel Foucault (2020, p.152)

No enunciado 3, a entrevistada Ana apresenta sua realidade frente ao abandono com uma batalha em que ela se sente como uma *"ganhadora"* diante dos enfrentamentos gerados pela rejeição por parte do pai em relação a sua filha. A fim de referenciar a definição por ela expressa, Ana faz menção a Cris Paiva, uma influenciadora digital que dirige o *podcast* "Vênus" no *Youtube*, e que aborda diversos assuntos do interesse de seu público. No episódio citado pela entrevistada, a influenciadora relata as experiências vividas por ela durante a relação com o genitor de sua filha e ela traz o enunciados: *"se ele acha que pela relação não ter dado certo, eu perdi por eu ter perdido alguns finais de semanas ele tá totalmente enganado"* e *"Então em vez de 50%, eu ganhei 100% dela"*, que foram retomados por Ana ao longo do processo de entrevista.

Acerca da apropriação de enunciados, Foucault (2020, p.128) afirma que este age como um objeto em que os homens fazem uso, transformam, recompõem e descartam ao através das práticas discursivas, utilizando-o para transmitir o que lhes se são importantes, ou seja, ao retomar o que outrora fora apresentado em uma mídia social, Ana demonstra a materialidade repetível do enunciado em novas condições de existência, a fim de exemplificar que assim como Cris Paiva, ela assumiu a total responsabilidade sobre a criação de sua filha, ressignificando os fins de semana e momentos que para um consenso popular poderiam ser perdidos, mas foram aproveitados pelas duas de forma integral. Desta maneira, é possível observar como os discursos produzidos em diferentes esferas podem agir na subjetividade de um sujeito, de forma que os discursos que emergiram dentro de um *podcast* acabam retomando, em novas condições, enunciados que já fizeram parte da vida desta mãe.

Para além das confissões que remetem às renúncias, aos medos e aos anseios gerados às mães pelo abandono, emergiram nas entrevistas enunciados que apontam para o discurso econômico. Observando o enunciado 4, quando Noemi declara suas perspectivas acerca da pergunta feita, chama-nos atenção os recortes: *“tipo assim, a necessidade de sempre estar trabalhando, sabe?”* e *“mas eu já fico com aquilo na cabeça que tipo assim, eu não posso ficar sem renda, não posso, sabe, mesmo eu tendo outra base, né?”*.

Os enunciados em questão demonstram uma regularidade presente em outras entrevistas, em que as entrevistadas, assim como Noemi, afirmaram que ao longo do percurso de criação de seus filhos, os anseios a respeito do suprimento das necessidades de seus filhos eram recorrentes. Pois alguns dos genitores, além de negligenciar a sua presença efetiva durante a criação de seus filhos, deixavam de suprir as necessidades básicas, evidenciando assim o “abandono material” (Brasil, 2015), o qual já foi explanado nas considerações iniciais deste trabalho.

Para além do abandono material, os enunciados em questão relacionam-se a outras discussões já apresentadas anteriormente, isto é, ao exercerem a criação de seus filhos sozinhas e arcarem com as demandas financeiras geradas pela situação, muitas das vezes, estas mães tornam-se as chefes de seus respectivos lares, de modo que as estatísticas sobre as posições ocupadas por estes sujeitos crescem anualmente, conforme apresentado pela Fundação Getúlio Vargas (2023).

Observando os enunciados que compõem estas séries, percebe-se um sistema de dispersão no qual apreendem-se regularidades discursivas (Foucault, 2020) de um efeito de subjetividade de “ganhadoras” frente às situações dificultosas enfrentadas ao longo da criação de seus filhos. Em retrospecto, no movimento de confessar a experiência de si, de enunciar a

sua verdade frente ao que se deu em sua vida, elas produzem sua subjetividade e se constituem neste regime de verdade do que se diz sobre o abandono paterno, como se pode observar por meio dos enfrentamentos que lhes foram impostos ou como no enunciado 1, são tidos como uma resposta a uma decisão que a entrevista tomou.

No entanto, ao longo do processo de entrevistas as participantes declararam que mesmo desdobrando-se para assumir as multi-atribuições que lhes fora destinadas ao assumirem a maternidade solo, em alguns momentos possuíram uma rede de apoio, que mesmo de forma mínima, contribuíram para o processo de criação dos seus filhos.

A série enunciativa a seguir é composta pelas respostas atribuídas à quarta questão do questionário norteador- *“Você possuiu alguma rede de apoio durante o percurso de criação de seu filho (a)? Se sim, como foi poder contar com essa rede?”*

Série 8- Rede de Apoio

1- Olha para mim foi fundamental, eu acho que se eu não tivesse tido a rede de apoio que eu tive, no âmbito familiar, eu não teria chegado onde que eu cheguei, por exemplo ao doutorado. Não teria analisando outras mulheres analisando as práticas da sociedade Né? Não teria. Foi fundamental a família, para mim, foi fundamental. E isso me possibilitou apoiar outras mulheres, sabe? Porque geralmente a pessoa se vê numa situação e agora né? O que fazer? Então, se você não tem uma rede de apoio dentro de casa. Eu já ajudei muitas mulheres assim a partir da minha experiência dizer vai à luta, né? (Preta, n.01, 2023).

2- Vamos dizer assim, mas eu não tive, foi zero mesmo de apoio. Zero. (Maria, n.02, 2023).

3- Eu não sei se de fato era em si uma rede de apoio, mas assim eu podia contar com a minha mãe no quesito: “preciso de alguém que fique com ela para que eu trabalhe”, mas eu não podia contar no quesito: “eu preciso de um descanso, estou muito cansada!”, não interessava, entendeu? Então, assim eu tinha na minha mãe para caso eu tivesse quase uma hora extra, trabalhar num sábado, onde não tem creche, ela cuidava da minha filha para mim. Mas o contrário e que também seria uma coisa natural que eu acho que todo mundo precisa de um tempo para si, eu não tinha, então assim eu fui ter dela bastante grande, assim, esse tempo sei lá, depois de ela tinha uns 12 anos, que eu fui ter assim esse tempo os meus relacionamentos que vieram a partir do nascimento dela, né, vieram de relações no trabalho no curso (Ana, n. 03, 2023).

4- Então, aí eu, a minha mãe mais meu pai, tipo assim, eu pensei que eles iam me expulsar de casa, né? Quando (quando) eu engravidei eles não me expulsaram, eles nunca brigaram comigo. Só para você ver o tanto que às

vezes o julgamento tava na minha cabeça e não na deles, meus pais nunca brigaram comigo, pesquisadora, eles nunca falaram nada, tanto que eu tava com barrigão e aqui em casa era como se não tivesse nada, sabe? Que eu acho que assim eles não queriam me ver triste, sabe? E..., então, tipo assim, os meus pais me apoiaram (Noemi, n.04, 2023).

De acordo com o conceito popular, “rede de apoio” é considerada um conjunto de pessoas ou instituições que trabalham de maneira conjunta a fim de colaborar com uma determinada causa. Em relação às famílias formadas por mães solo e seus respectivos filhos, a rede de apoio pode ser compreendida como um grupo, geralmente, composto por familiares que dispuseram dedicar tempo e cuidado ao novo membro da família que fora negligenciado pelo seu respectivo pai.

Três das quatro entrevistadas afirmaram que ao longo de seus percursos, obtiveram a ajuda de seus pais e avós na criação dos seus filhos, esta ajuda se compreendia desde o cuidado básico com demandas do crescimento do indivíduo até mesmo ao auxílio com questões financeiras. Esta regularidade discursiva remete-se uma vez mais ao efeito de acúmulo (Foucault, 2020, p.152) de modo que na descrição dos enunciados torna-se visível o retorno do cuidado dos respectivos avós com os netos, cuidado que antes era destinado às filhas.

Observem o enunciado proferido por Preta que afirma: *"Olha para mim foi fundamental, eu acho que se eu não tivesse tido a rede de apoio que eu tive, no âmbito familiar, eu não teria chegado onde que eu cheguei, por exemplo ao doutorado"*. A entrevistada aponta que foi por meio da rede de apoio estabelecida por seus familiares, mais especificamente seus pais, que ela pôde dedicar-se a sua carreira e posteriormente auxiliar outras mães que passaram pela mesma situação anos depois, estabelecendo assim uma rede a outras mulheres.

Embora oferecessem suporte em relação às demandas que o filho abandonado geraria, muitas redes não transcendem além destas atividades, notem o enunciado proferido por Ana ao apresentar o papel da rede de apoio em seu cotidiano: *“‘preciso de alguém que fique com ela para que eu trabalhe’, mas eu não podia contar no quesito: ‘eu preciso de um descanso, estou muito cansada!’, não interessava, entendeu?”*.

O enunciado em questão mostra que a rede de apoio, em muitos casos, delimita-se apenas às atribuições relacionadas ao filho, dispondo-se a auxiliarem apenas no cuidado para que a mãe possa dedicar-se ao trabalho para prover as necessidades que este sujeito

necessitará ao longo do caminho, no entanto, a genitora é colocada em posição de esquecimento, colocando as necessidades de sua prole em primeiro lugar.

Seguindo este desdobramento, fica evidente a tridimensionalidade da mulher como discutida por Badinter (1985, p.25) e que foi apresentada ao longo do primeiro capítulo, em que observamos as relações tecidas diante do genitor, do seu filho e dos imperativos que são a ela impostos enquanto mulher. No entanto, ao analisarmos o enunciado expresso por Ana, nota-se que há uma regularidade em relação ao cansaço pelo excessivo exercício das práticas relacionadas à maternidade, visto que a rede de apoio que possuem, em muitos dos casos, delimita o suporte dado a mãe apenas ao campo do trabalho, de modo que o descanso fica colocado em esquecimento, gerando assim uma sobrecarga a esta mãe.

Ainda em relação a rede de apoio, nota-se que no enunciado 2- *“Vamos dizer assim, mas eu não tive, foi zero mesmo de apoio. Zero”*, Maria, assim como milhões de mães solo em todo o país não possuem uma rede a qual podem contar durante a criação dos seus filhos, até mesmo pelo fato de que os próprios familiares se enquadram enquanto mão de obra trabalhadora não podendo auxiliar nesta rede.

Foucault (2020, p.118) afirma que o enunciado é dotado de margens povoadas por outros enunciados e, relacionando-se a discussão até aqui abordada, nas margens dos enunciados acerca da rede de apoio e da falta da mesma, podemos observar a emergência do discurso sobre novas configurações de redes de apoio. Através do documentário *“Todos nós, 5 milhões”* (Mortágua, 2019), conseguimos ver como exemplo citado por uma das entrevistadas ao debater sobre a falta que a rede de apoio gera em seu cotidiano e que, a fim de auxiliarem as mães da comunidade em que ela vive, os coletivos tornaram-se redes de apoio.

A participante do documentário apresenta as ações desenvolvidas pela *“Coletiva Luana Barbosa”*, um coletivo feminista do qual ela faz parte, que tem auxiliado mães solo durante a criação de seus filhos, dando suporte a mulheres em atividades cotidianas, de modo que até mesmo mulheres sem filhos têm se colocado à disposição das mães solo, dando o suporte necessários, a fim de amenizar a sobrecarga materna, contrapondo-se aos discursos conservadores de que uma mãe solo possui dificuldades para criar um filho saudável, conforme Hooks (2019, p. 84-85). Além de retomar discursos acerca da dádiva de ser mãe, independente das circunstâncias às quais estas mães estão sendo colocadas, visto que a maternidade é um imperativo divino e seria ao lado do pai que, estes pais deveriam cumprir o dever de criar bem um filho (Badinter, 1985).

Conforme a discussão apresentada até o presente momento, observamos as respostas vinculadas aos questionamentos referentes a ausência paterna, aos anseios em relação a

criação dos filhos e as redes de apoio que acompanharam todo o desenvolvimento do filho abandonado, agora, para finalizarmos esta seção, discorreremos análises sobre nona série enunciativa, concernente a quinta pergunta- *“Por parte do seu filho(a) houve muitos questionamentos em relação a ausência do pai? Se sim, como você lidou com esses questionamentos?”*

Série 9- Questionamento dos filhos.

1- Houve sim mais próximo da adolescência foi quando eu resolvi entrar com ele na justiça, né? Mais do sentido de vou falar um episódio assim que mais me marcou e talvez tenha marcado mais marcou ela e que por isso me marcou, né? Ele falava muito que vinha buscar para minha mãe deixar as coisas dela prontas para ele porque ele ia passar para buscar. E aí isso não acontecia. Então gerava nela. Uma expectativa de “meu pai vai vir me buscar”, né? E isso não acontecia isso são relatos dela que me marcaram por estar machucando ela né. E mais no sentido de frustração de expectativa, porque veja, eu também estava estudando. Mas eu não frustrava as expectativas dela, né (Preta, n.01, 2023)

2- Então, nunca tive esse tipo de questionamento, nunca, nunca, nunca, é tão interessante que ela já são adultas e que até hoje no dia dos pais elas fazem, compram presente, monta alguma coisa, me envia mensagem e isso desde criança até os presentes da escola sempre falam para mim então nunca fui questionada com esse ponto não (Maria, n.02, 2023)

3- Então, talvez seja mais pesado do que outras situações, porque por exemplo o pai dela eu exigi, exigir não, eu falei que ele não precisava iria me dar ganho eu não precisaria ter nenhuma ajuda financeira dele, mas que eu queria que ele fizesse o papel de pai dele no quesito amoroso, né? [...] Eu acho que ela se sentia preenchida. A minha mãe como lugar de mãe e eu como lugar de pai, eu acho que, que essa junção acabou tendo esse preenchimento na vida dela que ela não questionando. (Ana, n.03, 2023)

4- Então, enquanto o pai dele era vivo, ele fazia alguns comentários assim para mim: ‘é mamãe, você não quis casar com meu pai’. E ficava falando alguma coisinha assim, tinha ciúme de mim, não deixava, um exemplo, assim, outras pessoas chegar perto de mim, nem amigo, nem nada, sabe? Aí, assim, eu não sei se esse comportamento dele era que ele via outras pessoas conversando sobre isso, sabe? Ou se era ele percebendo um meio que ele tava sabe, mas aí, desde sempre, eu sempre conversei muito com J. (Noemi, n.04, 2023)

Ao analisarmos os recortes realizados a partir das respostas obtidas, observamos uma gama de enunciados referentes aos questionamentos estabelecidos pelos filhos em relação aos

seus pais, no entanto, as respostas mostram-se de formas heterogêneas uma vez que, cada sujeito está inserido em diferentes relações, embora estejam todos interligados a realidade do abandono paterno.

Ao longo da série enunciativa estabelecida, é notório como o discurso do campo dos afetos faz-se presente, uma vez que o anseio pela presença paterna gera nos sujeitos filhos expectativas que nem sempre foram supridas, conforme percebemos através dos enunciados 1 e 4. No entanto, percebe-se durante o processo de confissão desta mãe que as perspectivas criadas pelos filhos relacionadas aos pais são rompidas mediante a realidade definida pelo abandono paterno.

Diferentemente dos enunciados 1 e 4, os enunciados 2 e 3 apresentam pontos de vistas diferentes, de modo a exemplificar que os filhos não questionaram acerca da ausência da figura paterna e atribuíram esta posição a outros sujeitos. No terceiro enunciado, Ana afirma que: *“A minha mãe como lugar de mãe e eu como lugar de pai, eu acho que, que essa junção acabou tendo esse preenchimento na vida dela que ela não questionando”*. Devido assumir as responsabilidades totais referentes a sua filha, a participante desdobrou-se nas atribuições financeiras a ponto de afastar-se a figura maternal para que pudesse suprir as carências físicas que sua prole necessitava, de modo que o local de afeto, atribuído a maternagem, foi delegado a avó que, conforme a entrevistada, contribuiu para que não houvesse lacunas ao longo do desenvolvimento de sua filha. Observamos neste enunciado uma das características apresentadas por Foucault (2020) acerca da atualização do discurso, visto que temos o discurso de provedora do lar atribuído a mãe e o local de ternura atribuído à avó, o que antes, geralmente, eram atribuídos respectivamente ao pai e a mãe visto na discussão tecida ao longo do capítulo 1.

Ainda na série enunciativa, podemos observar a retomada do discurso jurídico, conforme apresentado no enunciado 1, uma vez que para suprir os questionamentos do filho abandonado, a mãe decide acionar a justiça, para que o direito de reconhecimento e convivência com o pai fosse assegurado. Tal discussão nos remete ao que foi exposto ao longo do segundo capítulo desta dissertação, mostrando que o aparato jurídico está em constante atividade para combater o dispositivo de abandono que está com sua matriz em pleno funcionamento, ou seja, respondendo a uma demanda histórica (Foucault, 2022).

Encaminhando para o encerramento desta seção e fazendo um apanhado geral das análises até desenvolvidas, podemos constatar, por meio do processo de entrevistas, como se evidencia o conceito de confissão (Foucault, 2020, p. 69) a partir do “ritual” estabelecido entre a pesquisadora e as entrevistadas. Neste movimento, foi possível perceber como os

sujeitos que ali enunciaram, de certo modo, se tornaram os sujeitos sobre os quais se falavam. Ao longo da confissão ficaram evidentes verdades acerca destes sujeitos, as quais ainda serão discutidas de forma mais detalhada nas seções subsequentes.

Por fim, ao longo das análises até aqui percorridas, é possível contemplar as linhas do dispositivo de abandono paterno em interligação trazendo luz aos discursos e colocando em evidência os elementos heterogêneos que compõem esse dispositivo, tais como a família, a maternidade, a paternidade, a economia, o campo dos afetos e outros mais. No entanto, pode-se observar ao longo das análises como o dispositivo em estudo responde ao patriarcado que cobra a presença da mulher a culpabiliza sobre este abandono, fazendo-se necessário estratégias jurídicas para sanar essa ausência paterna.

A seguir, na seção 3.2.2, abordaremos as perspectivas dos filhos abandonados sobre o abandono paterno de modo a tecer relações com o que já foi discutido aqui.

3.2.2 O filho abandonado e a sua perspectiva sobre o abandono

“[...] eu vejo o abandono paterno como a ausência de uma relação com uma pessoa que institucionalmente deveria, teria, esse dever de estar comigo, né” .

(Alice, n. 08, 2023)

A fim de prosseguirmos com a análise dos enunciados recortados das entrevistas, nesta seção abordaremos os resultados obtidos por meio dos relatos apresentados pelos filhos abandonados. Vale ressaltar que, durante a discussão desenvolvida, compreendemos como “filho abandonado” aquele sujeito que não possui o nome do genitor nos documentos oficiais de identificação e, também, o sujeito que possui o reconhecimento a paternidade, porém, não conta com esta presença paterna ao longo do processo de desenvolvimento, visto que a definição do abandono paterno é mais ampla, conforme discutido nas considerações iniciais.

Portanto, como gesto metodológico, iniciaremos a composição das séries enunciativas desta seção a partir da primeira questão do questionário norteador: *Como você se vê ou se sente frente ao abandono paterno?*. E, da mesma maneira da seção anterior, os participantes estão numerados de acordo com a ordem de entrevista, a saber: de 05 a 08, seguindo a sequência apresentada anteriormente.

Série 10- Como você se vê ou se sente frente ao abandono paterno?

1- eu tive muito problema na infância em questão disso, não saber quem é o meu pai, que aconteceu que a minha mãe quando separou do meu pai eu devia ter um ano e pouco, estava grávida do meu irmão e eu só vim ter contato com ele novamente aos 17, porque eu fui atrás dele. Porque na infância eu olhava alguns homens na rua, eu ficava imaginando... “nossa será se meu pai tem esse rosto?” (Dayane,n. 05, 2023)

2-E aí eu sempre me perguntei muito, né? Mas por que que eu não tenho contato com meu pai? Será que eu tenho mais irmãos, né? Eu acho que essa era minha grande interrogação, né? (Marli, n.06, 2023)

3- pra mim, não faz, é não fez tanta diferença, eu não senti tanta diferença, porque quando os meus pais separaram eu tinha seis anos e logo depois a minha mãe (é) já havia juntado com o meu o meu padrasto. (Percy, n.07, 2023)

4- Eu vejo que essa, eu vejo o abandono paterno como a ausência de uma relação com uma pessoa que institucionalmente deveria, teria, esse dever de estar comigo, né. Eu sempre fiquei nessa discussão, nesse debate de como ser obrigada a pessoa querer estar do lado, principalmente do filho, né? Eu acho que é esse é um debate que a gente vai levantar muito quando vai pensar sobre essa questão do abandono no abandono paterno. É, mas essa ausência dessa relação implicou na minha vida uma super relação, vou colocar assim, com a minha mãe. Minha mãe, então, foi uma mãe que me criou solo. Eu consigo muito mais falar sobre a presença dela do que necessariamente a ausência do meu pai, eu acredito que seja mais um mecanismo de defesa meu, talvez, né? (Alice, n.08, 2023)

Conforme apresentado no item anterior, o processo de entrevista nos mostra a definição do que compreendemos como confissão (Foucault, 2020, p.69), visto que durante o rito de confessar-se, o sujeito que enuncia torna-se o sujeito sobre o qual se está falando. Deste modo, assim como nos relatos obtidos com as mães solo, pode-se observar esta particularidade em relação aos filhos abandonados. Ao longo das análises poderemos observar como alguns discursos vinculados a esta temática são recorrente, de modo a gerar uma regularidade, enquanto outros são vistos no campo das dispersões (Foucault, 2020), visto que embora estejam inseridos em uma mesma ordem, cada sujeito é singular e está inserido em relações de poder que atravessam (Foucault, 2014).

Ao pensarmos acerca das singularidades desses sujeitos abandonados, podemos retomar uma discussão outrora expressa por Michel Foucault (2003) acerca da “vida dos homens infames”, compreendidos como “vidas singulares, tomadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário” (Foucault, 2003, p.203).

Conforme o que foi expresso pelo autor, podemos comparar estas singulares existências aos sujeitos abandonados, uma vez que estes possuem suas vidas tomadas de “acasos” que fogem ao padrão normativo requerido pela sociedade, onde uma família deve ser composta por pai, mãe e os respectivos, no entanto, se colocado em oposição a esta demanda, podemos compará-las as “vidas infames” apresentadas por Foucault (2003, p. 204), que “tornaram cinzas” nas poucas frases que o autor encontrou sobre ambas.

Foucault discorre ainda que:

Eu quis que se tratasse sempre de existências reais; que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás desses nomes que não dizem mais nada, por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas,

mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvadezas, ciúmes, vociferações (Foucault, 2003, p. 205)

Assim como as existências infames apresentadas por Foucault ao longo de seu estudo, podemos de certo modo observar algumas características relacionadas ao sujeitos abandonados presentes nas entrevistas, por se tratarem de existências reais, que em uma determinadas data e lugar puderam trazer a tona, mesmo que de forma rápida, os lampejos acerca de suas vivências e que foram marcadas neste compilado de entrevistas, tal qual Foucault (2003, p.2023) indica ao referir-se ao herbário.

Para tanto, ao longo da série enunciativa disposta acima, observamos a gama de respostas relacionadas ao questionamento feito acerca da visão destes filhos sobre como se viam frente ao acontecimento que os colocaram nessa posição de sujeitos abandonados. Grande parte dos recortes apresentados detalham a visão desse sujeito enquanto questionador, mediante a necessidade de compreensão da falta daquele que é o seu genitor.

Questionamentos como os presentes nos enunciados 1 e 2: *“nossa será se meu pai tem esse rosto?”* e *“Mas por que que eu não tenho contato com meu pai?”*, aparecem com recorrência ao longo das entrevistas, demonstrando o que Foucault (2020) aborda sobre as condições de possibilidade do discurso, visto que as indagações dos filhos ocorreram em diferentes situações. Para além disso, os enunciados resgatam e colocam em contradição ao que fora discutido anteriormente 3.2.1, pois algumas mães afirmaram que os questionamentos acerca de seus filhos eram quase mínimos, no entanto, nota-se a discrepância nesta atual conjuntura, nos levando a reflexão que as perspectivas desses sujeitos são diferentes.

Observando o enunciado 3- *“pra mim, não faz, é não fez tanta diferença, eu não senti tanta diferença, porque quando os meus pais separaram eu tinha seis anos e logo depois a minha mãe (é) já havia juntado com o meu o meu padrasto”*, nota-se que para Percy, os questionamentos não eram uma realidade, visto que a posição que outrora pertencia ao pai, fora preenchida por outra figura masculina, ou seja, seu padrasto assume as funções paternas. Em termos judiciais, esta função assumida pelo padrasto de Percy pode ser configurada como a paternidade socioafetiva, quando os laços produzidos pela convivência podem ser documentados, assim como os processos de reconhecimento da paternidade apresentados ao longo do segundo capítulo.

O enunciado de 3, nos remete a um campo associado (Foucault, 2020) acerca dos laços socioafetivos, visto que os órgãos jurídicos têm levado em consideração nos últimos anos os mais diversos arranjos familiares, desta forma, podendo conceder a um padrasto os

mesmos direitos e deveres de um pai biológico. Em alguns casos, o nome do padrasto pode ser adicionado às documentações do filho, mediante a ação de reconhecimento voluntário e pode ocorrer de forma extrajudicial (Brasil, 2024)

Ainda sobre as definições legais acerca da paternidade, no enunciado 4, Alice discorre: *“Eu vejo que essa, eu vejo o abandono paterno como a ausência de uma relação com uma pessoa que institucionalmente deveria, teria, esse dever de estar comigo, né. Eu sempre fiquei nessa discussão, nesse debate de como ser obrigada a pessoa querer estar do lado, principalmente do filho, né?”*. Durante a explanação de sua resposta, a entrevistada refere-se a ausência paterna retomando preceitos jurídicos apresentados ao longo desta discussão acerca do reconhecimento a paternidade, de modo a compreender que mesmo mediante a seguridade deste direito, muitos pais não a exercem prontamente, abrindo precedente as ações do dispositivo de abandono paterno e colocando em jogo as estratégias atribuídas pelo dispositivo jurídico em relação a ele, deixando em evidente o que Deleuze (1996, p.01) aponta sobre os atravessamentos que as linhas dos dispositivos realizam em função de diversos limiares.

Ainda nesta discussão sobre o reconhecimento da paternidade, formulamos a série enunciativa 11, compreendida pelas respostas dadas às perguntas 2- *Você possui o nome do seu pai na certidão de nascimento? Se sim, você possui algum tipo de vínculo afetivo?* e 5- *Você já se sentiu prejudicado (a) pela falta do nome do seu genitor em seus documentos?*

Série 11- “O reconhecimento que todo filho espera”

1- sim! Eu falo que foi a única coisa que eu herdei dele. Porque com o tempo os bens, tinham algumas fazendas em algumas casas, ele acabou se envolvendo com você no alcoólatra e morreu até por conta disso e foi desfazendo de tudo que tinha. E aí você fala assim, nossa morreu, você vai herdar alguma coisa? Falei olha. Apesar que com 17 que eu fui atrás dele para adquirir o nome e conheceu então foi com 17 que eu tive a oportunidade de ter o nome dele na minha certidão. (Dayane, n.05, 2023)

2- Então, é..., quem me registrou não foi o meu pai, né? Quem me registrou na verdade foi um padrasto que na época morava com a minha mãe, tanto que eu fui registrada, eu tinha quase cinco anos de idade. (Marli, n. 06, 2023)

3- É, o nome dele consta assim na minha certidão e da minha identidade também [...]. Não sei se vínculo afetivo, se ele considera da parte dele, da minha sim, mas do tipo eu considero ele como meu pai, eu vejo ele ainda como meu pai porque a gente nunca teve uma relação ruim. (Percy, n.07, 2023)

4-Tenho! Esse processo, foi um processo bastante interessante por conta da Lei. Quando eu nasci, eu nasci em 83, o meu nome, ele foi registrado com o nome do marido da minha mãe na época. E somente, isso em 83, depois da Constituição, em 91, que eu fui registrada com o nome do meu pai e foi um processo um pouco antes da minha mãe entrar com processo de alimentos, né?E, an, tenho esse registro, é, mas não tive contato,não. Não tenho memória de criança. A ter muito contato com ele, ou ele ter muito afeto por mim. (Alice, n.08, 2023).

Ao longo das respostas apresentadas pelos participantes, observamos que, três dos quatro participantes, receberam o reconhecimento das suas paternidades, alguns nos momentos adequados e outros por processos legais, fazendo jus ao que fora discorrido ao longo do segundo capítulo acerca das regulamentações que garantem o direito a este reconhecimento. No entanto, para muitos obterem o nome do genitor nas certidões de nascimento não significou o estabelecimento de vínculos afetivos.

Pode-se observar a regularidade discursiva (Foucault, 2020) dentro destes enunciados, uma vez que apontam para paternidades reconhecidas pelo cumprimento de uma legislação que assegura a este sujeito o direito de possuir em seus documentos a nomenclatura paterna, não pelo fato do preenchimento de uma simples lacuna, mas pelo fato desta filiação garantir direitos como pensões alimentícias, heranças e benefícios como planos de saúde e afins.

Ainda pensando acerca destes sujeitos compreendidos como existências ínfimas, observamos que no enunciado 2- *“quem me registrou não foi o meu pai, né? Quem me registrou na verdade foi um padrasto que na época morava com a minha mãe”*, encontramos uma referência a paternidade sócio-afetiva citada anteriormente, em que para além de uma filha abandonada, este sujeito insere-se em uma nova posição, enquanto filha reconhecida sócio-afetivamente, recebendo o reconhecimento a paternidade por meio das atribuições de um outro sujeito, o padrasto, que decidiu agir de maneira contrária ao seu respectivo pai. Diante deste enunciado, podemos observar as relações de poder (Foucault, 2020) aqui presentes, de modo a evidenciar as posições assumidas por diferentes sujeitos em relação à paternidade da entrevista, mostrando que mesmo como um pai socioafetivo, o padrasto exerce funções paternas sobre a filha e em relação à respectiva mãe.

Mediante aos imperativos apresentados ao longo da discussão acerca do reconhecimento e dos vínculos afetivos gerados pela presença paterna ao longo do desenvolvimento do sujeito, observamos no decorrer do processo de entrevistas que a sétima pergunta: *“Em seu período escolar, a ausência de seu genitor lhe causou constrangimentos?”*, que se relacionava à discussão disposta anteriormente, no que tange aos

possíveis questionamentos sobre os constrangimentos que a ausência do genitor poderiam lhes causar, para averiguarmos, estabelecemos a série enunciativa a seguir:

Série 12- Escola

1- Foi a fase que mais fez falta. E a fase que realmente gerou constrangimento como eu já falei porque tem a questão dos dias dos pais, você faz uma lembrancinha e você vai dar para que querendo ou não? Se você tá na escola tudo que você faz vale nota se você não faz. Você às vezes é chamado de mal criado por criar por falta de interesse é preguiça e às vezes eu vejo assim é que não tinha muito interesse por parte das professoras de entender o motivo de porque que eu não queria fazer, eu acho que eu lembro que só uma única professora me fez essa pergunta. Por que que você não quer fazer a lembrancinha? Você tá com preguiça? Que que aconteceu? (Dayane, n.05, 2023)

2- Eu acho que talvez a questão das piadinhas, né com os colegas e tal. Porque ela não perde oportunidade, né? pela diferença de cor de pele, mas fora isso, eu acho que eu não não fiquei assim para trás e nada em relação aos meus outros colegas que eram mais próximos (Marli, n.06, 2023)

3- É, em alguns momentos. Foi o que eu falei antes, do tipo, foram brincadeiras e eu entrava sempre porque para mim nunca foi um problema, hoje em dia, tipo, até hoje em dia a gente fica zoando isso do tipo, na faculdade, por exemplo, quando a gente conversa com alguns dos nossos colegas ali do tipo, ‘nossa, seus pais são casados, qual que é a sensação?’ ‘Como que é? conta pra gente’ (Percy, n.07, 2023)

4- Bom, até o quarto ano existia a presença do meu pai de alguma forma, então dia dos pais, eu fazia as atividades pensando em entregar para o meu pai, da quinta a oitava série ou oitavo ano, eu já tava na escola pública, em uma escola pública e falava em dia dos pais, mas eu tinha muitos coleguinhas, na escola pública, que não tinha um pai também, então não me sentia constrangida, sabe? (Alice, n. 08, 2023).

Durante o estabelecimento da série enunciativa em questão, observamos as regularidades discursivas (Foucault, 2020) presentes no interior destes enunciados, uma vez que ao serem questionados a respeito dos constrangimentos vividos em decorrência a ausência paterna, todos os candidatos afirmaram que, em alguma instância sofreram com piadas feitas por terceiros e que se intensificaram ao longo do processo educacional, se tornando a escola o local onde estes questionamentos eram mais recorrentes.

O ambiente educacional, seja por intermédio da escola ou da universidade, torna-se um campo vasto para a discussão acerca das relações tecidas mediante imperativos acerca da parentalidade, uma vez que as posições de pai e mãe são colocadas em discussão a todo momento, sejam para as discussões em termos pedagógicos ou nas festas temáticas dedicadas às datas comemorativas. Como citado ao longo da série enunciativa acima, um dos períodos em que a discussão e constrangimentos são aflorados é o “Dia dos Pais”, comemorado em grande parte das escolas do Brasil, com eventos grandiosos, o que gera a discussão da real necessidade destas comemorações, uma vez que as configurações familiares brasileiras têm sofrido modificações ao longo do tempo.

Levando em consideração as estatísticas apresentadas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) juntamente com os dados do Censo Escolar de 2011, muitas escolas brasileiras têm entrado em processo de repensar tais comemorações, criando mecanismos para transformarem as datas comemorativas, como “Dia das mães” e “Dia do Pais”, no “Dia da família”²¹ ou no “Dia de quem cuida de mim”. Tais práticas foram, de certa maneira, bem recebidas pelas famílias, pois torna-se uma possibilidade de abrir a discussão, não somente sobre o abandono paterno, mas para as novas configurações familiares, pois há a multiplicidade de famílias brasileiras, formadas por mães solo, casais homoafetivos e até mesmo familiares que assumem a posição de pais socioafetivos ao fazerem parte das redes de apoio estabelecidas em torno destes sujeitos.

Observando os enunciados da série enunciativa 12, nota-se que muitos enunciados reverberam os imperativos referentes a família e a instituição familiar, de modo que as escolas, embora algumas tenham visões diferentes, ainda seguem aos padrões expressos pela sociedade. No enunciado 4, a entrevistada Alice afirma: *“mas eu tinha muitos coleguinhas, na escola pública, que não tinha um pai também, então não me sentia constrangida, sabe?”*, referindo-se aos acontecimentos relacionados ao Dia dos Pais, enquanto estudava em uma escola pública. A realidade vivenciada por Alice na instituição escolar remete-nos às relações de poder ali presentes e as normatizações dos sujeitos (Foucault, 2014), de modo que por meio das atividades relacionadas às datas comemorativas coloquem estes sujeitos na ordem do discurso, conduzindo-os a realizarem mesmo com ausência dos pais, porém, como expresso no enunciado em questão muitos já impõem-se em resistência a estes imperativos.

²¹ Para ler a matéria: “Dia dos Pais é substituído pelo “Dia da Família” em escolas para proporcionar inclusão familiar” produzida pela Revista Fórum, acesse o link: <https://revistaforum.com.br/brasil/2023/7/31/dia-dos-pais-substituido-pelo-dia-da-familia-em-escolas-para-proporcionar-incluso-familiar-141437.html>. Acesso em 30. Jul. 2024.

Continuaremos a tecer mais análises acerca dos constrangimentos gerados pelo abandono paterno ao longo da seção 3.3, portanto, seguindo o fio condutor acerca das redes de apoio citadas anteriormente, tecemos uma série enunciativa formada a partir da quarta questão do questionário norteador: “*Durante o seu desenvolvimento havia uma rede de apoio próximo a você e sua mãe? Se sim, qual é/foi a importância dessas pessoas em sua vida?*”

Série 13- Rede de Apoio

1- Assim a gente teve o apoio da minha avó e do meu avô e os tios que ficavam ali, minha mãe tinha que trabalhar, minha mãe trabalhava muito assim a ponto da gente ter que morar no orfanato (Dayane, n. 05, 2023)

2-Olha, sempre foi minha mãe para tudo, né? Embora ela tivesse casado novamente, mas ela sempre foi assim a minha principal rede de apoio, né? E ela sempre sempre foi muito ela, né? Ela sempre deu conta de tudo sempre. Trabalhou muito para surpresa necessidades, minha da minha irmã e agora da minha sobrinha também a minha. (Marli, n.06, 2023)

3- E aí, eu recordo da minha avó, só minha avó e meu avô, mas assim só por meio de telefone, porque por presença física mesmo a gente não teve. E aí depois quando a gente mudou para lá, eu já tava já com 11 anos, então não fez tanta diferença assim pra mim, porque eu ainda continuava mantendo contato com meu pai, às vezes ele ia na cidade para poder me ver. Mas a lembrança que vem é minha avó, porque ela vivia ligando pra minha mãe e a gente conversava com ela, acho que essa foi a rede de apoio. (Percy, n. 07, 2023)

4- Não tinha. Não tinha rede de apoio, an..., inclusive, pelo contrário existia uma rede que não apoiava, que era a rede familiar, por conta de preconceitos por ela ser uma mulher com dois filhos, né? Eu e meu irmão do primeiro casamento que tinha se separado e que era considerado a amante. Então as pessoas se afastavam dela e da gente. (Alice, n. 08, 2023).

Na análise desta série enunciativa, retomaremos ao que fora discutido ao longo da seção 3.2.1, pois assim como as mães, os filhos também apresentaram suas elaborações acerca das redes de apoio que lhes rodeavam ou não. Conforme apresentado anteriormente as redes de apoio podem ser compreendidas como o conjunto de indivíduos que agem em conformidade a uma pessoa ou causa, neste contexto, observamos a ação destes sujeitos em relação ao filho abandonado.

Indo de encontro as regularidades apresentadas na análise da seção anterior, observa-se a repetição de enunciados (Foucault, 2020) referindo-se aos avós como redes de

apoio presentes durante o desenvolvimento deste sujeito e há casos em que a única rede de apoio citada é a própria mãe, retomando- assim o discurso familiar e o discurso acerca da sobrecarga materna, que torna-se ainda mais efetiva quando esta mãe assume integralmente as responsabilidades sobre este sujeito.

Ao longo dos enunciados da série enunciativa, observa-se, em grande parte dos casos, uma referência afetuosa relacionada à mãe, visto que ela aparece como o principal suporte em relação a estes filhos. No entanto, há um contraponto em relação à rede de apoio formada por familiares, o que nos mostra um discurso de indignação referente às atitudes realizadas por membros da família por sempre agirem em pé de julgamento em relação às atribuições dadas a esta mãe.

Portanto, mediante ao exposto nas análises tecidas das séries enunciativas presentes nesta seção, observamos como estes sujeitos abandonados podem ser relacionados as vidas infames apresentadas por Foucault (2013) ao longo de seus escritos uma vez que para que estas vidas pudessem chegar até nós, foi necessário que “um feixe de luz” viesse à iluminá-las nem que fosse por um instante ao longo da vida.

Este feixe de luz pode ser compreendido, também, como as linhas de visibilidade descritas por Deleuze (1996, p. 01), trazendo luz a estas existências que se inserem dentro do dispositivo de abandono paterno, e, posteriormente são colocados nas linhas de enunciabilidade, como podemos compreender pelos discursos apresentados ao longo deste item.

A seguir, continuaremos com as análises sobre a vida destes sujeitos infames, de modo a compreender como se estabelecem os seus respectivos efeitos de verdade e a subjetivação.

3.3 Os efeitos discursivos de verdade e a produção da subjetividade do sujeito abandonado.

“[...] o discurso verdadeiro se organizou em torno de um discurso de confissão sobre uma parte de nós.”

(Foucault, 2016, p.15).

Conforme apresentado pela epígrafe desta seção, um discurso verdadeiro se estabelece por meio de um discurso de confissão de um sujeito a respeito de si (Foucault, 2016, p.15), conforme discutido ao longo do terceiro capítulo desta dissertação, observamos as práticas discursivas que se estabelecem mediante as confissões dos sujeitos entrevistados. Portanto, nesta seção, discutiremos a respeito dos efeitos discursivos de verdade sobre o abandono paterno e a construção da subjetividade do participante do processo de entrevistas, para tanto, continuaremos a apresentar enunciados proferidos por mães solo e por filhos, a fim de nortear a discussão.

Em sua obra *Subjetividade e Verdade* (2016), Michel Foucault explicita durante a primeira aula do curso as relações traçadas entre a subjetividade e a verdade enquanto um sistema histórico de obrigações mediante ao sujeito. Deste modo, o autor aponta a "subjetividade e a verdade" como um problema que consiste nas tradições de cunho filosófico que consiste na forma em que a experiência própria de um sujeito pode relacionar-se com a maneira que ele tem acesso à verdade (Foucault, 2016, p. 11).

A explanação continua ao ponto em que o autor indaga ainda acerca das experiências que podem ser estabelecidas pelo sujeito a fim de propiciar a ele o conhecimento acerca do conhecimento de si, de maneira que fique evidente que “não pode haver verdade sem um sujeito para o qual essa verdade é verdadeira, mas por outro lado: se um sujeito é um sujeito, como pode ele efetivamente ter acesso à verdade?” (Foucault, 2016, p. 11). O autor discorre ainda que se pode pensar as questões acerca da verdade a partir das proposições positivistas que abordam formas ou procedimentos técnicos que permitem observar esta verdade do sujeito e por meio deste sujeito.

Relacionando esta discussão teórica ao que outrora fora discutido ao longo deste estudo, observamos que através das elaborações tecidas pelos entrevistados durante o processo de entrevistas, muitos deles, puderam compreender verdades acerca de si por meio das práticas de confissão em que estes sujeitos foram inseridos. Podemos constatar esta proposição no decorrer dos enunciados que serão apresentados nesta discussão. Ressaltamos

que diferentemente do gesto metodológico apresentado nas duas seções anteriores, nesta análise apresentaremos recortes de enunciados de maneira diversa, intercalando as análises de enunciados proferidos por mães e por filhos concomitantemente.

A fim de compreendermos os efeitos discursivos de verdade acerca do abandono paterno, faz-se necessário retornarmos a discussão acerca do discurso presente na obra *A ordem do Discurso* (2014) em que Foucault aborda que o discurso não se compreende apenas como aquilo que produz lutas, mas é uma forma de tradução das lutas ou sistemas pelos quais se lutam (Foucault, 2014, p.10). Ou seja, explanar acerca dos efeitos discursivos de verdade sobre o abandono paterno e sobre o sujeito abandonado leva-nos a compreensão das lutas e dos sistemas que entram nesta ordem, como pudemos observar ao longo do capítulo 1 e 2, as relações estabelecidas pelas linhas constituintes dispositivo de abandono paterno remontam a um sistema de dominação a qual este se inclui, o patriarcado, o qual coloca em posição de inferioridade os corpos femininos e por consequência os corpos dos filhos.

Ao longo das entrevistas, observamos que em diversas perguntas estabeleceram-se enunciados em que os sujeitos entrevistados ao enunciar, trouxeram-lhes verdades acerca de si e das experiências que os constituíram enquanto sujeitos. Observe a série enunciativa:

Série 14- Constrangimentos

1- olha adulta, quando você consegue se defender, entender muita coisa não, mas na infância acho que algumas professoras perguntavam, principalmente no Dia dos Pais. Quem é seu pai? Faz uma foto do seu pai? E aí você vira para cá, eu não sei quem é meu pai. Chegavam aí para "Como assim, você não sabe quem é seu pai?" Eu sei que eu tenho pai, mas eu não conheço, eu não sei como é que é a voz dele. Isso gerou para mim a gente constrangimento alguns traumas que aí vem aquela questão que eu falei "Ah, vou fazer" e muitas vezes, deixei de fazer essas lembrancinha porque "Ah não vou fazer isso", eu preferia sair da sala, às vezes eu ia chorar, porque tem esse, a professora fazer algumas perguntas que gera um gatilho então adulto não, mas na infância até ali uns 14, 15 anos. Filha esse tipo principalmente nas escolas nas rodas de amigo que vou fazer alguma coisa para o meu pai e você conhece o pai. (Dayane, n. 05, 2023)

2- Era algo bastante que me colocava nesse lugar da marginalidade, sabe? (Alice, n.08, 2023).

Observem o enunciado 1, proferido por Dayane, uma filha abandonada acerca dos constrangimentos gerados pelo abandono paterno durante o seu desenvolvimento escolar. A entrevistada aponta que ao longo de seu percurso, diversas vezes foi interpelada por discursos que a faziam entrar em questionamentos acerca de seu pai durante a infância, de modo que gerou-lhe traumas ao no decorrer de seu desenvolvimento, no entanto, durante a vida adulta

esses anseios foram de certo modo ressignificados, colocando-a como um sujeito que neste momento consegue se “defender” e compreender que as objetivações a elas atribuídas, hoje, não interferem sua subjetividade. No entanto, no enunciado 2- *Era algo bastante que me colocava nesse lugar da marginalidade, sabe?*, Alice ao ser questionada sobre os constrangimentos que lhe encontrou aponta que a colocaram em uma posição de marginalidade, porém, ao decorrer da enunciação a entrevistada apontou que se colocou em posição de resistência, mostrando que o abandono embora lhe atravessasse não ditava quem ela era, mostrando assim a máxima expressa por Foucault (2020, p. 104): “onde há poder há resistência”.

Relacionando esse contexto ao que foi explicitado durante a discussão teórica, observa-se que durante as entrevistas, muitos sujeitos apresentaram elaborações que vão ao encontro do expresso pelas entrevistadas, de modo que ao confessarem detalhes de suas vidas, foi possível com que eles conseguissem observar verdades mediante as suas experiências vividas.

Outros enunciados que nos permitiram observar as questões acerca da subjetividade e verdade foram os enunciados em resposta à questão 6-*Qual a sua opinião frente a afirmação: “Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”, proferida pelo General Hamilton Mourão (ex-vice-presidente da República)?*. Ao longo das oito entrevistas, foi possível observar contradições e contraposições acerca das respostas, visto que, durante as perguntas anteriores, muitos sujeitos abordaram suas vivências como abandonados e marginalizados em algum nível, no entanto, ao elaborarem sobre a questão exposta, surge as indagações como as exemplificadas abaixo:

Série 15- “Famílias desajustadas”

1- Nossa pelo pela quantidade de pessoas que não tem pai, eu acho que mais da metade da população. Então tava no sistema prisional ou dentro de uma Cracolândia se essa afirmação fosse de fato real. Eu acho que ainda mais hoje a formação de família mudou. Como eu te disse a minha formação, a formação de família da minha filha, foi eu e a vó dela. E preencheu. Claro agora, ela é adolescente. Eu vejo algumas questões, mas eu nada que fuja da idade assim é mais essa questão de revolta contra si mesmo, né? Mas não consigo relacionar em nada com ela não ter sido um pai. Então eu nego essa afirmação dizendo que diante de tantas formações a gente pode preencher sentimentos de tantas outras formas (Ana, n.03, 2023)

2- Eu rio dessa afirmação, eu acho que aí tem um questionamento sobre o que seria a família para eles, o que que seria a ideia do desajustado? e eu olho essa frase da minha perspectiva de entender que por exemplo uma família em que a gente vai ter essas figuras, né, do pai e da mãe, e filhos, é

uma configuração de uma idade moderna, né, uma configuração colonial. Então exigir que família seja essa configuração é uma ideia até de controle social e controle estatal. É ir contra, ao meu ver, a própria vida, né? Porque família não vai ser só isso e não pode ser só isso. E, mas eu acho engraçado, assim tem esse lado, né? (Alice, n.08, 2023)

Embora, sejam considerados fora da norma padrão e subjugados pelo padrão heteronormativo, por inserirem-se em uma formação familiar diferente, os sujeitos ao elaborarem suas respostas acerca do enunciado proferido pelo General Hamilton Mourão, discordam veementemente da afirmação, uma vez que consideram suas experiências de formação dignas de uma formação tão adequada quanto dos sujeitos que foram criados por ambos os pais, exemplo disto é o enunciado 1 proferido por Ana, uma mãe solo, que criou bem a sua filha e contrapõe esta afirmação.

Ao longo do enunciado 2, expresso por Alice, observamos o que fora discutido ao longo do capítulo 1, acerca das configurações familiares e a afirmação apresentada remete a um imperativo referente às demandas do dispositivo de patriarcado, que apontam que famílias sem a presença dos pais tornam-se desajustadas. A entrevistada ainda aponta que uma autoridade enunciar tal afirmativa recai sobre o controle estatal e de controle familiar, o que remete às relações de poder expressas por Foucault (2020).

Enunciados como estes, podem ser observados em todo o processo de entrevistas, de modo a exemplificar estes discursos presentes em torno do dispositivo de abandono paterno, todavia, para que pudéssemos chegar a estes resultados, fez-se necessário com que estes sujeitos fossem colocados diante de suas próprias vivências, a fim de compreender o que Foucault (2016, p.11) aponta ao discorrer que para existir verdade sobre um sujeito, é necessário haver verdade para este sujeito. Ou seja, ao irem ao encontro do enunciado proferido por Mourão ou pelos discursos que reverberam o dia dos pais e a ausência paterna, fez-se necessário que este sujeito examina-se a si para que no ato de confissão (Foucault, 2020, p. 69) transformassem em materialidade a verdade que se encontram no cerne de suas subjetivações.

Ainda em relação ao enunciado proferido por Mourão e as respectivas respostas das entrevistadas, é possível observar o “*preenchimento estratégico*” (Foucault, 2022) do dispositivo, visto que é possível observar os efeitos gerados por meio das práticas exercidas por este mecanismo, que defendem a ideia de um lugar de família, ou seja, somente sujeitos que compreendem o modelo familiar patriarcal podem se inserir dentro da ordem do discurso acerca dos sujeitos tidos como “ajustados”, pois quem foge a esta norma torna-se

“desajustado”. Discursos como estes retomam discussões que já foram descritas ao longo deste trabalho e que permeiam enunciados que provocam revolta, medo e são refutados pelas participantes, como disposto acima, no entanto, não deixam de demonstrar como o dispositivo de abandono paterno possui elementos estratégicos em sua constituição.

A discussão apresentada até o presente momento, permite-nos observar como se estabelecem os processos de subjetivação e os efeitos discursivos de verdade sobre este sujeito, de modo a exemplificar e relacionar todo o aparato teórico em estudo com o processo de entrevistas, deste modo, podemos compreender que todos os elementos utilizados na formulação desta dissertação interligam-se de modo a nos permitir observar a cartografia do dispositivo de abandono paterno.

A seguir, partiremos para as considerações finais, onde teceremos algumas observações acerca das análises das entrevistas e encaminharemos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado ao longo desta dissertação, sabe-se que abandono paterno é compreendido como a ausência paterna de forma física, mas também nos documentos de identificação de um sujeito, o que pode acarretar perdas e traumas durante a formação deste sujeito. Embora o reconhecimento da paternidade seja assegurado pelo artigo 226, § 7º, da Constituição Federal de 1988, este direito não vem sendo garantido a todos os cidadãos brasileiros, basta observar as estatísticas tecidas durante esta pesquisa.

Mediante as crescentes estatísticas, esta pesquisa propôs-se a dar continuidade à investigação que se iniciou no âmbito da Iniciação Científica, com a investigação acerca da existência do dispositivo de abandono paterno e agora, no mestrado, desdobrou-se para a compreensão de sua constituição. Visto que observamos durante os trabalhos iniciais que este dispositivo responde a uma demanda histórica e que, durante séculos, objetiva e subjetiva os sujeitos que se inserem dentro de suas linhas.

Partimos da hipótese que o abandono paterno se constituía enquanto um dispositivo e que englobava diversas instituições tais como a família, educação, religião e outras. Além de discursos, proposições científicas e afins, abrindo margem para a emergência de discursos de diversos campos temáticos que se relacionam e que respondem demandas históricas. Deste modo, durante as discussões realizadas nos três capítulos desta dissertação, comprovamos esta hipótese, onde conseguimos observar como estes elementos heterogêneos se relacionam dentro da teia do dispositivo.

Ainda acerca da hipótese, acreditávamos que os discursos acerca do abandono paterno objetivavam e subjetivavam os sujeitos abandonados, de modo que eles pudessem se ver frente às suas vivências em associação ao discurso tido como verdadeiro sobre o abandono. Foi possível observar esses processos por meio das entrevistas realizadas, nas quais por meio da confissão os sujeitos trarão à luz a estes discursos.

Para que pudéssemos comprovar os pressupostos descritos acima, tínhamos em vista um objetivo geral que era cartografar, por meio do método de entrevistas, a constituição do dispositivo de abandono paterno, com o propósito de uma discussão acerca da realização de uma história crítica do presente, possibilitando observar quais instituições produtoras de discursos lhes são constituintes, e como esses discursos objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados. E para alcançarmos este propósito contamos com quatro objetivos específicos que foram alcançados ao longo dos capítulos deste estudo, pois, por meio das discussões tecidas ao longo da pesquisa, conseguimos descrever a formação do dispositivo de abandono

paterno e a sua relação a outros dispositivos, como a maternidade, a paternidade e a justiça, trazendo à tona os domínios associados do dispositivo e isto fica evidente nos capítulos 1 e 2. Ao longo do capítulo 3, foi possível analisar, por meio da confissão, as formações de subjetividade dos sujeitos abandonados e, como os efeitos discursivos de verdade são produzidos. Ainda no terceiro capítulo foi possível tecer contribuições para os estudos acerca das entrevistas à luz do pensamento foucaultiano.

Assim sendo, ao alcançarmos as respostas que buscamos por meio das hipóteses e dos objetivos, observamos que o abandono paterno se configura como um dispositivo que responde às urgências atuais, vinculadas ao patriarcado, de modo a colocar a paternidade como facultativa, enquanto descarrega sobre as mães as atribuições que outrora deveriam ser exercidas pela figura paterna.

Mediante as discussões teóricas realizadas, pautadas nos escritos diversos de Michel Foucault (2020), Gilles Deleuze (1996), Elisabeth Badinter (1985) e outros autores, constatamos que este dispositivo é formado de elementos diversos, tais como a maternidade, o patriarcado, a religião, a economia, a educação, o campo dos afetos e outros, de modo a estabelecerem uma rede que produz discursos e subjetivações dos sujeitos denominados abandonados.

Para além da formação deste dispositivo, conseguimos observar as relações estabelecidas pelo funcionamento deste mecanismo na sociedade, de modo que o dispositivo jurídico tem se debruçado durante anos para estabelecer estratégias efetivas para o seu combate, como exemplos claros temos as ações desenvolvidas pelo Conselho Nacional de Justiça juntamente com as Defensorias Públicas de todo o país, que são explanadas ao longo do segundo capítulo.

Ao longo do terceiro capítulo, no decorrer das análises das entrevistas, observamos como os conceitos e temáticas desenvolvidas ao longo de toda a dissertação podem relacionar-se, mostrando de fato como se estabelece os mecanismos deste dispositivo, que faculta o nome ou a presença do pai, mas que é duramente questionado pelos sujeitos entrevistados. Através das formulações tecidas ao longo das análises dos enunciados das entrevistas, conseguimos alcançar a cartografia do dispositivo de abandono paterno, conforme apresentada nos objetivos gerais, e também observar novas perspectivas que podem ser alcançadas a partir do aprimoramento dos estudos até aqui realizados.

Por meio dos enunciados recortados das entrevistas, foi possível constatar as relações estabelecidas pelo dispositivo de abandono paterno com outros dispositivos, bem como as urgências às quais estes respondem. Através da formulação das seções 3.2.1, 3.2.2 e 3.3. foi

possível compreender que, embora estejam inseridos dentro de uma racionalidade pautada nos padrões formais diante do patriarcado, mães e filhos remontam a todo o momento acerca de um discurso de resistência e inventividade sobre o abandono paterno. Além disso, notamos também o “preenchimento estratégico” do dispositivo (Foucault, 2022), visto que, por meio dos discursos que emergiram, notamos a presença de práticas estratégicas que produzem discurso que reverberam padrões aos quais estes sujeitos fogem, mas que traz à tona os imperativos de dispositivos maiores, como o patriarcado, e que se inserem dentro das linhas do dispositivo de abandono paterno.

Durante as análises, foi possível observar, também, um contraponto aos discursos acerca dos imperativos destinados à mulher, colocando-a sempre em pé de desigualdade em relação ao homem, de modo que se fossem elas que praticassem o ato do abandono, seriam colocadas em posição de monstruosidade, o que abre-nos precedentes para novas configurações e perspectivas acerca do estudo aqui realizado. Assim sendo, ressaltamos que por meio da estruturação do processo e das análises das entrevistas, tornou-se possível a cartografia do dispositivo, de modo que pode ser posteriormente utilizada durante as cartografias de outros dispositivos.

Desta maneira, encerramos este estudo com novas perspectivas acerca dos estudos sobre o abandono paterno, estudos estes que desde os seus primórdios, nos permitiram chegar ao encontro do que hoje compreendemos como o dispositivo de abandono paterno e as suas linhas constitutivas. Mediante a todo o exposto aqui, temos convicção que esta investigação pode realçar estudos já realizados e, posteriormente, abrir caminhos para outros estudos, sejam relacionados ao abandono paterno, às formulações sobre o processo de entrevistas, ou até mesmo sobre um possível dispositivo de parentalidade, que colocará em comparação os respectivos papéis de pais e mães dentro de uma sociedade, sendo relacionados ou não com o abandono paterno, pois também respondem a urgências de um determinado tempo. Por fim, esta autora espera que este estudo possa contribuir para discussões e reflexões acerca de uma temática tão cara e tão presente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Prefácio – Diz Positivo: entre o castor e a aranha. In. FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017, [n.p.].

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BÍBLIA. Português. **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo**. 2 ed. Barueri, SP Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BRASIL. Arquivo Nacional. Mapa: Memória da administração pública brasileira. **Código Civil**. Disponível em: <https://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/1222-codigo-civil>. Acesso em 04. Abr. 2024.

BRASIL, Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais. **Portal da Transparência do Registro Civil**. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/painel-registral/pais-ausentes> . Acesso em 04 Jul. 2023.

BRASIL, Conselho Nacional de 2015. **Cartilha Pai Presente e Certidões**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf> Acesso em 21.Jan.2023.

BRASIL, **Constituição 30 anos**. Breve história das constituições: o caminho percorrido pelo Brasil até 1988. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/constituicao-30-anos/textos/breve-historia-das-constituicoes-o-caminho-percorrido-pelo-brasil-ate-1988>. Acesso em 04. Jul. 2023.

BRASIL. **Código Civil de 1916** . Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/103251/codigo-civil-de-1916-lei-3071-16>. Acesso em 04. Jul. 2023.

BRASIL, Conselho Nacional de Justiça. **Entenda a diferença entre abandono intelectual, material e afetivo**. 2015. Disponível em: <https://cnj.jusbrasil.com.br/noticias/222926205/entenda-a-diferenca-entre-abandono-intelectual-material-e-afetivo>. Acesso em 05 mai.2022

BRASIL, Conselho Nacional de Justiça. **Pai Presente**. 1988. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco/es/pai-presente/>. Acesso em 05 mai. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Jus Brasil. **Paternidade socioafetiva**: saiba tudo sobre o conceito. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/paternidade-socioafetiva-saiba-tudo-sobre-o-conceito/2746340257>. Acesso em 24 set. 2024.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**- Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores/ Edgardo Castro; tradução- Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. In: BALBIER, E.; DELEUZE, G.; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. [On-line]. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em 04 jul. 2021.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: Ed. Vega – Passagens. **O mistério de Ariana**. Lisboa, 1996. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro.

DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA: atualizado conforme acordo ortográfico da língua portuguesa/ [compilação: Ronaldo Silva Bastos]Blumenau: Starke Design Editora, 2009.

EIZIRIK, M.; BERGMANN, D. S.. **Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 26, n. 3, p. 330–336, set. 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

FOUCAULT, Michel. Estética, literatura e pintura, música e cinema. In: **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. In: **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. As relações de poder passam para o interior dos corpos. In: **Ditos e escritos IX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 35-43.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981) / Michel Foucault; edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Rosemary Costhek Abílio. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. - (Coleção obras de Michel Foucault)

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12^a. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FRANCESCHINI, Bruno. **Cartografias do discurso: a constituição de um dispositivo de TDAH** / Bruno Franceschini. - 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS .**Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos**. 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos>. Acesso em 17. abr. 2024.

HOOKS, bell **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens** /Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

MANZINI, Eduardo José Manzini. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: Livre-docência. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, FFC - UNESP, Brasil. Título: **A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**, Ano de obtenção: 2008

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: SIPEQ, 2004. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/consagro/2012/03/16/entevista-semi-estruturada-analise-deobjetivos-e-de-roteiros/>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORTÁGUA, Alexandre. **Todos nós, cinco milhões**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7sUDHjNRtQ&t=1336s>. Acesso 20/08/2020.

NAVARRO, Pedro. **Estudos discursivos foucaultianos**: questões de método para análise de discursos. MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, [S.l.], v. 1, n. 57, p. 08-33, dez. 2020. ISSN 0104-0944. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682/6672>>. Acesso em: 19 set. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>.

NARVAZ, Marta. Giudice.; KOLLER, Silvia. Helena.. **Famílias e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 49–55, jan. 2006.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PRADO FILHO, Kleber. TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbaroi [online]. 2013, n.38, pp. 45-49. ISSN 0104-6578.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais / Judith Revel ; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos : Claraluz, 2005.

ROMÃO, Luiza. Sangria/Sangría. Fotografia de Sérgio Silva. Tradução de Martina Altalef. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

SILVA. Giuslane Francisca. MACHADO JÚNIOR. Sérgio da Silva. **A construção do sujeito em Michel Foucault**. *Entreletras*, Araguaína/TO, v.7, n.1, jan /jun. 2016.

APÊNDICES

A- FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA “CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”

Você, membro da comunidade acadêmica ou geral, que seja mãe solo ou um filho que sofreu o abandono paterno, está sendo convidado(a) para participar, voluntariamente, da pesquisa —“CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”, de autoria de Ester Geovana de Sousa Albuquerque (mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão), sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini. Esta pesquisa tem como objetivo investigar, por meio dos Estudos Discursivos Foucaultianos, como se constitui o dispositivo de abandono paterno e como ele age na formação da subjetividade do sujeito abandonado. Dessa forma, sua participação consistirá em uma entrevista na qual serão abordadas questões relacionadas a sua experiência frente ao abandono paterno, bem como a relação com o genitor, a relação com a ausência e as consequências que o abandono acarretou. Pensando no conforto, nas questões de locomoção e devido as reincidências de casos de covid-19, caso você aceite participar desta pesquisa, concorda em participar da entrevista utilizando ferramentas de videochamada, como o Google Meet e Microsoft Teams, levando em conta o acesso tais ferramentas previamente, estando a pesquisadora responsável disponível para responder as dúvidas que surgirem. Os riscos advindos de sua participação são mínimos, como o caso de não se sentir bem ao responder alguma questão. Nessa circunstância, você tem o total direito de negar-se a responder qualquer questionamento feito, bem como desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. A recusa, seja por qualquer motivo, não lhe acarretará nenhum prejuízo. Todos os dados que forem obtidos por meio desta pesquisa são de cunho confidencial, sendo assim, asseguramos total sigilo em sua participação. Dessa maneira, os futuros resultados a serem divulgados nos meios acadêmicos e científicos não possuirão nenhum tipo de identificação dos participantes. É assegurado a garantia do sigilo de todas as suas informações. Os participantes não terão nenhuma despesa e não haverá compensações financeiras relacionadas a participação na pesquisa. Se porventura ainda haja alguma dúvida sobre a pesquisa e a sua possível participação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável: Ester Geovana de Sousa Albuquerque, telefone: (64) 99227-2455 ou estergeovana@hotmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) também

poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética dessa pesquisa. Ressaltamos que esta pesquisa está ancorada nos preceitos éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão. A mesma foi avaliada e aprovada pelo colegiado do comitê e pode ser consultada na Plataforma Brasil por meio do CAEE: 67177823.7.0000.0164 e do Parecer: 6.064.656. A sua participação é de suma importância, além de ser voluntária, e terá como benefícios a geração de informações acerca do abandono paterno. Ressaltamos que não haverá, portanto, benefícios diretos ou imediatos aos participantes. Salientamos que todo(a) participante terá direito a exemplares impressos ou digitais da Dissertação resultante da pesquisa.

O tempo médio para leitura e preenchimento deste formulário é de 5 minutos.

* Indica uma pergunta obrigatória

Por gentileza, preencha com o seu e-mail para que possa receber o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

* Nome Completo

* Idade

* Você tem interesse em participar da pesquisa? Sim ou não

*Você se encontra na posição de: Mãe solo Filho abandonado

* Número de telefone celular (opcional)

* Você tem disponibilidade para realização de entrevistas em uma data previamente marcada (a serem realizadas à distância por aplicativos digitais como Google Meet ou Microsoft Teams)? Sim Não

*Alguma dúvida? Comente?

Agradecemos a sua disponibilidade e em breve retornaremos o contato!

B- TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO LIVRE (TCLE) - MÃES SOLO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezada Senhora, você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada **“CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”**. Meu nome é Ester Geovana de Sousa Albuquerque, sou mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL - UFCAT) e sou a pesquisadora responsável por esta pesquisa, sob supervisão e orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está salvo em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação, você não será penalizada de forma alguma. Caso aceite participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pessoalmente pela pesquisadora responsável, por e-mail (estergeovana@hotmail.com), ou pelo número telefônico (64) 99227-2455. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (CEP/UFCAT), localizado no Bloco Didático 1, segundo piso (subindo as escadas, a primeira sala à esquerda), sediado no Campus I da UFCAT, que fica na Avenida Doutor Lamartine Pinto de Avelar, nº 1120, Setor Universitário, Catalão/GO, CEP: 75704-020, e-mails secretaria.cep.ufcat@gmail.com, cep.rc.ufg@gmail.com, ou pelo telefone (64) 34417609. O CEP é um colegiado independente corresponsável no desenvolvimento desta pesquisa dentro de padrões éticos, conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde, contribuindo na defesa dos interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade. Você poderá ainda esclarecer dúvidas, reclamar ou fazer denúncia junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pelo e-mail CONEP@saude.gov.br ou pelo telefone (61) 3315-5877.

Para obter mais informações sobre a sua importância como participante de pesquisa, você poderá também consultar a "Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa" disponível em:

http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/CONEP/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf.

Informações importantes sobre a pesquisa:

Título: “CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”

Justificativa: O reconhecimento da paternidade é um direito assegurado pelo artigo 226, § 7º, da Constituição Federal de 1988, todavia, ainda que apresentado como um direito humano no documento em questão, este não é garantido a todos da mesma maneira. Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) apontam que, no Censo Escolar de 2011, mais de 5,5 milhões de crianças em idade escolar não possuíam o nome do genitor masculino em suas certidões de nascimento. Já dados mais recentes, da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-BRASIL), apontam que, no ano de 2022, mais de 160 mil crianças registradas em cartórios de todo o país possuíam apenas o nome materno em sua certidão de nascimento, um índice preocupante, pois refere-se apenas a um único ano. Mediante a todas estas estatísticas, podemos observar que o abandono paterno faz parte da realidade da sociedade brasileira e não se limita, exclusivamente, à ausência do nome do genitor em documentos, mas estendendo-se à ausência de tal durante o desenvolvimento do indivíduo, acarretando traumas que podem perdurar por toda uma vida, afetando não somente os filhos e as mães, visto que atingem toda a família.

Levando em consideração as diversas estatísticas acerca do abandono paterno nos indagamos nesta pesquisa sobre as consequências que este abandono provoca na vida de quem convive com esta realidade, pretendemos, assim, observar nessa pesquisa como se constitui esse abandono e como isso age na formação da subjetividade da mãe solo e do filho abandonado. Nossa proposta é, por meio de entrevistas semi-estruturadas, fazer perguntas que envolvem a experiência vivida frente ao abandono paterno, sendo perguntas direcionadas às mães e aos filhos. Posteriormente, pretendemos realizar a coleta de enunciados que permitam visualizar, discursivamente, de que modo o dispositivo de abandono paterno se constitui e age na subjetivação do sujeito.

Para além do exposto acima, justificamos esta proposta diante da relevância da temática em estudo e a sua importância para os estudos discursivos, especialmente em relação aos conceitos imprescindíveis para formulação deste projeto, inscritos no pensamento foucaultiano. Por fim, ressaltamos a relevância desta discussão no âmbito acadêmico, tendo em vista o compromisso e seriedade das pesquisas desenvolvidas em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, ressaltando o seu retorno à sociedade.

Objetivos da Pesquisa

Objetivo geral: Cartografar a constituição do dispositivo de abandono paterno, possibilitando observar quais instituições são constituintes, e como esse dispositivo objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados.

Objetivos específicos:

- 1- Discutir, por meio das entrevistas, como o abandono paterno se configura como um dispositivo que há séculos modifica a vida de sujeitos que convivem com essa realidade.
- 2- Descrever a historicidade da formação do dispositivo de abandono paterno e a sua relação com a heterocisnormatividade, sexualidade e patriarcado, compreendendo os domínios associados desse objeto.
- 3- Analisar, por meio das entrevistas, como se constitui a subjetivação dos sujeitos mãe e filhos abandonados.
- 4- Analisar os efeitos de verdade acerca dos discursos produzidos sobre o abandono paterno e a relação que o sujeito possui com essa verdade.
- 5- Contribuir para os estudos da temática abordada e desenvolver um instrumental metodológico para entrevistas à luz do pensamento foucaultiano, com o objetivo de contribuir à área de estudo.

Procedimentos utilizados na pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

Esta pesquisa se inscreve nos Estudos Discursivos Foucaultianos e tem como fundamentação teórica a *arqueogenealogia*. Sendo assim, para que possamos realizar o que está sendo proposto pesquisaremos nas obras de Michel Foucault o suporte necessário para tal, nos aprofundaremos em noções teóricas como sujeito, discurso, subjetivação e dispositivo.

Mediante ao fato de nosso trabalho envolver entrevistas, baseadas na categoria de vivência tópica e semi-estruturada assim caracterizada por Minayo (2001), submeteremos a proposta ao Comitê de Ética em Pesquisa e aguardaremos a deliberação para, então, entrevistarmos cerca de oito participantes, sendo quatro mães solo e quatro filhos abandonados. Optamos por selecionar participantes com idade superior a 18 anos que, preferencialmente, residam no sudeste goiano, a fim de apurarmos as diversas experiências vividas frente ao abandono paterno.

Pensando na comodidade, na locomoção dos participantes e a fim de evitar riscos relacionados à pandemia de covid-19, as entrevistas serão realizadas individualmente com cada participante por meio de serviços online de videochamada (*Google Meet* ou *Microsoft Teams*), o que será previamente acordado com os(as) participantes. Todas as entrevistas serão gravadas sem o propósito de divulgação de imagem, utilizaremos, exclusivamente, para serem transcritas, mediante a permissão de cada participante.

Serão levantadas, então, oito questões norteadoras para a entrevista, a fim de propiciar um diálogo entre as possíveis participantes, tais perguntas envolvem temáticas que reverberam nas experiências da mãe solo em relação ao abandono paterno, a relação com o genitor de seu filho e as consequências geradas ao longo de sua vida, esclarecendo que, a todo o momento, as questões estarão abertas para discussão e opinião do participante entrevistado.

Posteriormente, utilizaremos como metodologia para a análise das entrevistas a elaboração de séries enunciativas, com a finalidade de traçar a regularidade do discurso sobre o abandono paterno e os seus campos associados.

Após a finalização das análises das entrevistas e após a entrega e defesa da Dissertação será disponibilizado os exemplares aos participantes.

Benefícios: Os benefícios desta pesquisa incluem a divulgação de resultados obtidos por meio de publicações de artigos em revistas e periódicos especializados, além de comunicações orais em eventos científicos. Nos propomos, com as divulgações, ampliar a reflexão teórico-crítica, inclusive dos entrevistados, sobre os discursos e as ações do dispositivo de abandono paterno. Ressaltamos ainda que a opinião do participante será levada em consideração a todo momento, deixando-o livre para expressar-se em todo o momento da entrevista. Por fim, serão disponibilizadas, aos participantes, cópias digitais de todos os trabalhos em que constarão as entrevistas, além de um exemplar da Dissertação defendida.

Riscos: Advertimos que há a possibilidade de riscos mínimos, como o desconforto ou o constrangimento. Se o participante sentir qualquer desconforto ou constrangimento lhe é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso o participante se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo. Não revelaremos sua identidade nesta pesquisa, ficando assegurados seu sigilo, privacidade, integridade e confidencialidade.

-O participante poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Assim como tem liberdade de recusar a fornecer informações que lhe cause desconforto ou constrangimento.

-Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável por um período de cinco anos no mínimo, após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será excluído de seus respectivos locais de armazenamento.

-Se o participante sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito de pleitear indenização para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes de sua participação.

-O participante não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente, este será ressarcido por mim, pesquisadora responsável.

-Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos exemplares da Dissertação com todos os dados.

- Os resultados serão tornados públicos, sejam favoráveis ou não.

- É garantido ao participante obter uma cópia impressa e digital deste formulário, disponibilizada em pdf ao fim do preenchimento por e-mail ao participante.

-O tempo médio para leitura e preenchimento deste formulário é de 30 minutos.

Obrigatório*

Se porventura aceite o convite, você responderá a uma entrevista na modalidade semi-estruturada e de caráter qualitativo, a qual contém 8 (oito) questões discursivas, que serão perguntadas oralmente pela pesquisadora responsável, em diálogo aberto com você, por meio de videochamada em plataformas online, como *Google Meet* e *Microsoft Teams*, de acordo com a sua acessibilidade e maior familiaridade.

Dessa maneira, assinale a opção para permitir ou não a divulgação das suas respostas nos resultados publicados da pesquisa. É assegurado o sigilo de seu nome e informações pessoais, garantindo o seu anonimato e privacidade enquanto participante da pesquisa, caso seja do seu interesse.

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a publicação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Todavia, se for de seu interesse a possível identificação nos resultados da pesquisa, basta selecionar a alternativa adequada, que está disponível abaixo:

- Permito a minha identificação através do uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Mediante o artigo 28 da resolução nº 510 da Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais, os dados a serem coletados nesta pesquisa deverão ser armazenados por cinco anos, visto que este material visa à execução e divulgação de produções futuras – por meio de artigos, capítulos de livros e afins, tornando os resultados de domínio público independente se seus resultados.

Assim, toda pesquisa a ser realizada futuramente com os dados que foram coletados a partir dessa pesquisa deverá ser autorizada pelo(a) participante e também ser submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e, se for necessário, ao CONEP.

Desta maneira, marque para permitir ou não a guarda do material a ser coletado, pela pesquisadora, para o uso em pesquisas futuras:

- Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes para estudos futuros e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados.
- Declaro ter ciência de que os meus dados coletados devem ser relevantes em estudos futuros, porém não autorizo a guarda do material em banco de dados.

Agora, preencha com seus dados (para fins exclusivos de validação do termo, sem, portanto, qualquer divulgação das informações).

*Nome Completo

*RG:

*CPF

*E-mail para contato:

*Telefone (opcional)

*Cidade em que reside.

*Você se reconhece como uma mãe solo? sim/ não

Eu concordo em participar da pesquisa intitulada —“CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”.

Informo possuir mais de 18 anos de idade e ressalto que a minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Declaro que devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Ester Geovana de Sousa Albuquerque sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, além dos possíveis riscos e benefícios resultantes de minha participação no estudo. Me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

* Li e concordo em participar da pesquisa.

Ao clicar no botão abaixo, o (a) Senhor (a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

* Concordo.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa e a sua possível participação, você poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa: Ester Geovana de Sousa Albuquerque, telefone: (64) 99227-2455 ou e-mail: estergeovana@hotmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética dessa pesquisa.

Estou ciente.

Esta pesquisa está ancorada nos preceitos éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão. A mesma foi avaliada e aprovada pelo colegiado do comitê e pode ser consultada na Plataforma Brasil por meio do CAEE: 67177823.7.0000.0164 e do Parecer: 6.064.656.

C- TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO LIVRE (TCLE)- FILHOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a), você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”**. Meu nome é Ester Geovana de Sousa Albuquerque, ou mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL - UFCAT) e sou a pesquisadora responsável por esta pesquisa, sob supervisão e orientação do Prof. Dr. Bruno Franceschini. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento, que está salvo em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Caso aceite participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pessoalmente pela pesquisadora responsável, por e-mail (estergeovana@hotmail.com), ou pelo número telefônico (64) 99227-2455. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (CEP/UFCAT), localizado no Bloco Didático 1, segundo piso (subindo as escadas, a primeira sala à esquerda), sediado no Campus I da UFCAT, que fica na Avenida Doutor Lamartine Pinto de Avelar, nº 1120, Setor Universitário, Catalão/GO, CEP: 75704-020, e-mails secretaria.cep.ufcat@gmail.com, cep.rc.ufg@gmail.com, ou pelo telefone (64) 34417609. O CEP é um colegiado independente corresponsável no desenvolvimento desta pesquisa dentro de padrões éticos, conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde, contribuindo na defesa dos interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade. Você poderá ainda esclarecer dúvidas, reclamar ou fazer denúncia junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pelo e-mail CONEP@saude.gov.br ou pelo telefone (61) 3315-5877.

Para obter mais informações sobre a sua importância como participante de pesquisa, você poderá também consultar a "Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa" disponível em:

http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/CONEP/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf.

Informações importantes sobre a pesquisa:

Título: “CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”

Justificativa: O reconhecimento da paternidade é um direito assegurado pelo artigo 226, § 7º, da Constituição Federal de 1988, todavia, ainda que apresentado como um direito humano no documento em questão, este não é garantido a todos da mesma maneira. Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) apontam que, no Censo Escolar de 2011, mais de 5,5 milhões de crianças em idade escolar não possuíam o nome do genitor masculino em suas certidões de nascimento. Já dados mais recentes, da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-BRASIL), apontam que, no ano de 2022, mais de 160 mil crianças registradas em cartórios de todo o país possuíam apenas o nome materno em sua certidão de nascimento, um índice preocupante, pois refere-se apenas a um único ano. Mediante a todas estas estatísticas, podemos observar que o abandono paterno faz parte da realidade da sociedade brasileira e não se limita, exclusivamente, à ausência do nome do genitor em documentos, mas estendendo-se à ausência de tal durante o desenvolvimento do indivíduo, acarretando traumas que podem perdurar por toda uma vida, afetando não somente os filhos e as mães, visto que atingem toda a família.

Levando em consideração as diversas estatísticas acerca do abandono paterno nos indagamos nesta pesquisa sobre as consequências que este abandono provoca na vida de quem convive com esta realidade, pretendemos, assim, observar nessa pesquisa como se constitui esse abandono e como isso age na formação da subjetividade da mãe solo e do filho abandonado. Nossa proposta é, por meio de entrevistas semi-estruturadas, fazer perguntas que envolvem a experiência vivida frente ao abandono paterno, sendo perguntas direcionadas às mães e aos filhos. Posteriormente, pretendemos realizar a coleta de enunciados que permitam visualizar, discursivamente, de que modo o dispositivo de abandono paterno se constitui e age na subjetivação do sujeito.

Para além do exposto acima, justificamos esta proposta diante da relevância da temática em estudo e a sua importância para os estudos discursivos, especialmente em relação aos conceitos imprescindíveis para formulação deste projeto, inscritos no pensamento foucaultiano. Por fim, ressaltamos a relevância desta discussão no âmbito acadêmico, tendo em vista o compromisso e seriedade das pesquisas desenvolvidas em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, ressaltando o seu retorno à sociedade.

Objetivos da Pesquisa:

Objetivo geral: Cartografar a constituição do dispositivo de abandono paterno, possibilitando observar quais instituições são constituintes, e como esse dispositivo objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados.

Objetivos específicos:

- 1- Discutir, por meio das entrevistas, como o abandono paterno se configura como um dispositivo que há séculos modifica a vida de sujeitos que convivem com essa realidade.
- 2- Descrever a historicidade da formação do dispositivo de abandono paterno e a sua relação com a heterocisnormatividade, sexualidade e patriarcado, compreendendo os domínios associados desse objeto.
- 3- Analisar, por meio das entrevistas, como se constitui a subjetivação dos sujeitos mãe e filhos abandonados.
- 4- Analisar os efeitos de verdade acerca dos discursos produzidos sobre o abandono paterno e a relação que o sujeito possui com essa verdade.
- 5- Contribuir para os estudos da temática abordada e desenvolver um instrumental metodológico para entrevistas à luz do pensamento foucaultiano, com o objetivo de contribuir à área de estudo.

Procedimentos utilizados na pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

Esta pesquisa se inscreve nos Estudos Discursivos Foucaultianos e tem como fundamentação teórica a *arqueogenealogia*. Sendo assim, para que possamos realizar o que está sendo proposto pesquisaremos nas obras de Michel Foucault o suporte necessário para tal, nos aprofundaremos em noções teóricas como sujeito, discurso, subjetivação e dispositivo.

Mediante ao fato de nosso trabalho envolver entrevistas, baseadas na categoria de vivência tópica e semi-estruturada assim caracterizada por Minayo (2001), submeteremos a proposta ao Comitê de Ética em Pesquisa e aguardaremos a deliberação para, então, entrevistarmos cerca de oito participantes, sendo quatro mães solo e quatro filhos abandonados. Optamos por selecionar participantes com idade superior a 18 anos que, preferencialmente, residam no sudeste goiano, a fim de apurarmos as diversas experiências vividas frente ao abandono paterno.

Pensando na comodidade, na locomoção dos participantes e a fim de evitar riscos relacionados à pandemia de covid-19, as entrevistas serão realizadas individualmente com

cada participante por meio de serviços online de videochamada (*Google Meet* ou *Microsoft Teams*), o que será previamente acordado com os(as) participantes. Todas as entrevistas serão gravadas sem o propósito de divulgação de imagem, utilizaremos, exclusivamente, para serem transcritas, mediante a permissão de cada participante.

Serão levantadas, então, oito questões norteadoras para a entrevista, a fim de propiciar um diálogo entre os possíveis participantes, tais perguntas envolvem temáticas que reverberam nas experiências do filho abandonado em relação ao abandono paterno, a sua relação com o seu genitor e as consequências geradas ao longo de sua vida, esclarecendo que, a todo o momento, as questões estarão abertas para discussão e opinião do participante entrevistado.

Posteriormente, utilizaremos como metodologia para a análise das entrevistas a elaboração de séries enunciativas, com a finalidade de traçar a regularidade do discurso sobre o abandono paterno e os seus campos associados.

Após a finalização das análises das entrevistas e após a entrega e defesa da Dissertação será disponibilizado os exemplares aos participantes.

Benefícios: Os benefícios desta pesquisa incluem a divulgação de resultados obtidos por meio de publicações de artigos em revistas e periódicos especializados, além de comunicações orais em eventos científicos. Nos propomos, com as divulgações, ampliar a reflexão teórico-crítica, inclusive dos entrevistados, sobre os discursos e as ações do dispositivo de abandono paterno. Ressaltamos ainda que a opinião do participante será levada em consideração a todo momento, deixando-o livre para expressar-se em todo o momento da entrevista. Por fim, serão disponibilizadas, aos participantes, cópias digitais de todos os trabalhos em que constarem as entrevistas, além de um exemplar da Dissertação defendida.

Riscos: Advertimos que há possibilidade de riscos mínimos, como o desconforto ou o constrangimento. Se o participante sentir qualquer desconforto ou constrangimento lhe é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso o participante se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo. Não revelaremos sua identidade nesta pesquisa, ficando assegurados seu sigilo, privacidade, integridade e confidencialidade.

- O participante poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Assim como tem liberdade de recusar a fornecer informações que lhe cause desconforto ou constrangimento.
 - Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável por um período de cinco anos, no mínimo, após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será excluído de seus respectivos locais de armazenamento.
 - Se o participante sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito de pleitear indenização para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes de sua participação.
 - O participante não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente, este será ressarcido por mim, pesquisadora responsável.
 - Os resultados da participação poderão ser consultados pelo participante a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos exemplares da Dissertação com todos os dados.
 - Os resultados serão tornados públicos, sejam favoráveis ou não.
 - É garantido ao participante obter uma cópia impressa e digital deste formulário, disponibilizada em pdf ao fim do preenchimento por e-mail ao participante.
- O tempo médio para leitura e preenchimento deste formulário é de 30 minutos.

Obrigatório*

Se porventura aceite o convite, você responderá a uma entrevista na modalidade semi-estruturada e de caráter qualitativo, a qual contém 8 (oito) questões discursivas, que serão perguntadas oralmente pela pesquisadora responsável, em diálogo aberto com você, por meio de videochamada em plataformas online, como *Google Meet* e *Microsoft Teams*, de acordo com a sua acessibilidade e maior familiaridade.

Dessa maneira, assinale a opção para permitir ou não a divulgação das suas respostas nos resultados publicados da pesquisa. É assegurado o sigilo de seu nome e informações pessoais, garantindo o seu anonimato e privacidade enquanto participante da pesquisa, caso seja do seu interesse.

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a publicação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Todavia, se for de seu interesse a possível identificação nos resultados da pesquisa, basta selecionar a alternativa adequada, que está disponível abaixo:

- Permito a minha identificação através do uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.
- Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Mediante o artigo 28 da resolução nº 510 da Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais, os dados a serem coletados nesta pesquisa deverão ser armazenados por cinco anos, visto que este material visa à execução e divulgação de produções futuras – por meio de artigos, capítulos de livros e afins, tornando os resultados de domínio público independente se seus resultados.

Assim, toda pesquisa a ser realizada futuramente com os dados que foram coletados a partir dessa pesquisa deverá ser autorizada pelo(a) participante e também ser submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e, se for necessário, ao CONEP.

Desta maneira, marque para permitir ou não a guarda do material a ser coletado, pela pesquisadora, para o uso em pesquisas futuras:

- Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes para estudos futuros e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados.
- Declaro ter ciência de que os meus dados coletados devem ser relevantes em estudos futuros, porém não autorizo a guarda do material em banco de dados.

Agora, preencha com seus dados (para fins exclusivos de validação do termo, sem, portanto, qualquer divulgação das informações).

*Nome Completo

* RG:

*CPF

*E-mail para contato:

*Telefone (opcional)

*Cidade em que reside.

*Você se reconhece como um filho abandonado (sem o nome do pai no registro de nascimento ou sem a convivência no dia a dia)? sim/ não

Eu concordo em participar da pesquisa intitulada —“CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO”.

Informo possuir mais de 18 anos de idade e ressalto que a minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Declaro que devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Ester Geovana de Sousa Albuquerque sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, além dos possíveis riscos e benefícios resultantes de minha participação no estudo. Me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

* Li e concordo em participar da pesquisa.

Ao clicar no botão abaixo, o (a) Senhor (a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

* Concordo.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa e a sua possível participação, você poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa: Ester Geovana de Sousa Albuquerque, telefone: (64) 99227-2455 ou e-mail: estergeovana@hotmail.com. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética dessa pesquisa.

Estou ciente.

Esta pesquisa está ancorada nos preceitos éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão. A mesma foi avaliada e aprovada pelo colegiado do comitê e pode ser consultada na Plataforma Brasil por meio do CAEE: 67177823.7.0000.0164 e do Parecer: 6.064.656.

D- TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA- MÃE 01- Preta

Data: 07/08/2023

Duração: 62 minutos

Participantes: Preta, Pesquisadora

Pesquisadora: Prontinho Então vamos lá a gente pode começar são oito perguntinhas e a gente vai conversando sobre elas, tá? A primeira pergunta a primeira

Preta: Tá ok.

Pesquisadora: pergunta ela diz assim, é como que você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho. Como que você se viu diante disso?

Preta: Bom, primeiramente eu não me colocaria como uma mulher abandonada, né? Porque quando eu me vi numa situação na relação que aquilo não correspondia mais aos meus anseios. Quem tomou iniciativa do rompimento fui eu. Agora a partir daí ele passou a deixar de cumprir com aquilo que seriam as obrigações de um genitor, né? Mas eu não me vejo, eu não me considero uma mulher abandonada, né? E acho que também minha filha não, né? Eu não acho eu penso que para assim para contar a minha história, né? Quando eu conto a minha história para alguém eu não conto como a minha filha, filha de um pai abandonado, eu não trago essa perspectiva de narração, né de narrativa.

Pesquisadora: Eu posso se quiser falar mais alguma coisa sobre isso, a gente pode ir para a próxima pergunta para a gente continuar.

Preta: Eu não sei o seu tempo. Aí depois você vai te dar muito trabalho na transcrição, né?

Pesquisadora: Não sem problemas.

Preta: Vamos tentar ser o objetivo bom as razões pelas quais eu entendo dessa forma, né? Eu analisando assim o contexto né da realidade das mulheres e tudo eu acho que eu tive. Muito apoio, né, no âmbito familiar para que eu não me entendesse dessa forma, né? Eu fui muito acolhida muito embora, eu não sei se eu te falei, né? Eu acho que não porque a gente tá gravando começou a gravar agora.

Mas no nosso entendimento, aí, prévio. Eu acho que eu não comentei. Eu fui mãe aos 15 anos, né? Engravidei com 15 anos. Então foi uma gravidez precoce né? Do ponto de vista assim do planejamento e tudo mais foi uma surpresa para mim foi uma surpresa para família também, né? Eu me considero uma mulher nascida num berço bastante, assim, tradicional do ponto de

vista. De valores, né do que que é uma gravidez fora do casamento e tal então isso foi uma surpresa.

Muito grande, né a surpresa do ponto de vista do Espanto, né do nosso e agora né? Mas apesar disso eu tive Apesar desse espanto e desse dessa surpresa assim inusitada, né que pegou todo mundo assim. Naquela situação de Putz, né? O que que aconteceu? Mas eu tive muito acolhimento do ponto de vista familiar, né. Minha mãe pediu para eu não parar de estudar, né, prantos assim na hora que ela descobriu isso. E meu pai ficou muito surpreso a época muito isso impactou bastante, ele impactou a mim também que eu tinha uma relação. Muito boa com meu pai, né? Tinha tô dizendo tinha porque ele já não está mais vivo, né? Por essa razão não porque houve rompimento e aquilo me afetou bastante assim, né? Do ponto de vista de Putz eu acho que eu pisei na vó, né? Tipo desapontei né? As expectativas.

Mas apesar desse desapontamento eu fui meu pai me acolheu bastante sabe? Eu fui. Eu fui muito eu me considero assim. Bom, eu sou espírita, né então Em alguns momentos eu vou dizer sobre uma perspectiva de uma pessoa que é espírita, né? Então eu acho que eu fui muito agraciada assim, né? Olhando muitas meninas e muitas mulheres que não teve. Acolhimento que eu tive eu acho que eu tive não gosto de colocar na conta da sorte, mas eu digo que eu fui muito.

Tive muita proteção, muita ajuda, né? em tudo, em todo o percurso desde o início até até a morte dos meus pais, né? Que eu acho que eles sempre me apoiaram. Nas minhas decisões.

Pesquisadora: Sua resposta agora foi de encontro a nossa segunda pergunta que seria qual foi sua sensação a ter que lidar com o abandono e com a criação de sua filha, né? Você falou que teve uma filha. e qual foi sua sensação que você me falou que se sentiu muito agraciado por ter uma família tem uma rede de apoio muito boa, né de seus pais foram te agraciaram muito com a com a ajuda com Com essa jornada e qual que foi sua sensação diante disso na criação da sua filha? Como que se acha que isso te fez se sentir.

Preta: Então assim talvez eu me emocione com algumas coisas que eu vou te falar, né? Porque toca bastante na minha história. eu em relação a ideia de abandono para mim, ela é Ela soa mal sim vou te dizer bastante sério, porque abandono para mim tem um outro lugar, sabe? e para mim foi mais difícil ter que lidar com essa de assumir os riscos de uma decisão que eu tomei. Né? Porque tá falhando um pouquinho, talvez seja o meu sinal, se eu falhar você me avisa que eu mudo de lugar.

Pesquisadora: Falhando um pouquinho, mas tá

Preta: Tá talvez eu mude de lugar se continuar bom vou tentar elaborar como vem, né? Sem controlar assim. resposta Como eu te disse anteriormente, eu essa decisão de não estar mais com a pessoa foi? Foi a partir de mim, né? Porque aconteceu algumas coisas que eu fui analisando e falei não quero isso para mim, por exemplo quando acabava o leite da criança. Ele esperava meu pai comprar. Então isso eu falei bom se ele faz isso com a filha, né?

Espera que o meu pai tome uma iniciativa. Então quem dirá um relacionamento não vai ter. Não vai prosperar. Então eu fui analisando e esta é uma das coisas que aconteceram assim. E aí eu fui analisando ao ponto de dizer que não dá mais para mim, né? Apesar de muita dor,

né? Porque vocês vão ter um relacionamento com uma pessoa que você gosta. É muito difícil, né? Foi muito para mim foi muito deixa eu tentar abaixar o som aqui porque o WhatsApp tá bom? Eu abaixei o som, não sei se isso interferiu para você. É só para o WhatsApp não ficar

Pesquisadora: normalmente

Preta: apitando. Então foi tão difícil. Eu porque que eu falo para você que para mim sou estranha do abandono, porque eu não me senti nesse lugar de abandonada por causa da rede de apoio, entendeu? Talvez se eu não tivesse essa rede de apoio, eu me senti, isso por dizer agora, né? Então assim eu tive apoio para continuar meus estudos, né? Eu fui estudar fora porque eu imagino né? Isso aí é meu assim, ninguém nunca disse isso, mas eu imagino que meu pai. Querendo que eu fosse estudar em Goiânia, para que eu depois não tivesse uma saída com ele assim. Né? E voltasse a engravidar de novo não que mudar para Goiânia, não correria esse risco, mas meu pai viu que a situação foi bem traumática e falou você vai estudar em Goiânia. Então eu fui muito, eu fui muito. Eu fui muito assistida. Talvez seja esta palavra, né? Isso não quer dizer que não teve luta, né? Teve muita luta.

Teve luta porque eu tive que largar um bebê para trás, né? Minha mãe ficou com a minha filha, ela amamentava. Eu quando eu fui para Goiânia estudar, fui no mês de maio. Do ano que ela no ano seguinte que ela nasceu ela nasceu em dezembro de 92. Então eu fui mais de 93. e ela eu foi uma situação bem traumática na minha vida. Tem que largar minha filha para trás, né para estudar. Isso foi traumático.

Isso foi o objeto até de trabalho em terapia e tudo mais porque eu tive que largar um bebê que tava amamentando né para poder continuar os estudos. Mas tocando no seu ponto específico da sua pergunta abandono no sentido de que a pessoa boa, até enquanto tava junto tava bom, né? Tava correspondendo e a partir do momento que rompeu parece que não teve essa esse compromisso com a responsabilidade.

Mas como eu não posso dizer por ele as motivações dele, eu digo por mim assim, eu não fiz muita questão também, entendeu? Eu só fui entrar na justiça quando a minha filha já estava bem. Já tava já quase indo para o ensino médio, né? As despesas ficaram bastante altas e eu entrei na justiça. Então, eu não fiz também muita questão de ele estar presente. Então e por que também porque às vezes que ele chegou até mim ele queria reativar o relacionamento.

E aí eu não queria reativar um relacionamento com uma pessoa que não tinha compromisso com a filha, né? Então, eu não fiz a menor questão. Eu acho que partiu daí também.

Não sei se contempla a sua pergunta, né? Mas abandonar abandonado é alguém que larga para lá, né? Não sei eu teria que eu nunca pensei nessa palavra para dizer a verdade porque eu estudo é uma coisa que é um dos prazeres da minha vida. É uma das paixões que eu tenho é estudar. Isso tudo não para ganhar mais para aumentar salário, eu estudo que eu gosto, né? Então assim eu estava no lugar meu pai me proporcionou.

Aquilo que eu mais gosto depois da gravidez. E nunca faltou nada para minha filha, né? Nunca teve luxo, minha filha. Nunca teve luxo. Nunca teve conforto assim falar excessivo, né? Mas assim o básico A alimentação a escola nunca faltou então eu me sentia contemplada. e não tô falando nem de escola particular, minha filha estudou em escola pública até o início do até a quinta série que hoje eu não sei qual série que é depois disso eu já tinha me informado

Pesquisadora: Seria o sexto ano hoje.

Preta: e eu assumir responsabilidade ali com a escola né? Então eu nunca senti isso, mas ainda voltando a um ponto aí da sua pergunta. Talvez seja interessante para você pensar depois em nível de análise, né. Eu me senti mais frustrada em relação aos meus sonhos do que em relação ao que ele. É o papel dele de pai porque isso diz mais respeito a ele, né? Acho que quem perdeu bastante foi ele. Perdeu bastante, né a convivência com a filha, mas assim eu tinha planos né planos para casar. planos para construir uma família, né? Foi mais traumático sobre essa perspectiva do que a outra que a outra não me viu em momento algum. Nossa minha filha não tem o que comer. Não teve isso, né? Mas do ponto de vista aqui daquelas questões tradicionais para as quais eu sempre fui.

Preparada, né? Foi bem traumático isso e eu vim rever isso a nível de Mestrado, né? Os estudos na área da linguagem me ajudaram a ressignificar o papel de mulher né numa relação. Tome a história foi recontada a partir dos meus estudos, porque hoje por exemplo eu não acho que isso tenha sido um problema. Inclusive. Eu teria sido mãe de novo. Sem a presença de um pai.

Porque eu tirei o máximo de proveito disso sem que isso necessariamente tem que estar dentro de uma relação, né? conjugar então eu fecho esse bloco de pergunta aí com isso. Foi mais a frustração do ponto de vista dos sonhos, né frustrados.

Pesquisadora: Então, Preta, eu ouvindo sua história, eu lembrei você abaixou o

Preta: Não te ouço.

Pesquisadora: volume.

Preta: Oi

Pesquisadora: Agora tá dando para ouvir.

Preta: Agora sim é porque eu baixei o som, né? Então achei que tinha baixado só do WhatsApp. Talvez eu tenha que desligar o WhatsApp.

Pesquisadora: Então vamos lá na Muito obrigado por ter respondido essa pergunta agora na terceira pergunta é: em algum momento da sua vida você sofreu algum tipo de preconceito por ser uma mãe solo? se sim como que esse preconceito se manifestou? Eu vi que você perguntou lá no formulário só porque a gente tava usando o termo mais solo, eu falei que ia deixar para te responder aqui durante as entrevistas, eu decidi usar o termo mãe solo por conta de que já dá um tempo que vem sendo usado tanto âmbito da Justiça quanto no âmbito dos coletivos feministas em outro em outras áreas, porque a gente entende que uma mãe seria o termo mais solteira, né? E ser mãe não é um Uma questão judicial não é um estado civil diria a palavra tá mãe solteira, mas você pode ser mãe uma mãe só ser casada, não tem o pai do lado da mãe.

Pode se casar de novo, por isso usa esse termo mais só que cria o filho sem assistência do pai a pergunta é se você sofreu algum tipo de preconceito durante a sua jornada por você ter. Sua filha vai ser uma mãe solo e se sim, como que esse preconceito se manifestou durante a sua

Preta: Sim, sofri, sofri muitos preconceitos. Bastante sofri preconceito ao namorar de novo, né? Vou tentar ser breve assim trazendo alguns tópicos, como isso já tá bem resolvido para mim por um tempo não foi hoje é né também atribuo aos meus estudos na área da linguagem essa ressignificação. Depois eu volto lá no termo solo com você, mas eu vou partir já direto para a resposta. Alguns episódios assim que me marcaram bastante. Um deles eu namorei um rapaz que era advogado foi até uma pessoa que me motivou a fazer o curso de direito, né? Foi uma contribuição boa assim para minha vida que eu tava sem saber muito que qual curso escolher. E eu senti uma dificuldade da família em me receber na vida dele, entendeu? E aí você pode perguntar assim, qual é o seu parâmetro para pensar isso? Porque às vezes é uma questão muito subjetiva, né? Essa perspectiva.

Mas ele tinha acabado de sair de um relacionamento no qual ele tinha sido traído. Por exemplo, né? Sofreu bastante. E numa das festas na casa dele a moça que fez ele sofrer que foi bem traumática a relação, ela foi amplamente recebida assim pela família na festa e eu fiquei para escanteio, né? E depois numa das nossas conversas. Ele disse que a família tinha perguntado assim. Nossa, mas você vai namorar uma mãe uma mulher que já tem filho. Bom, esse foi um fato marcante.

Um outro fato marcante sem citar nomes é uma pessoa da família. Muito próxima a mim disse assim uma certa vez que existe uma diferença entre minha filha e a sua. A minha filha é filha de mãe casada, sua filha, filha de mãe solteira. Então esse também foi um acho que esses foram os principais assim que mais me marcaram teve outros, né? Porque a sociedade espera muito

de alguém, né? Um formato. E esse que eu me lembro assim? Mais rapidamente foram esses dois até porque eu já elaborei isso, né? E quando a gente elabora isso passa a não ter tanta importância, né? Então foi mais pelo fato de eu ter elaborado isso né em terapia e comigo e por meio dos estudos das leituras, né? Acho que ficou remédio, né? Para as dores e para a gente entender o quanto a sociedade é preconceituosa, né? Mas eu ainda fico muito feliz de ter assumido uma gravidez. Até abortar para dar uma satisfação para a sociedade, porque a mulher que não assume os riscos de uma gravidez indesejada. Ela responde a aos comandos da sociedade, né? Que aí ela pode casar sem dizer que nunca teve filho. Bom na época voltando. Aí talvez na primeira pergunta na época muita gente até sugeriu para eu fazer isso, né? Mas eu quis muito aquela gravidez, apesar de ter sido não ter sido planejada, né? E aí voltando a questão que você falou, eu não sei se isso vai te ajudar ou se vai complicar.

Eu não tenho o menor problema de dizer que eu sou mãe solteira. eu vou explicar porquê para mim diz mais. sobre o que as pessoas fazem com o nome do que exatamente o nome porque nome Às vezes a gente põe um nome bonito e eu falo isso de qualquer coisa, tá? É porque às vezes a gente vou te explicar sobre a minha perspectiva no âmbito das coisas que tem acontecido mais recentemente para você compreender a minha perspectiva.

Quando veio aquela ideia de todos, todos e todos com x. Eu vi aquilo com certo espanto porque não é o nome que se dá a coisa que diz respeito sobre o respeito que você tem pela pessoa que às vezes você fala todos mas trata o outro com indiferença com exclusão com

silenciamento. Né, com violência psicológica, né? E então te dei esse gancho para trazer para o meu então. Se me segue a sua mãe solteira e me respeitar tá tudo ok. Entendeu? Agora a gente dá nomes para as coisas quando eu te fiz aquele questionamento com você foi mais um sentido não de implicar sabe foi mais um sentido para fazer você refletir. Que quando a gente põe solo, se eu não tô enganada, ela tem origem espanhola, né? Ela não é uma palavra portuguesa. E eu acho que eu coloquei isso nos meus comentários a impressão que dá para quem passou por essa experiência. É que parece que tá amenizando um termo que politicamente já não é mais correto dizer solteira, entendeu? Então diz logo solteira que tá tudo certo. Então, eu não tenho o menor problema com isso, mas eu não tô querendo mudar uma cultura porque eu elaborei esse termo para mim. Fico tranquila, me identifico como mãe solteira de uma boa, entendeu? Porque eu avalio mais com uma pessoa me trata do que como ela me chama. Sabe então foi nesse sentido que o problema dizer com você. Porque as pessoas do Judiciário e aí que eu falo com muita propriedade as pessoas dão nomes? Mas precisa ver nas práticas de um chefe que trata muito disso, né? Precisa analisar as práticas. Como se dá as práticas em relação a esta a este assunto, né? Como que são tratadas as questões de guarda de pensão? E todas essas lutas aí de uma mãe que tá passando por isso sozinha no alto judiciário, ela é tratada com um zelo que precisa é uma pergunta, né? E aí fechando aí a sua

pergunta sobre a questão de ser. Mãe solo né que eu acho que é o problema de vocês também lá na resposta do formulário. É que solo, o que que seria solo. É sozinha é uma pergunta porque eu não sei porque se for sozinha eu não me vi sozinha. Entendeu agora solteiro Ok eu fiquei solteiro o tempo todo mas eu compreendo a sua perspectiva. E aí de alguns problemas ações que vem sendo feito no âmbito do estudo da linguagem, porque né? Qual a necessidade de dizer que eu sou solteira, né? Não tem, mas é um termo culturalmente cunhado e que para mim tá tudo certo.

Aí diz mais como eu prefiro mais pensar como eu me vejo hoje o meu me sinto sendo mãe passando por ter tido essa experiência fora de um casamento do que foi nesse sentido que eu quis contribuir com você.

Pesquisadora: Preta, a problematização sobre esse termo já tinha chegado no meu trabalho por conta de alguns professores do próprio programa e a gente tinha parado para pensar sobre isso também e alguns trouxeram a perspectiva que você me trouxe, agradeço muito sua contribuição, porque vai ser um pontinho aí para ser discutido durante a dissertação, viu? Eu tinha

Preta: Eu acho, inclusive, a título de contribuição, acho que você poderia abrir um tópico para pensar sobre isso porque eu acho que vai dar uma riqueza enorme.

Pesquisadora: Sim, eu tava. Pensei bastante sobre isso e é um termo bem bem específico e que precisa ser trabalhado que foi sim. Tentaram mudar durante tempo para amenizar como você disse mas ainda Precisa ter problematizado porque diz muito como que essas mães vêm sendo tratadas durante esse caminho durante essa jornada e fazendo essa pesquisa, pude ver um pouquinho mais de perto entender que às vezes mudar o nome não significa muita coisa diz mais

Preta: exato

Pesquisadora: sobre as atitudes também de como que essas mães se sentem como elas são tratadas. e

Preta: Prática, né, Pesquisadora?

Pesquisadora: Práticas discursivas aí o que que se diz sobre isso como que Mas por que que chegou nesse enunciado e não em outro como que a gente chegou até aqui, né? Continuando aí partindo para quarta pergunta, você já me falou um pouquinho e agora eu quero ver mais um pouquinho sobre isso que é você possui uma rede de apoio durante o percurso da criação da sua filha sim, né? Que você me falou um pouquinho sobre a sua rede de apoio e como que foi poder contar com essa rede de apoio que você falou muito bem

Preta: Olha, para mim foi fundamental, eu acho que se eu não tivesse tido a rede de apoio que eu tive. No âmbito familiar eu não teria chegado onde cheguei, por exemplo ao doutorado não teria, analisando outras mulheres, analisando as práticas da sociedade Né? Não teria sido fundamental para mim, para mim foi fundamental. E isso me possibilitou apoiar outras mulheres, sabe? Porque geralmente a pessoa se vê numa situação e agora né? O que fazer? Então, se você não tem uma rede de apoio dentro de casa. Eu já ajudei muitas mulheres assim a partir da minha experiência dizer vai à luta, né? Coloca na creche. E segue adiante você pode muito você é mais que isso, né? Você não precisa de um casamento para chegar onde você quer, né? Enfim, acho que minha experiência já ajudou bastante gente, mas a minha em especial. A minha em especial eu precisei desse apoio, ele foi fundamental. Apoio do ponto de vista de não não tô dizendo que foi flores, né? Minha mãe me cobrou muito assim, quero que você estude para você ter a sua independência para você ter o seu.

A sua independência intelectual e a sua independência financeira, minha mãe era professora, né? Eu vou desligar o WhatsApp aqui, porque senão vai ficar perturbando a gente. E então minha mãe tinha minha mãe como professora, né? Minha mãe primou muito pelos meus estudos, né? Foi o carro chefe assim de toda luta, né, minha dela. Para que ela me apoiasse, né? Não que ela existisse. Mas ela me incentivou muito a estudar e tudo.

Olha eu não posso dizer de outras mulheres, eu posso dizer de mim eu fui eu recebi muito apoio muito apoio. Eu recebi mais apoio no sentido de que vai dar tudo certo. A gente tá aqui do que. Financeiro assim financeiro foi muita luta, sabe porque meus pais eram assalariados, né? Minha mãe professora. É da rede pública estadual. Né, não era professora de Universidade, então não era um salário muito alto.

Meu pai, bancário aposentado, também já tinha passado por algumas transformações para o salário, não era muito bom. Não tô falando de financeiro, né? Tô falando de apoio mesmo, né? Nós estamos aqui, vai tá tudo certo. Segue. Isso é seu caminho tudo, né? Foi fundamental.

Pesquisadora: Então partindo para quinta pergunta agora vamos falar um pouquinho sobre a sua filha. É por parte da sua filha, houve muitos questionamentos sobre a ausência do pai dela e se sim, como você lidou com esse questionamento?

Preta: Houve sim mais próximo da adolescência foi quando eu resolvi entrar com ele na justiça, né? Mais do sentido de vou falar um episódio assim que mais me marcou e talvez tenha marcado mais marcou ela e que por isso me marcou, né? Ele falava muito que vinha buscar para minha mãe deixar as coisas dela prontas para ele porque ele ia passar para buscar. E aí isso não acontecia. Então gerava nela. Uma expectativa de “meu pai vai vir me buscar”, né? E isso não acontecia isso são relatos dela que me marcaram por estar machucando ela né. E mais no sentido de frustração de expectativa, porque veja, eu também estava estudando. Mas eu não frustrava as expectativas dela, né? Então sempre que eu vinha final de semana de férias, né? Eu tava presente, né? Presente ao telefone presente nas cartinhas, eu mandava cartinha para ela. E mas isso marcou bastante ela como que eu lidei com isso? Vou responder só por uma perspectiva Espírita Ester porque foi o recurso um instrumento que eu tive para auxiliar minha filha, né? Eu busquei Amparo no espiritismo. é dizer que as coisas são assim e que a gente tem que lidar com a dor do da vida como ela é, entendeu? Porque eu não tinha o que dizer porque não dá para dizer para um filho que o outro está fazendo isso, né? Não dá para dizer olha seu pai tá fazendo isso por isso ou por aquilo não dá então eu sempre busquei. Amparo no espiritismo, né? Dizer eu tô aqui junto com você, né? Você não está sozinha. Você tem o vovô você tem a vovó, você tem a mim você tem os seus filhos? Dizendo que ela tinha né não dando não dando ênfase é o que faltava. Esse foi o meu recurso, foi assim que eu lidei foi um instrumento que eu tinha poderia ter sido melhor poderia mas foi um instrumento que eu tinha né? O recurso que eu tinha foi dizer para ela que apesar da dor que ela estava sentindo eu estava com ela, né? Ela não estava sozinha. Foi dando para ela um apoio que foi o apoio que eu sempre tive né? Então eu só reproduzir isso.

Pesquisadora: Muito obrigada pela resposta e agora indo para nossa sexta. Agora eu queria saber sua opinião sobre uma afirmação que diz: família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados que foi proferida pelo General Milton Mourão que é o ex- presidente da o ex vice-presidente da república, qual que é a sua opinião sobre essa essa afirmação. Que família sem pai e o avô seria fábrica de elementos desajustados.

Preta: bom, como eu nunca pensei sobre essa frase específica, né? Vamos ter que elaborar agora. Mas que toquem algumas ideias pré-formadas que eu tenho né? Que talvez dialogue com isso, não sei se eu tenho que elaborar agora. Bom vamos lá, vamos partir da minha experiência que talvez seja mais interessante. Bom o fato de a minha filha, tô construindo essa narrativa agora, tá que eu nunca pensei sobre isso

Pesquisadora: É sobre a sua experiência.

Preta: especificamente.

Pesquisadora: Pode

Preta: Então o fato de eu ter de minha filha não ter tido a presença. O pai não fez dela um delinquente, no entanto ela teve a presença do avô né e eu fico muito segura de te responder o

que eu vou te responder agora. Porque eu tinha um carinho pelo meu pai e tenho muito grande. Meu pai me faz falta até hoje. e eu acho sim sei que isso pode ser objeto de espanto para você talvez né? Eu acho sim que a figura do homem ainda é uma figura de segurança. E eu acho que ele ajudou bastante. Trazer isso para minha filha. Pode ser uma ideia para reformada minha não sei. Mas ainda meu pai chegou para minha vida como um fator de segurança, né? Bom, esse é um ponto. um esboço a partir da minha experiência o que eu penso sobre o papel da família na construção e na Formação do sujeito na minha concepção não sei se dialoga com o que ele falou. Não sei porque nunca pensei sobre a frase dele. Mas para mim a família é fundamental. Na prevenção de algumas questões.

Porque você quando não tem ninguém nasce pronto, vou partir daí ninguém nasce pronto valores e princípios são construídos, né? Para eu dizer para eu não roubar. Alguém precisa me ensinar isso a gente não nasce assim, nossa, roubaram errado matar errado, né? Alguém precisa me ensinar? E se alguém precisa ensinar tem que partir de uma família, né? A minha família, né? Tô dizendo da minha porque eu não posso fazer das outras.

A minha foi construída por um homem e por uma mulher. Agora já encaminhando para uma elaboração do que você trouxe, eu não acho. De forma alguma que isso tem que necessariamente ser nesse formato, né? Homem mulher. Eu tô muito segura em relação a isso, os estudos me abriram bastante a minha mente em relação a isso. Né, mas eu acho que numa relação pensando no que ele falou, né? Se for uma relação, eu não sei se foi isso que ele quis dizer porque é complicado, né pensar sobre o outro que dizer, mas vamos dizer como chegou, né? Na materialidade daquilo do que do enunciado que tá aí.

Que é sobre isso que você tá pedindo para refletir? Então vamos lá, eu não acho que uma família constituída por mulher mulher homem homem homem vai fazer desse sujeito delinquente jamais. Entendeu? Mas eu acho continua achando que para esse sujeito não virar delinquente ele precisa de uma orientação que seja de uma orientação de um casal hétero normativo ou homoafetivo. É preciso desse apoio sim, né? Não necessariamente.

Quem faz as vezes de pai ou avô? Foi assim comigo, mas não quer dizer que quem não tem esse formato vai ser delinquente não, eu não acho isso. No entanto, para fechar a sua o que você me trouxe. Em termos de reflexão. Eu acho que uma pessoa abandonada, né? Vamos dizer assim largada ou seja adotada por um casal afetivo que seja. filho de uma relação héteronormativa se ela se não é uma pessoa do ponto de vista orientada conduzida Educado no sentido de que olha isso não pode fazer isso.

Pode fazer, eu tenho absoluta certeza de que não que vai ser. Uma pessoa que vai trazer consequências para a sociedade porque ela não vai saber qual é o valor que ela está tendo se ela foi colocada na rua se ela foi. Violentada se ela não foi ensinado que isso é certo que aquilo é errado, entendeu? Mas não acho que necessariamente tem que vir da figura do pai ou do avô, não acho que o pai acho que não seja o homem o a peça fundamental na prevenção de delinquência não a gente vê e muitas famílias sendo crianças sendo criadas apenas pela mãe e pela avó, né? e que a gente vê que não é não virou um delinquente, né? Mas é isso assim, você me pegou de surpresa, mas eu acho que é isso. Assim Ester. Sinceramente, eu acho que a família é fundamental. Mas uma família também é equilibrada, né? Porque não é qualquer família.

Ah, quer família aí vai ser prevenção não é uma família que tem esse propósito, né? e família aqui bem compreendida e gostaria bastante que você compreendesse, isso é família no sentido

de Pessoas conduzindo essa sujeito né? Seja homem homem mulher mulher ou homem e mulher, tá?

Pesquisadora: Muito obrigada pela resposta agora indo para a sétima. Pergunta penúltima agora em relação à área financeira. Você recebeu alguma pensão alimentícia por parte do genitor da sua filha?

Preta: nenhuma Quando eu entrei na justiça já bem tarde, a mente ela já estava já. Me lembre a idade mais porque hoje ela tá com 30 anos. Eu entrei na justiça deu um valor bem alto, nós fizemos um acordo. Pela metade do valor porque meu pai interveio e falou minha filha pelo sofrimento que você tá passando assim com tudo que você tá. Passando nesse sentido de que uma coisa é advogar para os outros, né? Outra coisa é advogar para gente então.

Aquilo aquela questão assim, reviver aquilo lidar com aquilo para mim foi muito difícil. Aí meu pai intervém falou que não faz um acordo e fica livre disso logo. Sabe, meu pai estava querendo me poupar do sofrimento e me sugeriu um acordo para me acolher prontamente. Fiz um acordo pela metade do valor. Apenas isso, nunca mais nem um lápis Preto a mais.

Pesquisadora: E nessa questão jurídica, se você me falou que é advogada, né? Você que advogou para você mesmo. É que lidou com todo o processo ou você teve apoio

Preta: Não, eu acompanhei do início ao fim, mas eu contratei um colega, né? Porque para não envolver mais do que a gente envolve quando a causa é nossa, né? É uma sugestão que a gente tem no âmbito da formação. Nossa enquanto Acadêmico. Para quando a gente vai atuar numa causa que nos diz respeito a gente não ir. Advogar em causa própria, né? Para não se envolver bastante assim a gente já se envolve né, mas para não envolver mais do que o necessário manter um pouco distanciamento e eu e eu agir assim, conforme a formação que eu recebi na faculdade.

Mas eu praticamente fiz quase tudo assim, né? Acompanhei o processo lia petição inicial e participei das audiências de acordo a partir de mim. Praticamente um acordo fui eu que fiz mas assim tomar a frente estar à frente, não fui eu diretamente, né?

Pesquisadora: Certo e as burocracias na área judicial na época que você pediu eram maiores daqui as que tem hoje ou tem alguma diferença, você vê a diferença. Da época que você entrou com o pedido na justiça para agora quando você está atuando.

Preta: Eu acho assim que facilidade instrumentos sempre teve. Eu vou te responder essa pergunta sobre uma perspectiva de uma experiência que eu tenho observado sobre pandemia? Eu acho que o isolamento social, a pandemia e tudo isso que nós passamos. Afetou bastante a formação das pessoas e o acesso a tecnologia. O acesso à informação acesso a informação que eu tô falando uma informação qualificada, tá porque hoje está no Instagram não significa que você sabe do jeito que você tem certo, mas assim, eu acho eu percebo isso que as pessoas estão à margem, elas estão ainda excluídas do processo de Desse processo né de acesso à justiça, vou tentar ser mais objetiva dessa forma assim então com Isso dificulta. Porque hoje por exemplo as coisas estão mais digitalizadas no processo virtual. Audiências remotas, né? A

justiça manteve ainda alguns procedimentos de forma remota, ainda está nesse formato. Tudo bem Ok para mim eu me adaptei, até porque eu já estava no doutorado. Peguei o doutorado nesse formato, né? Logo em seguida um ano, depois me adaptei. Tem uma bagagem para isso, mas tem muita gente que não sabe que é um PDF, entendeu? Que é um MITO né? Então isso pelo fato de a pessoa. Está excluída de um processo digital Ela está excluída de todo o processo de acesso à justiça. Então Respondendo, objetivamente a sua pergunta, eu acho que está pior.

Pela questão da exclusão digital, né? Mas não sei. A pessoa dá seus pulos, né? Procura defensoria pública ou Defensor Público faz mas assim de um modo geral. Minha visão como profissional não sei se você quer me avisar como profissional como? Não sei qual foi o objetivo da sua pergunta, mas eu vou falar como profissional então. Como profissional eu acho que a gente tem instrumentos para facilitar e os instrumentos ainda não são Democráticos.

Né para mim a pessoa tinha que ir lá e logar no site do Tribunal de Justiça ela dizer né? Colocar os dados lá, olha, meu filho, tem então tantos filhos e tal, o pai não paga pensão a Tantos dias o nome dele é esse o endereço dele é esse pá clicar e enviar, né? O resto a justiça tem que No meu ponto de vista chamar a pessoa para uma entrevista definiu o local para ser intimado para ser citado e bola para frente, mas não é um formato tão simples assim como eu tô te trazendo não ela é bem burocrático bem formal bem excludente ainda. Tá precisa de um advogado, né?

Pesquisadora: Eu falo isso.

Preta: Inclusive para ler eu aprendi que a professora Luciana Borges que a gente precisa de um advogado para ler a sentença que é da gente. Não esqueça dela falar isso, né?

Pesquisadora: Eu falo isso enquanto.

Preta: E eu só vi isso depois que eu tava no mestrado porque quando a gente tá no processo, né? Que a gente produz exclusão a gente não se dá conta disso, né? Que Alguém precisa de mim para ler a sentença dele, eu fui aprender isso sobre o olhar. Da professora do estudo da linguagem, né? Não como uma conferência, eu acho um dos eventos aí do pijama, ela falou. Que a gente precisa de um advogado para ler e a Luciana tem Total razão aquilo mudou meu olhar a sentença é para você porque você precisa de um advogado para fazer uma sentença que é para você, né? Porque a linguagem é muito excludente. Ela é normal, ele é distante. Eu preciso pagar alguém para ler para mim, mas eu só fui enxergar isso no mestrado.

Pesquisadora: Eu falo isso porque eu também estou analisando alguns documentos para entender esse dispositivo de abandono paterno e como não sou da área, muitas vezes. Eu sinto dificuldade em alguns documentos para poder entender algum alguns pontos aí eu recorro aos amigos advogados. Se você não ler aqui para mim me explica isso aqui porque tá difícil a minha sorte que eu tenho amigos muito bons que tá me ajudando bastante nesse processo e realmente dá para notar isso que você falou sobre essa exclusão digital, porque ficou tão digitalizado nos últimos anos que quem não tem acesso acaba não conseguindo. Ter essa

facilidade que eles colocam ali, principalmente no programa do pai presente. Mas isso é algo que pode ser muito bem problematizado daqui para frente.

Preta: Então tocando no ponto do Pai Do Pai

Pesquisadora: E agora indo

Preta: Presente uma contribuição que eu gostaria de fazer não sei se me é permitido isso. Mas eu acho que eu tenho isso.

Pesquisadora: Ele é o pai presente é o pai presente

Preta: Talvez possa te enviar, se eu não tiver jogado fora, mas você deve encontrar isso aí fazendo buscas no Tribunal de Justiça, frequentemente estimula aí, né? Acho que por meio desse programa você citou, mas eu não me lembro se na época tinha esse nome. O que me chamou bastante atenção.

Pesquisadora: é o que rege do CNJ, mas em cada cidade ou estado em cada defensoria, ele pode mudar de nome. acho que aqui em Goiás é

Preta: Certo, o que?

Pesquisadora: eu não lembro ao certo de Goiás, mas

Preta: Então uma coisa tão que eu gostaria de trazer para você dar uma olhada. É que na época eu guardei essa entrevista essa reportagem tava no site do TJ, Goiás. Uma ação do tribunal de justiça para fazer os pais que estavam presos, né? Cumprindo pena reconhecerem os seus filhos, né na certidão de nascimento, mas o ponto que me chamou bastante atenção da reportagem é que esses pais queriam. Fazer isso. Porque às vezes a gente estigmatiza, né? Diz o pai não tá não é presente o pai não quer saber o pai não é aí é isso é aquilo a gente tomar cuidado assim como você é estudiosa de Michel. Ficou para a gente não rotular ainda que seja homem, tá? Para não partir de uma ideia preconcebida para você não causar injustiça, né? Porque às vezes a pessoa é como eu te disse, né? Acho que você vai perceber isso ao longo da entrevista, depois que você for analisar. Hoje eu tenho muito cuidado de não atribuir responsabilidade, né? Culpa né? A culpa é uma perspectiva religiosa. Invejosa que eu falo dogmática e ultrapassada, né? Não é isso o segmento que eu tenho por mim como Filosofia de vida. Então eu evito dizer porque que o outro não fez isso, entendeu? Eu fico porque a gente mal dá conta da gente, né? Quem dirá julgar o outro. E nessa reportagem fechando aí me chamou muita atenção, porque eles disseram que eles queriam. né que às vezes as pessoas falam assim. Ah não registrou porque abandonou não não registrou porquê porque não sabe o que é gratuito porque não foi lá porque foi preso antes de registrar a criança, eu não sei. Porque a estatística é estatística, às vezes ela não retrata a realidade da singularidade, né? Porque que a pessoa não registrou, né? Porque a pessoa Demorou registrar. Por que demorou 60 dias para registrar? Né? Não sei se a gente tem que levantar porque a

estatística é muito pesada, né? Ela é fria, tantas crianças têm registro no Brasil, tá mas todas pelo mesmo motivo. Não sei se é todas são todas pelo mesmo motivo, porque as nossas taxas sempre as nossas hoje é gratuito, né? As nossas taxas foram muito caras, né? E detalhes quando você não registra no tempo que precisa depois você tem que entrar com ação, tá? Então, tem todo esse viés. Aí talvez seja interessante você problematizar.

Pesquisadora: Isso é um pontinho que tá me pegando aí também tem problema WhatsApp essa questão das estatísticas porque tem traz mensalmente semanalmente atualiza os dados, mas não diz do por quantos são e qual que é o motivo se são todos os pais ausentes são pelo mesmo motivo, porque não quiseram registrar ou se teve algum motivo ali, então é algo se pensar também e agora indo para nossa última pergunta para finalizar é por fim fazendo um balanço sobre a sua trajetória enquanto mãe solo, mãe solteira como você falou também, é? Como você definiria essa trajetória? Como você se vê nessa posição de mãe que passou por tudo isso?

Preta: Bom, esse eu vou falar com Sorrisão no rosto, né? Porque eu sou muito feliz com a experiência que eu tenho. E feliz não é no lugar de romance. Tá romântico que eu quero dizer isso não quer dizer que foram só flores no meu caminho, né? Foi uma experiência de luta, uma experiência pessoal muito desafiadora, né? Porque eu desafiei assim como eu te disse no começo, eu nasci numa família. Sobre essa esse quadrado aí de uma de valores, né de tradição. casar de véu e grinalda casar virgem enfim e quando você rompe esse ciclo é uma cultura de luta Olha é possível ser mãe sem casar É possível ser mãe sem O apoio da pessoa né, minha filha, não vai virar delinquente minha filha vai estudar, entendeu? Então, foi muita luta, eu luto até hoje, né? Eu vejo que eu já Como eu disse para você a minha luta, já ajudou muitas mulheres.

Inclusive a se ver de outro modo, né? Eu tenho uma relação muito boa com a minha filha, sabe, Pesquisadora, Talvez isso me deu o conforto de dizer para você que eu falo dessa experiência com alegria. Foi uma pessoa que na pandemia me ligava todos os dias e não me deixava experimentar solidão, né? Eu moro numa cidade turística, teve proibição de turistas virem para cá, eu tive muito medo que ela morresse.

Ela mora em São Paulo e não poder vê-la. No entanto ela me assistiu bastante aí no sentido de Deus eu não experimentar a tristeza ali nesse isolamento. Né, meus irmãos moram em Goiânia um embora seja muito perto, mas eu não pude vê-los porque tinha essa restrição de entrar e sair da cidade ali no primeiro mês de pandemia. Eu tenho uma relação muito boa com ela. Isso foi construído não nasceu assim, né? Foi construído. então assim como eu disse para você, eu teria sido mãe solteira de novo, porque foi muito bom, né hoje Se eu pudesse eu gostaria mas sobre a perspectiva do compartilhamento, né dividir porque eu acho que É bom assim eu acho que perdeu tanto foi ele. Se a pessoa pudesse compartilhar essa experiência com alguém para a pessoa saber o quanto é gostoso isso eu compartilharia, né? Mas por exemplo eu engravidasse com a pessoa não tivesse a pessoa não fizesse o papel de pai, né? Como aconteceu o papel que eu tô falando, não é que eu acho que o homem tem papel não, eu tô falando no sentido de responsabilidade de compromisso com educação.

Com a com suprimento etc, então eu gostei muito da minha experiência. Apesar de não ter sido planejado em nada. Não foi planejado eu não quis ter uma experiência solo não quis ter

uma experiência uma gravidez fora do casamento nada do que aconteceu. Eu planejei, eu sonhei muito pelo contrário. Eu sonhei casar de velho e grinalda, né? Sonhei ter mais filhos, sonhei construir família porque foi nesse formato que eu cresci. Né? Foi tudo diferente do que eu planejei ali como criança e como pré-adolescente. Só que o resultado foi muito surpreendente. Porque apesar de eu não ter planejado nada daquilo que eu pensei com criança, né? Foi uma experiência que deu certo. Por isso talvez o aborto seja um tema tão caro para mim, né? Porque toca nessa experiência sabe dividir com você com muito carinho e respeito. Porque dá vontade de dizer para todas as mulheres que engravidam assim vai vai que vai dar tudo certo, sabe? Porque deu certo para mim, então não precisa abortar com medo de não ser empregada porque você está grávida. De família rejeitar porque você não corresponde aos parâmetros tradicionais, né? Você não corresponder tá tudo certo, a gente não agrada todo mundo. né E é isso? Mas foi uma experiência de dor tá

Pesquisadora: Muito obrigado

Preta: assim, eu gostaria de dizer para você

Pesquisadora: imagina

Preta: que foi uma experiência também de dor. pelo enfrentamento à, Pesquisadora, enfrentamento na luta dá mais do mato que eu desbravei, né? Os olhares, né? A gente se esquiva dos olhares, né? E outras coisas que eu não trouxe aqui porque para mim ainda é objeto de ressignificação na terapia, né? Esses olhares do tipo. Não é uma mulher assim, né? Confiável, é uma mulher que engravidou sem planejamento. Mas isso eu tô trabalhando já.

Pesquisadora: Muito, obrigada, Preta, por compartilhar essa história comigo. Essa é de suma importância para o desenvolvimento da minha dissertação e eu sei que é um tema caro. Você assim como o tema da sua tese. E também um tema muito caro para mim por diversos motivos e ouvindo sua história me fez pensar muitas coisas e que vai me guiar aí nessas análises por um tema que a gente precisa discutir um pouquinho mais principalmente no campo das linguagens porque não tem. Pesquisando na Caps no nos outros nas outras portais de busca não tem só na psicologia no direito na área das linguagens a gente precisa ressignificar um pouquinho isso então, muito obrigada por ter se disposto a participar daqui e eu queria te perguntar, qual o nome você quer que eu coloque para eu para você se identificar na hora que você tiver lendo a dissertação encontrar sua entrevista. lá eu vou parar gravar.

ENTREVISTA- MÃE 02

Data: 08/08/2023

Duração: 28 minutos

Participantes: Pesquisadora, Maria

Pesquisadora: Então, Maria, então vamos começar? São oito perguntas que eu vou te fazer e a gente vai conversando a partir dessas perguntinhas, tá? (É) Você marcou lá no formulário que você se reconhece enquanto uma mãe solo, certo? e as perguntas que eu vou te fazer são foram formuladas para esse grupo específico, porque como são dois grupos, eu criei perguntas específicas para cada um. Então a primeira pergunta é: “Como você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho? Você tem filho ou filha?”

Maria: Eu tenho duas filhas, uma de 23 anos e uma de 25. Então, (é) fui mãe aos 16 anos e desde que as meninas, eu acho que eu fiquei casada, acho que no máximo um ano, nem lembro mais te falar a verdade. E aí de lá para cá, eu nunca tive assim apoio financeiro, né? Nem nada. Sempre que as duas sozinha, não foi fácil, eu falo assim que a maternidade para mim ela não tem essa coisa que todo mundo (é) como é que eu vou te dizer? Que eles, é, todo mundo almeja, sonho para mim, ela foi muito difícil mesmo. Então, assim, hoje que parece que eu colho os frutos. Porque pra mim foi muito difícil, agora que tá ficando mais fácil, que ela já tão adultas, que estudam. Mas eu continuo sendo mãe solo, desde sempre, tem 25 anos, a gente não tem contato com ele, se você me perguntar o que ele faz, não sei te responder, as meninas também não tem contato, quando tem é bem superficial e é a mais velha que tem contato mais assim direto, e a mais nova nem procura, e as duas são do mesmo pai.

Pesquisadora: Você tocou num ponto que eu queria que você falasse um pouquinho mais, que é sobre essa “não romantização da Maternidade”. Você falou que às vezes é uma coisa que almeja e você se sentia como se não fosse algo que você almejava?

Maria: Isso, você falou a palavra! Não é romântico, né? Todo mundo romantiza ser mãe, porque para mim, primeiro, fui mãe com 16 anos, ele nem tinha terminado ainda o ensino médio. E a gente já foi morar junto e aí quando eu não tinha engravidado ainda a gente já tinha separado, eu e o pai delas, depois nós voltamos e eu tive a outra filha que foi a irmã dela. Depois quando ela tinha 3 anos, a mais nova, a gente separou de vez para nunca mais! Então tem 20 anos aí que eu sou separada, então pra mim foi muito difícil, porque não tive uma rede de apoio, porque hoje minha mãe me apoia financeiramente, lá atrás ela também me apoiava financeiramente porque eu não tinha como trabalhar eu era muito nova duas filhas pequenas, mas eu não tive aquela rede de apoio, de falar assim: ‘não, hoje eu tô cansada, as meninas vão ficar com a avó’, não, nunca tive. Se eu queria sair era com as duas, fosse para ficar em casa, com as duas. Se passasse por falta de alguma coisa, era com as duas. Tudo, sempre nós três! Então, assim, pra mim foi muito difícil, é uma fase que eu olho pra trás e não tem vontade que ela se repita. Eu falo que as duas é o amor que eu tenho, assim, maior eu não

consigo nem mensurar o amor que eu sinto para com elas, mas falar pra mim assim: ‘você tem a chance de fazer de novo, você que não ter filhos?’. Não.

Porque pra mim a maternidade não foi fácil, não é fácil, hoje assim por ela ser adulta, se torna um pouco mais fácil, mas a preocupação, o financeiro, tudo, tudo, o mundo de hoje, então assim, eu não acho que é romântico!

Pesquisadora: Então continuando, nessa mesma perspectiva que a gente começou, a pergunta número 2 é muito de encontro a isso que é: qual que foi a sua sensação ao ter que lidar com o abandono e com a criação das suas filhas?

Maria: Então foi muito difícil, foi assim. Eu muitas vezes me peguei pensando que eu não daria conta. Pela idade que eu tinha porque assim com 16 anos e com 18 anos, eu já tinha duas filhas aí no entanto quando Minhas meninas entraram. Nessa idade. Eu fiquei com muito medo. Eu não deixava namorar eu ficava muito em cima porque eu tinha medo de repetir. Então ser mãe solo não foi

Pesquisadora: Você falou que essa questão do se repetir. Já se repetiu outras vezes na sua família ou não?

Maria: Então com as minhas filhas não porque as minhas filhas não é uma delas são cavernas nenhuma teve filho nada. Aí eu tive é uma prima que tem três filhos que a mais velha tem 18 anos. Aí tem um do meio que eu acho que tem sete ou é 8 e ela tem uma menininha uma bebezinha de um ano e meio mais ou menos. E assim lá é cada um de um Pai. Ela tem mas assim, eu não sei como que ela vive que ela tem ela teve a rede de apoio, eu acho que essa é a diferença entre nós duas mas a minha família mesmo assim junto, não teve isso aconteceu não.

Pesquisadora: Então, eu vou partir para pergunta número 3 e em algum momento você voltar algum tópico, a gente volta e continua conversando sobre isso na pergunta número 3 é que em algum momento da sua vida, você sofreu algum tipo de preconceito por ser uma mãe solo e se sim, como é que esse preconceito aconteceu.

Maria: Então não me lembro de ter sofrido isso porque quando eu fui foi mais solo eu já saí da escola. Eu já não tive mais o mesmo contato com os amigos que eu tinha então não sofri esse preconceito de ser mãe solo isso

Pesquisadora: Você pode me falar um pouquinho da época? Como foi esse sair da escola?

Maria: Então foi 98, eu cursava o segundo ano do segundo grau que hoje é o seguinte. Aí quando me engravidei fui no final do ano mais descobriu em janeiro do ano seguinte. Eu já tinha reprovado na escola, aí eu tava grávida e eu não mas voltei eu fui voltar eu já tinha as meninas voltar para terminar o ensino médio. Depois eu fui com essa faculdade, eu já tinha as duas a Mariana na época já tinha 18 anos. Quando eu voltei para faculdade, aí eu fiz um curso no cesuc e depois eu fiz letras que foi nossa época. mas eu saí da escola eu fui ser mãe

Pesquisadora: Nesse retorno para sala de aula para escola para Universidade. Como que você lidou com isso foi difícil, foi como que foi essa

Maria: Então quando eu voltei para terminar o ensino médio. Eu estudei à noite, eu fiz o seja aí eu ficava com as meninas de manhã, elas estudavam eu não trabalhava ainda e a gente tinha uma meia noite uma menina que ficava com ela, porque nessa parte eu nem tinha ninguém da Família tinha que ficar tinha que pagar alguém para ficar com elas e quando eu fui fazer a faculdade ela já era uma juntas aí elas ficavam sozinhas em casa.

Aí já não tive preocupação

Pesquisadora: Eh, eu vou partir para quarta. Pergunta vocês até falar um pouquinho sobre ela que é sobre a questão da rede de apoio que você não ter tem uma rede de apoio, né? A pergunta seria se você possuir uma rede de apoio durante o percurso, você já me falou que não E como foi não ter essa rede de apoio como você se sentiu. Não tem dessa

Maria: Então é igual te disse lá atrás foi muito difícil, porque era só eu para fazer tudo, mas eu tinha amante minha avó tinha pai que todo mundo achava que tinha que interferir mas interferimos no caso, por exemplo, se eu falasse que elas não podiam ir até o lugar. Aí a minha mãe vinha todo mundo vem lá, elas tem que ir aí queria assim passar por cima da minha autorização.

Mas ninguém queria ficar pensando em ninguém. Só queria ajudar, me ajudar, me atrapalhar. Vamos dizer assim, mas eu não tive, foi zero mesmo de apoio. Zero. Hoje eu olho assim para trás e falo tudo que eu consegui construir com elas.

Pesquisadora: Esse caminho para você criar as suas filhas, seu trabalho deixou elas as estudavam ficavam com alguém nesse momento.

Maria: Então o meu primeiro emprego foi na escola que elas estudavam no período que elas iam para a escola, então nós saímos de casa todo mundo junto. Aí depois o meu segundo emprego eu trabalhava na parte da tarde, eu entrava duas horas da tarde até 10 horas da noite. Aí no período da tarde, ela ficavam na escola e aí à noite tinha a minha tia não gostava dela e deixava em casa.

Pesquisadora: E nesse ficar sozinha como você se sente tem que deixar ela sozinha, tinha algum apontamento falando que era errado você deixar. Não.

Maria: Tinha eu sofri por isso também porque quando é porque entra outra história que a minha homossexualidade. Que quando antes de ter meninas eu já tinha me relacionar com mulher. Só que a família não aceitou aquela confusão tremenda foi onde eu conheci o pai delas e tive as duas só que quando ela já tinha um três anos que foi quando eu me separei dele eu voltei a me relacionar com a minha primeira namorada.

Então foi muito difícil, eu acho que eles também não quiseram ser rede de apoio em função disso também. Então e assim eu tinha que me virar. E aí teve uma vez que a minha própria

mãe me denunciou para o conselho tutelar. Conselho Tutelar foi na minha casa, só que não tinha nada. As meninas eram bem cuidadas estudavam eu trabalhava sempre foi muito enjoada com elas muito mesmo.

Então assim o próprio conselho na época contou quem tinha denunciado e que não tinha o que denunciar. Então foi aí onde eu comecei a realmente ter que me virar

Pesquisadora: É eu vou pular para a quinta pergunta. E a gente vai continuando aqui por parte das suas filhas, houve questionamentos em relação a ausência do pai delas e se sim, como que você lidou com esses

Maria: Então, nunca tive esse tipo de questionamento, nunca, nunca, nunca, é tão interessante que ela já são adultas e que até hoje no dia dos pais elas fazem, compram presente, monta alguma coisa, me envia mensagem e isso desde criança até os presentes da escola sempre falam para mim então nunca fui questionada com esse ponto não.

Pesquisadora: Interessante você tocar nessa questão, você recebi os presentes Dia dos Pais.

Maria: Recebia eu ia na festa nunca tive nenhum problema. Sempre tentei criar as minas assim sem preconceito se tem pai presente tem que não tem também vamos fazer diferença não vai sabe? Nunca mostrei aquelas que tinha que ter uma família constituída que tinha que ter pai presente não nunca

Pesquisadora: elas não tiveram nenhum tipo de contato com ele assim com

Maria: Não tinha por exemplo é que na época a gente colocou ele na justiça para pagar pensão alimentícia, então ele tinha contato com elas. A cada 15 dias ele pegava no sábado de manhã e me entregava Domingo. Só que era uma guerra sem fim, porque elas não queriam e tinham que obrigado porque a justiça obrigava, então assim foi muito difícil, mas é tipo. E aí quando a Mariana que a minha mais velha tinha. 16 anos lembrando aquela Crise de Adolescente queria morar melhor a gente teve uma briga em casa, ela foi morar com o pai, só que lá ela ficou três meses voltou e nunca mais tocou nesse assunto nunca mais

Pesquisadora: Quando você fala a questão da justiça da Justiça obrigar elas a irem como você se via nesse lugar tipo de ter que ver suas filhas irem a um lugar onde elas não queriam ir como seu coração de

Maria: Então isso era terrível. Aí eu deixo era assim como eu trabalhava, aí eu trabalhava um sábado de manhã e um sábado à tarde quando elas ficavam comigo eu trabalhava de manhã, porque de manhã elas estavam dormindo então quando eu voltava elas ficava sozinha pouco tempo e quando elas ficavam ia ficar com ele eu trabalhava após o almoço, mas para mim era um final de semana terrível. Eu não consegui me desligar.

A gente já chorou minha avó já entrou no meio era briga era briga mesmo, porque assim elas iam chorando ele colocava no carro e era aquele

Pesquisadora: E nessa questão da sua família sua avó que interferia qual que foi o papel dela nas criação das suas filhas, já te ajudou também.

Maria: Não é o seguinte, a gente falava do lado era divisa de muro morava no mesmo lote que minha vó então minha vó via que ele transtorno das meninas com o pai e ela tentava amenizar falava que não podia fazer aquilo, mas ele também não foi a rede de apoio porque as minhas filhas da minha mãe não deixava ela assim, eu acho que até vontade ela tinha mas ela era impedida pela minha mãe pelas minhas tias.

Então ela entrava no meio nesse momento que eu tô te dizendo porque todo mundo via porque era na rua elas iam para ele buscar

Pesquisadora: Então a gente pode continuar. Tem mais algum ponto eu vou para sexta. Pergunta agora. Eu Queria sua opinião sobre uma afirmação. Qual que é sua opinião sobre a afirmação família sem pai ou avô é fábrica de sujeitos desajustados que foi dita pelo General Hamilton Mourão o ex vice-presidente da República. Qual que é sua opinião sobre essa afirmação

Maria: Esse encabimento não consigo nem opinar porque como eu criei as minhas meninas sozinhas sem figura masculina sempre dura para a terra então assim nada a ver dessa formação, eu nem sabia dela.

Pesquisadora: E você falou que criou suas filhas sem a figura masculina alguma e colocando em contraponto com essa afirmação e fazendo um balanço sobre sua vida. Você acha que isso interfere o pai ou avô está ali interfere em alguma coisa?

Maria: Não nada nada nada nada.

Pesquisadora: Então continuando aí depois essa afirmação do Mourão eu vou para a sétima pergunta. Que você já falou um pouquinho sobre ela, mas eu queria aprofundar um pouquinho mais em relação à área financeira e você recebeu algum tipo de pensão do pai das suas filhas.

Maria: Então, quando eu não lembro eu amo exatamente o que a gente está colocando na justiça. E aí foi determinado meio salário mínimo para as duas. Que não dá para ir lá. Então assim onde eu te falei lá atrás que a minha mãe me ajudou financeiramente porque ela fazia o papel do pai, né, mas assim é na escola, comida. Aí depois que eu comecei a trabalhar aí tudo era meio que dividido e até hoje Minhas meninas fazem Faculdade Federal, mas não fora então a minha mãe me ajuda financeiramente até hoje.

E assim o pai foi mais salário mínimo a vida inteira nunca nada mais que isso falasse não ele deu R\$ 10 a mais...

Pesquisadora: Falou que um certo momento vocês. Entraram na justiça para conseguir essa pensão, como que foi esse processo judicial?

Maria: Não, na época eu ainda era menor, aí a minha mãe que me representou, né? Foi assim como quando a justiça estipulou essa pensão e pronto. Não teve briga, não teve nada.

Pesquisadora: Não teve briga.

Maria: Não que tivesse sido isso a cada 15 dias, ele tinha direito de buscar as meninas elas querendo ou não. A única briga foi essa, a gente nunca mais foi atrás dele para outras coisas.

Pesquisadora: Essa questão da representação da sua mãe, ela teve que entrar com processo com advogados, tudo mais.

Olhando assim na época que foi você sabe mais ou menos a média de tempo que foi quantos anos mais ou menos atrás. Uns 20 anos certinho nestes 20 anos.

Maria: Eu vou te falar a verdade, não sei te responder. Porque eu nem sei o que acontece hoje, mas assim porque como elas cresceram a gente não vai atrás. Eu não sei te dizer como é a justiça nesse ponto hoje. Mas acho que não mudou nada.

Pesquisadora: A gente pode ver o tanto que a justiça mudou. Você acha que a diferença daquela época para hoje? Se fosse olhar é diferente.

Na época, mas naquela época foi efetivo para vocês a decisão ou você acha que poderia ter sido diferente a decisão

Maria: Não aos meus olhos meus olhos de mãe poderia ser porque eu nesse momento que você faz com menos salário mínimo com duas crianças. nada

Pesquisadora: Trabalhando os valores, né? Do jeito que a vida anda caro meio salário é pouco agora tem chegando já na oitava pergunta. Que a gente vai fazer um balanço sobre sua trajetória enquanto mãe solo. Como que você definiria essa trajetória como você se vê nessa posição de mãe?

Maria: Então como eu disse que não consigo romantizar nada, mas hoje olhando eu me sinto vitoriosa, porque hoje eu tenho duas meninas que onde eu passo é só elogio. Eu não tenho preocupação com elas. Elas estudam são meninas direita. Então assim hoje eu me sinto lisonjeada de ter conseguido chegar até aqui.

Pesquisadora: E olhando para trás vendo que você passou tudo como você definiria essa trajetória além de ser vitoriosa. Foi escrita foi

Maria: Não é muito difícil, eu não queria repetir, não queria. Se eu tivesse a chance de falar você seguiria esse caminho não não queria.

Pesquisadora: ajudaria alguma coisa no caminho

Pesquisadora: tem um ponto que eu queria te perguntar que você falou bem no começo da questão da sua homossexualidade quando, antes você ter suas filhas e após você ter suas filhas. Você sofreu algum preconceito durante a jornada por isso e algum questionamento das suas filhas também.

Maria: Por elas não, porque como eu te disse como eu já sabia disso desde o início então eu sempre criei assim mostrando que existe pessoas diferentes famílias diferentes, nunca tive nunca aponte preconceito com elas em relação a nada nada é gênero, nem carne, nem religião nada, então você nunca teve esse problema com elas. Eu nunca tive aquela pergunta assim, nunca minha menina mais ela tem 25 anos.

Nunca

Pesquisadora: Nossa isso é bem uma criação muito boa em relação a isso e em relação às outras pessoas, você acha que teve questionamentos apontamentos sobre a sua escolha com relação a

Maria: Começando pela minha mãe. Pela minha mãe minha mãe foi a pessoa mais difícil, porque assim eu tinha vamos dizer assim das pessoas da rua e não tive apoio dentro da minha casa, então se a minha mãe foi o meu maior problema, vamos dizer assim.

Pesquisadora: Esse problema também foi em relação a ter suas filhas ser mãe solo e também junto com a sua sexualidade. Virou um problema só.

Maria: Não mãe solo para minha mãe não não era problema problema era o preconceito da homossexualidade. Se eu tivesse tido 10 filhos para minha mãe. Tava ótimo. O problema foi a minha homossexualidade, não foi em ser mãe.

Pesquisadora: Então agora a gente chegou ao fim das oito perguntas sobre esse balanço do sobre ser mãe solo, você definiu como ser Vitoriosa, né? Uma jornada e tanto e você olhando para suas filhas hoje, você vê que valeu a pena esse caminho. Tudo que você enfrentou por elas.

Maria.: Sim, sim. Tudo. Nossa eu não eu como os outros dor minha vida por elas. Eu só não queria repetir Eu só não queria mais assim faço tudo por elas tudo meu maior sonho é que ela se forma e seja independente. Que não dependa de ninguém porque eu Depende a

Pesquisadora: É nessa questão da dependência, você poderia falar um pouquinho sobre isso.

Maria: Então é que como eu sou muito nova, eu não tinha uma formação, eu não tinha uma profissão, então tudo que eu queria se eu quisesse ver um leite com minhas meninas, eu tinha que pedir para minha mãe que ainda dá satisfação. Enfim tudo para qualquer código de coisa básica uma coisa. Tudo tinha que dar satisfação tudo que tinha que pedir. Então essa é uma coisa que eu não quero para ela de jeito nenhum hoje.

Elas dependem de mim 100%, mas se elas me ligam mãe queria 10 reais, eu não quero saber para quê? Porque acho que eu sofri tanto com isso que eu falo eu tenho ou não tenho. Porque elas vão fazer não tem não interessa, eu nem

Pesquisadora: Esse tem outro ponto que eu queria voltar você não se importar que é sobre essa romantização da Maternidade. Como que você vê essa romantização?

Maria: Então porque hoje a gente vê muito nas redes sociais, né? É aqueles são nove meses de espera aí nossa criança e começa a mesversário e mãe é isso mãe, Aquilo não é isso não você começa a passar mal lá na gravidez. Nessa criança, você é um ser que você não sabe como lidar, como que é você, vai tudo nos experimentos e ainda como eu não tive na linha de rede de apoio, então eu não consigo olhar para trás e falar assim não ser mãe é maravilhoso, porque eu acho que ser mãe é maravilhoso.

É um amor que eu tenho para com elas é o amor é por ela, mas na maternidade não consigo mandar nada.

Pesquisadora: Interessante, esse é o posicionamento sobre essa romantização porque é bem característico. Tem uma frase que eu li há alguns dias que é Eu amo meus filhos, mas eu não gosto de ser mãe. Que é sobre a romantização?

Maria: É bem isso.

Pesquisadora: É sobre isso.

Maria: Porque assim é igual eu te falei, eu não consigo nem mensurar o amor que eu tenho para com elas, não consigo mesmo, mas falar que ser mãe poder ser no Paraíso, não tem nada disso. Não tem primeiro que você deita pensando nos filhos, você acorda o primeiro pensamento são os filhos, você não tem sossego minha avó tinha um ditado que fala que desde que filho parir nunca mais. Porque você é uma preocupação. Pode ter 10 anos 50 sem é filho. Então, não dá para romantizar isso não.

Pesquisadora: E você falou que é sempre filho e mesmo com pai quando tem o pai ali do lado é difícil e esse ditado ainda se torna mais intensificado quando não tem o pai ali do lado.

Maria: Eu nem consigo te falar, o que que é ser mãe, entendo um pai do lado. Eu não consigo te falar isso, eu não vivi isso para falar então para mim sempre foi mãe e pai. Então não consigo.

Pesquisadora: Então, Maria, a gente chegou ao fim das oito questões eram essas perguntas que eu tinha para te fazer você tem algo mais quiser compartilhar.

Maria: Não, te agradeço muito e qualquer coisa que precisar pode me chamar de novo.

Pesquisadora: Eu vou parar aqui a gravação. E vou salvar antes que eu esqueço, muito obrigada, Maria, por ter aceitado. Obrigada.

ENTREVISTA MÃE 03- Ana

Data: 09/08/2023

Duração: 32 minutos

Participantes: Ana, Pesquisadora

Pesquisadora: Então vamos lá, Ana. (É) Como você marcou lá no formulário de participação, você se identifica como uma mãe solo, né?

Ana: Sim!

Pesquisadora: Então, as perguntas direcionadas a cada grupo são diferentes. Então vou começar com esse grupo e a gente vai conversando, o intuito é mais é uma conversa mesmo, tá?

Ana: Tudo bem.

Pesquisadora: Tranquilo, se em qualquer momento você não quiser, ou não se sentir confortável com a pergunta, não precisa responder. A primeira pergunta é: “como que você se vê diante do abandono do genitor do seu filho ou da sua filha?”

Ana: [Tá bom.]

Ana: Por incrível que pareça, é, não me parece estranho. Não me causou nenhuma estranheza e pareceu algo natural, essa é a palavra, me pareceu as responsabilidades e todo o quesito que é ser pai ou ser mãe me pareceu natural tomar na frente. Então, assim a mim hoje me parece um pouco estranho, porque eu conheço pessoas que têm essa relação em que os pais cuidam e se dividem entre si, mas a primeiro momento me pareceu uma coisa assim natural. Assim uma coisa que eu deveria fazer, entendeu? Então a mim não chocou. É isso não sei se eu consigo te responder.

Pesquisadora: A questão do sentimento, seria algo que foi naturalizado ou natural?

Ana: É, foi natural, foi uma coisa que eu senti que seria a minha responsabilidade mesmo. Então, assim, o não participar não me fez diferença nesse primeiro momento, não me assustou, parece alguma coisa que estava dentro do ciclo de vida que deveria acontecer. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi. Então, eu vou prosseguir com a pergunta e a gente vai conversar, tá? A segunda pergunta é: “Qual foi a sensação ao ter que lidar com o abandono e com a criação, é uma filha ou filho que você tem?”

Ana: filha.

Pesquisadora: Então vou reformular a pergunta: “Qual foi a sensação de ter que lidar com abandono e com a criação da sua filha?”. Você tendo que lidar com essa criação.

Ana: É, Eu acho que porque eu tive um suporte, assim, um apoio da minha mãe, no quesito apenas de preciso trabalhar e após o horário da creche preciso que alguém busque assim, eu tive um apoio da minha mãe. Então de todo o resto, eu me senti. Hoje eu tenho essa essa visão, tá? Mas eu me sinto ganhadora, antes eu me senti assim: “será que que tá certo isso?” “Será que eu deveria tomar outro tipo de atitude ou não?” Mas eu já me senti ganhadora.

Se você me permite explicar o porquê, (é), eu tava assistindo um podcast e eu entendi esse sentimento, é do Vênus que a Cris Paiva ela é mãe solo também e ela falou assim: “se ele acha que pela relação não ter dado certo, eu perdi por eu ter perdido alguns finais de semanas ele tá totalmente enganado.” Porque eu ganhei eu ganhei muito mais do que a justiça iria me propor. Então em vez de 50%, eu ganhei 100% dela. Então hoje eu me sinto assim, quem perdeu não fui eu. Respondi?

Pesquisadora: Respondeu sim! Posso continuar? Se quiser falar mais um pouco também sobre isso... Então tá bom, vou continuar.

Ana: [não.]

Pesquisadora: A pergunta número 3 é assim: “em algum momento da sua vida, você sofreu algum tipo de preconceito por ser uma mãe solo? Se sim, como que esse preconceito se manifestou?”

Ana: Sim. Por duas questões: por eu ser mãe aos 16, hoje a minha filha, ela vai fazer 15 anos. (é) E por ele ser um cara não tanto mais velho, mas assim ele era cinco anos mais velho do que eu. E eu sofri um preconceito no quesito, eu não podia andar sozinha com a minha filha que primeiro não era identificada como mãe dela. Porque ela não é nem um pouco parecida comigo, até em quesitos assim raciais, ela é parda eu sou mais branca. Então assim eu não era identificada como mãe dela e quando identificada era sempre me questionado: “Onde está o pai?”

Estranho, estranho não, natural, vou usar essa palavra de novo natural. Era na escola. Porque na escola existe um pai no dia dos pais para 50 mães que representam. Então, assim, no âmbito escolar nunca sofri preconceito, mas no âmbito social sim, em situações onde eu passeava sozinha ou de sei lá, eu ia no mercado com ela no colo e aí com aquele monte de sacola e voltava para casa e perguntavam: “cadê o pai que não ajudava?” Porque teoricamente aquela força, teria que ser feita pelo homem, assim nesses quesitos onde o homem, ele entra como pessoa que provê pessoa que enfim. “Ah, por que que você tem que trabalhar em tantos empregos?, “cadê o pai?, “corre atrás da pensão.” Que é uma coisa que eu nunca recebi pensão e eu nunca corri atrás, depois mais para frente se houver alguma pergunta relacionado sobre você quiser saber a gente conversa, mas nesse quesito financeiro, de força, eu era cobrado do cadê o pai mas em todo o quesito, por exemplo ficou doente, leva no médico, médico, escola, essa situação é brincadeiras, cinema, é natural: a mãe ser só a mãe, né? Então tinha classes de preconceito assim.

Pesquisadora: Vou voltar um pouquinho no que você falou que eu achei interessante, se puder falar, que você falou que sofria preconceito em relação a diferença com a sua filha, que não achavam que era sua filha. Como você se sentia quando isso acontecia?

Ana: Eu era uma pessoa muito mais nervosa do que eu sou hoje, né? Então, eu perguntava, se eu precisava apresentar (o) a certidão dela, e um RG, para poder comprovar que de fato ela era minha filha. Apesar de ser um quesito cômico, né? A pessoa, ela falou pensando que eu tava sequestrando ela, o que poderia ser o contrário se eu fosse uma mãe negra e minha filha branca no caso, é ,mas não era um quesito de sequestro, era mais um quesito sarrista, sabe, tipo: “até parece que você é a mãe dela.” E eu sou uma pessoa bastante irônica nas coisas que eu acho que eu preciso ser brava, então assim eu respondo muito com a ironia. Então, eu questionava, mas eu me senti ofendida pelo, primeiro porque não havia motivo nenhum para eu falar que ela era minha filha, ela não ser a minha filha. Não existe, não existe ganhos de mentira assim, nada eu iria ser beneficiada, né? Então ,assim ,se eu tô dentro de um ônibus, eu tô com a criança no colo, não importa se eu sou a mãe dela ou não, eu estou com uma criança no colo, né? Então, assim o quesito se eu era a mãe dela ou não, não importava em nenhum momento então não poder não tinham porque eu mentir sobre isso, então, ofendida não. Eu acho que eu não me sentia, mas eu (eu) não entendi o porquê daqueles questionamentos. Não, não, até hoje não consegui entender, ainda hoje isso acontece depois se você quiser eu peço para ela aparecer para você ver ela, a gente é bastante distinta, eu acho que a única coisa que a gente parece é o olho que ela tem os olhos grandes igual aos meus, mas eu não entendi o porquê primeiro. Por que (que) você se surpreende? Né? Ninguém sabe que como é o pai dela para falar se ela puxou ele, por exemplo, que foi o caso, então eu não consigo entender assim ter uma justificativa do porquê, por que que eu não poderia ser a mãe dela, por que que eu iria mentir então assim eu adia do modo irônico, tipo você quer que eu apresente a certidão de nascimento? ou “Ah, eu não preciso te provar nada.”

“Você me perguntou eu tô respondendo você quer acreditar tudo bem?” “Não quer acreditar?” “mim não vai fazer mal nenhum”, então era assim que eu agia, mas eu ofendida eu não me sentia, eu era muito bem segura de mim. Talvez se eu fosse uma mãe assim, (que eu não) Eu sempre dei 110% de mim, por causa que faltou 50% do pai, né? Então eu sempre desde 110%, então, eu acho que se eu tivesse, se eu me desse 80%, eu me sentiria ofendida (falei) “Putz, não tô fazendo meu papel e por isso essa pessoa não tá acreditando,” mas enquanto isso era tranquila.

Pesquisadora: Ótimo, então vou continuar com a próxima pergunta, tá? A pergunta número 4 se até comentou um pouquinho na resposta da primeira, mas eu vou fazer para a gente aprofundar: “se você possuiu alguma rede de apoio durante o percurso da criação da sua filha? Se sim, como que foi poder contar com essa rede de apoio?”

Ana: Eu usei essa palavra rede de apoio por causa (do) das pesquisas que eu tenho visto e tal. Eu não sei se de fato era em si uma rede de apoio, mas assim eu podia contar com a minha mãe no quesito: “preciso de alguém que fique com ela para que eu trabalhe”, mas eu não podia contar no quesito: “eu preciso de um descanso, estou muito cansada!”, não interessava,

entendeu? Então, assim eu tinha na minha mãe para caso eu tivesse quase uma hora extra, trabalhar num sábado, onde não tem creche, ela cuidava da minha filha para mim. Mas o contrário e que também seria uma coisa natural que eu acho que todo mundo precisa de um tempo para si, eu não tinha, então assim eu fui ter dela bastante grande, assim, esse tempo sei lá, depois de ela tinha uns 12 anos, que eu fui ter assim esse tempo os meus relacionamentos que vieram a partir do nascimento dela, né, vieram de relações no trabalho no curso. Enfim, no que eu fosse fazer de profissional, por causa que me faltava esse tempo, mas é eu acredito que eu não conseguiria cria-la sem a minha mãe, porque para quem acabou o ensino médio não tem trabalho que seja de segunda a sexta, né, então no sábado eu precisaria contar com alguém para ficar com ela, então eu acredito que eu não teria desenvolvimento do meu profissional ou o meu intelectual, meus estudos, a minha formação, se não fosse a minha mãe, mas ele para nesse âmbito do “preciso, porque eu preciso fazer uma coisa que me ajude no futuro”. Ele para nesse âmbito de rede de apoio.

Pesquisadora: Você falou da sua mãe... Como que era a relação com a sua mãe? Nesse... poder contar com ela?

Ana: A minha mãe (ela) hoje ela é falecida, ela faleceu tem dois anos, mas assim, é o que eu a minha relação com ela, ela foi muito... “a gente não se dava bem, tá?” o que a gente se dava bem é que eu (eu), provi uma neta para ela, que era o sonho dela, porque não sei se vem ao caso ou não, mas eu sou uma pessoa que eu me identifico como homossexual, desde os 11 anos e a guerra com a minha mãe era que eu não iria dar herdeiros para ela. Então a minha filha gerou muito parte disso em relação a toda essa situação que eu tava passando na adolescência, enfim, dessa saída do armário e tudo mais. Acabei me relacionando com o pai dela e engravidei dela, mas o ter a minha filha foi um elo, foi uma situação de melhoria de relação minha com a minha mãe a gente se relacionou muito mais depois dos meus 27 anos, né? Minha mãe morreu tinha 29 então a gente teve pouco tempo de se dar bem, mas a minha filha era o ponto maior de amor na vida dela. Então assim eu tive um relacionamento com ela é bom no quesito, vamos organizar a casa, a Livia, que é minha filha, ela é muito prestativa. A minha mãe sempre muito amorosa com ela, minha mãe também que era uma pessoa que nada amorosa comigo era muito amorosa com ela. Então assim eu me sentia confortável em ver a relação das duas e por isso a gente se relacionava bem. Mas a minha relação com ela em si se deu muito bem depois dos meus 27, mas aí durou só até os meus 29.

Pesquisadora: Você se importa de eu voltar num pontinho que você falou que me chamou atenção, que é sobre as pesquisas do termo mãe solo, que você andou fazendo, você pode falar um pouquinho?

Ana: Então, eu (eu) tentei entender porque na minha cabeça mãe solo seria as pessoas que não tem as mães que têm seus filhos

Pesquisadora: [Seria mãe solo e rede de apoio também]

Ana: ...a rede de apoio, (ela a rede de apoio), ela entrou no quesito de estou cansada até foi o meu início de TCC, que eu fiz na análise de discurso, sobre ausência paterna, mas assim a justificativa mesmo da pesquisa, foi que “será que é normal?” Será que esse peso, esse cansaço que eu sinto porque enquanto ela era pequena eu não percebi o quão cansativo era. Então conforme ela vai crescendo tem outras demandas.

Por exemplo, agora eu começo a trabalhar às 8 horas da manhã, eu trabalho Home Office, trabalho às 8 horas da manhã, quando dá meio-dia, eu tenho que sair para dar a pausa para o almoço, faço comida e ela come eu levo para escola e eu volto aí eu tenho que dar uma geral na casa, cuido dos cachorros, aí então assim essa essa coisa da mulher então assim eu vou parar. Ontem mesmo, eu parei duas horas da manhã de terminar, sei lá 50% das coisas, e eu percebi eu falei: será que isso é normal e veio outras questões, por exemplo, a minha filha ela começou a falar que eu sempre fui muito ausente. E que as mães dos amigos não eram, mas porque as mães dos amigos não eram? Porque as mães dos amigos o pai era pessoal ausente porque ele trabalhava e a mãe era a pessoa que ficava e cuidava, então eu comecei a pesquisar do que O que que seria essa essa rede de apoio? Será que essa rede de apoio englobado pai toda a família, né? E eu percebi que a rede de apoio simplesmente São pessoas que te ajudam ali na criação não só na criação, mas no tempo que você precisa ter para si, né, não? Como ser humano porque igual trabalho a gente trabalha e a gente tem um dia de folga um dois dias de folga. Porque é necessário para a gente reformular a cabeça uma mãe solo não tem né? E isso é cansativo e eu percebi que tem gente que a tia ajuda a madrinha ajuda. Ah o final de semana as férias vai para um lugar e comigo eu não tinha as férias, ela tava comigo no final de semana, ela tava comigo e mesmo assim eu não era presente suficiente. Porque eu trabalhava em dois Hoje eu trabalho em um emprego só dou um pouco mais de atenção porque em Home Office então eu tô dentro de casa esse emprego eu tô há nove anos, mas assim até os 7 anos ela seis anos dela eu trabalhava de manhã de tarde de madrugada, porque não tinha da onde vir né? Então assim além das minhas responsabilidades, como mãe para com ela que eram maiores em valor de financeiro, eu tinha as responsabilidades da casa.

E enfim e aí isso me deixou pensativa, né? Será que é normal isso? Porque que que a gente vê por exemplo eu não conseguia ter tempo pentear meu cabelo. E por que que a gente vê essa romantização toda da mulher que pô, ela é acabou de ter um neném tá Lindíssima maquiada. Meu Deus, eu parei de ter olheira agora com ela com 14 anos. Então, não conseguia entender, mas aí você vai investigar o porquê essas pessoas têm alguém para revisar aquela noite de sono com ela para revisar uma internação que a criança fica internada é a mãe que tem que ficar a mãe o responsável, né? Então se a criança ficar sete dias fica sete dias, mas e se você não tem ninguém. Quem que vai te levar alguma coisa lá? Você se vira ali, você toma banho enquanto a criança tá dormindo enfim. E eu acho que eu fui fazer isso essa pesquisa mas por um comparativo. de pessoas principalmente depois que eu mudei para cá, porque eu percebo que pelo menos o âmbito de pessoas que eu conheço são mulheres que ou trabalham assim. Para o luxo delas mesmas, né? E aí ela tem um provedor que seria o marido.

Ou só não trabalho e o marido é o provedor da casa dele do que elas precisam e tudo mais. E eu vejo que que existe elas não apesar de o trabalho de cada ser tão cansativo, quanto qualquer outro trabalho. Elas estão ali, né? Elas fazem aí levam os filhos para o colégio. Tem aquele tempinho de descanso e busca então assim parece ser algo mais leve sabe e eu não sei

eu sempre glamorizei o pesado. Essa é a realidade. Então eu achava que se eu tô aguentando tá? Tudo bem. Entendeu? E sei lá, depois a gente percebe que é só um exagero.

Pesquisadora: Então, Ana, vamos continuar posso dar a próxima pergunta é a pergunta

Ana: pode

Pesquisadora: número 5 agora por parte da sua filha, houve muitos questionamentos em relação à ausência do pai, se sim, como que você lidou com esses

Ana: Então, talvez seja mais pesado do que outras situações, porque por exemplo o pai dela eu exigi, exigir não, eu falei que ele não precisava ir me dar ganho eu não precisaria ter nenhuma ajuda financeira dele, mas que eu queria que ele fizesse o papel de pai dele no quesito amoroso, né? E por uma opção dele, ele evoluiu no uso de drogas até que ele chegou no uso de craque e ele foi preso.

Enfim, então, assim, foi uma escolha dele quanto a isso. E eu explico para ela o que que aconteceu então até que isso acontecesse dessa dessa evolução dele de pior independência química, minha filha ia fazer uns cinco anos de idade. Então assim Houve um tempo que ele pudesse pensar que ele tinha uma família, né? Que a gente tinha uma família junto, apesar de não estarmos juntos. E isso ficou muito bem claro para ela, porque desde sempre eu explico para ela no início quando ele foi preso eu pensei em preservar um pouco da imagem dele em falar que ele tava na escola da vida, né? Porque a mãe nunca quer destruir aquele pensamento do filho né? Mas ela não questionava no Dia dos Pais, ele não está. Eu acho que ela se sentia preenchida. A minha mãe como lugar de mãe e eu como lugar de pai, eu acho que que essa junção acabou tendo esse preenchimento na vida dela que ela não questionando, mas adolescente assim assim, mas adolescente dentro da segunda fase da infância depois de sete oito anos, ela chegou a perguntar se existe uma possibilidade de o pai dela melhorar e a gente de repente tem um convívio, né? Mas assim.

Foi algo bem sucinto assim nada nada muito drástico, então o que eu posso dizer que ela nunca. Deu muita elegância, né, para essa ausência dele, ela só não compreende que a minha ausência foi muito mais porque eu não tinha com quem dividir então isso ela me culpa, mas quanto a ausência dele ela não liga.

Pesquisadora: Certo, vou continuar aqui. Vamos para a sexta, pergunta já agora eu queria sua opinião para uma afirmação afirmação é a seguinte.

Ana: tá

Pesquisadora: “Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados” que foi proferida pelo General Hamilton Mourão, o ex vice-presidente da República. Queria saber a sua opinião sobre essa afirmação.

Ana: Nossa, pela quantidade de pessoas que não tem pai, eu acho que mais da metade da população. Então tava no sistema prisional ou dentro de uma Cracolândia se essa afirmação

fosse de fato real. Eu acho que ainda mais hoje a formação de família mudou. Como eu te disse a minha formação, a formação da família da minha filha, foi eu e a vó dela. E preencheu Claro agora, ela é adolescente. Eu vejo algumas questões, mas eu nada que fuja da idade assim é mais essa questão de revolta contra si mesmo, né? Mas não consigo relacionar em nada com ela não ter sido um pai. Então eu nego essa afirmação dizendo que diante de tantas formações a gente pode preencher sentimentos de tantas outras formas. Por exemplo, eu fui uma pessoa que eu tive meu pai, mas meu pai era um pai de domingo, meu pai morreu eu tinha eu tinha 11 anos. Mas eu sabia que meu pai no domingo era tão assim e ele era casado com a minha mãe, só que ele era caminhoneiro e era tão ausente essa presença. Que era festejado a vinda dele então toda vez que ele vinha a gente saía para um lugar diferente, mas assim ele era tão relapso assim, eu sou a sexta, filha dele de três casamentos diferentes que ele me apresentava para os amigos dele criança e assim ele errava a minha idade em dois três anos. Então assim nem tava muito ligado assim na real coisa que tava acontecendo, mas a minha mãe preenchia esse meu pai não tá durante a semana, mas a minha mãe está e para mim era tudo bem também. Então eu acho que tem tantas informações, tem informações de dois pais que têm formação de duas Mães e eu acho. Que se é uma relação de amor de esforço isso preenche. Independente de quem seja, se for a sua voz, eu vou te criando. Tá tudo bem.

Inclusive eu acho que são essas nomenclaturas de aí uma família ter mãe e pai que deixam as crianças muito confusas que deixa as crianças tristes de não ter o padrão. Porque de restos se a gente tem alguém para ligar no final de semana ou receber uma ligação perguntando se tá tudo bem É o suficiente independente de quem seja seja a família de amigo seja família de primo de tio. Então o pai para mim não faz diferença, acho que uma família com pai sem pai, se tiver que ter problema. Ela vai ter os problemas que ela tiver que ter. E aí cabe eu acho que o papel da família é essa orientação. Se vai ser o seu avô vai te orientar sua mãe seu pai seu irmão. Não importa se você tem um exemplo a seguir é muito difícil você seguir para um outro mais cruel, mas errado. Para isso você vai ser pai. Você vai não ter pai. Depende de quem preenche esse vazio.

Pesquisadora: Certo está então continuando o pé. Pergunta número sete agora em relação a área financeira, você recebeu pensão alimentícia por parte do genitor da sua filha.

Ana: Não, Primeiro que eu queria que ele não fosse aqueles. É que assim a minha filha nasceu muito próximo daquele caso da Isabela Nardoni, né? E para mim pareceu muito financeiro assim toda aquela questão. Então o pai Ele tava ali porque era Obrigado pelo juízo e queria fazer ali uma. Uma desavença com a mãe. Ah, já que é meu direito esse final de semana tudo bem. E eu fiquei muito pensativa, porque logo em seguida, tiveram vários casos em que os pais matavam ou enfim faziam coisas piores com as filhas e que existia várias justificativas falando que o pai não queria pagar pensão e não queria ser pai ponto. E para mim aquilo mesmo muito nova ficou muito claro, eu acho que a pessoa não tem que estar. Obrigada ali de maneira nenhuma, entendo que quem não tem não cumpre os deveres não tem direito. Né? Então eu meio que dessa forma não financeira que eu não recebi nada nada zero. Se eu receber alguma ajuda foi da minha mãe porque eu era muito nova então eu comecei a trabalhar ela tinha nove meses, né. Então assim até os nove meses a minha mãe ela me ajudou no quesito básico que a fralda Leite essas coisas mas não tive nada e por uma opção minha e

não cobraram. Eu nunca entrei na justiça para cobrar. E enfim daqui a três anos ela faz 18 também, nem vai precisar também, mas não nenhum valor financeiro, eu sempre fui eu.

Pesquisadora: Certo então indo para nossa última pergunta já que a gente pode

Ana: tá

Pesquisadora: continuar conversando sobre isso que é por fim fazendo um balanço sobre a sua trajetória enquanto mãe como que você definiria essa trajetória. E como você se vê na posição de mãe hoje?

Ana: eu acho que a gente amadurece independente da idade, a gente amadurece junto com os nossos filhos, então a gente, eu particularmente a primeira bebê que eu troquei a fralda foi a minha filha. Eu não sabia nem como segurava um bebê. Então para mim foi tudo novo, eu aprendi fazendo literalmente e é muito difícil, cada fase criava um ser humano é muito difícil e não ter uma receita a ser seguida é mais difícil ainda, mas eu entendo e tem a minha consciência de que a mãe pelo menos a mãe que de fato é mãe, né? Porque aquela que cria aquela que se preocupa a gente erra tentando acertar. Então se eu errei na criação dela, eu tentei acertar não errei de propósito, né? Eu não fui maldosa nas minhas atitudes, mas eu me sinto realizada, eu não teria de novo. A minha filha vai ser única. Acho que se eu tivesse mais um filho não seria um filho eu adotaria não teria um filho assim meu. Eu acho que eu ainda tenho muito amor para dar, mas eu não me sujeitaria passar por Adotaria uma criança de uns 10 anos, entendeu? É safado aqui, só de criação essa linha tênue. Ela nos preocupa muito né dá do primeiro ano de vida até os 10 anos de vida é uma fase que é muito preocupante. Porque qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Qualquer pessoa pode ser um suspeito de qualquer coisa, então é uma fase, principalmente para quem é mãe de menina é uma fase que preocupa muito é uma fase que eles não sabem o que é certo que é errado.

Então eu acho que a melhor fase mesmo foi até os quatro anos, depois foi um caso de muita preocupação. Mas eu me sinto realizada, como mãe, eu acho que ela preenche. Um pedaço que se chama força de vontade de mim então toda vez que eu penso. Nossa não vou aguentar. Eu preciso aguentar. Então esse precisar faz com que eu ande para frente. Mas se eu pudesse hoje pensando se eu pudesse dividir isso, eu acho que eu teria conseguido com a minha mais. Nossa até me emocionei, desculpa. Mas é isso ser mãe sola é difícil, mas a realidade é muita gente é só meio cansativa mesmo.

Pesquisadora: Chegamos ao fim das perguntas, você quer complementar com alguma coisa ou podemos encerrar?

Ana: Eu acho que eu acho que eu consegui. Falar não sei se adentraram as expectativas, mas eu acho que eu consegui relatar. A maternidade é uma coisa difícil, eu acho que se fosse dividida por igual com a paternidade e a gente ou seria muito mais muito mais filhos por aí com família, seja famílias adotivas enfim. Ou a gente formaria crianças com menos traumas talvez. Mas eu acho que que é isso.

Pesquisadora: Ana, muito obrigado por ter respondido, eu vou só parar aqui a gravação. Aí foi deixa eu parar aqui a do a do Google. Antes que eu esqueça de pausar também.

ENTREVISTA MÃE- 04

Data: 14/08/2023

Duração: 21 minutos

Participantes: Pesquisadora, Noemi

Pesquisadora: Então, Noemi, lá no formulário, você colocou que se identificava enquanto mãe solo, certo? Então as perguntas do grupo vai ser direcionadas a você, desse grupo de mães, tá? É a primeira pergunta é: como você se vê frente ao abandono do genitor do seu filho?

Noemi: Acho que é um medo muito grande, assim, de enfrentar a vida sozinha, sabe?

Pesquisadora: E como que, deixa eu tentar formular aqui uma continuação, para a gente falando. Além desse medo, qual que é os outros sentimentos que você teve, quando você se viu, que tava nessa posição? Tipo, (de) o seu genitor do seu filho deixou ele, (você) como que você se viu nesse momento, quando isso aconteceu?

Noemi: E, tipo assim, eu engravidei do meu namorado, né? Na época. E aí, tipo assim, eu vi que eu tinha feito tudo errado e que eu tava colhendo as consequências dos meus atos e essas consequências iam atingir o meu filho. Aí durante esse namoro ele faleceu, né, pesquisadora? Ele faleceu, sabe? Aí tipo assim, só complicou mais as coisas, né? Porque aí eu tive que trabalhar a cabecinha do meu menino.

Pesquisadora: Então, a gente pode continuar andando e a gente vai conversando?

Na segunda pergunta foi: Qual que foi a sensação de ter que lidar com o abandono e com a criação do seu filho? Já que você disse que o pai dele faleceu logo depois de ter deixado.

Noemi: Igual, (é), até, tipo assim, a necessidade de sempre estar trabalhando, sabe? Assim, a ansiedade da gente aumenta, (é), às vezes eu nem tô passando por uma situação difícil financeiramente, mas eu já fico com aquilo na cabeça que tipo assim, eu não posso ficar sem renda, não posso, sabe, mesmo eu tendo outra base, né? Porque minha família graças a Deus me ajuda muito, mesmo tendo eles na minha cabeça parece que eu tô sozinha e eu não //

[] Sobreposição de falas

Pesquisadora: Essa questão de trabalho você pode falar mais um pouquinho? Como que foi lidar com seu filho e com o trabalho para você?

Noemi: Então, é aquele trem, parece que assim ó. O primeiro sentimento para mim é que, é tipo assim, eu tenho que ter a parte financeira, que tendo a parte financeira fica mais fácil de enfrentar a vida, né? E de arcar com as despesas do JP. Só que quando cê vai para o trabalho você passa muito tempo no trabalho e acaba que você perde muitos momentos com o J P. Né? Perdi muitos momentos com meu menino, acaba que meu menino se conectou mais a

minha mãe do que a mim, por causa disso. Porque quem conviveu, quem fica com ele o tempo inteirinho minha mãe.

Pesquisadora: E como que você vê essa relação do seu filho com a sua mãe? E como você // Como que você se vê longe? Como que você enxerga isso?

Noemi.: Pois é. Assim, tirando ciúme, né? (risos) Que eu tenho muito! mas nossa, o JP, o JP, dorme com ela. Não, às vezes eu tô aqui, por exemplo, assim, (hoje) hoje em dia eu moro com os meus pais, sabe, e eu nem gosto de morar aqui. Eu tô aqui por eles, só que às vezes eu fico pensando: ‘gente, mas eu tô aqui na cama sozinha, J., nem tá aqui comigo!’

Qual seria a diferença se eu tivesse em outro lugar, sabe, né, pesquisadora? Ele está lá com a minha mãe e eu tô aqui, sabe, e eu fico ‘ò, meu Deus’ (inaudível). Tipo assim, minha mãe e ele, os dois tem um sentimento muito bonito um pelo outro, é o grudinho da minha mãe.

Pesquisadora: É, eu vou continuar, eu vou para a pergunta número três já, tá? A pergunta número 3: Em algum momento da sua vida, você sofreu algum tipo de preconceito por ser uma mãe solo? Se sim, como esse preconceito se manifestou?

Noemi: Acho que o preconceito mais está na cabeça da gente, sabe, porque nunca ninguém falou nada para mim, principalmente, por exemplo, igual lá na igreja, sabe, nunca ninguém falou nada para mim, nunca ninguém falou para mim parar de ir. Nunca ninguém julgou, mas tipo assim, o julgamento tava todo na cabeça. Aí quando eu ia, eu ficava me sentindo assim recolhida, que não era meu lugar. Aí por exemplo, assim, no começo quando ele tava vivo ainda ‘ah e que eu não tô casada, sabe?’ É complicado.

Pesquisadora: E, sobre esse julgamento que você dizia estar na sua mente, o quê que você pensava que as pessoas diziam e que tava só na sua mente?

Noemi: Acho que a maneira, tipo assim, das pessoas me olhasse, entendeu? A forma como eu me olhava, né? A forma como eu me olhava, eu achava que todo mundo estava me olhando daquela forma. Bem complicado porque nem sempre é assim, né? (risos) Tipo assim é um complexo de inferioridade ali que você vai criando. Porque tipo assim, muitas coisas frustraram para mim, né? Porque tipo assim, eu nunca quis ter um filho fora do casamento, eu sempre (eu) tive uma criação muito rígida, entendeu?

Pesquisadora: E como que você imaginava (é) sua família antes e veio essa frustração? Você pensava que as pessoas te viam como você se via, né? E deixa eu formular aqui que eu pensei, na pergunta. É nesse julgamento que você via dentro de si, vinho sentimento? Qual que era o sentimento que vinha quando você tinha via isso dentro de você?

Noemi: Eu não eu não pertencia mais àquele lugar, tipo assim, em questão assim, (a) do pecado mesmo assim na gente, sabe, porque tipo assim, a gente é conhecedor da palavra, né, o Espírito Santo constringe a gente, sabe, né?

(Inaudível)

Pesquisadora: Continuando, eu vou pular para a próxima pergunta e a gente vai continuar conversando, tá! Na pergunta número 4: “você possuiu alguma rede de apoio durante o percurso da criação do seu filho? E se sim, como que é poder contar com essa rede?”

Noemi : Então, aí eu, a minha mãe mais meu pai, tipo assim, eu pensei que eles iam me expulsar de casa, né? Quando (quando) eu engravidei eles não me expulsaram, eles nunca brigaram comigo. Só para você ver o tanto que às vezes o julgamento tava na minha cabeça e não na deles, meus pais nunca brigaram comigo, pesquisadora, eles nunca falaram nada, tanto que eu tava com barrigão e aqui em casa era como se não tivesse nada, sabe? Que eu acho que assim eles não queriam me ver triste, sabe? E, então, tipo assim, os meus pais me apoiaram, eu tive JP, tipo assim, aqui em casa tem mais três irmãs.

Muita gente de fora, igual assim, eu ganhei um berço, eu ganhei roupa, eu ganhei um tanto de coisas que nem me conhecia. As pessoas viam na rua assim, sabe, aquele barrigão aí um dia chegou aqui na porta no berço os trem tudinho para mim. Tu acredita? Me senti no Gugu Liberato. (risos)

Pesquisadora: Sobre os seus pais, você falando, você tocou bastante sobre os seus pais na nossa conversa. (É) Como que a relação deles com seu filho e como que você viu nesse decorrer da criação dele? Como que foi isso? E como que eles lidaram quando souberam da sua gravidez?

Noemi : Então, o meu pai, ele é muito sistemático e ele é muito (ele) era muito duro com a gente, sabe, com as filhas. Agora com JP, ele é uma manteiga derretida, nessa semana agora do Dia dos Pais mesmo, JP foi lá nele dar um presente para ele desejar e falar que ele era pai dele, sabe? Ele chegou a chorar com isso. Gente, esse não é meu pai não, então, tipo assim, o que meu pai não deu para gente em amor deu para o JP.

É um trem assim, todo mundo fica assim: ‘ó de boca aberta’, a mudança, assim, de comportamento do meu pai, sabe?

Pesquisadora: E você vê que foi a mudança positiva em comparação a sua criação com a dele?

Noemi: Aham, o JP fez muito bem pro meu pai. Eu acho, não sei se é por causa que ele é menininho, que meu pai sempre quis ter um menino, né? Nós somos quatro filhas, aí (aí) vem um menino e eles tem uma intimidade muito grande os dois é amigão mesmo.

Pesquisadora: É uma relação muito bonita que se constrói. É agora, eu vou pular para a questão número 5. É “Por parte do seu filho, houve muitos questionamentos em relação a ausência do pai? Se sim, como que você lidou com esses questionamentos?”

Noemi: Então, enquanto o pai dele era vivo, ele fazia alguns comentários assim para mim: ‘é mamãe, você não quis casar com meu pai’. E ficava falando alguma coisinha assim, tinha ciúme de mim, não deixava, um exemplo, assim, outras pessoas chegar perto de mim, nem amigo, nem nada, sabe? Aí, assim, eu não sei se esse comportamento dele era que ele via

outras pessoas conversando sobre isso, sabe? Ou se era ele percebendo um meio que ele tava sabe, mas aí, desde sempre, eu sempre conversei muito com J.

Aí eu falei que: ‘a mamãe, que a mamãe, tipo assim, que a mamãe achou mais fácil cuidar dele aqui’. ‘Que aqui a gente tinha a vovó, tinha as coisinhas, era mais confortável para nós dois, sabe? E aí depois da morte dele, a gente ficou um bom tempo sem contar para o JP porque como o pai dele não morava aqui, ele vinha com menos frequência. Então eu falo: ‘o papai tá trabalhando’. Aí depois de uns dois anos da morte dele, que nós foi contar, mas aí tipo assim, a gente foi bem devagarzinho, sabe? Contou a história da estrelinha, sabe? Foi bem, até hoje a gente tava conversando um pouco com ele.

Pesquisadora: E como que ele lidou com (com) a morte do pai, quando vocês contaram?

Interrupção

Noemi: O que que você perguntou mesmo, pesquisadora?

Pesquisadora: Como que ele reagiu quando vocês contaram sobre a morte do pai?

[] Sobreposição de falas- Noemi: Como que ele reagiu com a morte do pai, né?

Noemi: Então, na época ele não entendia muito bem o quê que era morte, sabe? Aí às vezes ele ficava assim: ‘não, é mentira, meu pai tá longe’. Aí ele demorou muito, muito para entender quê que era a morte, sabe? E aí, igual, por exemplo, hoje em dia, igual eu falei para você, ele ainda não entendeu 100% não. Hoje em dia e quando ele pergunta do pai, ele tem mania de ficar contando para todo mundo. ‘Você sabia que meu pai morreu?’ Então, ele vai: ‘mãe, mãe, posso contar para ela que meu pai morreu?’ Aí a gente não entende muito bem (esse) essa atitude dele de querer tanto falar sobre isso assim, sabe?

Pesquisadora: Então, agora eu vou para a pergunta número 6, para a gente ir continuando. A pergunta número 6, eu quero sua opinião sobre uma afirmação. É qual que é a sua opinião frente a afirmação: “família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”, que foi proferida pelo General Hamilton Mourão, o ex vice- presidente da república. Qual que é a sua opinião sobre essa afirmação?

Noemi: Ai, eu tive pai e mãe e sou desajustada. (risos) Não, não concordo não, não é!

[] Sobreposição de falas- Pesquisadora: E por que você se considera desajustada, Noemi?

Noemi: Porque tipo assim, os pais da gente vai orientar a gente, né? Tipo assim, acho que a função do pai e da mãe é orientar um caminho, com menos pedras, né? Mas a gente como filha, a gente (a gente) não obedece. A gente não segue aquele caminho, nem sempre. Se fosse por isso era para mim tá muito mais longe.

Pesquisadora.: Mas o que que seria esse longe pra você?

Noemi: Em questão assim (é). Hoje, né? Tipo assim, se aos 18 anos eu tivesse a mentalidade que eu tenho hoje, eu não teria, eu não precisaria estar passando por tanta coisa difícil, você entendeu? Igual, por exemplo, eu não precisaria estar nesse serviço, com esforço físico enorme, sabe? Eu teria, por exemplo, estudado mais, ter tido mais juízo, construído uma família, como que fala? se todos todos os... (inaudível)

Pesquisadora: A família no padrão?

Noemi: Isso, isso! Eu teria organizado muito mais minha vida.

Pesquisadora: Essa questão da família no padrão seria algo significativo para você?

Noemi: É, pra mim é importante! Era, né?

Pesquisadora: E não pode ser (será) ainda? Vou pular pra pergunta número 7.

Em relação a área financeira, você recebeu pensão alimentícia por parte do genitor do seu filho?

Noemi: Ai, eu recebo uma pensão por morte, sabe, mas quando ele era vivo, ele não tinha responsabilidade pra (pra) pagar não. Ele pagava quando queria, do jeito que ele queria. Igual eu falo assim: 'o filho é da mãe', não adianta. Então poucos, lógico que deve ter algum pai responsável por aí, e que Deus abençoe a vida dele, mas assim ó, é completamente diferente. Aí hoje em dia eu recebo, né, a pensão por INSS, aí é no dia certinho, aí vai e cai, mas enquanto ele tava vivo não, e olha que ele era trabalhador.

Pesquisadora: E como ele pagava como queria, como você disse, gerou muito o transtorno durante esse trajeto enquanto ele era vivo?

Noemi: Não, gerou, que assim a gente se sente assim, tipo assim. É uma frustração muito grande, porque a gente tá falando, tipo assim, uma pessoa que a gente amava, né, eu queria como, tipo assim, eu queria ele como meu esposo e tipo assim, ele é pai do meu filho. E aí eles ser irresponsável numa coisa dessa. Tipo assim, não tinha como ele ficar do meu lado sendo que ele não conseguia ser responsável com R\$ 300.

Pesquisadora: E nessa questão, você chegou a entrar na justiça para conseguir a pensão com ele?

Noemi: Eu entrei, eu entrei. Aí eu entrei na pública, eu entrei lá pela prefeitura, sabe, mas nunca deu certo, tipo assim, eles foram atrás dele mandaram a carta e fizeram negociação, mas não, demorou muitos anos, quando ia sair o mandado de prisão, ele foi e faleceu. Foi uns dois anos, mais ou menos, na justiça.

Pesquisadora: E a pensão por morte que seu filho recebe hoje, foi colocado automaticamente por conta de trabalho? Ou teve que entrar na justiça também para conseguir?

Noemi: Eu, (eu), tipo assim, (a gente) o certo seria um advogado, porque o JP tem uma irmãzinha, essa a mãe dessa menina, ela entrou, ela entrou com advogado, entrou na justiça com advogado. E aí quando o JP, o CPF do JP já tava vinculado ao pai, aí foi automaticamente, mas foi uma coisa demorada também, foi porque ele tinha mais de 10 anos de contribuição de carteira de trabalho dele, sabe, e demorou mais de um ano, não se eu tivesse dependendo, se eu precisasse do dinheiro da pensão, né? Enquanto ele tava vivo, ou dessa, até ela sair, não, (eu tinha) eu tinha passado a necessidade demais.

Pesquisadora: E olhando (nessas), olhando essas pensões e você falou da irmã do JP. Ele tem contato com essa irmã?

Noemi: Uai, (hoje), esse ano agora que eu fui atrás dela. Aí os dois se viram umas duas vezes.

Pesquisadora: Eles se conhecem como irmãos, se (se) virem na rua?

Noemi: Aham, mas tipo assim, como é, porque isso tudo é muito recente assim, sabe? Aí agora que eu mais a mãe dela, eu mais a Maraísa, organizando para os dois ter contato. Ele amou.

Pesquisadora: Espero que dê tudo certo!

[] Sobreposição de falas- Noemi: Já deu (risos)

Noemi: Ah, eu tô eu ainda tô nesse caminho

Pesquisadora: Agora indo pra a última pergunta, para a gente já ir encerrando. Que é: Por fim, fazendo um balanço sobre a sua trajetória enquanto mãe (mãe) solo, como você definiria essa trajetória? E como que você se vê nessa posição de mãe hoje em comparação a tudo o que você já passou?

Noemi: Ai, eu tô, com que fala? Eu ainda tô nesse caminho ainda, né? Eu tô sobrecarregada. Eu tô cansada, tipo assim, eu poderia tá fazendo bem melhor tudo, mas eu não tô tendo rendimento. Só que eu tenho certeza que o JP vai ter muito orgulho de mim, que eu sou muito trabalhadeira, muito estudiosa. E lá na frente, quando começar a colher, porque a gente não pode os frutos agora, sabe, tudo que eu tô fazendo nesses três, quatro, últimos, agora, que eu tô aguentando que tipo assim, eu tô aguentando as consequências dos meus atos e tô plantando, então, tipo assim, tudo isso eu vou colher lá na frente, mas aí ele vai gostar, pelo menos ele vai ter orgulho de mim. Pelo menos é o que eu penso, pesquisadora. (risos)

Pesquisadora: Sim! Como que você se vê agora? Olhando a Noemi que teve o J. de alguns anos atrás e a Noemi de hoje, como que você se vê?

Noemi: Eu sou mais forte. Eu não tenho (eu não tenho) tanto mais medo assim. Eu sou forte, eu não sabia que eu era forte desse jeito não. (risos)

Pesquisadora: E como que você definiria esse “forte”, assim, nas atitudes do dia a dia?

Noemi: Assim, em questão assim, hoje em dia, eu me sinto forte fisicamente, assim ó, e espiritualmente também, sabe, tipo assim, qualquer problema que chega em mim e das pessoas ao meu redor, eu não (eu não) espera aí, vamos parar, vamos ver qual que é o problema. Vamos lá, vamos resolver e outra coisa também que eu coloquei na minha cabeça que tudo passa. Qualquer problema passa, qualquer dor passa, tudo passa, então.

Eu era muito menininha, hoje em dia eu sou muito pé no chão, calejada.

Pesquisadora: Na época você se considerava muito menina? Na época que tudo isso aconteceu?

Noemi: Eu era muito menina. Nossa não tinha noção de nada. Foi um baque mesmo, assim ò.

Pesquisadora: E pra gente encerrar, o que você diria para aquela menina que (que) se viu mãe solo naquela época e hoje já se vê assim mais forte?

Noemi: Não precisava ter ficado com tanto medo. Eu tinha pra falar para ela: ‘tira o medo do coração que você vai conseguir!’

Pesquisadora: E no fim dá tudo certo? (risos)

Noemi: Dá! (risos)

Pesquisadora: Noemi, foram essas as perguntas que eu tinha pra te fazer e eu queria te agradecer muito por ter participado, suas respostas são de grande importância para minha pesquisa! Eu vou parar aqui a gravação.

ENTREVISTA FILHO 01- Dayane

Data: 07/08/2023

Duração: 48 minutos

Participantes: Pesquisadora, Dayane

Pesquisadora: Então vamos lá, Dayane tá gravando agora. Eu falei que são algumas perguntas que eu vou te fazer e a gente vai conversar sobre elas. Qualquer coisa a gente tiver um problema, você pode falar, pedir para repetir, sem problema nenhum, você marcou lá no formulário para mim que você se colocava na posição de filho abandonada, né?

Dayane: sim

Pesquisadora: Então vamos lá, a primeira pergunta é: como que você se vê ou como você se sente frente a esse abandono paterno?

Dayane: eu tive muito problema na infância em questão disso, não saber quem é o meu pai, que aconteceu que a minha mãe quando separou do meu pai eu devia ter um ano e pouco, estava grávida do meu irmão e eu só vim ter contato com ele novamente aos 17, porque eu fui atrás dele. Porque na infância eu olhava alguns homens na rua, eu ficava imaginando... “nossa será se meu pai tem esse rosto?”

Será se a voz, essa voz, esse tom é o mesmo tom de voz que meu pai tem às vezes. No Dia dos Pais, faziam aquelas lembrancinhas, aquelas gravatinhas. Eu ficava “vou entregar para quem?”, eu não tenho não. Tenho essa figura que até então o meu vô assumiu, mas não é eu sabia não é meu pai ele não é não foi o marido da minha mãe. Ele é o meu vô que tá segurando esse papel para a gente não ficar muito chateado.

Mas assim enquanto criança eu sentia muito a dificuldade financeira que a gente passou porque a minha mãe solteira para criar filho sozinho o preconceito que você sofre por ser filho sem pai todo. Ah, você não tem pai filho chocadeira, às vezes assim, principalmente na escola isso acontecia muito então para mim. Eu tá com 17 anos e atrás dele a minha mãe também nunca falou mal nem bem.

Ela contou o motivo da separação e saiu e simplesmente perdeu o contato. Eu sei que financeiramente ele tinha uma condição de ter ido atrás da gente de ter ajudado, mas ele não ajudou ele não quis e quando eu fui atrás dele foi mais por conta de eu ter essa essa identidade saber quem é o meu pai que vós ele tem que rosto ele tem. Mais ou menos uns seis anos que que ele faleceu até e eu acho que o meu acho não quase certeza que o psicológico meio que bloqueia certas. Certas eu não consigo ter muito nítido o rosto dele, às vezes eu vejo alguma foto eu falo cara, mas esse não é essa pessoa que eu vi por exemplo no velório dele. Eu não consegui identificar ele no caixão assim meio complicado, levei isso para terapia eu faço terapia já algum tempo e aí assim são bloqueios. Que que foi gerado por essa falta sabe de contato falta de ouro interesse do lado dele.

Mas essa questão para mim já foi sim hoje adulta. Foi resolvida. E aí o que acontece eu falo que é uma uma espécie de bolo que assim que vai é como se o que aconteceu com a minha

mãe me que acontece comigo eu tenho duas filhas que não é do meu casamento atual país ausente. Só que por exemplo as minhas filhas são apaixonadas pelos pais. E assim eu falo cara, eu não vou intervir de forma nenhuma.

Eu até às vezes corro atrás para aqueles liguem. Eu não cobro questão financeira. Porque se você cobrar pior. Eles correm mais ainda eu cobro às vezes. Nossa liga para ela aniversário. Liga uma vez no mês, sei lá e eles inventam umas desculpas assim bem farrapadas. Para tentar convencer porque tem um motivo desse abandono isso também me machuca. Até porque quando eu fui conhecer o meu Natal esposo eu falei, olha, eu tenho duas filhas.

Eu não quero só um marido, eu quero um marido e um pai para elas porque elas precisam dessa figura paterna. Porque para mim fez muita falta. E ele hoje é esse pai que preocupa que leva na escola que ajuda a fazer tarefa. Que que tá presente vai leva no hospital. Tá ali segurando a mão faz farra na hora de alegria, então eu sei o quanto é difícil, principalmente para menina que é mais ligada afetivamente assim desse lado de pai a falta. Acho que eu falei demais não pergunta.

Pesquisadora: Muito. Nossa, a resposta é... vai dar um ganchinho agora para nossa segunda pergunta é você falou da questão do seu pai. E agora a pergunta número 2 é: você possui o nome do seu pai na sua certidão de nascimento e se sim, você possui algum vínculo afetivo com ele? Que você já falou um pouquinho isso antes. Mas você possui o nome dele...

Dayane: sim! Eu falo que foi a única coisa que eu herdei dele. Porque com o tempo os bens, tinham algumas fazendas em algumas casas, ele acabou se envolvendo com você no alcoólatra e morreu até por conta disso e foi desfazendo de tudo que tinha. E aí você fala assim, nossa morreu, você vai herdar alguma coisa? Falei olha. Apesar que com 17 que eu fui atrás dele para adquirir o nome e conheceu então foi com 17 que eu tive a oportunidade de ter o nome dele na minha certidão.

E aí eu acho que isso foi importante pelo menos ter esse reconhecimento. Eu eu fui eu cheguei lá. Ele olhou para mim e tal ele eu saí de lá entender e aparecer com 17 ele achando que a minha mãe tinha feito a caveira para ele. Eu falei não minha mãe nunca falou mal nunca falou bem o que eu sei de você é o que eu hoje com 17 anos entendo que eu fui abandonada e que o senhor nunca teve interesse por trás de mim.

É só isso, ele é minhas filhas condições e não sei o que eu falei. O senhor realmente quisesse me conhecer me ter não precisava estar todo mês não precisava cara uma vez por ano que eu te disse. Acho que já era suficiente então. Ele tentou remediar já com 17 anos, mas não substitui que dois dias em 17 anos, não é o suficiente. Então eu falo gente. A única coisa que eu tenho do meu pai é o sobrenome que é diferente que é o macho.

E que assim é para nossa mas da onde é esse sobrenome foi a única coisa que eu herdei do meu pai foi o nome então tem essa questão. É porque o meu irmão engraçado para você ver o meu irmão que é mais novo que eu tinha um sobrenome dele e eu que era mais velha não tinha. Então falei não pelo menos isso eu tenho esse direito e foi bem uma época que tava aquela campanha bem forte para que os pais registrassem seus filhos e eu tava na época de tirar algumas documentações.

Porque até então já era mãe da minha primeira filha e para registrar ela eu precisava de ter todos os documentos. Eu falei Não antes de eu correr atrás dos meus documentos. Eu vou

correr atrás do meu nome porque aí eu não preciso tirar duas vezes algum eu tive alguns eu tive que tirar duas vezes outros é eu tirei. Depois por recebeu o nome dele, mas tem essa essa questão afetiva bem bem forte não eu tenho que ter pelo menos o nome dele.

Pesquisadora: Eu não quero que você falou o nome era bem importante é esse programa que você participou foi aqueles mutirões do pai presente. Que a Defensoria Pública fazia.

Dayane.: tem

Pesquisadora: Sim foram esses que de um certo tempo, você lembra mais ou menos o ano que foi

Dayane: ah, eu tô com 31. Eu sei que eu tinha 17 só agora eu tenho que dar uma calculadora aí que eu sou péssimo.

Pesquisadora: Ele foi em 2000 e alguma coisa 2008 2010 por aí, não foi é mais ou menos isso é porque eu também trabalho com esses com os programas fazendo uma certa análise sobre eles. Aí eu tô ligando os pontinhos aqui que tem a ver com o surgimento do programa que é de suma importância é para muita gente agora que você falou sobre essa questão do nome para pergunta número 3 que é se em algum momento da sua vida, você passou por algum constrangimento pelo fato de ter sido abandonado pelo seu pai.

Dayane.: olha adulta, quando você consegue se defender, entender muita coisa não, mas na infância acho que algumas professoras perguntavam, principalmente no Dia dos Pais. Quem é seu pai? Faz uma foto do seu pai? E aí você vira para cá, eu não sei quem é meu pai. Chegavam aí para "Como assim, você não sabe quem é seu pai?" Eu sei que eu tenho pai, mas eu não conheço, eu não sei como é que é a voz dele. Isso gerou para mim a gente constrangimento alguns traumas que aí vem aquela questão que eu falei "Ah, vou fazer" e muitas vezes, deixei de fazer essas lembrancinha porque "Ah não vou fazer isso", eu preferia sair da sala, às vezes eu ia chorar, porque tem esse, a professora fazer algumas perguntas que gera um gatilho então adulto não, mas na infância até ali uns 14 15 anos. Filha esse tipo principalmente nas escolas nas rodas de amigo que vou fazer alguma coisa para o meu pai e você conhece o pai.

Assim já na adolescência eu tenho meu avô. Ah, mas seu avô não é o seu pai falei não, mas é o pai que eu tenho é o pai que tá presente é o pai que brinca comigo o pai que me levava que a gente eu moro na minha cidade mesmo na divisa do Goiás com a Bahia. Então tem muito Cerrado então eu vou era meio que raizeiro, ele não tomava remédio de farmácia, então eu vou me levava para Para o Mato para me ensinar as plantas medicinais. Então isso é um papel de pai. O meu vô estava ali para brincar comigo no meu vô. Tava ali para acalantar quando precisava. Mas tinha essa questão, né? É meu vô não é meu pai. Então fica.

Pesquisadora: Então, podemos ir para a próxima pergunta sim a pergunta de número 4 é

Dayane: e

Pesquisadora: durante seu desenvolvimento havia alguma rede de apoio próximo a você e a sua mãe e Se sim, qual que foi a importância dessas pessoas na sua vida dessa rede

Dayane: o apoio que a minha mãe teve que, além de mim, ela teve mais quatro filhos. Desses quatro só eu e o meu irmão que tem o nome do meu pai inclusive. Os outros dois que são de outros casamentos um um pai, nem sabe que ele existe. Por exemplo, ele, ele teve um caso com a minha mãe, aí minha mãe foi embora e minha mãe descobriu que tava grávida ele nem sabe que tem pai que o pai o pai nem sabe que ele existe na verdade e a outra também foi mais ou menos mesmo.

Caso que eu numa certa idade foi atrás do pai. E aí conseguiu colocar o sobrenome? Assim a gente teve o apoio da minha avó e do meu avô e os tios que ficavam ali, minha mãe tinha que trabalhar, minha mãe trabalhava muito assim a ponto da gente ter que morar no orfanato. Por três anos para ela construir porque ela morava de aluguel e mãe solteira na divisa, G*** é muito precário a questão de trabalho.

E aí assim, se não tivesse a minha avó quando minha vó e meu vô faltou, minha vó adoeceu meu vô tinha que trabalhar, a gente teve que provar então. Eles foram de muito importância para estar ali apoiando a minha mãe, claro que tem aquela questão familiar que ah, mas esses meninos não sei o que é muito menino porque era oito não era só os quatro da minha mãe era os quatro da minha mãe, mas da minha tia e aí você imagina oito crianças dentro do quintal para minha avó, meu avô e dois dias cuidar.

Então por mais que teve essa rede de apoio. Faltou muito muita coisa assim na questão de da infância. Eu até que amadurecer muito cedo, porque por exemplo eu sou mais velha dos quatro, eu tinha que amadurecer muito cedo, até para mim ter que cuidar dos mais novos a minha irmã mais nova, por exemplo, ela tinha dois anos quando a minha mãe colocou a gente não orfanato. Eu era mais mãe dela do que irmã, porque a minha mãe Saia 3 da manhã e chegava 8:00 da noite do serviço, então o dia inteiro eu fazia esse papel porque a minha avó tinha outras coisas para fazer ela tava ali para falar assim, ó, tem um adulto olhando mas era só olhar mesmo. Mas era assim.

Pesquisadora: Mas você pensando agora um pouquinho sobre o que você falou da sua família. Eles foram de suma importância, mas mesmo assim teve as dificuldades durante o caminho.

Dayane: Porque quem? Naquela época não tinha muito isso de conselho tutelar. O nome defende as crianças. Isso então a gente era tipo assim, tô de olho para não botar fogo na casa para não se matarem mais ou menos assim, mas eu que nove anos eu já fazia comida já tinha arrumar a casa obrigação de levar e buscar menina na escola. Eles foram importantes porque realmente precisa de um adulto de nove anos, ela queria brincar não queria tomar de conta de outras crianças, mas foi bem que obrigada.

Pesquisadora: Nessa época que vocês ficaram no orfanato, não teve contato com seu pai, né? Só com 17 mesmo.

Dayane: Não, não só com 17.

Pesquisadora: Então partindo para a pergunta número 5 que é se você já se sentiu prejudicada pelo pela falta do nome do seu pai nos documentos, mas essa pergunta não se encaixa porque você falou que tem o nome dele, mas teve só depois. De 17 durante esse tempo dos da sua

Dayane: sim

Pesquisadora: infância até seus 17 anos em algum momento a falta do nome do seu pai te causou algum prejuízo? Ou algum constrangimento.

Dayane: Eu não digo constrangimento porque quando saiu isso de do pai presente a escola meio que reuniu todas as crianças que não tinham sobrenome do pai na certidão e meio que mandou um bilhetinho para casa. E aí todo mundo fica sabendo. Olha Fulano, não tem, não tem o nome do pai. Eu não tive, eu não digo que foi um problema assim, até porque a pouca idade eu tava preocupada com outras coisas então para mim não acho que não teve problema nenhum.

Pesquisadora: Com você conseguir o encontrar seu pai colocar o nome dele na sua nos seus documentos, você sentiu alguma alguma facilidade ou algo do tipo depois que conseguiu esse acesso

Dayane: Olha eu vejo que isso tem mais a ver com pertencimento. Do que com suprir algo que eu acho que eu fui um pouco Cruel na época? Eu na minha visão com ele porque eu falei olha. O que quando eu precisei do senhor foi a paz mais difícil da minha vida foi na minha infância, até porque eu já tava casada com 17 anos, já tinha uma filha, foi quando eu precisei quando a minha mãe trabalhava para morrer e para cuidar da gente não deixar faltar nada. Essa é a que eu mais precisei do senhor, o senhor não estava presente. Não se importou, acho que não pensou. Nossa. Será que eles estão precisando de um alimento de uma roupa não entendeu? Mas para essa questão. E aí eu falei que foi assim bem bem. Eu não tava te procurando muito afetividade e nem respostas eu só queria conhecer. Saber da onde eu vim questão de pertencimento.

Pesquisadora: Depois que você conheceu teve esse contato essa sensação de pertencimento veio com o tempo ou não?

Dayane: Sim, porque abriu meio que brecha. Depois que eu fui ele veio duas vezes na minha casa chegou a pernoitar num dia, eu também fui na casa dele mais vezes, só que aí eu falo que a gente Aproveitou muito pouco, porque logo que eu conheci acho que Uns cinco anos, depois ele chegou a falecer. Então não teve esse. Como é que eu falo uma palavra que fugiu da boca?

Pesquisadora: o tempo perdido

Dayane: Não, nem suprir o tempo perdido é aproveitar tem mais tempo para criar o laço que o que não teve. Não foi o suficiente para a gente criar.

Pesquisadora: Quando era criança.

Dayane: E não foi um tempo suficiente, não teve uma qualidade.

Pesquisadora: Suas filhas chegaram a conhecê-lo?

Dayane: A mais velha era muito muito bebê. Não lembra e a mais nova não chegou a conhecer. Quando eu tive a mais nova também quando ele faleceu na minha mais nova, devia ter um ano. Então nenhuma delas vai lembrar dele.

Pesquisadora: Foi bem rápido, né? O prazo de conhecer de ter esse reconhecimento e a partida dele continuando agora eu vou te fazer uma pergunta que eu queria ver sua opinião sobre uma afirmação afirmação é a seguinte família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados que foi proferida pelo General Hamilton Mourão o ex-presidente da República eles vice-presidente no caso. Qual que é a sua opinião sobre essa afirmação? Que família sem pai o avô ela é fábrica de sujeito desajustado?

Dayane: Eu não daria assim. É uma afirmativa válida. Pode ser que a falta realmente causa é um dos ajustes. Só que eu não dou esse crédito para total de ajustes, porque eu acho assim é desmerecer o quanto a mãe lutou a desmerecer a resiliência a luta agarra da mulher porque o filho é da mulher. O pai hoje se você for pensar grosseiramente quando você separa existe ex-mulher e ex filho na minha visão enquanto o homem já para mulher não existe ex-marido não tem como você jogar o filho fora, então isso é desmerecer a mulher desmerecer a educação que ela deu para esse filho eu falo que por exemplo eu vou dar um exemplo. Que assim é de dentro da minha casa a minha o meu sogro deixou o meu esposo, ele tinha 11 anos. E até então a minha sogra também criou eles até a fase adulta sozinho. E ele é um são gêmeos, né? Hoje são meu esposo, tá? São pessoas maravilhosas trabalhadoras honestas todos eles eu falo da minha família que a minha mãe também sofreu muito para criar a gente os que desandaram não vou dizer que desandou ninguém virou b*****, ninguém matou ninguém nem roubou tem uns probleminhas de família que conhece a família que não tem mas são pessoas de bem.

Então eu não coloco essa afirmação como total como total sabe respeito a todos os as pessoas que foram abandonadas. Porque eles merecer eu sou mulher sua mãe, eu tenho duas filhas, eu criei praticamente uma fase da minha vida ela sozinho sem ajuda de nenhum dos dois dos dois pais dela. E aí eu não concordo. Não é que não seja não. Tenha casos que seja atendido dessa forma porque enquanto existem mães maravilhosas existe mulher que colocou cria no mundo. Essas assim pode ter criado em pessoas desajustadas, porque falta a mãe falta o pai o avô que a outra rede de apoio essa pessoa fica sem o norte sem um lugar de pertencimento um lá que eu falo que família é lá você nunca fala casa da mãe é lá em casa, você nunca fala a casa da minha mãe então. É uma afirmativa vou dizer 50% 50% para cada porque eu não vou.

Não vou desmerecer nenhuma das partes, mas como mulher eu não vejo assim. Não tive pai por isso.

Pesquisadora: É o fato dizer que não teve pai a pessoa desandou, né? Então eu compreendo bem se o posicionamento e a gente pode ir para a próxima pergunta você tem mais alguma coisa a acrescentar podemos para a próxima você falou um pouquinho no início sobre a questão da sua infância sobre a escola. Como que era essa questão de Dia dos Pais e a pergunta é essa é no seu período escolar a ausência do seu genitor causou constrangimentos ou algum algum trauma nessa falta do período

Dayane: Foi a fase que mais fez falta. E a fase que realmente gerou constrangimento como eu já falei porque tem a questão dos dias dos pais, você faz uma lembrancinha e você vai dar para quê querendo ou não? Se você tá na escola tudo que você faz vale nota se você não faz. Você às vezes é chá de mal criado por criar por falta de interesse é preguiça e às vezes eu vejo assim é que não tinha muito interesse por parte das professoras de entender o motivo de porque que eu não queria fazer, eu acho que eu lembro que só uma única professora me fez essa pergunta.

Por que que você não quer fazer a lembrancinha? Você tá com preguiça? Que que aconteceu? Eu não tenho preguiça. Eu até tenho vontade de pintar de papel. Só que eu não tenho para quem eu vou dar, eu não tenho pai eu falei assim nasceu da onde você precisar de uma mãe do pai. Eu falei assim eu tenho paz, só que eu não conheço, eu não conheço a voz.

Eu não conheço o rosto dele, então não tem para quem entregar isso então para que que eu vou fazer vou fazer só para mim ter uma nota. E assim era um dia para mim muito triste. Eu chorava. E ficava olhando os pais, cara, eu ficava olhando os pais na porta da escola buscar os meninos. Eu falava. Será se um dia o meu pai vai vir me buscar.

E aí isso realmente me emocionei. Me criou. Gatilhos para ver não tão sarados. Mas é na fase da escola é bem é bem puxada essa fase para criança entender para as outras crianças entender porque elas nem elas entendem, às vezes elas estão passando também pelos meus problemas. E aí é mais fácil você criar bullying com outro colega que sofre por isso do que lutar querer saber perguntar e questionar.

Eu não perguntava tanto a minha mãe nem pedia para ela levar me levar para conhecer meu pai porque eu sabia que ela não tinha essa condição financeira, ela não tinha. Então não cobrava. Eu falo assim, amadureci muito cedo entendi muita coisa que a minha mãe passou e fez. Porque eu vi o quanto ela sofreu. Sendo mãe solteira. e eu falo assim, eu tenho um orgulho de ser filha da dona Maria porque se eu sou uma mulher forte que não desisti até porque da minha família de três geração a primeira que tá uma faculdade sou eu a primeira que teve coragem de sair do interior foi eu e eu saí com duas filhas nas costas para uma cidade que eu não tinha ninguém trabalhei para burro, mas eu falo se você não correr não lutar não exigir cara.

Eu quero que é meu. Eu tenho direito a uma faculdade, não é? Porque eu tive uma vida difícil, eu não tive ninguém para me apoiar que eu não vou conseguir. Eu falo assim, até porque eu faço psicologia. Às vezes a gente conversa muito assim com os colegas, mas isso é muito forte cara. Não sou forte. Teve dia que eu tenho vontade de mandar tudo. Ai que parto e desistir simplesmente parar.

Só que eu lembro da mãe, pai que eu tive que foi a minha mãe. E falo não ela, eu vi a minha mãe chorar. Eu vi a minha mãe dormir às vezes sem comer para a gente comer. E isso me dá força hoje, porque se eu quero estudar se eu quero ser alguém é porque eu sei que lá na frente ela vai precisar de alguém. Para cuidar dela e eu quero ser essa filha que vai cuidar dela, porque ela não desistiu de mim e nem desistiu do meus irmãos, ela foi a mãe e o pai da forma dela meio Cultura. Mas foi o pai que eu conheci foi a minha mãe, ela fez os dois papéis e fez muito bem.

Pesquisadora: Agora fala um pouquinho da sua mãe puxando o gancho, vocês tinham uma boa relação desde a sua infância e adolescência e sobre essa questão do abandono. Você falou que não perguntava muito mas ela chegava a comentar algo com

Dayane: Eu tive uma infância muito pesada como eu falei eu tive com 9 anos. Eu tinha que cuidar de mim e de mais três. Porque a minha mãe tinha que trabalhar muito saia 3 da manhã chegava às 8 horas da noite. A minha mãe chegava muito cansada e muito estressada, ela descontou muita frustração dela em mim. Ela me batia muito. Eu tive que passar na terapia brava bruta, eu tinha que aprender que eu fui um adolescente. Rebelde muito revoltada. Mas ali quando eu fui mãe os meus 17 anos acho que a última vez que a minha mãe bateu. Devia ter 14 anos, mas foi por desobediência. Acho que passou mais nada para caramba, eu agradeço por essas pessoas não tivesse intervindo porque eu teimei eu não sei o que que você teria sido de mim. Mas quando eu fui mãe e vi a minha filha doente pela primeira vez que até então com 17 anos a minha menina adoeceu com um ano era a minha boneca. Eu brincava mais de boneca do que eu era mãe e quando ela adoeceu eu corri para quem eu corri para minha mãe porque eu falei mãe eu não sei o que fazer. E nessa última sua delatou quando você tiver seu filho, quando você tiver a sua casa você vai entender tudo que eu fiz tudo que eu passei. Isso com ela chorando e eu gritando horrores falando um monte de desaforo adolescente desaforado.

E aí lá meus 17 que eu tive meu filho eu falei cara Ser mãe é muito difícil. Não sei o que que eu faço agora e aí eu corri para ela e como sempre ela chegou eu falei não é só deixar aqui comigo. Eu falei não mas Ela é pequena, eu não quero deixar aqui, ela falou não, eu cuido dela. E ela ficou Acho que uns três dias eu trabalhava na casa dela, ela me entregou ela boa.

Sarada que ela tinha pegado catapora e tinha dava febre, encheu a cabecinha dela toda deferido corpinho, eu falei mãe, eu não sei que que eu faço e entreguei. E aí eu assim eu fui criada, mas eu casei como eu tive mais responsabilidade, eu não quis levar para ela essas questões assim mais de ah cuida aqui para mim. Ai mãe, porque tem filho que se a barriga dói ele tá mas só corre eu fiquei Mais afastada Nessas questões.

Mas eu sempre tive ali presente eu falo assim com a minha mãe me tem mais como mãe. Ela ela meio que investe porque quando ela quer algum conselho ela me pede conselho. então eu falo assim, nossa, mãe, mas eu que tinha que estar te perguntando essas coisas, ela falou assim não mas eu sei que hoje você entende de mais coisa que eu Porque E aí com todo foi criado duas filhas sozinho e tal aí depois eu fui para terapia porque eu tinha muito problema psicológico tava eu tinha entrei com depressão ansiedade um monte de problemas, só que na terapia eu consegui liberar essas dor essas angústias.

E eu falo falo para todo gente, eu tenho orgulho de ter a mãe que eu tenho eu falo para minha sogra Cara vocês são f***. Eu quero ser assim, quando eu crescer mulher forte que trabalha duro para manter os filhos que procura os filhos assim sabe com respeito porque minha mãe hoje tem um respeito por mim que eu falo cara eu que eu respeito ela mas será se tem hora que ela me coloca num patamar que Só e tudo isso mãe não mas é sim.

Você entende é você quando você a gente conversa, você deixa eu falar, mas também tem aquilo de me ajudar eu falei mas isso é quando a pessoa está disposta a ajudar ela tem que escutar. Então, eu tenho muito orgulho de da mãe que eu tenho eu tenho eu falo para as minhas filhas assim dou muito exemplo para as minhas filhas para as minhas colegas da minha mãe da minha sogra que são pessoas que eu conheço que eu arrumei eu falo às vezes eu sou mãe que ele deixou a cadeira porque em Caldas Eu também tenho uma mãe do coração que me ajudou bastante então. Tem isso, eu só gosto de gente.

E falo para minha colega que fala não Dayane, você ama gente, você é muito comunicativa. Você está disposta a ajudar eu falei. Ah, nem sempre eu não sou essa pessoa porque tem meus dias que eu não estou para ninguém, mas eu sinto orgulho não só delas, mas de toda mulher que luta de toda mulher que eu vejo somente hoje a quantidade de mãe solteira é exorbitante. E assim quando eu vejo o sofrimento a garra e fala cara, vocês são f***.

Vocês estão passando por coisas que eu acho que muitos homens não conseguem nem pensar em conseguir chegar a fazer isso que vocês estão fazendo. Então, eu até às vezes as informações, você é muito militante, você é feminista. Eu falei cara. Sou se isso é ser militante se isso é feminista, eu sou porque a mulher consegue criar cuidar de uma casa sozinha. O homem ele se coloca num papel tão coitadinho, aí não dou conta e quando esse cara tá quer também digno de aplauso de admiração.

Faz esse papel que ele tem que fazer porque a mãe não é mãe sozinha, é um pai Criar filho sozinho, eles vão colocar num patamar. Nossa que maravilhoso eu falei cara, não concordo, por que que a mulher faz isso sozinha e não vejo ninguém aplaudindo só critica ponto os dedos. Quando Às vezes ela faz alguma coisa que para a sociedade não é digno de admiração então. Então, eu sou se ser feminista é defender outra mulher é ver a dor de outra mulher. Então eu sou.

Pesquisadora: Adorei sua definição do feminismo é isso, eu também penso desse mesmo sentido e você trouxe um ponto que eu queria chamar atenção e a gente conversar mais um pouquinho sobre o seu curso de psicologia, né? Você falou que tá sendo aluno de Psicologia agora e dentro do curso, você tem um percurso, vocês estudam várias temáticas e o curso te ajudou a ver essa questão do abandono de uma forma diferente. Ou te fez pensar sobre isso?

Dayane:Eu já fazia o tratamento psicológico antes mesmo do curso. Eu cheguei a fazer começar a pedagogia, não é para mim eu fui para psicologia. mas ele ele realmente tem assim me ajudado em várias em todas as questões da minha vida, porque É muita coisa você ser mãe ser mulher ser dona de casa, você estudante então o curso me ajuda a organizar certas certas. Questões por exemplo aí hoje eu não dou conta eu era extremamente ficcionada com limpeza por exemplo Eu hoje Carlos minha casa limpa uma vez por semana e olha lá se der tempo. Mas tipo assim na psicologia, descobri que às vezes eu limpava muito por fora, porque Tava bagunçado por dentro. Queria organizar fora o que tava desorganizado dentro então quando eu

consegui me organizar por dentro. Eu sou adepto hoje a meditação a tudo quanto é que é que me livramente de certos pensamentos.

Eu tô correndo atrás eu falo gente eu caço qualquer coisa que funcione para que eu possa ter uma qualidade de vida e não adianta ter sua qualidade de vida, às vezes você tem uma qualidade de vida financeira boa, mas a cabeça Tá lascada, desculpa a palavra então não dá. Então você tem que estar com essa cabeça boa, até para que você possa voltar na questão da Maternidade ser uma mãe melhor. Porque uma das palavras que eu gritei para minha mãe na adolescência que o filho jamais quero ser a mãe que você foi. E aí você imagina para mulher que tá frustrada , cansada ouvir isso, uma pirralha que nunca viveu nada. E aí hoje eu falo cara. Como é que a gente a cabeça do Adolescente somente entender a minha filha porque hoje eu tenho uma adolescente a minha filha vai fazer 15 anos.

E aí você vê como é louco? Porque com 14 ela foi passear na casa do pai que ela é muito apegada com pai. Mesmo ele sendo ausente. E ela me ligou e falou: mãe, não vou voltar mais. Vou morar com meu pai. Eu quase entro em depressão de novo. Fiquei muito frustrada, só que eu tinha na faculdade a gente tinha vivido o desenvolvimento um dois adolescência.

Então eu falei não dá para mim mais ir de frente com ela. Ela não é mais uma criança. Ela não é nenhuma criança e nem adulta. Ela tá ali um Limbo que ela precisa descobrir isso. Ela precisa ver quem é o pai dela, ela precisa conviver com ele. Eu como mãe entra em surto, só que a psicóloga que eu não sou ainda falou assim não você tem que deixar ela ir.

Você tem que deixar ela ir para ela descobrir quem ela é porque você fez isso com 17, ela fez isso agora com 14 para 15. então é meio que ser uma bagunça organizada, porque eu tô dentro da Psicologia, eu entendo a minha filha adolescente. Porque eu tive que entender adolescência dentro da Psicologia então a faculdade de psicologia me ajuda bastante com a minha menina também de 7, ela tá ali.

Numa baguncinha ainda que ela quer ser mocinha, mas não quer não quer deixar de ser bengala quer ser neném. E aí eu fico tentando organizar isso a questão também com meu esposo. Eu falo cara, não sou fácil, mulher não é fácil, mas vocês tem que dar um crédito que é muita coisa, vocês não consegue fazer um terço do que a mulher faz ele como ele estuda. Também. Não conta mesmo não.

Cuidar de casa cuidar de filho cuidar de mim e para faculdade aí chega no outro dia todo dia a mesma coisa então não é? É uma coisa assim que fala nossa é cansativo. E outra eu não faço eu moro em Corumbáiba. Eu vou todo dia para faculdade, eu saio que dá saio 5 e chego meia-noite. Então, tem isso tudo que eu tenho que organizar então na minha cabeça, eu preciso cronometrar meu dia inteiro, para que isso tudo caiba.

Aí se você não tiver com psicológico legal. Você só vai fazendo assim, ó, vira uma bola de neve que você não vai chegar em lugar nenhum e não vai fazer nenhum bem feito.

Pesquisadora: Eu entendo essa loucura do I todo dia porque eu fiz isso no meu primeiro ano de graduação e eu entendo que é muito puxado. Ainda mais que você tem filhos, tem casa realmente é uma loucura e agora indo para nossa última pergunta fazendo um Balanço Geral aqui. Aí ela pergunta número 8 diz por fim fazendo uma retrospectiva sobre a sua vida, o abandono paterno afetou a sua formação enquanto sujeita. Olhando assim o patamar olhando Tudo nessa

Dayane: Sim eu falo eu falo assim que foi uma coisa que eu até questioneei para ele que olha a vida da minha mãe a minha vida teria sido bem mais fácil. Se tivesse pelo menos a tua ajuda. Se você não puder estar presente direto. Pelo menos a presença financeira. Porque acho que assim quando o cara tem consciência. Nossa eu não posso estar presente todo dia, mas a criança precisa de um conforto ela precisa de alimento ela precisa de roupa a demanda é muito puxada para quem tem filho.

E então eu falo falo falei para ele isso porque ela tinha sido bem mais fácil, eu talvez não teria sofrido tanto a minha mãe, talvez não teria sofrer tanto e meus irmãos a partir disso, né se ele tivesse comparecido. Ou pelo menos eu falo na parte psicológica a questão da escola, falava você não tem parto tem ele só não mora na mesma cidade, mas eu tenho porque se ele tava presente pelo menos natal, aniversário. Eu posso dizer que o teu pai agora se eu não sei que rosto que ele tem se eu não sei que tom de voz que ele tem a cor da pele então eu não tenho pai. Eu não sei nada sobre essa pessoa, é um ser que eu imaginava. Esse andar na rua ouvir um tom de voz e pensar. Nossa será se esse tom de voz é do meu pai que tom de pele que ele tem. Então tem a parte psicológica que que afeta. Tem a parte financeira porque foi muito sofrido. Fala assim ai você mora no orfanato, cara. A parte melhor da minha vida. Foi quando eu morei no orfanato. Ai as pessoas Nossa a parte maior da sua vida, foi quando você mora no orfanato sim, porque no orfanato. Foi a época em que eu não tinha que trabalhar tanto para cuidar dos meus outros três irmãos, eu tinha alimentação de qualidade na hora certa, eu tinha brinquedos.

Eu brincava que eu podia ser criança nessa fase. Eu podia eu tinha minhas obrigações porque não falava cada um tinha sua obrigação para ter responsabilidade. Eu aprendi muito sobre cara educação de qualidade que a gente tinha no orfanato porque tinha a gente ia para escola, mas eu posso orfanato tinha uma escola uma sala de aula equipada com livro Os melhores. Da escola os da gente porque tinha uma professora para estar ali auxiliando a gente.

Se eu comecei a gostar de estudar, eu comecei a gostar ali porque eu tinha auxílio porque eu lembro que antes de eu ir pro orfanato, eu saía no meio da rua caçando uma uma pessoa que pudesse me ajudar porque minha mãe nunca tava presente, minha mãe tava sempre trabalhando os meus avós são analfabetos. As minhas tias estavam ocupada com os fazeres dela, então eu ia para casa de vizinho, eu aproveitava.

Às vezes fim de semana que eu ia brincar de escolinha. Eu levava meu material de escola para mim fazer as minhas tarefas enquanto eu ia brincar de escolinha na casa do vizinho. Então, ele fez falta sim, não posso falar que não fez porque é como se eu vejo a vida que as minhas filhas têm hoje. Eu não tive nada que ela teve sentar para assistir uma TV eu vim ter TV na minha casa muito tempo já era praticamente quase casando já 16 17 anos.

A minha casa quando a minha mãe conseguiu construir não tinha eletricidade. Então assim a questão faz falta sim um eu falo não precisa nem estar junto o pai e a mãe mas se um homem comparece sabe das necessidades dos filhos. Fora não, posso estar presente, mas tá aqui ó. A criança adoeceu eu tô aqui posso levar no hospital? Então faz muita falta cria muito gatilho na cabeça da criança que tá informação, eu acho que isso é o mais pesado.

Porque eu falo porque eu tenho duas e eu sei os gatinhos que cria na cabeça dela. E tem Além disso tudo ali nação parental, porque eles não comparecem. E é muito difícil você comprovar a alienação parental, eles não comparecem e coloca culpa na mãe porque ela é louca. É

sempre essa palavra. A mãe é louca. Eu não vou dar outra desculpa. Ai eu não vou não, vou te ver porque senão o marido da sua mãe vai achar ruim. Tem muito disso, sabe então.

Isso eu tô falando de experiência minha como Dayane que eu sei que tem coisas muito pior saindo da minha casa para fora. Então eu falo gente quem tiver oportunidade de ter o pai e a mãe junto. Eu acho assim, que que é uma criança mais feliz não que vai formar adultos é bem sucedidos responsáveis não tô falando essa questão eu tô falando a questão de menos sofrimento. Psicológico é de necessidade básica? Então é importante a mãe e o pai tá ciente que o filho não é só da mãe é dos dois.

Pesquisadora: E para encerrar essa questão, então te afetou como você falou e foi bem marcante para você durante a sua trajetória. Até chegar aqui.

Dayane: Sim, tanto que eu eu quando foi um dos exemplos que eu falei quando eu construí um outro parceiro, eu falei eu não quero só um marido. Eu quero um marido e um pai para as minhas filhas. Porque me marcou demais não tem um pai. Não falo só pela questão financeira, mas eu falo também na questão afetiva. Então essa busca de ter um parceiro que aceite ser o pai das suas filhas, menos mesmo não sendo biológico. É um sinal bem marcante de que na minha infância foi muito essa falta do pai foi muito marcante.

Pesquisadora: Dayane, eram essas oito perguntas que eu tinha para te fazer, já quero te agradecer desde já por ter participado dessa pesquisa que vai ser de suma importância as suas respostas para mim análise, tá? Eu vou parar aqui a gravação para a gente conversar rapidinho.

ENTREVISTA- FILHO 02

Data: 09/08/2023

Duração: 22 minutos

Participantes: Pesquisadora, Marli

Pesquisadora:

Marli: No início assim, eu não entendi bem. comemoração de Dia dos Pais na escola e a gente vinha como aquele presentinho de Dia dos Pais e eu não entendi porque que eu não tinha um pai para entregar, né? Geralmente entregar para o meu padrasto que na época eu considerava como pai, mas eu sempre me perguntei, né? Tá mas cadê o meu pai, né? Olha, hoje em dia eu li do melhor, né? Principalmente quando tinha época de e aí o meu pai na verdade ele até morava em Uberlândia aqui bem pertinho, né, aqui do lado e assim a minha mãe quando você fala dele eu era muito novinha, né? E aí eu não na verdade eu nem conheci né? O meu pai. Essa é a verdade.

E aí eu sempre me perguntei muito, né? Mas por que que eu não tenho contato com meu pai? Será que eu tenho mais irmãos, né? Eu acho que essa era minha grande interrogação, né? Quem são os meus outros irmãos, né? E porque assim eu só conheci a minha irmã do lado da minha mãe, né? E meu pai não conheci, não conheço até então, mas hoje em dia também não tem vontade nenhuma de conhecer mais porque eu acho que já não vale a pena.

Mas acho que agora né? E aí eu comecei a quando eu perguntei para minha mãe, falei mãe, cadê o meu pai, né? Eu tinha uns 12, 13 anos na época e ela foi me contar, né? Que o meu pai morava em Uberlândia, que elas que ela se separou dele ainda era muito novinha era de colo ainda tinha meses de idade. E que por isso ela e ela mudou de cidade, ela morava em Uberlândia na época. E ela se mudou para Monte Carmelo. E aí ela não teve mais contato nem com ele nem com nenhum parente, tanto que eu não conheço ninguém da família do meu pai. Nem tio nem irmão, ninguém fala sobre Eu sou filho do fulano completo estranho, porque eu não sei quem é né? Como assim eu não tive convive com meu pai, qualquer pessoa que se aproximar de mim atualmente falasse eu sou filha te chamava Daniel, eu sou filho do Daniel e vim te conhecer para mim, eu acho que eu não vou criar vínculo mais porque já não faz mais sentido sabe? Acho que talvez quando eu era um pouco mais ela, talvez eu até tinha vontade de conhecer, mas hoje em dia não mais e eu acho que conforme vai passando né? O tempo é uma forma prioridade da gente vai mudando que a gente vai mudando as prioridades da vida essas pessoas que não têm Convívio com a gente.

Elas também deixam de ser importantes e deixam de ser prioridade. E eu acredito que atualmente já não faz mais sentido é? Elas em minha vida mantêm algum tipo de contato e por que assim para mim a minha família é a família da minha mãe. A irmã que eu tenho é a filha da minha mãe, a sobrinha que eu tenho é a filha, né? A neta da minha mãe o resto.

Né? Como se não existe.

Pesquisadora: Marli, é essas a sua resposta, ela vai de encontro na nossa segunda pergunta que é você possui o nome do seu pai na sua certidão de nascimento. E se sim, você possui algum vínculo você já até falou um pouquinho sobre.

Marli: Então, é..., quem me registrou não foi o meu pai, né? Quem me registrou na verdade foi um padrasto que na época morava com a minha mãe, tanto que eu fui registrada, eu tinha quase cinco anos de idade. Quando a minha mãe me registrou, eu tinha quase cinco anos de idade, ela já morava em C**** na época e quem registrou. Qual pai? foi o meu padrasto, né? O J*** o meu pai, eu sei que ele se chama D****.

Mas eu não tenho nenhuma referência dele não. Não conheço nenhum traço físico dele, não sei se eu me pareço com ele, mas eu acredito que não porque todo mundo então tem toda essa questão também de não se identificar mesmo, né com a pessoa que meu pai biológico, né?

Pesquisadora: Vamos para a terceira. Pergunta a terceira pergunta é em algum momento da sua vida. Você passou por algum constrangimento pelo fato de ter sido abandonada pelo seu pai?

Marli: Olha eu acho assim que a maior, o maior constrangimento de uma criança porque agora eu vou lá na minha infância, né? É essa questão do Dia dos Pais na escola, né? Que todos os pais estão lá e você não tem ninguém para te representar, né? Mesmo que padrasto, a mãe no lugar que muitas vezes faz o papel de pai bem melhor do que os pais eu acho que marca constrangimento foi esse, porque eu via todo mundo todos os meus coleguinhas, né com o pai presente e eu tinha minha mãe ou quando muito meu padrasto não tinha disponibilidade de né. E isso assim Acho que marca muito né? A vida de uma criança porque a gente quer muitos a gente quer que o pai da gente esteja presente porque o pai de todos os amiguinhos estão ali, né? E aí a gente quer também, mas por que que o meu não está porque eu sou diferente dos outros, né? Não é para a gente não pode essas perguntas, mas atualmente né? Quando a gente pensa atualmente, né? A gente pensou, mas por que o meu tá em falta, né? Por que eu não tenho essa figura paterna? Eu acho que essa foi o maior constrangimento assim, mas assim minha mãe também sempre foi muito presente.

Então assim eu acho que de certa forma ela também Suprema muito bem, né? Essa ausência afetiva, né, do meu pai e eu e eu assim na verdade. Eu não tenho nem o que reclamar porque assim eu não sinto falta atualmente aí mas eu te conheço seu pai. Olha eu sou muito grata pelo nome que ele me deu gosto muito do meu nome, meu nome foi sugestão dele. que bom, eu sou muito feliz por isso mas a figura eu acho que é como se ele nada fosse a mesma coisa é para falar isso, mas é real.

Pesquisadora: É você falou do seu do seu padrasto que em alguns momentos, ele supriu essa presença do seu pai durante essas comemorações de escola?

Marli: Sim participava ele ele ia fazer a questão sabe de ser presente de receber os presentes também, esse foi muito afetuoso. Então assim em relação a isso eu não tenho nada que reclamar então acho que também talvez por isso eu não tenha sentido tanto a falta, né embora não fosse o meu pai a gente tivesse uma diferença assim muito grande fisicamente porque ele era Branco, né assim eu sempre fui todo mundo me questionava, mas Você é preta e o seu pai é branco, né? E para uma criança isso é muito dolorida, né ouvir esse tipo de questionamento ainda mais na escola, né? Que tudo era motivo para bullying. Não era muito legal, mas assim

fora isso, eu acho que ele fez bem o papel dele quando ele não podia ir minha mãe. Ela fazia também de tudo para estar presente e para tornar essa data assim um pouco menos dolorosa, né?

Pesquisadora: Podemos continuar? A questão número 4 agora é durante seu desenvolvimento havia uma rede de apoio próximo a você e sua mãe. Se sim, qual que foi a importância dessas pessoas na sua vida ou qual é ainda a importância dessas pessoas

Marli: Olha, sempre foi minha mãe para tudo, né? Embora ela tivesse casado novamente, mas ela sempre foi assim a minha principal rede de apoio, né? E ela sempre sempre foi muito ela, né? Ela sempre se deu conta de tudo sempre. Trabalhou muito para surpresa necessidades, minha da minha irmã e agora da minha sobrinha também a minha. eu não lembro assim de quando

criança é a minha mãe é legal alguma coisa para mim ou para minha irmã porque ela não tinha ninguém para te ajudar se ela né? De certa forma então assim sempre foi muito ela, né? Então assim eu acho que em relação a rede de apoio, talvez ela pudesse contar um pouco com a minha tia, mas também não era sempre, então assim eu não considero isso rede de apoio porque eu acho que rede de apoio é apoiar sempre, né? Não é aquela coisa que eu posso hoje daqui 15 dias eu já não posso mais, então assim, eu acho que a gente precisa de apoio.

Assim de verdade mesmo, não teve pois sempre muito a minha mãe mesmo.

Pesquisadora: Sua relação com a sua mãe nessa questão foi se construindo de uma forma positiva e negativa.

Marli: Muito positiva, minha mãe sempre foi muito presente, sabe assim, a minha mãe ela não é aquela pessoa aquela mãe carinhosa, ela não é mas ela sempre falou mãe muito presente, né? E não que ela acha que coisa material. Supra a falta de carinho essas coisas, mas ela sempre fez de tudo fez o possível é impossível para dar o necessário, né? Para a gente a gente ir à escola para a gente conseguir fazer curso tudo que tava na possibilidade dela, ela fez.

E a gente não ficasse muito muito a quem das pessoas que estavam ao nosso redor. E que às vezes Tinha até mais condições e não tinha interesse. Então assim eu sempre falo isso que a educação sempre foi prioridade para minha mãe, né? Talvez porque elas não teve oportunidade de estudar e tal então se ela sempre foi muito muito presente sabe em relação à escola curso, olha, vocês não vão ficar para trás porque eu vou dar um jeito de vocês vão e até hoje. Né? Eu vou dar um jeito de vocês vão fazer tal coisa, porque isso é importante para vocês, né? Eu não tive oportunidade, mas vocês vão ter oportunidades, elas sempre abriu caminhos para que eu e minha irmã brilhasse e pudesse de certa forma, né? O que eu faço hoje para que eu pudesse estudar para que eu pudesse entrar na pós-graduação para que eu fizesse mestrado para que eu fizesse doutorado, então assim a minha mãe é minha maior. Assim sabe meu maior motivo de força mesmo. A minha mãe é tudo na minha vida.

Pesquisadora: Continuando aqui indo para quinta pergunta você falou para mim do da questão que seu padrasto que te registrou, né? E a quinta pergunta é se você se sentiu prejudicada pela

falta do nome do seu genitor nos seus documentos. Você teve o nome mas você foi registrada teve algum problema durante esse caminho alguma algum prejuízo?

Marli: Eu posso falar atender o moço aqui já

Marli: volto. Falei cinco minutinhos. cuidado

Interrupção

Marli: Não na verdade as pessoas nunca nem

Pesquisadora: Vou voltar aqui a gravação aí continuando. Se eu fazer a pergunta de novo, né? Se você já se sentiu prejudicada pela falta do seu genitor antes da foto do nome dele nos seus documentos, você falou que tinha sido registrada pelo seu padrasto e mesmo com o nome dele. Teve algum prejuízo na sua vida alguma coisa ou não?

Marli: perguntaram se era meu pai ou se não era não, nunca teve nenhum tipo de problema, né constrangimento por isso não.

Pesquisadora: Vamos para sexta, pergunta então. Agora eu quero saber sua opinião sobre uma afirmação na afirmação é a seguinte família sem pai e o avô é fábrica de sujeitos desajustados de elementos desajustados que foi dita pelo General Hamilton Mourão, ex vice-presidente da República. Queria saber sua opinião sobre

Marli: Uma verdadeira pataquada, né? Acho que a pessoa quando ela não conhece o conceito de família, né que a família ela não é só pai mãe e filho a família ela pode ser constituída por diversos elementos, inclusive mãe e filha avó e neto até um cachorro que pode fazer parte da família. Então assim eu acredito que foi uma afirmação muito infeliz, né? Como assim várias outras que teve nesse governo e que ele poderia ele perdeu a oportunidade de ficar calado.

Né, ele poderia ter ficado calado e seria muito mais bonito para ele, porque dá uma declaração dessa na TV, né? Numa mídia que reverberou e muito que ele disse, né? Então ele poderia ter oportunidade de ficar calado. E eu espero que ele aprenda, né? Que é o conceito de família, não é essa nuclear que ele tá pensando que é

Pesquisadora: E pensando nessa questão de família nuclear como você definir a sua família, como foi constituída assim durante

Marli: e minha sobrinha né? Assim, atualmente eu sou eu minha mãe, mas eu não não acho que minha família seja menos que as outras por causa disso, né? Eu acredito que a minha família assim faz elas fazem tudo que podem né? A gente ia ser muito unida, na verdade quando uma precisa outra vai lá só corre começa ou eu e minha mãe na maioria das vezes para odiar as coisas da minha sobrinha porque minha irmã é falecida, né? Vou deixar isso claro para você entender então eu e minha mãe para resolver tudo, né? Então assim eu acho que

a palavra que define a nossa família nesse momento é União, né? A gente é muito unida e eu acho que isso faz as coisas darem certo.

Pesquisadora: A reunião vem desde sempre.

Marli.: Sim sim, eu acredito assim que de um tempo para cá, depois que a minha irmã faleceu, principalmente a gente se uniu mais. Mas a gente sempre foi unida. para não me lembro de nenhuma Eu acredito que não não tem motivos situação. Em que a desunião se fez presente assim a desunião entre eu minha mãe e minha sobrinha agora o resto da família já é outra história, né? Mas é isso. A gente é bem unida e a gente acho que é por isso que a gente consegue fazer muita coisa assim mesmo sendo só nós três.

Pesquisadora: Então Marli, essa questão da da família muito interessante pensar nessa união e desunião nos outros sentidos eu vou para pergunta número 7 que é você já até citou um pouquinho lá em cima que é sobre o seu período escolar, então é em seu período escolar a ausência do seu genitor de causou algum constrangimento.

Marli: Assim, como eu disse anteriormente, teve a situações em que eu me questionava, né? Mas por que que não meu pai,né, de fato vem nessas comemorações ou nas reuniões de pais, né? Porque mas assim puxando pela memória eu acredito que hoje já não teve, assim nenhum constrangimento assim ou então uma situação que me deixasse em desabono e tal. Eu acho que talvez a questão das piadinhas, né com os colegas e tal. Porque ela não perde oportunidade, né? pela diferença de cor de pele, mas fora isso, eu acho que eu não não fiquei assim para trás e nada em relação aos meus outros colegas que eram mais próximos.

Pesquisadora: Você acha que foi muito muito presente essa questão da diferença de cor que você falou de comparar você com o seu pai com seu padrasto.

Marli: Sim,foi

Pesquisadora: Foi muito constante.

Marli: muito constante não mas às vezes aconteceu me marcou bastante.

Pesquisadora: Certo, vamos para a última e depois a gente vai continuar na conversa. Na oitava pergunta é por fim fazendo uma retrospectiva sobre a sua vida, o abandono paterno aceitou a sua formação enquanto sujeito.

Marli: Não porque eu acredito que eu sou o que eu sou hoje por causa da minha mãe, né? Porque ela teve muita contribuição, muita participação no sujeito que eu sou hoje. Eu acredito que se eu sou o que eu sou eu devo muito a minha mãe, né? Que eu falo que ela é minha mãe, né? Ela é meu pai e minha mãe então eu acredito que não influencia muito não.

Pesquisadora: Eu vou pegar uma furadeira aqui atrás. Mas pensando assim essa questão com a sua mãe, então trazendo tudo que você falou a ausência do seu pai transformou essa relação de vocês duas mais União. Trazer a tornar mais próximo diria assim.

Marli.: Ela sempre foi muito. No dia que o culpado não se sente culpado, mas ela sempre fez de tudo para suprir essa ausência do meu pai para que não fosse algo prejudicial, né? Então eu acredito que essa presença da minha mãe foi fundamental para que eu me tornasse quem eu sou hoje, né? E assim quando a minha mãe me conta as histórias que ela dê vida dela, né histórias que ela que ela passou ela sempre faz questão de enfatizar isso, né de que ela mesmo sendo só ela ela nunca deixou que as coisas que certas situações me afetassem por não ter o meu genitor, né ao lado e assim hoje em dia eu tenho cada vez mais certeza disso. De que realmente ela sempre fez de tudo, para que isso não fosse. Na minha vida.

Pesquisadora.: e nessa questão de que sabonete sempre fez tudo por você para suprir essa ausência do seu pai, você acha que isso é frio e foi bom para você isso.

Marli: Sim, porque hoje em dia eu nem sinto falta do meu pai, então dela cumpriu com essa e o papel que ela exerceu.

Pesquisadora: E olhando para Marli criança que se questionava muito e para maionese de hoje em dia já na pós-graduação você vê que isso mudou ao longo do tempo a sua visão sobre seu pai foi mudando.

Marli: sim, porque hoje em dia eu vejo que ele é uma pessoa que realmente não não fez falta, assim não há falta que eu achava que ele teria que que ele teria na minha vida, hoje em dia eu vejo que ele não faz diferença sabe então. Eu acho que a minha mãe ela foi fundamental, né nesse meu percurso e que ela cumpriu muito bem o papel dela e que hoje em dia a figura paterna já não faz mais tanta diferença.

Pesquisadora.: Tá, Marli, eram só essas outras perguntas que eu tinha para te fazer e suas respostas são muito valiosas para minha análise do dispositivo. Que é? gravação para não sair mais barulho aí vou salvar aqui, tá.

**** Interrupções e barulhos ao fundo.**

ENTREVISTA FILHO- 03

Data: 10/08/2023

Duração: 23 minutos

Participantes: Pesquisadora, Percy

Pesquisadora: Então, Percy vamos começar? São oito perguntas como eu falei e a gente vai conversando sobre elas, tá? O gravador já começou aqui.

A primeira pergunta se você assinou lá no forms que você se identificava como filho abandonado, certo?

Percy: certo!

Pesquisadora: A primeira pergunta é: como você se vê ou se sente frente ao abandono paterno?

Percy: Deixa eu pensar ... pra mim, não faz, é não fez tanta diferença, eu não senti tanta diferença, porque quando os meus pais separaram eu tinha seis anos e logo depois a minha mãe (é) já havia juntado com o meu o meu padrasto. Tem um intervalo de tempo aí, mas eu não lembro não. E obviamente teve uma mudança pra mim, porque, né, foi um estranhamento logo de cara a gente não se dava muito bem, mas a gente depois mudou de cidade também, então, perdi o contato com meu pai (é) fisicamente. Mas a gente sempre trocava a ligação e então, (eu não fiz) eu vejo que não fez tanta diferença, parando para pensar agora. Porque a gente sempre continuava ligando. Era meio que aquelas ligações monótonas do tipo perguntas: 'Oi, tudo bem? Bem!' 'bença, como é que tá?' E aí tipo 'tchau e obrigado'. É mais ou menos isso. Não, eu não senti muita diferença.

[]- Sobreposição de falas

Pesquisadora: E durante essas ligações, eram com frequência ou tinha dias determinados, ou era muito espaçado o tempo?

Percy: Geralmente era todo começo de mês porque tinha que ficar atrás dele por causa da pensão, então uma era sempre programada, algumas outras eram já por vontade própria mesmo, mas no máximo três ligações por mês, (por mês).

Pesquisadora.: Vocês mantêm contato até hoje?

Percy: Sim

Pesquisadora: Então, eu vou partir para a pergunta número 2. Qualquer coisa a gente vai voltando, tá ? Na pergunta número 2 é: "Você possui o nome do seu pai na certidão de nascimento e se sim, você foi construindo algum tipo de vínculo afetivo com o tempo?"

[] Sobreposição de falas Percy.: Sim, tá bom.

Percy.: É, o nome dele consta assim na minha certidão e da minha identidade também.

(é) Repete a última frase, por favor o restante da pergunta de novo, por favor.

Pesquisadora: Se você tem o nome do seu pai na sua certidão, você construiu algum tipo de vínculo afetivo?

Percy: Não sei se vínculo afetivo, se ele considera da parte dele, da minha sim, mas do tipo eu considero ele como meu pai, eu vejo ele ainda como meu pai porque a gente nunca teve uma relação ruim. Eu não tenho nenhuma memória ruim dele, desde que eu me lembro até depois da separação, então pra mim sim, eu considero ele como meu pai e ligo para ele hoje em dia. Hoje em dia ainda ligo para ele, mando mensagem pelo *WhatsApp*. (é) Então na minha cabeça sim.

Pesquisadora: Bem menos continuar, então? Então vamos à pergunta número 3: “Em algum momento da sua vida, você passou por algum tipo de constrangimento pelo fato de ter sido abandonado pelo seu pai?”

Percy: Olha, que eu lembro não, que eu lembre não, porque já o meu padrasto (já) automaticamente que substituiu esse papel, a presença ali do homem dentro de casa e a figura paterna, no caso. Então, mas dentro da escola tinha sempre aquela zoeira, do tipo: ‘ah que seu pai foi embora nunca mais voltou’, ‘foi comprar cigarro, mas não voltou’. É a única coisa que eu lembro, mas não que isso tenha de alguma forma me chateado.

Pesquisadora: Quando vinha essas piadas, piadas entre muitas aspas, sobre: “meu pai foi comprar cigarro, seu pai foi comprar cigarro, e nunca mais voltou, como que você se sentia com isso? Ou como você lidava com essas brincadeiras?”

Percy : Aí, eu entrava na onda, porque ele fumava, ele ainda fuma até hoje! (Risos) então para mim não deixava uma verdade, de que ele realmente foi comprar cigarro e aí como eu sempre mantive o contato com ele, então eu entrava na brincadeira, eu não sentia que isso me atacava ou que isso me ofendia. Porque pra mim era uma verdade, então para mim tava tudo bem. Não lembro que houve um momento assim traumático do tipo: “nossa” e que bateu aquela reflexão do tipo: “poxa, meu pai, eu não tenho meu pai aqui e tals, não”. Não me recordo de ter esse tipo de memória ruim em relação a isso.

Pesquisadora: ok, então. Vamos continuar na pergunta número 4, agora. Durante o seu desenvolvimento havia alguma rede de apoio próximo a você e a sua mãe? Se sim, qual que foi ou qual é ainda a importância dessas pessoas na sua vida?

Percy.: É uma rede de apoio, num sentido geral?

Pesquisadora: Isso! Pessoas que participaram da sua criação, que ajudaram a sua mãe durante esse processo, teve essas pessoas? E como foi a relação com elas? Como você vê a importância delas?

Percy: Deixa eu pensar, pesquisadora (pausa)

É porque de início foi o seguinte, eu não sei se eu vou conseguir responder, mas o que me vem na memória é o seguinte: a gente morava em Cristianópolis, quando aconteceu a separação, e aí meu irmão, até essa época morava com a gente e tinha, acho que 9 anos se eu não tiver enganado, minha avó materna veio porque a gente iria mudar para ela, com ela na verdade, pra (pra) cidade onde ela morava na época, e aí meu irmão deu birra e foi na frente, minha mãe deixou. Só que aí por motivos da vida, a gente não acabou indo, então meu irmão passou a morar com a minha avó e a gente continuou morando em Cristianópolis, aí depois de 10 anos que a gente foi morar lá na cidade da minha avó, só que como meu padrasto (é) já veio como a figura paterna minha mãe já tava, se não tiver enganado, separado já do meu pai, já tinha algum tempo já. E aí ela já tinha conhecido o Renato, então logo ele já substituiu.

E aí, eu recordo da minha avó, só minha avó e meu avô, mas assim só por meio de telefone, porque por presença física mesmo a gente não teve. E aí depois quando a gente mudou para lá, eu já tava já com 11 anos, então não fez tanta diferença assim pra mim, porque eu ainda continuava mantendo contato com meu pai, às vezes ele ia na cidade para poder me ver.

Mas a lembrança que vem é minha avó, porque ela vivia ligando pra minha mãe e a gente conversava com ela, acho que essa foi a rede de apoio. Acho que tinha, se eu não tiver enganado, (meu) meu tio-padrinho paterno, é, mas assim, foi bem pouco porque quando minha mãe rompeu com o meu pai, ela foi obrigada a cortar laços, né? Eu nem tanto, mas bem pouco mesmo, eu acho que mais a minha avó mesmo.

Pesquisadora: Você poderia falar um pouquinho, como que era essa relação com a sua avó?

Percy: (A) Minha mãe ligava pra ela, falava que queria ir embora, era uma relação, às vezes de altos e baixos, do tipo que às vezes a minha avó falava: ‘Ah, tá vendo? Eu avisei, tinha que ter vindo logo, agora tá aí sofrendo’, porque minha mãe sentia falta do meu irmão, sentia também falta deles, dos meus avós no caso. E aí, era sempre altos e baixos do tipo: às vezes a minha avó brigava com ela, ela chorava, às vezes ela ligava chorando porque tava com saudade, aí minha avó dava um apoio ali para ela: ‘não que vai dar tudo certo’ ‘que vai ficar tudo bem’, entre altos e baixos.

Pesquisadora: A gente pode continuar? A próxima pergunta? Essa pergunta, número 5, ela...

[]Sobreposição de falas

Percy: pode

Pesquisadora: ... vai de encontro lá (a) segunda, que era sobre o nome do seu pai na certidão de nascimento. Você já me falou que tem o nome do seu pai na certidão de nascimento. Então, eu vou reformular ela aqui pra a gente poder debater um pouquinho. A pergunta é se “você já

se sentiu prejudicado pela falta do nome do seu pai, do seu genitor, na certidão, nos seus documentos. Mas você falou para mim que já tem o nome dele nos seus documentos então ok! Mas em algum momento, assim, durante a sua trajetória mesmo ‘cê’ estando mais distante dele, você se sentiu prejudicado por essa distância? Embora tendo o nome dele na sua certidão? Essa distância afetou em alguma coisa?

Percy: Contato com a família do meu pai, com os meus tios e os meus primos. Eu perdi todo e qualquer vínculo com eles e a gente era todo mundo muito próximo, eu gostava muito deles. Tentei manter (é a) o contato com alguns tios e tias quando a gente acabou mudando de Cristianópolis, que era onde era o vínculo mais fácil, pra mim ter contato com eles, mas ainda assim a gente perdeu todo o contato, então eu sinto que eu fui prejudicado nisso, porque hoje em dia pra mim conversar com eles é muito difícil, então desde a separação, as únicas pessoas que eu vi.

É meu pai tem, são oito irmãos, se eu não tiver enganado, oito ou sete e era todo mundo tipo assim colado, né, e um monte de primo, aquela renca, então assim porque eu fui prejudicado nisso. Eu tentei, a minha mãe insistiu também, aí por consequências da vida, eu acabei tendo algum alguns desentendimentos com alguns tios, do tipo: ‘ligar e não me atender’, ‘ligar e às vezes falar depois cê liga’, ou ‘quando eu não tinha crédito pra poder ligar, eu ligava a cobrar e falava: não tipo tá sendo a cobrar, né? Vamo desconfiar!’ Aí isso foi causando motivos pra mim não querer ter mais contato.

A mesma coisa foi com o meu irmão, só que a ironia é muito grande hoje é que, meu irmão mantém contato com eles todos e eu não! Esse ano eu consegui conversar com duas primas minhas, a gente conversa, às vezes, de vez em quando uma delas é advogada e ela gosta muito de ler então bateu ali na hora a gente começou a falar de um monte de livro de leitura em comum, mas assim a gente conversa bem esporadicamente quando conversa aí começa a ter essa aproximação a outra ela já é casada e tem filhos e tals fala de vir aqui em Catalão, porque ela mora em Caldas Novas, se eu não tiver enganado ou Goiatuba. E aí ela fala que direto vem para cá, ela falou que quando viesse para cá ela proporia pra a gente poder se encontrar, mas aí eu sinto aquele. (aquele) entrave, tipo ‘será que eu vou?’, ‘o que eu vou falar com esse povo?’

Pra mim ver meu pai é super normal, já encontrei com ele depois, (é), tem muito tempo, na verdade, uns cinco anos que a gente não se vê presencialmente, mas assim, eu sinto que se eu fosse vê-lo tava tudo bem, agora se for os meus parentes eu já fico tipo assim: ‘huum, (que) que eu vou estar fazendo?’ ‘Que (que) eu vou fazer com esse povo, né?’ ‘Será que vai ter assunto?’ ‘Se vai fluir, senão vai fluir?’

Então, senti que eu fui prejudicado nisso, porque eu perdi o contato total com eles e eu gostava bastante de todos eles. Aí acabou que devido essas consequências (é), a gente perdeu todo o contato.

Pesquisadora: Certo, Percy. Então vou continuar! A gente fez a cinco, agora a pergunta número 6. Eu quero saber agora a sua opinião sobre uma afirmação, tá? Vou falar ela aqui. (é) Qual que é a sua opinião sobre a afirmação “Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados” que foi proferida pelo General Hamilton Mourão, o ex vice-presidente da república. Qual que é a sua opinião sobre essa afirmação?

Percy: Eu não concordo! Porque se fosse, né, essa afirmação era pra mim ser alguém problemático, né? Eu não concordo. Conheço pessoas tipo mães solteiras, são, né, obviamente mães de amigos meus, que os filhos são tudo certo. Vamos colocar assim, entre aspas, tudo certinho, não (não) (inaudível) para essa afirmação aí, eu discordo! Porque se fosse eu seria um desses aí a somar nessa afirmação. Concordo não, porque minha mãe deu conta de me criar muito bem sem ajuda do meu pai, e eu tô aqui hoje foi porque, né, ela ‘fez das tripas coração’ para chegar onde eu tô hoje.

Pesquisadora: Cê poderia falar um pouquinho mais sobre isso de você não se (se) vê nessa posição como o que o Hamilton Mourão falou aqui, por que você acha que sua mãe deu conta disso tudo? Como que você definiria essa trajetória aí da sua mãe com você?

Percy: Minha mãe sempre foi muito correta e ela sempre pregou muito por isso: ‘bom ou ruim’ e independente do que fossem as situações tivesse dificuldade tivesse oportunidade para fazer algo errado ela sempre falou para mim: ‘Ó, isso não é o caminho, isso não tá fácil vai ser fácil, mas a conta chega, então não compensa!’ E ela sempre lutou muito por mim, pelo (pelo) meu irmão também, mesmo ele estando longe, ela sempre conseguiu manter ele, ajudar ele com a minha avó, até depois quando a gente foi para lá. E eu acho que é isso, pesquisadora Não sei se respondeu. Eu fiquei // você pode fazer falar a afirmativa do problemático de novo, por favor para ver se eu....

[] Sobreposição de falas

Pesquisadora.: Do Mourão? “Família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados”

Percy: É realmente eu não concordo porque minha mãe conseguiu criar eu muito bem. E ela fez tudo que tava cabível a ela mesmo. A gente já tendo passado por situação bem problemática que a gente poderia fazer coisas bem erradas ou se adequar essa fala dele e a gente nunca destoou pra isso.

Pesquisadora: Então, você tem memórias muito boas da sua mãe em relação a isso nessa garra que ela teve por você e pelo seu irmão?

Percy: Sim, sim, ela fez bastante coisa pra que a gente não destoasse. Ela também falava: ‘se vocês forem para o caminho errado, eu quebro vocês no cacete.’ (risos)

Pesquisadora: E essas afirmações dela, tipo, seriam em tons de ameaça: Mas uma ameaça boa? Surtiram efeitos?

Percy: É, Sim do tipo: ‘olha se eu pegar cê fumando, se eu pegar cê fazendo coisa errada, eu vou te quebrar o cacete, porque filho meu não nasceu para isso, vai ser gente na vida!’.
Tinha o tom de ameaça, que passava aquele medo da repreensão, mas no fundo, eu pelo menos sentia que era para o meu bem.

Pesquisadora: E hoje você se vendo na posição que você tá, onde você chegou, você vê que foi pro seu bem mesmo?

Percy: Sim! Sim, porque senão, eu poderia ter ido (é), poderia ter ido para outros caminhos, talvez algum para que fosse a afirmação do Mourão.

Pesquisadora: É, vamos lá para a próxima pergunta e a gente continua conversando.

É, A pergunta número 7, (a gente) você já até citou um pouquinho nas perguntas anteriores que é: no seu período escolar a ausência do seu genitor lhe causou constrangimentos?

Percy: É, em alguns momentos. Foi o que eu falei antes, do tipo, foram brincadeiras e eu entrava sempre porque para mim nunca foi um problema, hoje em dia, tipo, até hoje em dia a gente fica zoando isso do tipo, na faculdade, por exemplo, quando a gente conversa com alguns dos nossos colegas ali do tipo, ‘nossa, seus pais são casados, qual que é a sensação?’ ‘Como que é? conta pra gente’, mas assim eu não sinto afetado porque construí uma relação com meu padrasto, que querendo ou não, (ele) eu considero ele como um pai também, ele tá no lugar de pai, não deixo de considerar o meu pai também, porque querendo ou não ele é meu genitor. Ele é meu pai biológico, ele não teve grande influência na minha criação, mas ainda assim eu ainda considero ele porque eu não tenho nenhuma memória ruim quanto a ele, do tipo dele me bater, dele me repreender em alguma coisa, eu tenho boas memórias dele. Quando a gente morava na fazenda, ele sempre me levava para poder fazer as coisas, esse tipo de brincadeira nunca me afetaram e eu nunca me importei com isso, de sentir vergonha, de me sentir constrangido, de parar para pensar: ‘poxa, como é que seria?’ Nunca fizeram diferença para mim não.

Pesquisadora: Você fala assim, eu pude notar durante as perguntas, você falou bastante do seu padrasto, você poderia falar um pouquinho mais sobre ele. Qual é o papel dele na sua na sua vida, na sua constituição?

Percy: No começo foi bem complicado, bem complicado, ainda mais na transição para adolescência. A gente não tinha uma boa relação, não, era do tipo ódio constante, mas aí com o tempo eu percebi que ele foi responsável também pela minha criação, então no início é bem complicado porque era aquilo, né, criança: ‘eu quero meu pai, eu quero meu pai’. E aí depois pra (pra) adolescência eu já fiquei tipo, ‘nossa que saco ,que bosta’, ‘ o que esse homem tá fazendo aqui?’

Eu queria que ele fosse embora porque a gente brigava verbalmente,então a coisa verbalmente ia em altos tons, era feio mesmo. E aí tipo, desejava que ele sumisse que ele largasse da minha mãe, que ele fosse embora. É, mas ele teve bastante influência na minha criação, porque ele me ensinou bastante coisa hoje em dia a gente tem uma relação muito boa, ele me incentivava bastante, me incentivou bastante, pra vir para cá também estudar então, ele fez um papel, ele fez um papel presente do meu pai o que meu pai poderia ter sido para mim, ele é para mim hoje! Não desconsiderando o fato do meu pai biológico, mas ele (ele) ficou nessa posição que

aquilo né? ‘Pai não é quem faz, pai é quem cria’. Então meio que se aplicou aí. A gente tem essa relação hoje em dia.

[] Sobreposição de falas

Pesquisadora: Ótimo, Percy. agora vou partir para a última pergunta. E pra gente finalizar. Por fim, fazendo uma retrospectiva sobre a sua vida, o abandono paterno afetou a sua formação enquanto sujeito?

Percy: Eu acho que não. Eu acho que não, porque meu pai é muito desligado, às vezes eu ligava a gente ficava nessas conversas monótonas do tipo: ‘bença! Deus te abençoe’. ‘Como é que cê tá?’, ‘Como é que anda a vida?’ ‘Papai vai desligar e fica com Deus’, e tipo até o próximo mês, se você tá vivo, tá tudo bem! Então, a gente não teve assim (é) muita intimidade para ficar contando muita coisa. Já tentei bastante, mas acho que essa questão do de que o homem tem que ser o ser absoluto e que não tem que demonstrar sentimento porque ele é dos antigos, ele é meio paradão, vou falar ‘songa’ porque ele realmente é (risos). Aí não fez essa diferença, não eu sinto não, porque automaticamente meu padrasto já supriu essa necessidade e ele fez essa diferença. Não sinto que meu pai // já me questionei algumas vezes, qual seria a diferença mas aí depois passa porque essa lacuna foi preenchida pelo meu padrasto. E aí? Não sinto muito essa diferença não.

E para mim (tá) realmente tá tudo bem, de verdade, tipo tá tudo bem. Eu entendi que foram escolhas deles, tanto da minha mãe, quanto do meu pai, e que eu não poderia fazer nada e meu pai nunca deixou de ter contato comigo. A minha mãe também nunca incitou ódio em mim contra ele, minha mãe sempre prezou pra que a gente continuasse se falando, conversando, porque ela entende o papel dele como realmente sendo meu pai então, pra mim é isso!

Pesquisadora: Certo, Percy. Eram essas perguntas que eu tinha para te fazer, tu tem algo mais a acrescentar?

Percy: Ah, pesquisadora, eu acho que não! Mas se você quiser perguntar mais alguma coisa, voltar em alguma coisa para ver se puxa mais alguma (alguma) coisa por mim tá tudo bem!

Pesquisadora: Eram essas as perguntas que eu fiz e depois elas vão ser transcritas, e vão para análise, e foi muito bom poder te ouvir. E ver a sua perspectiva em relação a esse abandono paterno. A gente pode encerrar por aqui sim, e eu te agradeço muito por ter aceitado! Agora eu vou parar aqui a gravação para a gente poder conversar sobre a identificação.

ENTREVISTA FILHO- 04

Data: 16/08/2023

Duração: 33 minutos

Participantes: Pesquisadora, Alice

Pesquisadora: Vai começar. Então, Alice, você colocou, aí começou, (...) você tinha marcado lá no formulário se você se identificava enquanto uma filha abandonada, certo? E cada grupo de entrevistados, eles recebem algumas perguntas específicas, então, a ideia é a gente conversar sobre essas perguntas, é mais um norte, tá? E a partir das suas respostas. A gente vai conversando.

Então, a primeira pergunta é: “como você se vê ou se sente frente ao abandono paterno?”

Alice: Como eu me vejo? (pausa)

Eu vejo que essa, eu vejo o abandono paterno com a ausência de uma relação, com uma pessoa que institucionalmente deveria, teria esse dever de estar comigo, né. Eu sempre fiquei nessa discussão, nesse debate de como ser obrigada a pessoa querer estar do lado, principalmente do filho, né? Eu acho que esse é um debate que a gente vai levantar muito quando vai pensar sobre essa questão do abandono no abandono paterno. É, mas essa ausência dessa relação implicou na minha vida uma super relação, vou colocar assim, com a minha mãe. Minha mãe, então, foi uma mãe que me criou solo. Eu consigo muito mais falar sobre a presença dela do que necessariamente a ausência do meu pai, eu acredito que seja mais um mecanismo de defesa meu, talvez, né? De supervalorizar a relação da minha mãe e por essa ausência do meu pai ter, inclusive, nutrido uma dependência emocional pela minha mãe. Até dez anos atrás, aproximadamente, hoje eu tenho 40 anos. Então foi algo, é algo bastante visceral para mim a relação com a minha mãe e essa ausência do meu pai, primeiro ausência dele, né, ausência dele, causa uma lacuna. É uma sensação que eu tenho, tem uma lacuna, eu sou uma pessoa que eu tenho essa lacuna, todo mundo tem um vazio, né? A partir de várias perspectivas a gente pode pensar isso, uma falta, mas eu vejo que eu tenho um buraco muito maior assim, não só pela ausência, mas pelo desamparo decorrente disso, sabe? Daí tem outros desdobramentos assim com relação ao meu contexto específico, sabe? Mas recentemente eu (eu) tinha deixado isso meio abafado em mim para conseguir viver minha vida, porque senão tu fica só olhando para esse buraco e tu não faz mais nada, sabe? Não vou botar um tapume nele, f***-se, vou seguir minha vida. Mas recentemente eu tive a notícia de que meu pai, que eu não falava há 11 anos. Ele foi internado. Ele é um senhor de 90 anos. Ele foi internado e ainda está internado no hospital. Isso faz uns dois meses e eu tive que entrar né? Quem foi que me falou foi um familiar distante e daí eu tive que entrar em contato com os meus cinco irmãos, desse meu pai, que não me reconhecem como irmã. Inclusive eu sou a filha sobre a qual ninguém pode falar. E esse lugar é muito eu acho que ele já foi muito aterrorizador para mim, mas eu passei a assumir esse lugar de eu ser, eu realmente ser a excluída, eu realmente ser sobre a qual não vão falar sobre, eu tive que, parece que adotar isso para mim também, sabe. Então nesse sentido né? Eu tive que enfrentar essa questão agora e mexeu bastante comigo de ver que parte da minha família não me reconhece como família

então fica nessa ambiguidade, sabe? Quem que eu sou eu? Acho que dá para fechar essa pergunta, é que com essa uma necessidade, eu me vejo uma necessidade constante de sempre estar me buscando, entender quem eu sou durante esse processo por conta dessas ambiguidades dos outros, né? E eu com uma abandono de criança. Eu vejo assim, tá? Eu tenho que às vezes resgatar essa criança e dizer tá tudo bem agora vamos seguir em frente sabe? Mas aquela criança sempre vai existir, sabe? Sempre. Você é uma pessoa com uma criança desamparada e sofrendo o terror do desamparo.

Pesquisadora: É, Tem uns pontos que a gente pode explorar, mas que vou explorar em outras perguntas, mais adiante. Mas tinha um ponto, eu queria, que se você puder falar mais um pouquinho, é sobre a sua mãe, você fala muito bem sobre a sua mãe, você poderia falar mais um pouquinho sobre ela?

Alice: Posso! É, a minha mãe faleceu no ano passado, pesquisadora. Eu lido com esse processo do luto ainda, tô bem, né? Relacionada a isso. Mas só tô bem porque? Eu já passava em terapia por um processo de morte da minha mãe, mas não da minha mãe física realmente colocada, mas simbólico da minha mãe, porque era uma mãe muito ideal e a legitimadora e autorizadora da minha vida. Então, eu tive que passar por esse processo que foi um processo psicológico, né? Terapêutico, psicológico. Exatamente porque foi diagnosticada ali uma relação abusiva com ela e essa relação abusiva surge no momento desde criança, né? Em que, por exemplo, nós duas estávamos esperando meu pai, porque não é só a questão do abandono, né? Tem a questão da bastardia, no meu caso, né? Eu sou filha de duas pessoas que eram casadas com outras pessoas. Então minha mãe abandonou o casamento dela para ficar com meu pai, só que meu pai não abandonou o casamento dele, então nós esperamos o meu pai durante 10 anos da minha vida, até que minha mãe decidiu entrar com processo contra ele para pagamento de alimentos e ali aos meus 10 anos, 11 anos, quando eu tava tendo noção do que tava acontecendo eu decidi fazer direito. Porque eu entendi que o direito ia fazer justiça, porque o juiz decidiu o pagamento de alimentos. Então, ali eu e minha mãe a gente tinha uma certa forma fez um pacto de nós duas, sempre juntas, sempre unidas, mas teve várias aventuras e desventuras nesse processo que me fez não confiar nela plenamente, mas me fez manter esse pacto de até ela conseguir uma independência financeira dela, eu não tinha eu ela e a casa, depois de formada, só que isso é um processo que desde os meus 10 anos eu me vi obrigada a fazer. Ser uma criança que vai projetar um futuro para salvar a mãe, então isso foi muito pesado para mim nesse processo, né? E enfim até meus, aproximadamente, meus 30 anos, né? Eu sou de Joinville, quando eu me mudei para Florianópolis para poder assumir o concurso aqui da Universidade. Eu tive que me desgarrar dela e aprender a lidar com a minha vida, né? Então, eu comecei a perceber o quanto precisava sempre estar retornando à ela para dizer: “Oi, mãe, lancei um livro.” Oi, mãe, publiquei o artigo”. E tipo, ela não precisava me legitimar nisso, mas né, eu sentia essa necessidade, mas era algo que ela também nunca me dava porque ela tem história dela sempre foi algo muito, ela sempre foi muito dura, né? Num sentido de sobrevivência mesmo, né? A minha vida, a minha família materna é uma família muito pobre, então passaram por aquelas ideias de: “Ah, vou ser alguém se eu me casar com alguém rico”, sabe? Então minha mãe passou por isso, tentou projetar em mim, só que não deu muito certo (risos). Ela falava estuda e casa com alguém rico, eu só estudei e senti a

carreira. E fica essa configuração não servia muito para mim e que na verdade é um contexto que era fortalecido pelo próprio direito, né? Então, eu acabei me encontrando, encontrando na minha vida, também nos meus estudos. Enfim.

Mas ela faleceu muito turrona, muito cabeça dura, de câncer e foi um processo bem difícil, ela no final da vida se tornou uma mulher de extrema direita, então não (não) tomou vacina, a gente teve que se afastar muito durante a pandemia, eu tive receio, né? De visitá-la, que ela ficou em Joinville passar alguma coisa para ela, e no final da vida, quem cuidou dela foi o meu irmão. Eu tenho um irmão do primeiro casamento dela. E enfim, foi um processo também bem desgastante para mim, porque a família achava que eu deveria abandonar minha vida em Florianópolis para ir cuidar da minha mãe, sempre meu irmão tava cuidando dela, né, então. Mas assim nos últimos dias dela foi um processo bastante, eu acho, que bastante emancipador para nós duas, eu fiquei um tempo no hospital junto com ela, dei banho nela, tipo. Foi algo que me fez ver a vida de uma outra forma assim, sabe? E hoje depois do falecimento dela entendendo umas dinâmicas da própria sociedade, porque eu analiso muito as relações eu gosto, né? Eu pesquiso sobre isso também. Eu (consigo) não consigo justificar os motivos dela, mas consigo entender a caminhada dela diante da ausência do meu pai, por exemplo.

Pesquisadora: É, vou continuar, vou passar para segunda pergunta e a gente vai continuar numa conversa. É a pergunta número dois é: “você possui o nome do seu pai na sua certidão de nascimento. Se sim, você possui algum tipo de vínculo afetivo?”

Alice: Tenho! Esse processo, foi um processo bastante interessante por conta da Lei. Quando eu nasci, eu nasci em 83, o meu nome, ele foi registrado com o nome do marido da minha mãe na época. E somente, isso em 83, depois da Constituição, em 91, que eu fui registrada com o nome do meu pai e foi um processo um pouco antes da minha mãe entrar com processo de alimentos, né?

E (an), tenho esse registro, é, mas não tive contato, não. Não tenho memória de criança. A ter muito contato com ele, ou ele ter muito afeto por mim (é). Durante a minha adolescência eu tentei ter algum contato com ele, mas ele não me atendia em casa, ele não me recebia em casa, ele atendia com uma paciente dele porque ele era médico, então eu ficava esperando aos 15 anos, por exemplo para conversar com ele até o final do turno do trabalho dele na clínica em que secretária me chamava como se fosse a última paciente, sabe? Então, não tive esse vínculo afetivo assim, quis ter mas depois eu: “Ok, não vai dar certo.”

Pesquisadora: Vamos para a terceira pergunta que é: “em algum momento da sua vida, você passou por algum constrangimento pelo fato de ter sido abandonada pelo seu pai?”

Alice: (An) Aqui em F**** não, mas eu lembro de J****, né? Eu morei lá até aproximadamente 30 anos, eu lembro de criança, eu estudar na mesma escola que os meus irmãos por parte de pai terem estudado, então, sempre lembravam do sobrenome, professores enfim, e perguntavam se a minha mãe T*** estava bem e eu falei: “minha mãe não é (falava) minha mãe não é T****, minha mãe é M*****”. E todo mundo ficava assim: “Ah, mas seu pai é o doutor G***, né? Daí eu: “sim!”. E daí as pessoas meio que entendiam que estava

acontecendo e não me tratavam mais como me tratava antes. Entre as colegas de turma eu também sentia essa distinção, é isso pode ser misturado porque eu sou altas habilidades também. Então eu sempre era a pessoa que ficava mais observando o contexto e tal. É, Mas eu me lembro de transitar assim, até então (pela) pela cidade em lugares mais tradicionais, lá é uma cidade grande, mas é com uma mentalidade bastante provinciana e eles perguntarem assim: “Ah, mas o seu sobrenome é doutor G****. O que que você é dele?” “Eu sou filha!” Daí a pessoa fica assim: “Nossa, mas eles têm cinco filhos, quem é você?” Sabe, e daí tinha esse constrangimento, hoje eu consigo falar não eu sou a sexta, né, consigo falar a história, mas de uma forma tranquila até para outra pessoa saber que f***-se, é a minha história, mas antes eu ficava muito constrangida com isso de ver no jornal assim a foto deles. “Ah, Doutor G****, a sua esposa, seus cinco filhos, a família mais bonita da cidade.” Daí: Ah, e eu?” Era algo bastante que me colocava nesse lugar da marginalidade, sabe?

Pesquisadora: Você falou um ponto que eu queria ver se você pode falar mais um pouquinho que essa questão das altas habilidades. Você pode falar um pouquinho?

Alice: Posso. Nessa época aí, do ensino primário, tinha sete, oito. Acho que sete anos, eu me lembro de uma professora fazendo teste comigo, né, falando para minha mãe que deveria, enfim, ser incentivada e tal, que eu tinha indícios de altas habilidades e superdotação. Era algo que pela legislação as escolas devem, já naquela época, já deveriam identificar. Então, eu fui identificada. E só que quando minha mãe pediu pensão para o meu pai, é nesse pedido de pensão (an), até aí o meu pai dava dinheiro para minha mãe, dava muito dinheiro, então minha mãe conseguia me manter numa escola de alto padrão em Joinville e depois disso com a pensão ele se afastaram, né? Porque ali a negociação era o meu pai ver minha mãe quando ele quisesse e ela tava começando a se sentir uma mulher realmente usada nesse sentido, né? Ela queria ter mais segurança. Então com um pedido de alimentos eu fui para uma escola pública continuei estudando (an), né, mas não, a gente sabe, infelizmente, no nosso sistema educacional como é que funciona uma escola pública, não tinha estrutura para mim receber (é), mas mesmo assim continuei estudando e estudava sempre por fora. É, E acabei me esquecendo disso, sabe, até que quando eu comecei a minha terapia minha psicóloga me identificou, ela disse: “Nossa, tu tem uma meta cognição muito boa e tal”. E daí eu comecei a desenvolver, inclusive, estudar se isso seria no campo do espectro autista também, mas no final do ano passado, eu fiz alguns exames com neurologista, com psicóloga, e daí eu tenho alguns aspectos que são similares ao espectro autista, mas não (não) fico diagnosticado enquanto tal, mas tem de altas habilidades. E enfim, isso fez muito sentido para mim porque eu lembrei dessa situação de criança, e daí eu lembrei que eu quebro bastante roteiros sociais, não me dou muito bem com protocolos. Eu sou muito mais livre nesse sentido é e questiono bastante as normas. Então me dei muito bem com Foucault, questionando a gente de verdade. Sabe? (risos) Tipo é isso. É isso, porque ele tá falando sabe? Vamos lá, vamos questionar tudo isso. E fez muito sentido para mim, é, para eu conseguir, sei lá, até entender, né a minha própria vida.

Pesquisadora: Obrigada pela resposta! É, vou pular para pergunta número 4 que é: “durante o seu desenvolvimento havia uma rede de apoio próximo a você e a sua mãe? Se sim, qual é ou qual foi a importância dessas pessoas na sua vida?”

Alice: Não tinha. Não tinha rede de apoio, an..., inclusive, pelo contrário existia uma rede que não apoiava, que era a rede familiar, por conta de preconceitos por ela ser uma mulher com dois filhos, né? Eu e meu irmão do primeiro casamento que tinha se separado e que era considerado a amante. Então as pessoas se afastavam dela e da gente. Então ela (ela) tinha, não tinha uma rede permanente, eventualmente. /Eu não tô te ouvindo/

Pesquisadora: / nossa, travou/

Pesquisadora: /Tá me ouvindo agora? o áudio tinha travado .../

Alice: Tudo bem e não tinha essa rede de

Pesquisadora.: /começou a falhar a conexão/

Alice: Não tinha essa rede de apoio, eventualmente, minha mãe tinha, né, amizades com algumas pessoas, mas não era nada muito permanente assim.

Pesquisadora: Está conseguindo me ouvir? acho que a sua tela tá travando um pouquinho, aí consegue ouvir agora?

Alice: Eu consigo, tem algum atraso assim, mas consigo.

Pesquisadora: Ah, tá. Podemos continuar na próxima pergunta? É a pergunta número 5: você me falou que tinha o nome do seu padrasto, do marido da sua mãe, eu não sei se você considera ele assim. Depois que você recebeu o nome do seu pai, então vou reformular aqui a pergunta que é: “se você se sentiu prejudicada pela falta do seu genitor nos seus documentos ou se você sentiu prejudicada por ter esse nome colocado depois, acho que sua adolescência, né? Pelo tempo que você me falou.

Alice: Não, foi um lapso temporal ali de 8 anos. Então, eu não (não) sentia assim, eu lembro de mudar na escola, né, com seis anos eu escrevendo um sobrenome com depois com 7,8 escrevendo outro, mas prejuízo eu não lembro. Esse (esse), o pai do meu irmão no caso, né? Que foi sobrenome que eu recebi, é uma situação até bastante curiosa, porque ele mesmo sabendo que eu era filho de outra mulher, de outro de outro homem, ele me tratava melhor do que o meu irmão, então é uma situação que eu nunca entendia assim e ele faleceu em 2011 e eu tratava ele como pai, né? Até porque meu irmão chamava ele com o pai, me acostumei assim, mas não tinha esse vínculo paternal. Apesar dele enquanto criança com esse outro homem, eu lembro de por exemplo, ele me ensinar a andar de bicicleta, sabe, então eu tive alguns vínculos assim uma configuração de afeto com ele, mas até uns meus quatro anos, só.

Pesquisadora: É, A minha internet ela tá com instabilidade aqui porque a energia aqui em Catalão, tá um perigo esses últimos dias, então qualquer coisa eu dou um grito aqui. É vou pular para sexta pergunta e a gente continua conversando que é, agora eu queria sua opinião sobre uma afirmação. “Qual a sua opinião frente a afirmação: família sem pai e o avô é fábrica de elementos desajustados que foi proferida pelo o General Milton Mourão o ex vice-presidente da república.”

Alice: Eu rio dessa afirmação, eu acho que aí tem um questionamento sobre o que seria a família para eles, o que que seria a ideia do desajustado? e eu olho essa frase da minha perspectiva de entender que por exemplo uma família em que a gente vai ter essas figuras, né, do pai e da mãe, e filhos, é uma configuração de uma idade moderna, né, uma configuração colonial. Então exigir que família seja essa configuração é uma ideia até de controle social e controle estatal. É ir contra, ao meu ver, a própria vida, né? Porque família não vai ser só isso e não pode ser só isso. E, mas eu acho engraçado, assim tem esse lado, né? Mas eu acho essa frase é muito engraçada, porque a gente vai pensar de outro lado. Além de pensar a família pensar, o que é desajustado. Por que estar desajustado numa lógica extremamente colonial, para mim é muito sucesso, sabe? Então dá para brincar muito palavras aí, então eu acho que também obviamente eu tô interessada em brincar e pensar desse jeito porque eu fui vista, eu sou vista como desajustada ou como um produto falho dessa família e eu gosto de ser assim, sabe, não faria sentido eu me enquadrar essa lógica e ter novamente, sabe, querer esse controle do que seria essa ideia colonial.

Pesquisadora: Obrigada pela resposta. Vou para a questão número 7 que é: “em seu período escolar a ausência do seu genital, ele causou constrangimentos?”

Alice: A ausência, eu vou te dizer que eu não me recordo, eu lembro de Dia dos Pais. Eu vou considerar aí até o oitavo ano, né? Na época não tinha nono ano, então, o oitavo ano. Bom, até o quarto ano existia a presença do meu pai de alguma forma, então dia dos pais, eu fazia as atividades pensando em entregar para o meu pai, da quinta a oitava série ou oitavo ano, eu já tava na escola pública, em uma escola pública e falava em dia dos pais, mas eu tinha muitos coleguinhas, na escola pública, que não tinha um pai também, então não me sentia constrangida, sabe? Mas eu acho que no ensino médio eu voltei para estudar numa escola privada, até para me preparar para o vestibular, e eu lembro de eu ser uma das poucas que não tinha o pai presente, então isso de alguma forma, eu me sentia diferente, assim, não é algo que eu me sentia constrangida, mas eu me sentia diferente.

Pesquisadora: Fazendo um gancho sobre essa questão de se sentir diferente, você ouviu algum tipo de piada, algum tipo de comentário de seus colegas nesse período de tempo, principalmente no ensino médio?

Alice: Não, na escola não.

Pesquisadora: Não, certo então! Agora eu vou partir para a oitava pergunta que é: “por fim fazendo uma retrospectiva sobre a sua vida, o abandono paterno afetou a sua formação enquanto sujeito?”

Alice: Eu não posso fugir, né, do meu lado acadêmico de pensar o que que seria esse sujeito, né? Tipo se for pensar nesse sujeito de uma instituição moderna, faticamente eu não sou jeito da gente, né, de uma lógica moderna, eu não penso nesse sentido, eu não me deixo docilizar pelas instituições. Eu não me deixei me docilizar pela minha própria família, sabe, eu fui a mulher da minha família. Digamos assim, uma pessoa, o sujeito da minha família que rompeu com a cultura do silêncio, sabe? É, então eu não, eu acho que o fato de não ter tido ele junto com outros fatores, né? Não só isso, mas junto com outras questões, é, me fez não me permitir ser docilizada, para não ser esse sujeito colonial, *(inaudível- rede com instabilidades)*

Como eu comentei. Eu sei que eu sempre tenho que olhar, parar o momento que dentro de mim, eu vou ter algum afeto que eu vou precisar olhar que eu vou precisar colher.

Então, as pessoas que se relacionam comigo sabem disso, né? E precisam saber que eu tenho os meus limites em determinadas questões e eu acho que daí eu não sei se isso, né? Isso pode se vincular também à questão das altas habilidades. E ao mesmo tempo sempre tá num processo de reflexão do mundo e reflexão de mim mesma, sempre me questionando. Então nesse sentido. Acho que tudo acaba se unindo assim de alguma forma, sabe, tudo acaba culminando em quem eu, como eu sou subjetivada.

Pesquisadora: Deu uma cortadinha em alguma parte, mas deu para acompanhar bem sua resposta. Agora para finalizar, eu queria puxar uma coisa que você falou anteriormente sobre a questão da sua pesquisa da bastardia. Como que você lidou com essa questão do termo da bastardia com a com a sua vivência no meio acadêmico dessa trajetória também?

Alice: An, Eu não tinha até ter encontrado, até ter lido a Carol Smart, nesse ponto eu não tinha percebido o quanto isso me constituía. Quando eu vi ela falando que isso é uma condição política, que nos pega econômica, política, psicologicamente, juridicamente, eu olhei para trás e eu disse: “assim faz muito sentido, né?”

Foi mais ou menos como olhar novamente a minha história e entender quais foram os meus caminhos, né, de alguma forma assim entender como em determinados espaços eu me sentia invisibilizada, eu acho que essa questão (de) do desamparo que nos persegue de alguma forma, não só pela questão paterna, ela vai se repetir em outras relações também, então eu comecei a perceber como e determinadas relações, algumas (algumas) situações me davam um gatilhos, por assim dizer de desamparo, de invisibilidade, de exclusão. E como eu eu já sou meio que ficar de canto querendo observar o mundo, né? Eu não gosto de ser o centro assim de estar em exposição, mas isso me fez ficar mais e querer observar mais, então muitas vezes eu não agia, como era esperado pelo protocolo, digamos assim, porque eu tava observando o que que tava acontecendo. Então em muitos momentos da minha vida, eu fui espectadora, sabe, e eu acho que quando eu olhei para isso e comecei a entender determinadas questões, eu acho que isso veio muito forte, quando eu tive que enfrentar a família do meu pai

nesse momento que ele foi para UTI, (é) eu reassumi um local de poder agir, digamos assim, sabe, então e assumir esse local de: “Ok, existem pessoas bastardas e eu sou uma delas!”

E o que me ajudou bastante foi o que o meu analista falou, ele já me acompanha há alguns anos, ele disse assim, quando eu tava falando sobre essa questão, ele falou: Alice, tu já viu Game of Thrones?” Eu falei: “não né, o que que tem a ver?”

Ele falou: lá tem personagem que se chama Jon Snow, não sei se tu já viu, pesquisadora, mas esse personagem, Jon Snow é um bastardo. E daí, meu analista explicou que existe o arco do personagem, né? Que essa pessoa bastarda tinha tudo para continuar nessa exclusão. Ali em determinado contexto, mas ele não se contenta com isso. Então ele vai fazendo um arco, né, do personagem marca da narrativa dele em que ele não encontra lugar na própria família e ele sai da família para buscar nas muralhas, brigando, enfim, e ele se torna o melhor em tudo que ele faz e chega um momento em que daí ele ocupa o lugar dele que é o lugar da vida dele, eu fui atrás no YouTube para ver isso, como é que era essa linha do personagem e eu assim eu encontrei um vídeo de uns 10 minutos falando dessas, trazendo umas cenas que contavam essa narrativa e daí eu fiquei assim: “Meu Deus”. Eu fiquei chorando, sério, é minha história, sabe? (risos)

Porque eu sinto que, por exemplo, meu sobrenome que é o sobrenome que vem do meu pai, as pessoas me conhecem sobre ele, não conhecem ele, sabe, se você procura o meu sobrenome no Google alguma referência relacionada à direito antidiscriminatório, você vai encontrar o meu nome, então de uma certa forma, sabe, eu olho que essa condição de bastardia mesmo não sabendo me fez trilhar um arco que foi um arco que hoje eu olho me orgulho, sabe, só que eu sei que eu tenho que continuar trabalhando sobre isso e eu penso uma outra questão, eu acho que a psicologicamente nós somos, porque nós somos muitas pessoas. Nós somos pessoas vulnerabilizadas psicologicamente e ninguém fala sobre isso, sabe, ninguém fala sobre as consequências dessa vulnerabilização desse processo vulnerabilizador que é ,não só o desamparo paterno, mas também uma extrema co-dependência da pessoa responsável, seja um outro irmão, uma irmã, seja mãe, avó. Enfim, então eu acho que existe um grupo político, inclusive dos Bastardos. Sabe, que deveriam ser olhados como uma esfera de problema, um problema público, mesmo sabe, de olhar para isso porque eu conheço pessoas que me aproximei e com quem eu tive uma íntima conexão, assim de amizade, de uma forma muito rápida, que eram pessoas bastardas também, mas eram pessoas que não conseguiam sair daquilo ali, sabe, entraram em relações de drogadição, entraram em perspectivas muito nefastas da própria vida, né? Sempre fazendo, sempre repetindo essa história de que: “ah, eu sou abandonado e eu mereço isso, eu não mereço amor e eu vou ficar aqui ,eu vou usar droga, eu não vou planejar minha vida e eu sou isso mesmo.” E eu acho que existe um caminho de saúde muito nervoso, sabe nisso, eu acho que por isso a importância da tua pesquisa, sabe, porque vai trazer à tona, acredito que muitas dessas questões também, né, de como as pessoas paralisam psicologicamente por conta desse desamparo como isso, para nós, é extremamente tóxico, é extremamente prejudicial para nossa vida.

Pesquisadora: Era isso! Eram essas oito questões que eu tinha para te fazer! Eu vou parar aqui a gravação. E daqui a já quero te agradecer aqui. Vou parar aqui a gravação que eu queria fazer um comentário.

ANEXOS

ANEXO A- PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO NO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS:A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO

Pesquisador: ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE

Área Temática:

Versão: 2

CAEE: 67177823.7.0000.0164

Instituição proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALAO

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.064.656

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado “CARTOGRAFIAS DISCURSIVAS:A CONSTITUIÇÃO DE UM DISPOSITIVO DE ABANDONO PATERNO” a ser desenvolvido na UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO, INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, sob responsabilidade da pesquisadora ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE, tendo como participante da equipe e assistente, o orientador Bruno Franceschini (arquivos [PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf](#) de 25/04/2023; [Termo_de_Compromisso.pdf](#) de 03/02/2023; [Projeto_Detalhado_modificado.pdf](#) de 25/04/2023; [Folha_de_rosto.pdf](#) de 03/02/2023).

As informações abaixo apresentadas constam no arquivo [PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf](#) de 25/04/2023:

"Resumo:

O abandono paterno pode ser definido como a ausência do genitor masculino ao longo da vida de seu filho, não limitando essa ausência apenas à falta de seu nome na certidão de nascimento, gerando traumas na vida deste sujeito que podem perdurar por toda a vida. Diante deste fato, esta pesquisa propõe-se a cartografar a constituição do dispositivo de abandono paterno, com vistas a realizar uma discussão acerca da história crítica do presente, de modo a observar as condições de possibilidade que nos permitiram falar sobre tal temática. Como o corpus de análise desta pesquisa utilizaremos enunciados recortados de documentos oficiais tais como leis, projetos e medidas provisórias, além destes documentos, será selecionado, também enunciados de entrevistas que, mediante a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão, serão realizadas com mães solo e filhos abandonados que convivam com o abandono paterno, seja pela falta do nome do pai na certidão ou pela sua

ausência no decorrer da vida. Para estas entrevistas selecionaremos participantes com idade superior a 18 anos e que sejam residentes da região sudeste do estado de Goiás. Neste estudo, nos pautaremos nos Estudos Discursivos Foucaultianos como aporte teórico-metodológico para as futuras análises, utilizaremos, especialmente, a arqueogenealogia, por meio da qual poderemos observar as relações de poder-saber que surgem por meio das práticas discursivas. Além da cartografia do dispositivo de abandono paterno, pretendemos contribuir com os Estudos Discursivos Foucaultianos na proposição de um instrumental teórico-metodológico para entrevistas, além da relevância social pautada no objeto de investigação abandono paterno.

Hipótese:

Assim, a hipótese principal deste trabalho parte das seguintes proposições: o abandono paterno constitui-se como um dispositivo que engloba diversas instituições, discursos, proposições científicas e afins, fazendo com que surjam discursos provenientes de inúmeros campos temáticos, ou seja, torna-se um conjunto de elementos heterogêneos e que possui uma relação entre si, respondendo demandas históricas. Além disso, os discursos acerca do abandono paterno objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados, sejam eles filhos ou mães solas, fazendo com que eles se vejam frente às suas vivências em associação ao discurso tido como verdadeiro em relação ao abandono paterno. Segundo a pesquisadora as proposições acima se manifestarão nos corpus de análise de modo que as entrevistas permitirão observar estes fatos hipotéticos elencados. Por seguirem a metodologia de entrevistas semi-estruturadas surgirão, por meio dos discursos, novos enunciados ligados ao campo associado e outros dispositivos que se interligam ao dispositivo de abandono paterno de forma macro ou micro. Ressaltam ainda, a contribuição desta pesquisa para os estudos discursivos no que tange às metodologias de entrevistas, pois pretendem formular um instrumental teórico-metodológico, à luz do pensamento foucaultiano, onde mobilizará conceitos como: confissão, subjetivação e verdade, a fim de nortear as entrevistas atuais e futuras.

Metodologia Proposta:

Inicialmente, para a execução da pesquisa, faremos o levantamento bibliográfico, com enfoque nas obras advindas do pensamento foucaultiano para embasamento científico do projeto e em seguida, faremos as leituras pertinentes à obra, bem como fichamentos e discussões em reuniões do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO /CNPQ). Em contato com os documentos oficiais de diversas instituições (ECA, CNJ e afins), selecionaremos enunciados que farão parte do nosso corpus e, a partir de então, formularemos séries enunciativas. Ainda em relação à coleta de dados para a pesquisa, protocolaremos a proposta das entrevistas e todos os demais procedimentos junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Catalão. Em seguida, dependendo do parecer, partiremos para as entrevistas a serem realizadas com mães solo e filhos abandonados, abrindo espaço para candidatos de diversos setores da comunidade acadêmica ou da comunidade em geral. Nesse contexto, daremos prioridade aos usos das tecnologias para a realização das entrevistas pensando na comodidade e na locomoção dos participantes, a fim de evitar riscos relacionados à pandemia de covid-19 e outros imprevistos que podem surgir, portanto, com o auxílio do Google Meet e do Microsoft Teams teremos o espaço tecnológico para realizar as entrevistas. Para isso, é necessário que o candidato possua acesso à internet e pelo menos um dispositivo eletrônico (celular, notebook, tablet, computador) que consiga acessar uma das plataformas descritas acima, esta informação será averiguada no momento da assinatura do TCLE, e em caso de dificuldade para acesso as plataformas, a pesquisadora prestará todo apoio necessário. E, a partir da autorização dos participantes, gravaremos os

diálogos com o propósito posterior de transcrever o material. Para tal ação, submeteremos a proposta ao CEP, com fornecimento dos documentos necessários, como o TCLE, desenvolvido em meio eletrônico, disponível em links do Google Forms. Estes formulários foram produzidos com o objetivo de serem divulgados em meios digitais para a comunidade acadêmica da UFCAT e a comunidade em geral, preferencialmente moradores do sudeste goiano, a fim de esclarecer o projeto e selecionar possíveis participantes. Nessa primeira etapa, será divulgado o Formulário de Participação na Pesquisa aos participantes da comunidade, via online (Instagram, Facebook e Twitter). O formulário será constituído por uma breve apresentação da pesquisa (com dados relevantes, como o número de autenticação no projeto no CEP) e, mais adiante, haverá uma segunda etapa para que o participante interessado preencha dados como nome, telefone (opcional), e-mail, posição ocupada (mãe solo ou filho abandonado) e idade, a fim de obedecer os critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos. Neste formulário também será consultado a possível disponibilidade de horário do participante para que sejam realizadas as entrevistas via Google Meet ou Microsoft Teams, e este formulário será gerado via Google Forms. Mediante ao preenchimento dos formulários, será realizado um levantamento de oito possíveis participantes (sendo quatro mães e quatro filhos, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão) e será realizado um contato via e-mail para consolidar a sua participação. Em seguida, será disponibilizado o TCLE para leitura e consentimento dos trâmites a serem realizados e uma cópia será redirecionada ao participante via google docs, seguindo as instruções da Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Para a realização das entrevistas, será acordado previamente com cada participante uma data e horário e seguiremos na modalidade semi-estruturada com as questões norteadoras que abrangem a percepção tópica do participante em relação ao abandono paterno. Após as entrevistas, transcreveremos as falas e formularemos as séries que farão parte do corpus, visando observar a constituição do dispositivo.

Metodologia de Análise de Dados:

Para a realização deste projeto de pesquisa, pautaremos nos escritos de Michel Foucault, mais especificamente a sua arqueogenealogia como uma ferramenta para se analisar as relações de poder-saber presentes nas práticas discursivas. Navarro (2020) apresenta em sua obra que o método arqueológico é uma ferramenta que nos permite refletir acerca das ciências humanas, uma vez que ela participa da produção dos saberes acerca do homem. Assim, ao pensarmos na composição desta pesquisa, utilizaremos a arqueogenealogia como uma forma de pensar os saberes inscritos nas práticas discursivas acerca do abandono paterno e do sujeito abandonado. A partir do método arqueogenealógico pretendemos seguir alguns passos metodológicos conforme Navarro (2020, p. 18). Primeiramente, iremos isolar os acontecimentos discursivos sobre o abandono paterno e relacioná-los aos possíveis enunciados a serem selecionados. Em seguida, selecionaremos e organizaremos em séries enunciativas os enunciados constituintes do corpus de forma a buscar entender como as séries se construirão e produzirão significados. E, por meio dessas séries, buscaremos compreender como esses discursos se constituem e inferem na construção da subjetividade do sujeito abandonado. Em suma, todo o percurso metodológico apresentado aqui e por Navarro (2020), nos permitirá pensar como apareceu determinado discurso sobre o abandono e não outro em seu lugar, conforme a máxima de Foucault. Além do método arqueogenealógico, utilizaremos também a cartografia, a fim de mapear, descrever e analisar o dispositivo de abandono paterno, compreendendo o que Prado Filho (2013) afirma ao apresentar a cartografia como um método para análise de dispositivos. Além disso, o método cartográfico nos permitirá problematizar acerca de uma história do nosso presente (PRADO FILHO, 2013), aqui

podemos pensar no que nos possibilitou falar sobre o abandono em nossa sociedade, e também compreenderemos como este dispositivo se constitui e quais são as linhas que o permeiam, mostrando os jogos de poder, as lutas e os jogos de verdade que lhes estão inscritos.

Critério de Inclusão:

O critério de inclusão dos participantes descreve que as entrevistas serão propostas a mães solo e filhos abandonados, que possuam idade acima de 18 anos e que, preferencialmente, residam no sudeste goiano. A seguir descreveremos o que usaremos como critério para os participantes: Mães: Ser mãe solo, na faixa etária de 18 a 60 anos, do sexo feminino, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social e que tenham sido abandonadas pelo genitor de seus filhos. Filhos: Estar na faixa etária de 18 a 60 anos, independente de sexo, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social, que tenham sido abandonados por seus genitores e que possuam, ou não, o nome do mesmo em suas respectivas certidões de nascimento.

Critério de Exclusão:

Não participarão da pesquisa pessoas com menos de dezoito anos; pessoas que não conviveram com a realidade do abandono paterno; também serão excluídas pessoas com algum tipo de vínculo socioafetivo com a pesquisadora responsável."

Objetivo da Pesquisa:

As informações abaixo apresentadas constam no arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf de 25/04/2023:

"Objetivo Primário:

Cartografar, com o propósito de uma discussão acerca da realização de uma história crítica do presente, a constituição do dispositivo de abandono paterno, possibilitando observar quais instituições produtoras de discursos lhes são constituintes, e como esses discursos objetivam e subjetivam os sujeitos abandonados.

Objetivo Secundário:

1-Descrever a historicidade da formação do dispositivo de abandono paterno e a sua relação frente a outros dispositivos, como o de heterocisnormatividade, sexualidade e patriarcado, por exemplo, compreendendo o que Foucault (2020) denomina de domínios associados do objeto analisado;

2-Analisar, por meio do dispositivo de confissão, como se constitui a subjetivação dos sujeitos mãe e filhos abandonados e como este dispositivo se associa ao dispositivo de abandono paterno;

3-Analisar os efeitos de verdade acerca dos discursos produzidos sobre o abandono paterno e a relação que o sujeito possui com essa verdade, compreendendo o que Foucault (2016) problematiza enquanto relações de "subjetividade e verdade";

4-Contribuir para os estudos da temática abordada e desenvolver um instrumental metodológico para entrevistas à luz do pensamento foucaultiano, com o objetivo de contribuir à área de estudo."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações abaixo apresentadas constam no arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf de 25/04/2023:

"Riscos:

Mediante as possibilidades de riscos mínimos, como o constrangimento, o participante terá total direito, no momento da entrevista, a negar resposta ou, ainda, desistir de sua participação na pesquisa. Se por algum motivo, durante a entrevista, o participante sentir-se intimidado e ameaçado, ou apresentar sintomas de angústia ou ansiedade, a pesquisadora terá a responsabilidade de encaminhá-lo à unidade de saúde mais próxima, imediatamente, arcando com os custos necessários, incluindo o deslocamento.

Benefícios:

"Os benefícios desta pesquisa incluem a divulgação de resultados obtidos por meio de publicações de artigos em revistas e periódicos especializados, além de comunicações orais em eventos científicos. A pesquisadora se propõe, com as divulgações, ampliar a reflexão teórico-crítica, inclusive dos entrevistados, sobre os discursos e as ações do dispositivo de abandono paterno, possibilitando uma aproximação do participante com as teorias trabalhadas e a sua relação com as questões que abordam a realidade social. Serão disponibilizadas, aos participantes, cópias digitais de todos os trabalhos em que constarão as entrevistas, além de um exemplar da Dissertação defendida."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se da segunda versão do protocolo de pesquisa que se refere a um estudo nacional e unicêntrico a ser desenvolvido por estudante-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Mestrado em Estudos da Linguagem/UFCAT. Solicita no documento DISPENSA_DE_ANUENCIA_ESTER.pdf de 09/02/2023 a dispensa de anuência por indicar não existir instituição coparticipante legitimamente constituída e habilitada como coparticipante. Tem como perspectiva trabalhar com uma amostra composta por 08 participantes (filhos abandonados 04 e mãe solo 04). Em relação ao orçamento total gasto com o desenvolvimento da pesquisa, foi apresentada a percepção de recebimento de bolsa financiada pela Capes conforme documento Declaracao_de_Beneficios_CAPES.pdf de 03/02/2023, e estima-se o valor de R\$ 3.292,84 para pagamento de demais despesas que ficarão sob responsabilidade da pesquisadora. Os dados serão coletados, junto aos/as filhos/as abandonados/as e as mães solo, por meio de entrevista semiestruturada que ocorrerá no formato remoto por meio das plataformas Google Meet e/ou Microsoft Teams. Não haverá dispensa de TCLE e também não foi previsto o uso de fontes secundárias de coleta de dados tais como dados demográficos. É previsto o início da pesquisa/coleta de dados em setembro de 2023 e o término em março de 2024 com a "Entrega do relatório ao Comitê de Ética em Pesquisa", e conforme pode ser observado a seguir: a) levantamento bibliográfico, com enfoque nas obras advindas do pensamento foucaultiano para embasamento científico do projeto; b) leituras pertinentes, bem como fichamentos e discussões em reuniões do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO /CNPQ); c) Em contato com os documentos oficiais de diversas instituições (ECA, CNJ e afins), selecionaremos enunciados

que farão parte do corpus e, formular séries enunciativas; d) protocolo da proposta das entrevistas e todos os demais procedimentos junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Catalão. Após o parecer favorável, realização das entrevistas com mães solo e filhos abandonados, abrindo espaço para candidatos de diversos setores da comunidade acadêmica ou da comunidade em geral; e) prioridade aos usos das tecnologias para a realização das entrevistas com o intuito de abarcar mais participantes, portanto, com o auxílio do Google Meet e do Microsoft Teams espaço tecnológico para realizar as entrevistas. Com fornecimento dos documentos necessários, como o TCLE, desenvolvido em meio eletrônico, disponíveis nos links: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScwMo_oOU8CaPCBDKra1jZgtjA7YmZ_H5qXKrpA7NWpj9OA/viewform?usp=sf_link (para os filhos) e https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc5nw-ENhr7utL_TUqVSRO8Q8XN0dXDIgYA1b1aNBj0j6pPA/viewform?usp=sf_link (para as mães), e o formulário para inscrição dos interessados no projeto, disponível no link: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfSOBWWGbkCYbgNet_mb9wNSgeHVEuT1J9MHeksSlcp4NfAIA/viewform?usp=sf link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfSOBWWGbkCYbgNet_mb9wNSgeHVEuT1J9MHeksSlcp4NfAIA/viewform?usp=sf_link). Estes formulários foram produzidos com o objetivo de serem divulgados em meios digitais para a comunidade acadêmica da UFCAT e a comunidade em geral, preferencialmente moradores do sudeste goiano, a fim de esclarecer o projeto e selecionar possíveis participantes. f) será divulgado o Formulário de Participação na Pesquisa aos participantes da comunidade, via online (Instagram, Facebook e Twitter). O formulário será constituído por uma breve apresentação da pesquisa (com dados relevantes, como o número de autenticação no projeto no CEP) e, mais adiante, haverá uma segunda etapa para que o participante interessado preencha dados como nome, telefone (opcional), e-mail, posição ocupada (mãe solo ou filho abandonado) e idade, a fim de obedecer aos critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos. Neste formulário também será consultado a possível disponibilidade de horário do participante para que sejam realizadas as entrevistas via Google Meet ou Microsoft Teams, e este formulário será gerado via Google Forms. g) Mediante ao preenchimento dos formulários, será realizado um levantamento de oito possíveis participantes (sendo quatro mães e quatro filhos, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão) e será realizado um contato via e-mail para consolidar a sua participação. Em seguida, será disponibilizado o TCLE (link acima) para leitura e consentimento dos trâmites a serem realizados e uma cópia será redirecionada ao participante via google docs, seguindo as instruções da Nota de Orientação para Pesquisas Online emitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa. h) transcrição das falas e formulação das séries que farão parte do corpus, visando observar a constituição do dispositivo de abandono por meio da cartografia do discurso; i) formulação da Dissertação e preparação dos procedimentos de qualificação, e participação em eventos da área e publicação de artigos em periódicos vinculados à perspectiva em estudo, até a realização da defesa. j) após a defesa será encaminhada as avaliações pertinentes à pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão, bem como um exemplar da Dissertação aos participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Este protocolo apresenta os seguintes documentos:

- 1) Folha de rosto assinada pela pesquisadora e pela diretora do Instituto de Estudos da linguagem, Vanessa Regina Duarte Xavier, datado de 03/02/2023.
- 2) Brochura do projeto de pesquisa modificado após parecer de pendência.
- 3) Cronograma da pesquisa modificado após parecer de pendência.
- 4) Orçamento

- 5) Termo de compromisso devidamente assinado, pesquisadora e pelo orientador, datado de 03/02/2023.
 - 6) Documento de informações básicas do projeto na Plataforma Brasil (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729)
 - 7) Termo de dispensa de Anuência assinado pela pesquisadora em 06/02/2023
 - 8) Formulário de Participação na Pesquisa “Cartografias Discursivas: A Constituição de um Dispositivo de Abandono Paterno”. Observação: Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética será acrescentado as informações sobre o protocolo. ** Este formulário será enviado via Google Forms.
 - 9) Questões Norteadoras: Filhos.
 - 10) Questões Norteadoras: Mães.
 - 11) Declaração de benefícios CAPES..pdf
 - 12) TCLE para filhos abandonados
 - 13) TCLE para mães solo.
- Demais informações vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.
- 14) Carta de Atendimento às Pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se da análise de resposta ao protocolo de pesquisa CAAE No.: 67177823.7.0000.0164, apreciado pelo CEP/UFCAT sob Parecer No.5.947.133 de 16 de Março de 2023, com base na “Carta de Encaminhamento de Resposta de Pendências” organizada e numerada sequencialmente conforme as pendências dos documentos indicados:

- Pendência 1: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, enumerar sequencialmente o documento (Exemplo Página 1 de 8; Página 2 de 8, e assim sucessivamente). Verificar o modelo disponível na página do CEP/UFCAT disponível em <https://cep.catalao.ufg.br/p/24796-submissao-de-projetos-de-pesquisa-passo-a-passo> (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE-HUMANAS)).

RESPOSTA: A numeração sequencial foi realizada conforme o modelo apresentado no documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE-HUMANAS) e pode ser observado nos documentos TCLE_MAE_MODIFICADO e TCLE_FILHO_MODIFICADO. A numeração sequencial pode ser observada em todas as páginas do arquivo localizando o leitor durante a leitura. O TCLE será enviado ao participante via Google Forms, o mesmo já se encontra numerado e o link para acesso encontra-se no Projeto_detalhado_modificado no tópico “Metodologia da pesquisa”, no item e), presente nas páginas 13 e 14.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 2: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, indicar o grupo de estudo da pesquisa com bases nos critérios de inclusão dos participantes da pesquisa (Norma Operacional CNS n. 001/2013, item 3.4.1, "6 – População a ser estudada: características esperadas da população, tais como: tamanho, faixa etária, sexo, cor/raça (classificação do IBGE) e etnia, orientação sexual e identidade de gênero, classes e grupos sociais, e outras que sejam pertinentes à descrição da população e que possam, de fato, ser significativas para a análise ética da pesquisa; na ausência da delimitação da população, deve ser apresentada justificativa para a não apresentação da descrição da população, e das razões para a utilização de grupos vulneráveis, quando for o caso; 11 – Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa: devem ser apresentados de acordo com as exigências da metodologia a ser utilizada”).

RESPOSTA: O grupo a ser estudado será mães solo, na faixa etária de 18 a 60 anos, do sexo feminino, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social e que tenham sido abandonadas pelo genitor de seus filhos. E filhos abandonados, na faixa etária de 18 a 60 anos, independente de sexo, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social, que tenham sido abandonados por seus genitores e que possuam ou não o nome do mesmo em suas respectivas certidões de nascimento. A inclusão da descrição dos grupos se encontra no tópico “Procedimentos utilizados na pesquisa ou descrição detalhada dos métodos” e se encontra nos documentos “TCLE_MAE_MODIFICADO” na página 3, linha 24, e “TCLE_FILHO_MODIFICADO” na página 3, linha 28, possuindo diferenciação de cor para facilitar a leitura.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 3: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, realizar a redação de forma clara e em linguagem direta à participante da pesquisa, sem textos com linguagem técnica que inclui referencial teórico-metodológico da pesquisa. Observa-se, assim, que a redação deve ser voltada para a participante na forma de carta diálogo. Verificar modelo citado na primeira pendência. RESPOSTA: Os documentos “TCLE_MAE” e “TCLE_FILHO” seguem o modelo indicado pelo CEP em seu site, no entanto, foi adaptado com as informações referentes a pesquisa, assim como prevê o modelo disponível no site. Para atendimento a pendência, aqui expressa, revisamos a escrita dos documentos e simplificamos a redação de forma a dialogar com o participante. Desta maneira, as adequações encontram-se nos documentos “TCLE_MAE_MODIFICADO” e “TCLE_FILHO_MODIFICADO” a partir da página 1 de ambos os documentos, a modificação apresenta diferenciação de cor em relação ao restante do texto.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 4: No arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf de 03/02/2023 e no projeto brochura (1 de 22 páginas), na p. 13, item C) (arquivo Projeto_Detalhado.pdf de 03/02/2023) há incongruências sobre quantos serão os participantes da pesquisa, pois afirma que o uso de tecnologias para realização das entrevistas é com o intuito de abarcar mais participante, já na definição do número de participantes, delimita 4 filhos abandonado e 4 mães solo. Ainda, sobre tais tecnologias, apresentar os elementos que fundamentam a capacidade de tais participantes em dominar as ferramentas virtuais, bem como quanto ao acesso à internet para a participação na pesquisa. Neste ponto, apresentar em seus aspectos metodológicos os detalhes de tais informações (Norma Operacional CNS n. 001/2013, item 3.4.1, "5 – Local de realização da pesquisa: com detalhamento das instalações, dos serviços, centros, comunidades e instituições nas quais se processarão as várias etapas da pesquisa. Em caso de estudos nacionais ou internacionais multicêntricos, deve ser apresentada lista de centros brasileiros participantes, constando o nome do pesquisador responsável, instituição, Unidade Federativa (UF) a que a instituição pertence e o CEP responsável pelo acompanhamento do estudo em cada um dos centros. Em caso de estudos das Ciências Sociais e Humanas, o pesquisador, quando for o caso, deve descrever o campo da pesquisa, caracterizando-o geográfica, social e/ou culturalmente conforme o caso; 8 – Método a ser utilizado: descrição detalhada dos métodos e procedimentos justificados com base em fundamentação científica; a descrição da forma de abordagem ou plano de recrutamento dos possíveis indivíduos participantes, os métodos que afetem diretamente ou indiretamente os participantes da pesquisa, e que possam, de fato, ser significativos para a análise ética”; Resolução CNS/Conep No. 466/12 “II.5 - consentimento livre e esclarecido - anuência do participante da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios

(simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após esclarecimento completo e pormenorizado sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar”).

RESPOSTA: A pesquisa pretende abarcar oito participantes, sendo quatro mães solo e quatro filhos abandonados, e o uso das tecnologias foi escolhido pelo fato de alcançar pessoas de outras cidades e evitar os riscos de saúde e em relação ao traslado até a Universidade Federal de Catalão para a realização das entrevistas. Desta forma, a nova redação do texto com a explicação encontra-se no documento “Projeto_Detalhado_modificado” nas páginas 13 e 14, nos itens e), f) e g), destacados com cores diferentes. E no “PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO” a modificação encontra-se no tópico “Metodologia Proposta” respeitando a quantidade de caracteres permitidas pela Plataforma Brasil.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 5: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, apresentar na forma de diálogo e sintetizada as informações que serão readequadas conforme solicitado na pendência 4.

RESPOSTA: A informações solicitadas acerca do uso das tecnologias digitais foram acrescentadas de forma dialogada conforme a resposta da pendência 4 e em forma de confirmação com o participante as condições de seu acesso as plataformas digitais. No documento “TCLE_MAE_modificado” encontra-se na página 4 a partir da linha 3 e também na página 6 a partir da linha 7. Já no documento “TCLE_FILHO_modificado” encontra-se na página 4 a partir da linha 3 e na página 6 na linha 7 em diante, ambos com diferenciação de cor.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 6: No arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729, especificamente nos subtítulos “Metodologia Proposta” na p. 4 recomenda a pesquisadora a fazer as adequações necessárias para atender o cronograma, realizando a padronização entre os arquivos PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf e Projeto_Detalhado.pdf de 03/02/2023 nas páginas 18 e 19.

RESPOSTA: As adequações no subtítulo “Metodologia Proposta” foram realizadas de acordo com as modificações realizadas para atender as demais pendências, no entanto, o espaço liberado pela Plataforma Brasil impossibilita que haja uma total padronização em relação a redação do texto presente no documento “Projeto_Detalhado_modificado”, no entanto, organizamos para deixa-lo da melhor maneira possível. Em relação aos cronogramas, realizamos modificações para adequar-se as novas datas, podendo ser visualizado no documento “Projeto_Detalhado_Modificado” nas páginas 18 e 19 e no documento “CRONOGRAMA_DE_PESQUISA_Modificado” nas páginas 1 e 2.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 7: Nos arquivos PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf e Projeto_Detalhado.pdf de 03/02/2023 indicar o grupo de estudo da pesquisa com bases nos critérios de inclusão dos participantes da pesquisa (Norma Operacional CNS n. 001/2013, item 3.4.1, "6 – População a ser estudada: características esperadas da população, tais como: tamanho, faixa etária, sexo, cor/raça (classificação do IBGE) e etnia, orientação sexual e identidade de gênero, classes e grupos sociais, e outras que sejam pertinentes à descrição da população e que possam, de fato, ser significativas para a análise ética da pesquisa; na ausência da delimitação da população, deve ser apresentada justificativa para a não apresentação da descrição da população, e das razões para a utilização de grupos vulneráveis,

quando for o caso; 11 – Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa: devem ser apresentados de acordo com as exigências da metodologia a ser utilizada”).

RESPOSTA: O grupo a ser estudado restringe-se a mães solo, na faixa etária de 18 a 60 anos, do sexo feminino, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social e que tenham sido abandonadas pelo genitor de seus filhos. Também entrevistaremos quatro filhos abandonados, na faixa etária de 18 a 60 anos, independente de sexo, sem distinção de cor/raça ou etnia, sem distinção de classe ou grupo social, que tenham sido abandonados por seus genitores e que possuam ou não o nome do mesmo em suas respectivas certidões de nascimento. A descrição acima foi adicionada no “Projeto_detalhado_modificado” nostópicos 4.1- Critérios de inclusão e 4.2- Critérios de exclusão, que se encontram na página 15 a partir da linha 10. No documento “PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO” as informações foram acrescentadas nos itens “critérios de inclusão” e “critérios de exclusão”, conforme o modelo presente na Plataforma Brasil.

ANÁLISE: Atendida

- Pendência 8: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, retirar a solicitação de Nome Completo * RG: *CPF *E-mail para contato: *Telefone (opcional) *Cidade em que reside, pois conforme Resolução CNS/Conep No. 510/2016 deve haver por parte dos pesquisadores "IV - a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa seja pessoa ou grupo de pessoas, durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa;" e para a situação em específico, apresentar detalhamentos metodológicos no protocolo, em seus documentos, no que couber.

RESPOSTA: Foram retiradas de ambos os TCLE's a solicitação de preenchimento de documentos pessoais, preservando a identidade dos participantes conforme as recomendações do Conep. Mantivemos apenas as declarações onde os participantes se reconhecem enquanto mães solo e filhos abandonados e as modificações estão disponíveis no “TCLE_MAE_MODIFICADO” na página 7 e linha 7, já no “TCLE_FILHO_MODIFICADO” na página 7 e linha 7, ambos com marcação de cor.

ANÁLISE: Atendida

Pendência 9: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, apresentar informações sobre como se darão os processos descritos nas "Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual" da Conep: "2.1. O convite para participação na pesquisa não deve ser feito com a utilização de listas que permitam a identificação dos convidados nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros. 2.1.1. Qualquer convite individual enviado por e-mail só poderá ter um remetente e um destinatário, ou ser enviado na forma de lista oculta. 2.1.2. Qualquer convite individual deve esclarecer ao candidato a participantes de pesquisa, que antes de responder às perguntas do pesquisador disponibilizadas em ambiente não presencial ou virtual (questionário/formulário ou entrevista), será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ou Termo de Assentimento, quando for o caso) para a sua anuência. 2.2. Quando a coleta de dados ocorrer em ambiente virtual (com uso de programas para coleta ou registro de dados, e-mail, entre outros), na modalidade de consentimento (Registro ou TCLE), o pesquisador deve enfatizar a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico. 2.2.1. Deve-se garantir ao participante de pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento. 2.2.2. Caso tenha pergunta obrigatória deve constar no TCLE o direito do participante de não responder a pergunta. 2.2.3. Deve-se garantir ao participante de pesquisa o

direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada.2.2.4. O participante de pesquisa terá acesso às perguntas somente depois que tenha dado o seu consentimento. 2.4. Caberá ao pesquisador responsável conhecer a política de privacidade da ferramenta utilizada quanto a coleta de informações pessoais, mesmo que por meio de robôs, e o risco de compartilhamento dessas informações com parceiros comerciais para oferta de produtos e serviços de maneira a assegurar os aspectos éticos. 2.5. Deve ficar claro ao participante da pesquisa, no convite, que o consentimento será previamente apresentado e, caso, concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao questionário/formulário ou entrevista da pesquisa."

RESPOSTA: Os arquivos "TCLE_MAE_modificado" e "TCLE_FILHO_modificado" receberam uma revisão em sua redação e já possuíam grande parte dos dados aos quais foram solicitados nesta pendência. Os possíveis participantes serão convidados por meio de um formulário a ser divulgado em redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter) onde poderão manifestar sua intenção de participação e deixar uma forma de contato para que futuramente a pesquisadora entre em contato para oficializar a sua participação e esta informação encontra-se na página 4 e linha 3 do "TCLE_MAE_modificado", e na página 3, linha 22, do "TCLE_FILHO_modificado". O link do "Formulário de Participação" encontra-se no "Projeto_Detalhado_modificado" no item e) presente na página 14. Reafirmamos que nenhum dado dos possíveis participantes ficará visível a terceiros e as respostas ficaram salvas apenas no banco de dados gerado pelo Google Forms após o preenchimento do formulário. Após o preenchimento deste formulário de intenção e se for de interesse do candidato a participação na pesquisa enviaremos o TCLE desenvolvido para cada grupo de entrevistados contendo todas as informações necessárias ao participante, seguindo as recomendações do CEP/Conep.
ANÁLISE: Atendida

-Pendência 10: Nos arquivos de registro de consentimento TCLE_MAE.pdf de 03/02/2023 e TCLE_FILHO.pdf de 03/02/2023, apresentar as opções para que participantes autorize a transcrição de suas falas/respostas.

RESPOSTA: A opção para autorização da transcrição das entrevistas foi inserida nos documentos "TCLE_MAE_MODIFICADO", na página 6, especificamente na linha 16 e "TCLE_FILHO_MODIFICADO", da mesma forma, na página 6 e linha 16, e indicado com diferenciação de cor.

ANÁLISE: Atendida

Ante o relato, no geral as pendências foram atendidas, desta forma, este parecer é de protocolo aprovado, s.m.j deste Comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFCAT considera este protocolo Aprovado. Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme Resolução CNS no. 466/12, item XI.2.d e Resolução CNS no. 510/16, art.28, item V.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2084729.pdf	25/04/2023 17:40:00		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_modificado.pdf	25/04/2023 17:39:22	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_PESQUISA_Modificado.pdf	25/04/2023 17:38:59	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Outros	Carta_Atendimento_as_Pendencias_.pdf	14/04/2023 21:25:24	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FILHO_modificado.pdf	14/04/2023 21:22:37	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MAE_modificado.pdf	14/04/2023 21:20:59	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Outros	DISPENSA_DE_ANUENCIA_ESTER.pdf	09/02/2023 07:55:26	Írlei Souza Santos	Aceito
Outros	Declaracao_de_Beneficios_CAPES.pdf	03/02/2023 16:06:12	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Outros	Formulario_de_Participacao.pdf	03/02/2023	ESTER GEOVANA	Aceito
Outros	Formulario_de_Participacao.pdf	16:04:39	SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Outros	QUESTOES_NORTEADORAS_FILHOS.pdf	03/02/2023 16:03:12	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Outros	QUESTOES_NORTEADORAS_MAES.pdf	03/02/2023 16:02:53	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Compromisso.pdf	03/02/2023 16:00:46	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	03/02/2023 15:59:34	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_PESQUISA.pdf	03/02/2023 15:57:04	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MAE.pdf	03/02/2023 15:56:51	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FILHO.pdf	03/02/2023 15:55:40	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	03/02/2023 15:55:29	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	03/02/2023 15:55:14	ESTER GEOVANA DE SOUSA ALBUQUERQUE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CATALAO, 17 de Maio de 2023

Assinado por:
Adriana Freitas Neves
(Coordenador(a))